

REBECCA YARROS

AUTORA DE *A QUARTA ASA*

TINHAS
DE SER
TU

 MARCADOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



REBECCA YARROS

AUTORA DE *A QUARTA ASA*

TINHAS DE SER TU

 MARCADOR



REBECCA YARROS

AUTORA DE *A QUARTA ASA*

TINHAS DE SER TU

 MARCADOR

**TINHAS
DE SER
TU**

REBECCA YARROS

TINHAS DE SER TU

TRADUÇÃO DE INÊS GUERREIRO

 MARCADOR

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora
instagram.com/marcador_editora

© 2024

Todos os direitos relativos à chancela Marcador
encontram-se reservados para a Editorial Presença, S. A.
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © 2023 Rebecca Yarros

Edição portuguesa publicada com o acordo de Amazon Publishing, www.apub.com, e Sandra Bruna
Agência Literaria, SL.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título: *Tinhas de Ser Tu*

Título original: *In the Likely Event*

Autora: Rebecca Yarros

Tradução: Inês Guerreiro

Revisão: Daniel Lourenço Santos/Editorial Presença

Imagens da capa: © Shutterstock

Capa: Maria João Aires/Editorial Presença

Composição, impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 530 987/24

1.ª edição em papel, Lisboa, junho, 2024

Para a minha irmã, Kate.

Iria à guerra por ti.

Adoro-te, a sério.

CAPÍTULO UM

NATHANIEL

Cabul, Afeganistão

Agosto de 2021

Aquilo não eram as Maldivas.

Fechei os olhos e inclinei a cabeça para trás sob o sol escaldante da tarde. Com a brisa, quase podia fingir que a humidade que me escorria pelo pescoço, encharcando-me o colarinho, era água de um mergulho recente em vez do meu próprio suor. Quase.

Em vez disso, permaneci na pista de Cabul, a perguntar-me como era possível as botas não estarem a derreter no asfalto, àquela temperatura. Talvez perder a viagem fosse o *karma* a cobrar-me por ter ido sem ela.

— Devias estar de licença — disse uma voz familiar vinda da minha direita.

— Chiu. E estou. Estás a ver? — Abri um olho apenas o suficiente para vislumbrar o Torres ao meu lado, com a sobranceira espessa encoberta pelo boné em padrão camuflado.

— Estou a ver o quê? Tu, parado na pista de descolagem, com a cabeça inclinada para trás como se estivesse num anúncio da *Coppertone*?

Os cantos da minha boca curvaram para cima.

— Não estou na pista de aterragem. Estou num pequeno *bungalow* sobre a água, nas Maldivas. Não estás a ouvir as ondas?

O ronronar ritmado de rotores encheu o ar, ao longe.

— Estou a ouvir-te ensandecer, isso sim — murmurou ele. — Parece que chegaram.

Com relutância, abri os olhos e procurei no horizonte um avião prestes a aterrar, avistando-o em segundos.

Lá vamos nós outra vez. Por mais que adorasse a ação que o meu trabalho trazia por acréscimo, tinha de reconhecer que estava a ficar velho. A paz soava-me muito melhor do que a eterna guerra.

— Mas, afinal, como é que te apanharam nesta? Pensei que fosse o Jenkins a vir nesta missão — perguntou o Torres.

— O Jenkins apanhou um vírus qualquer ontem à noite, e eu não quis pedir ao Ward que deixasse de gozar a licença. O tipo tem filhos. — Mudei a alça da espingarda para o outro ombro enquanto o *C-130* tocava na pista. — Agora tenho de fazer de ama-seca para o assistente da senadora Lauren.

— Bem, estou aqui contigo, como sempre.

— Muito agradecido.

O meu melhor amigo nunca me abandonara desde a seleção para as Forças Especiais.

Antes disso, até, que diabo.

— Se tudo correr bem, para a semana o Jenkins já estará recuperado, e eu irei a caminho das Maldivas antes que os senadores propriamente ditos cheguem. — Quase conseguia sentir o sabor das bebidas exóticas decoradas com chapelinhos... mas, espera lá! Afinal, era o sabor metálico do combustível de avião. Enfim.

— Sabes, a maioria dos tipos que conheço usa as licenças para ir a casa ver a família. — O Torres olhou para o resto da equipa a vir na nossa direção, endireitando as fardas sem quaisquer remendos, como se fosse possível não dar cabo dos uniformes depois de quatro meses em missão.

— Bem, a maioria dos tipos não tem a minha família. — Encolhi os ombros. A minha mãe partira havia cinco anos, e a única razão para eu querer ver o meu pai seria para o enterrar.

O resto da equipa chegou junto de nós, formando uma fila de frente para o avião. O Graham posicionou-se do meu outro lado.

— Queres que conduza?

— Sim — respondi. Já tinha escolhido os homens que queria comigo até o Jenkins voltar. O Parker e o Elston estavam à espera na embaixada.

— Estão aqui todos? — perguntou o major Webb quando chegou junto de nós, a coçar o queixo.

— Cum caraças! Não me lembro da última vez que vi a tua cara. — O Graham sorriu para o nosso comandante, um sorriso cintilante a contrastar com a pele castanho-escura.

O Webb murmurou qualquer coisa sobre políticos no mesmo instante em que o avião deslizava na pista em direção aos controladores de tráfego aéreo.

Havia algumas vantagens em ser soldado de elite das Forças Especiais. A camaradagem informal e o facto de não ter de fazer a barba eram, sem dúvida, duas delas. Ser lixado, ficando sem licença, para tratar da segurança do grupo avançado de certos legisladores não era. Eu passara uma hora daquela manhã a familiarizar-me com o dossiê do Greg Newcastle. O homem por quem tinha de zelar era o chefe de gabinete adjunto da senadora Lauren, de trinta e três anos, com o aspeto polido de um tipo que seguira diretamente de Harvard para o Capitólio. O grupo vinha naquilo a que chamavam uma missão de «apuramento de factos», para poderem elaborar um relatório sobre como estava a correr a retirada dos Estados Unidos. De certa forma, duvidava de que fossem ficar satisfeitos com o que encontrassem.

— Só para lembrar — disse o Webb, retirando uma folha de papel dobrada do bolso e olhando para os chefes dos vários grupos de segurança designados. — Maroon, a vossa equipa fica com o Baker, do gabinete do congressista Garcia — começou ele, usando os nomes que nos tinham sido atribuídos para uso público naquela missão. — Gold, tu tens o Turner, do congressista Murphy. White, ficas com o Holt, do gabinete da senadora Liu. Green, és responsável pela Astor, do gabinete da senadora Lauren...

— Deram-me o ficheiro do Greg Newcastle — interrompi.

O Webb olhou para o papel.

— Parece que fizeram uma alteração à última hora. Agora tens a Astor em vez dele. A missão permanece a mesma. É o gabinete que se ocupa das províncias do Sul. O que está a tentar trazer a equipa feminina de xadrez para os Estados Unidos.

Astor. O estômago precipitou-se-me para a garganta. Não era possível. Raios.

— Relaxa — sussurrou o Torres. — É um apelido comum.

Certo. Além disso, na última vez que eu tivera notícias dela, a Astor estava a trabalhar numa empresa qualquer em Nova Iorque, mas isso fora há três anos.

A chuva tinha-me ensopado o casaco...

Refreei os meus pensamentos imprudentes quando o avião se deteve diante de nós, guiado pela equipa de terra. O calor irradiava do asfalto em ondas cintilantes, distorcendo-me a visão quando a porta traseira desceu e os pilotos desligaram os motores.

Os primeiros a sair do C-130 foram alguns aviadores vestidos de uniforme, a conduzirem um grupo de civis que supus serem os assessores do Congresso e, num caso específico, a ajudar um dos engravatados a sair da rampa.

Arqueei as sobranceiras. *O tipo não consegue sair da rampa sozinho e achou que era boa ideia vir fazer uma digressão ao Afeganistão?*

— A sério? — zombou o Kellman (ou sargento White, para esta missão). — Por favor, digam-me que aquele não é o meu homem.

— Aqui vamos nós — murmurou o Torres ao meu lado.

Soltei um longo suspiro enquanto contava até dez, esperando que a paciência surgisse milagrosamente ao alcançar o zero. Não aconteceu. Aquilo era uma perda de tempo.

Os aviadores eram todos sorrisos enquanto caminhavam na nossa direção, ocultando de vista o seu séquito. Claro que estavam felizes. Estavam ali para despir os fatos. Duvido muito de que ainda estivessem todos sorridentes se fossem eles a ter de escoltar civis sem qualquer noção, além de arrogantes, até um monte de bases operacionais avançadas como se fossem destinos turísticos e não zonas de combate ativas.

O major Webb avançou, e os aviadores guiaram os políticos para a dianteira da sua pequena manada. Eram seis ao todo...

A porra. Do meu coração. Parou.

Pisquei os olhos lentamente uma vez, depois duas, quando o brilho do calor se dissipou com uma rajada de vento. Não havia como confundir aquele cabelo cor de mel ou aquele sorriso maravilhoso. Teria apostado a vida que havia dois olhos de um castanho profundo emoldurados por espessas pestanas por trás daqueles enormes óculos de sol. As minhas mãos contraíram-se, como se ainda conseguissem sentir as curvas do seu corpo, tantos anos depois.

Era *ela*.

— Estás bem? — perguntou o Torres, baixinho. — Pareces prestes a vomitar o pequeno-almoço.

Não, eu não estava *bem*. Estava tão longe de estar bem quanto Nova Iorque estava do Afeganistão. Nem sequer conseguia articular qualquer palavra. Tinham-se passado dez anos desde que nos conhecêramos, numa pista muito diferente, e vê-la ainda me deixava sem

palavras.

Ofereceu a mão direita ao Webb num passou-bem e, com a esquerda, puxou para o ombro a alça de uma mochila verde-tropa que me era familiar. Ela ainda tinha aquela coisa? A luz do sol captou os seus dedos e refletiu-os com mais brilho do que um espelho de sinalização.

Mas. Que. Raio. O meu coração hesitou, de volta à vida, batendo em negação com tal força que *dóia*.

A única mulher que eu amara estava ali — numa maldita zona de guerra — e trazia o anel de outro homem. Iria ser *esposa* de outro homem. Eu nem sequer conhecia o sacana e já o odiava, já sabia que ele não era suficientemente bom para ela. Não que eu o fosse. Foi sempre esse o problema entre nós.

Ela virou-se para mim, com o sorriso a vacilar quando a boca afrouxou. Os dedos tremiam ao empurrar os óculos de sol para o topo da cabeça, revelando uns olhos castanhos arregalados que pareciam tão atordoados quanto eu me sentia.

O meu peito comprimiu-se com força.

Com a visão periférica, divisei o Webb a avançar pela fila, apresentando os políticos aos respectivos seguranças, e a aproximar-se de nós como uma contagem decrescente nuclear, enquanto nos olhávamos fixamente. Uma dezena de metros, talvez menos, separava-nos, e a distância era, de alguma forma, simultaneamente demasiado longa e demasiado curta.

Ela avançou e estremeceu, depois prendeu o cabelo com uma das mãos enquanto o vento soprava, enchendo todas as superfícies de areia e sujidade, incluindo a blusa branca que ela tinha enrolado nos antebraços. Que raio estava ela a fazer naquele lugar? Não pertencia ali. Devia estar num confortável gabinete de canto onde nada lhe pudesse tocar... especialmente eu.

— Menina Astor, apresento-lhe... — começou o Webb.

— Nathaniel Phelan — terminou ela, examinando o meu rosto como se pudesse correr o risco de nunca mais o ver, como se estivesse a catalogar todas as mudanças, todas as cicatrizes que eu tinha adquirido nos últimos três anos.

— Izzy. — Foi tudo o que consegui dizer, com aquela pedra de mil milhões de quilates a brilhar na minha cara como um farol de aviso. A quem teria ela dito sim?

— Conhecem-se? — As sobranceiras do Webb ergueram-se enquanto olhavam alternadamente para um e outro.

— Sim — disse eu.

— Já não — respondeu ela em simultâneo.

Merda.

— Está tudo bem? — O Webb voltou a olhar para cada um de nós, assinalando aquele momento de embaraço por aquilo que era. — Vamos ter um problema com isto?

Sim. Um problema enorme. Um milhão de palavras não ditas explodiram no ar entre nós, tão densas e implacáveis como a areia que atravessava a pista de aterragem.

— Bom, posso reatribuir... — começou o Webb.

— Não — disse eu. Não havia a menor hipótese de eu arriscar a segurança dela com

qualquer outra pessoa. Ela teria de ficar comigo, quer lhe agradasse ou não.

O Webb pestanejou, o único sinal de surpresa que exibiria, e olhou para a Izzy.

— Menina Astor?

— Vai correr tudo bem. Por favor, não se incomode — respondeu ela com um sorriso fácil, polido e falso que me provocou arrepios na espinha.

— Então está bem — disse o Webb lentamente, virando-se depois para mim e murmurando *boa sorte* antes passar à frente.

Eu e a Izzy olhámos um para o outro ao mesmo tempo que todas as emoções que eu lutara para enterrar nos últimos três anos vieram à superfície, reabrindo crostas que nunca haviam chegado a cicatrizar. Era de esperar que nos voltássemos a encontrar assim. Sempre acontecera cruzarmo-nos nas piores alturas e nos locais mais inconvenientes. Era quase apropriado que, desta vez, fosse num campo de batalha.

— Pensei que estavas em Nova Iorque — consegui finalmente dizer, com a voz a sair como se tivesse sido raspada uma dúzia de vezes no pavimento. *Onde ninguém está deliberadamente a tentar mandar-te pelos ares.*

— Ah, sim? — disse ela, arqueando uma sobrancelha e voltando a empurrar a mochila, que lhe escorregava do ombro. — Engraçado, porque eu pensei que tu estavas morto. Acho que estávamos ambos enganados.

CAPÍTULO DOIS

IZZY

Saint Louis

Novembro de 2011

— Quinze A. Quinze A — murmurei, observando os números dos lugares enquanto percorria o corredor apinhado do avião, com o trólei a escorregar-me a cada passo das mãos húmidas. Ao ver a minha fila, suspirei de alívio por o compartimento de cima ainda estar vazio, mas depois praguejei quando me apercebi de que o lugar A era à janela.

O meu estômago deu um nó. Teria mesmo reservado um lugar à janela? Onde podia ver todos os potenciais desastres iminentes?

Espera aí. Já estava um tipo sentado no lugar à janela, de cabeça baixa, apenas com o emblema dos Saint Louis Blues visível no boné. Talvez eu tivesse lido mal o cartão de embarque.

Cheguei à minha fila, pus-me em bicos de pés e empurrei o trólei para cima até onde os braços conseguiam alcançar, apontando para o compartimento superior. A mala fez contacto com a extremidade, mas a única hipótese que tinha de a enfiar lá dentro era subir para o banco... ou crescer mais quinze centímetros.

As minhas mãos escorregaram, e a mala roxo-brilhante precipitou-se em direção ao meu rosto. Antes de ter tempo de suspirar, uma mão enorme apanhou a bagagem desgovernada, detendo-a a poucos centímetros do meu nariz.

Cum caraças.

— Foi por pouco — disse uma voz grave vinda de trás da mala. — E se eu lhe desse uma ajudinha com isso?

— Sim, por favor — respondi, esforçando-me por sustentar o peso da minha mala.

Vi primeiro o boné dos Blues quando o tipo conseguiu torcer o corpo, levantar-se completamente, meter-se no corredor e equilibrar a minha mala, tudo num movimento suave. *Impressionante.*

— Pronto. — Fez deslizar facilmente a bagagem para dentro do compartimento superior.

— Obrigada. Por um segundo, achei que me ia acertar. — Sorri, virando a cabeça ligeiramente para olhar para cima, e um pouco mais para cima ainda, para ele.

Uh. Ele era... uma brasa. Tipo, de puxar o alarme de incêndio, de ficar de boca aberta. Uma fina camada de barba escura cobria um maxilar anguloso. Nem o corte nem a nódoa negra arroxeadada que dividiam a metade direita do seu lábio inferior lhe roubavam o encanto, porque os seus olhos... *uau*. Simplesmente... *uau*. Aqueles olhos azul-cristalinos esvaziaram-me a cabeça de quaisquer palavras.

E agora eu fitava-o diretamente, e não eram os olhares giros e sedutores que a Serena lhe teria lançado enquanto lhe pedia descaradamente o número e inevitavelmente o recebia. Não, era um olhar desajeitado, boquiaberto, que eu não conseguia evitar.

Fecha a boca.

Não fechei, e continuei a olhar. A olhar. A olhar.

— Eu também — disse ele, com um canto da boca a erguer-se ligeiramente.

Pestanejei.

— *Eu também, o quê?* Desculpe?

As sobrancelhas dele franziram-se, de desconcerto.

— Eu também — repetiu ele. — Pensei que aquela coisa lhe ia acertar na cara.

— Ah, sim. — Ia ajeitar o cabelo atrás das orelhas quando me lembrei de que o tinha prendido num carrapito apressado e que, por isso, não tinha cabelo para ajeitar, o que continuou a minha série de embaraços. Que maravilha. E agora a minha cara estava a arder, o que significava que provavelmente tinha ficado de dez tons de vermelho.

Ele deslizou de volta ao seu lugar, e percebi que a nossa troca de palavras impedira o embarque do resto dos passageiros.

— Desculpe — murmurei para o viajante seguinte, e sentei-me no lugar quinze B. — Engraçado, podia jurar que o meu bilhete dizia que o meu lugar era à janela. — Levantei a alça da mala por cima da cabeça, de seguida abri o fecho do casaco e mexi-me o mínimo possível para o despir. Àquele ritmo, provavelmente iria esmurrar o Olhos Azuis com o cotovelo e fazer ainda mais figura de parva.

— Oh, merda. — A cabeça dele aproximou-se da minha, e ele estremeceu. — Troquei de lugar com uma mulher que estava no sete A para ela se poder sentar ao lado do filho. Aposto que fiquei com o seu por acaso. — Tirou uma mochila verde-tropa de baixo do assento à sua frente, os ombros tão largos que roçaram o meu joelho esquerdo quando se inclinou para a frente. — Vamos trocar.

— Não! — exclamei.

Ele parou e depois virou a cabeça lentamente para olhar para mim.

— Não?

— Quero dizer, odeio ir à janela. Na verdade, tenho muito medo de voar, por isso é melhor assim. — Bolas, estava a falar imenso. — A não ser que queira ir na coxia? — Sustive a respiração, na esperança de que não quisesse.

Ele voltou a sentar-se e abanou a cabeça.

— Não, estou bem aqui. Está assustada com o voo, não é? — Não havia troça no seu tom.

— Sim. — O alívio desceu-me pelos ombros, dobrei o casaco e enfei-o debaixo do banco à minha frente, juntamente com a mala.

— Porquê? — perguntou ele. — Se é que posso perguntar...

As minhas bochechas aqueceram um pouco.

— Sempre tive medo de andar de avião. Há qualquer coisa nisso que me faz sentir mal...

— Abanei a cabeça. — Quero dizer, estatisticamente, estamos bem. A taxa de acidentes no ano passado foi de um em 1,3 milhões, mais do que no ano anterior, em que foi de um em 1,5 milhões. Mas, se pensarmos na quantidade de voos que se realizam, acho que não é tão mau como conduzir, já que a probabilidade de nos despenharmos é de uma em 103, porém, mesmo assim, 828 pessoas morreram no ano passado, e não quero ser uma dessas 828. — *Estás outra vez a falar pelos cotovelos.* Comprimi os lábios entre os dentes e rezei para que o meu cérebro parasse com aquilo.

— Hum. — Apareceram-lhe duas rugas entre as sobrancelhas. — Nunca pensei nisso dessa forma.

— Aposto que voar não o assusta, pois não? — Este tipo tinha ar de não se assustar com nada.

— Não sei. Nunca voei, mas, agora que falou nas estatísticas, começo a questionar as minhas escolhas.

— Oh, meu Deus. Peço imensa desculpa. — As minhas mãos voaram, tapando a boca. — Eu falo muito quando fico nervosa. E tenho PDAH. E não tomei a medicação esta manhã porque a deixei em cima da bancada, ao lado do sumo de laranja, mas depois a Serena bebeu o sumo, e eu distraí-me a servir mais, e o comprimido ainda deve lá estar — encolhi-me, fechando os olhos. Depois de respirar fundo, abri-os e dei com ele a olhar para mim com as sobrancelhas levantadas. — Desculpe. Se juntarmos a isso o facto de eu pensar demasiado em quase tudo, aqui estamos nós. A falar pelos cotovelos.

Um pequeno sorriso surgiu no seu rosto.

— Não se preocupe com isso. Mas, então, para quê entrar num avião, sequer? — perguntou ele, e ajustou o fluxo de ar acima da cabeça, enfiando depois as mangas pretas da camisola nos antebraços bronzeados. O tipo era bem constituído. Se os seus antebraços eram assim, não podia deixar de me perguntar se o resto do seu corpo seguiria o mesmo caminho.

— Ação de Graças. — Encolhi os ombros. — Os meus pais foram num daqueles cruzeiros à volta do mundo depois de me deixarem na faculdade, é o meu primeiro ano, e a minha irmã mais velha, a Serena, anda no terceiro ano aqui na Wash U... Está a estudar Jornalismo. Uma vez que ando em Syracuse, ir de avião fazia mais sentido, pois queríamos passar as férias juntas. E você?

— Vou fazer a formação básica em Fort Benning. Já agora, chamo-me Nathaniel Phelan. Os meus amigos chamam-me Nate. — O fluxo de passageiros no corredor tinha-se reduzido apenas aos retardatários apressados.

— Olá, Nate. Sou a Izzy. — Estendi-lhe a mão, e ele pegou nela. — Izzy Astor. — Não sei bem como consegui dizer o meu nome completo quando toda a minha concentração estava na sensação causada pela sua mão calosa a envolver a minha e na agitação que me invadiu o estômago com o calor do seu toque.

Eu não era daquelas pessoas que acreditavam em choques elétricos ao primeiro toque, como nos livros românticos, mas ali estava eu, a estremecer até ao âmagô. Os olhos dele brilharam ligeiramente, como se também o tivesse sentido. Não foi tanto um choque quanto

uma sensação quase indescritível e abrasadora de consciência... Uma ligação, como que o clique satisfatório da última peça de um *puzzle*.

A Serena ter-lhe-ia chamado destino, mas ela era uma romântica incurável. Eu chamei-lhe atração.

— Prazer em conhecer-te, Izzy. — Ele apertou-me a mão lentamente, depois largou-a ainda mais devagar, com os dedos a despertarem todas as terminações nervosas da palma à medida que se afastavam. — Suponho que seja o diminutivo de Isabelle?

— Na verdade, é Isabeau. — Ocupei-me a apertar a fivela e a fixar o cinto sobre as ancas.

— Isabeau — repetiu ele, apertando o seu próprio cinto.

— Sim. A minha mãe tinha um fraquinho pela *Mulher Falcão*. — O corredor estava finalmente vazio. Parece que tínhamos toda a gente a bordo.

— O que é a *Mulher Falcão*? — perguntou o Nate, com as sobrancelhas ligeiramente franzidas.

— É um filme dos anos oitenta em que um casal provoca a irritação de um bispo medieval maléfico porque se ama muito. O bispo deseja a rapariga para si, mas ela está apaixonada por Navarre, por isso o bispo amaldiçoa-os. Navarre transforma-se em lobo durante a noite, e ela em falcão durante o dia, pelo que só se veem quando o sol nasce e se põe. Isabeau é a rapariga, o falcão. — *Para de falar pelos cotovelos!* Meu Deus, porque é que eu era assim?

— Parece-me... trágico.

— Senhoras e senhores, bem-vindos ao voo 826 da Transcontinental Airlines — anunciou a hospedeira no sistema de som.

— Não é completamente trágico. Eles desfazem a maldição, por isso tem um final feliz.

— Inclinei-me para a frente e consegui retirar o telemóvel da mala sem a tirar completamente de baixo do assento.

Duas mensagens de texto perdidas da Serena iluminaram o ecrã.

Serena: Manda SMS qdo a bordo

Serena: A sério!

As mensagens tinham um intervalo de quinze minutos.

— Se ainda não o fez, por favor arrume a sua bagagem de mão num compartimento superior ou por baixo do lugar à sua frente. Sente-se, por favor, no seu lugar e aperte o cinto de segurança — continuou a hospedeira, com uma voz alegre mas profissional.

Escrevi uma mensagem de texto para a minha irmã.

Isabeau: A bordo

Serena: Estava preocupada

Sorrindo, abanei a cabeça. Eu era a única coisa com que a Serena se preocupava.

Isabeau: Preocupada? Como se eu me fosse perder entre a segurança e a porta de embarque!

Serena: Contigo nunca sei

Eu não era *assim* tão terrível.

Isabeau: Adoro-te. Obrigada por esta semana.

Serena: Também te adoro. Manda SMS quando aterrares.

O anúncio continuava.

— Se estiver sentado junto de uma saída de emergência, leia o folheto com as instruções especiais que se encontra nas costas do lugar à sua frente. Se não quiser desempenhar as funções descritas em caso de emergência, peça a um assistente de bordo que o instale noutra lugar.

Olhei para cima.

— Somos nós — disse eu ao Nate. — Estamos numa saída de emergência.

Ele olhou para as marcas na porta e depois pegou no folheto de segurança enquanto a hospedeira informava a cabina de que se tratava de um voo para não fumadores. Tinha de reconhecer que aquilo só o tornava mais giro.

O Nate lia enquanto a hospedeira terminava a comunicação e fechava a porta. O meu ritmo cardíaco disparou, com a ansiedade a atingir-me naquele momento exato. Peguei no telemóvel, consultando o Instagram e o Twitter, e depois coloquei o aparelho no modo de avião, enfiando-o no bolso da frente do colete e fechei o bolso. Quando comecei a sentir a garganta apertada, ajustei o ar condicionado por cima de mim, pondo-o no máximo.

O Nate devolveu as instruções de segurança ao assento à sua frente e instalou-se, observando a atividade que se via no solo. Nessa manhã, o nevoeiro era denso, tendo-nos deixado já com vinte minutos de atraso.

— Não te esqueças do telemóvel — disse eu, pouco antes de a assistente dizer o mesmo pelo intercomunicador. — Tem de estar em modo de avião.

— Não tenho telemóvel, por isso estou bem assim. — Esboçou-me um sorriso e depois estremeceu, passando a língua sobre a fenda no lábio.

— O que é que te aconteceu aí? — Fiz sinal para o meu próprio lábio. — Se não te importares que seja *eu* a fazer as perguntas desta vez.

O sorriso dele desvaneceu-se.

— Tive um pequeno desentendimento com uma pessoa. É uma longa história. — Levou a mão ao assento da sua frente e tirou um livro da bolsa. *Sem Deixar Rasto*, de Jon Krakauer.

Ele lia? O tipo estava a ficar cada vez mais atraente.

Percebi a dica e tirei o meu próprio livro da mala, folheando-o até ao marcador, que estava a meio do capítulo onze de *Half-Blood*, de Jennifer L. Armentrout.

— Assistentes de bordo, preparem-se para a partida — disse uma voz mais grave pelo altifalante.

— Esse é bom? — perguntou o Nate enquanto o avião se afastava da porta de embarque.

— Adoro. Mas pareces ser mais do tipo de não-ficção. — Acenei com a cabeça para a sua escolha literária. — Que tal é esse?

Ele parecia ir a meio.

O avião virou para a direita e avançou para diante, e eu inspirei pelo nariz e expirei pela boca.

— É bom. Muito bom mesmo. Encontrei-o numa lista de cem livros que deveríamos ler até aos trinta anos ou coisa assim. Tenho andado a segui-la. — Olhou para mim, franzindo o sobrolho. — Estás bem?

— Sim — respondi, enquanto o meu estômago dava voltas. — Sabias que as alturas mais perigosas para voar são os primeiros três minutos após a descolagem e os últimos oito minutos antes da aterragem?

— Não sabia.

Engoli em seco. Com força.

— Eu antes tomava sedativos. Receitados pelo meu médico, claro. Não gosto de coisas ilegais. Não que seja mau, se gostares. — Retraí-me ao escutar as minhas próprias palavras. Por que raio seria o meu cérebro o meu pior inimigo?

— Não é a minha onda. Porque é que já não tomas os sedativos? — Fechou o livro.

— Dão-me cabo da cabeça, e uma vez quase perdi o voo de ligação em Filadélfia. A hospedeira teve de me acordar, e depois foi uma corrida até à porta de embarque. Já tinha fechado e tudo, mas deixaram-me entrar. Portanto, acabaram-se os sedativos.

O avião virou para uma fila de outros aviões, preparando-se para deslizar pela pista. *Deixa de olhar pela janela. Sabes que isso só piora as coisas.*

— Faz sentido. — Pigarreou. — Então e o que estás a estudar em Syracuse? — A sua tentativa óbvia de me distrair fez os cantos da minha boca curvarem-se para cima.

— Relações Públicas. — Tentei conter uma gargalhada. — Normalmente sou bastante boa com pessoas, até me meterem num avião.

— Acho que te estás a sair muito bem. — Ele sorriu, e, meu Deus do Céu, apareceu-lhe uma covinha na bochecha direita.

— E tu? Porque foste para o exército? Porque não foste antes para a universidade? — Fechei o meu livro, deixando-o no colo.

— Não era propriamente uma opção. As minhas notas eram boas, mas não o suficiente para conseguir uma bolsa de estudo, e nem sequer temos dinheiro para a televisão por cabo, quanto mais para a faculdade. Sinceramente, os meus pais precisavam da minha ajuda. Eles têm uma pequena quinta a sul de Shipman, no Illinois. — Desviou o olhar. — Na verdade, a

quinta é da minha mãe. O meu avô deixou-lhá. De qualquer forma, o exército vai pagar a faculdade, por isso, lá vou eu.

Acenei com a cabeça, mas não era suficientemente tola para pensar que compreendera. Aquilo era completamente o oposto da forma como eu própria tinha crescido, em que a questão era *onde* ia fazer a licenciatura, e não se ia. Os meus pais chamavam, na brincadeira, às minhas propinas uma *parentalidade*, uma vez que eram eles que pagavam os meus estudos. Nunca tivera de lidar com o tipo de escolha que o Nate estava a fazer.

— E o que queres fazer quando te licenciases?

Ele franziu o sobrolho.

— Ainda não cheguei a esse ponto. Talvez dar aulas. Gosto de inglês. Algo que tenha que ver com literatura. Mas talvez venha a gostar do exército. As Forças Especiais também me parecem espetaculares.

— Senhoras e senhores, fala o vosso comandante. Antes de mais, gostaria de vos dar as boas-vindas a bordo do voo 826 com ligação a Atlanta. Talvez tenham reparado na densa camada de nevoeiro que está a atrasar todos os voos esta manhã. Parece que estamos em vigésimo segundo lugar na fila para a descolagem, o que significa que vamos demorar cerca de quarenta minutos ou mais até estarmos no ar.

Ouviu-se um gemido coletivo vindo dos passageiros em volta, incluindo eu. Quarenta minutos não me impediriam de apanhar o voo de ligação para Syracuse, mas seria mesmo à justa.

— A boa notícia é que o tempo parece estar bom quando nos libertarmos deste nevoeiro, por isso vamos tentar compensar este atraso. Um pouco de paciência, e obrigado por voarem connosco.

Ouviu-se uma série de *pingues* à nossa volta enquanto as pessoas premiam os botões de chamada, sem dúvida stressadas por causa dos seus próprios voos de ligação.

— Vais fazer a ligação em Atlanta? — perguntei ao Nate.

— Sim, para Columbus, mas tenho algumas horas de intervalo. — Passou o polegar pela fenda do lábio e mexeu-se no assento.

— Tenho pomada antibiótica na mala — ofereci. — *Tylenol*, também, se doer.

As sobranceiras dele ergueram-se.

— Tens um estojo de primeiros socorros na mala?

As minhas bochechas voltaram a aquecer.

— Apenas o essencial. Nunca se sabe quando vamos ficar presos na pista com um estranho com uma longa história sobre um lábio fendido. — Sorri lentamente.

O riso dele era suave, quase impercetível.

— Eu fico bem. Já passei por coisas piores.

— Isso não é tranquilizador. — Hum. Havia uma ligeira protuberância no nariz dele, e não pude deixar de me perguntar se o teria partido em algum momento.

Ele riu-se mais alto desta vez.

— Confia em mim. Vai ficar tudo bem.

— Deve ter sido um desentendimento.

— Normalmente, é. — Calou-se, e o meu peito comprimiu-se ao perceber que tinha tocado onde não devia. Outra vez.

— Então, que mais leste dos teus cem livros de leitura obrigatória? — perguntei.

— Hum... — Olhou para cima, como se estivesse a pensar. — *Os Marginais*, de...

— S. E. Hinton — terminei. *Merda, interrompi-o.* — Vá-se lá saber porquê. Tenho a certeza de que distribuem isso por todos os candidatos a rufia no seu primeiro ano do secundário. — Não consegui conter o sorriso.

— Eh... — disse ele, e recuou como se estivesse ferido. — O que há nisto — e apontou para si próprio — que diz que sou um rufia? Eu cresci numa quinta.

Ri-me, esquecendo-me de que estávamos a avançar com firmeza pela pista de descolagem.

— Esse corpo? Essa cara? Esse corte no lábio? Esses nós dos dedos raspados? — Olhei para o sítio em que a manga dele se encontrava com o braço, reparando nos torvelinhos de tinta preta. — Ah, e as tatuagens? Prova irrefutável do suprasumo do rufia. Aposto que deixaste para trás uma pletora de corações partidos.

— Quem diz pletora numa conversa normal? — O sorriso dele mais não fez que aumentar o meu. Rufia ou não, eu sabia que o sorriso do Nate devia ter feito furor, porque, se não estivéssemos naquele avião, eu teria ponderado perfeitamente viver o meu primeiro caso de uma noite. — Eu digo-te quem. Meninas universitárias bem-comportadas.

— Culpada. — Arqueei as sobranceiras na direção dele. — Tu até tens ar de leitor *sexy* e melancólico. Muito Jess Mariano da tua parte.

— Jess quê? — perguntou ele, piscando os olhos, confuso.

— Jess Mariano — repeti. Aqueles *olhos* ainda haviam de dar cabo de mim. A sua tonalidade lembrava-me os Ice Lakes, perto de Silverton, não muito glaciais. Mais, tipo, verde-água. — Tu sabes, de *Gilmore Girls*.

— Nunca vi. — Abanou a cabeça.

— Bem, se um dia vires, lembra-te de que és praticamente o Jess, só que... mais alto e mais sensual. — Fechei abruptamente os lábios.

— Mais sensual, hem? — provocou ele com um olhar cúmplice que fez a temperatura do meu corpo subir mais um ou dois graus.

— Esquece que eu disse isso. — Desviei o meu olhar mortificado e abri o fecho do colete. Mas que temperatura estaria ali dentro? — E que mais tens na tua lista de leituras?

Os seus olhos estreitaram-se ligeiramente, mas ele aceitou a mudança de assunto.

— Já li *Fahrenheit 451*, *O Senhor das Moscas*, *O Último dos Moicanos*...

— Esse, sim, é um bom filme. — Suspirei. — A forma como ele lhe diz que a vai encontrar mesmo antes de saltar da cascata? É espetacular. Absolutamente romântico.

— Ver o filme não conta! — Ele abanou a cabeça, rindo. — E não é romântico. É uma aventura com uma pequena história de amor à mistura, mas não é romântico.

— Como podes dizer que não é romântico?

— Porque o livro é um pouco diferente do filme. — Encolheu os ombros.

— Diferente como?
— Queres mesmo saber?
— Sim! — Eu adorava aquele filme. Era a minha escolha para uma sessão de gelado e corações partidos.
— A Cora morre.
Fiquei de boca aberta.
O Nate encolheu-se.
— Bem, tu perguntaste.
— Enfim, agora tenho a certeza de que nunca hei de ler o livro. Vou-me ficar pelo filme.
— murmurei, enquanto avançávamos na fila de aviões. Olhar pela janela também não me estava a ajudar. A visibilidade era péssima.

Os minutos passavam a correr enquanto comparávamos alguns dos outros livros da sua lista. Eu lera alguns deles no secundário, como *O Grande Gatsby*, mas outros, como *Band of Brothers*, não.

— Muito bem, então o que estaria na tua lista de cem livros? — perguntou ele.
— Boa pergunta. — Inclinei a cabeça, reflexiva, enquanto continuávamos a avançar. — *Orgulho e Preconceito*, de certeza. Depois *A Leste do Paraíso*...

— Oh, pá, já tive Steinbeck que chegasse depois de *As Vinhas da Ira*.
— *A Leste do Paraíso* é muito melhor. — Acenei com a cabeça como se a minha opinião fosse um facto. — Que mais? *A História de Uma Serva* e *A Vida Imortal de Henrietta Lacks* também são muito bons... Ah, e já leste *Os Jogos da Fome*? O terceiro livro saiu no ano passado e é fantástico.

— Não li. Acabei de ler *As Aventuras de Huckleberry Finn* antes de pegar neste. — Olhou para o seu livro. — Talvez devesse consultar uma lista mais moderna.

— Ei, o Huck Finn é ótimo. Nada como navegar pelo Mississípi.

— É bom, sim — concordou ele. — Não vou ter tempo para ler enquanto estiver na formação, mas trago alguns livros na mala, para o caso de ser necessário — matutou baixinho. — Um amigo meu que fez o curso no ano passado disse-me que eles te ficam com quase tudo quando entras, mas pus o meu *iPod* num saco hermético etiquetado, só por precaução.

— Que idade... — Fechei os lábios com força antes que o resto da pergunta pudesse sair. A idade dele não era da minha conta, embora parecesse ter a minha.

— Que idade tenho? — terminou ele. Acenei com a cabeça. — Acabei de fazer dezanove no mês passado. E tu?

— Dezoito até março. Estou apenas no primeiro ano da faculdade. — Passei o polegar pela margem do livro para manter as mãos ocupadas. — Não estás... nervoso?

— Por causa de voar? — O seu sobrolho franziu-se ligeiramente.

— Não, em relação a ires para o exército. Há uma série de guerras em curso. — A Margo, a minha colega de quarto, perdera o irmão mais velho no Iraque, alguns anos antes, mas eu não o ia dizer.

As asas do avião foram polvilhadas com *spray* enquanto passávamos pelo processo de descongelamento.

— Sim, ouvi qualquer coisa sobre isso. — Outra vez a covinha. Inspirou profundamente e olhou para a frente, como se estivesse a pensar na resposta. — Estaria a mentir se dissesse que não ponderei essa questão da morte e de morrer. Mas, na minha opinião, há muitos tipos de guerras. Algumas são mais visíveis do que outras. Não será propriamente a primeira vez que alguém me ataca, e ao menos desta estarei armado. Além disso, na minha opinião, o risco vale a recompensa. Pensa nisso: se não tivesses entrado neste avião, nunca nos teríamos conhecido. Risco e recompensa, certo? — Olhou-me de relance, e os nossos olhos fixaram-se.

De repente, o meu desejo de sair daquele avião não tinha nada que ver com o meu medo de voar e tudo que ver com o Nathaniel. Se nos tivéssemos conhecido no *campus* ou mesmo em Denver, aquela conversa não teria de terminar dali a um par de horas, quando chegássemos a Atlanta.

Por outro lado, se nos tivéssemos encontrado no *campus* ou em Denver, quem sabe se a teríamos tido, sequer. Eu não tinha propriamente o hábito de conversar com homens jeitosos. Deixava isso para a Margo. Os mais calmos e acessíveis faziam mais o meu género.

— Podia mandar-te livros — ofereci-me calmamente. — Se te derem autorização para ler e não tiveres suficientes enquanto lá estiveres.

— Farias isso? — Os olhos dele arregalaram-se de surpresa.

Anuí com a cabeça, e o sorriso com que ele respondeu fez a minha pulsação disparar.

— Assistentes de bordo, preparem-se para a descolagem — disse o piloto através do sistema de som.

Acho que era a nossa vez.

O assistente mais próximo de nós disse a alguém que estava umas filas adiante para recolher a mesa e depois dirigiu-se para o seu lugar, afivelando o cinto de segurança de modo a ficar de frente para nós.

Agarrei-me aos dois apoios de braços enquanto os motores aceleravam e nos precipitávamos para a frente, com o impulso a empurrar-me contra o assento. O nevoeiro tinha-se dissipado o suficiente para se poder ver o limite da pista enquanto passávamos a grande velocidade. Fechei os olhos e respirei fundo antes de os abrir.

O Nate olhou na minha direção e depois estendeu a mão, oferecendo-a com a palma voltada para cima.

— Estou bem — disse eu com os dentes cerrados, tentando lembrar-me de inspirar pelo nariz e de expirar pela boca.

— Podes agarrá-la. Não mordo.

Que se lixe.

Agarrei-lhe a mão e ele entrelaçou os nossos dedos, infundindo calor na minha pele pegajosa e gelada.

— Podes apertar. Não me vais partir.

— Olha que ainda te vais arrepender. — Apertei-lhe a mão, ficando com os punhos

brancos, a respiração cada vez mais rápida à medida que avançávamos para a descolagem.

— Duvido um pouco disso. — O polegar dele acariciou o meu. — Três minutos, não é? Os primeiros três minutos após a descolagem?

— Sim.

Ele colocou o pulso esquerdo sobre as nossas mãos unidas e carregou em alguns botões, ligando o cronómetro.

— Pronto. Quando chegar aos três minutos, podes relaxar até aterrarmos.

— És mesmo muito querido. — Os pneus ressoaram, e o avião balançou por baixo de nós enquanto acelerávamos. Apertei-lhe a mão com tanta força que provavelmente lhe interrompi a circulação sanguínea, mas estava demasiado ocupada a tentar respirar para sentir a dose certa de embaraço.

— Já me chamaram muitas coisas, mas *querido* nunca foi uma delas — respondeu ele com um aperto de mão enquanto levantávamos voo.

— Pergunta-me alguma coisa — disse eu, enquanto todos os piores cenários me passavam pela cabeça. — Qualquer coisa. — A minha pulsação disparou.

— Está bem. — A sobancelha dele franziu-se ao refletir. — Já reparaste que os pinheiros balançam?

— O quê?

— Os pinheiros. — Consultou o relógio. — As pessoas falam sempre das palmeiras a balançar, mas os pinheiros também o fazem. É a coisa mais tranquila que já vi.

— Pinheiros — pensei. — Nunca tinha reparado.

— Pois. Qual é o teu filme preferido?

— *Titanic* — respondi automaticamente.

O avião inclinou-se para cima, fazendo-me uma impressão no estômago enquanto nos alinhávamos numa ascensão abrupta.

— A sério?

— A sério. — Acenei rapidamente com a cabeça. — Quero dizer, havia mais do que espaço na porta, mas adorei o resto.

Ele riu-se baixinho e abanou a cabeça.

— Faltam dois minutos.

— Dois minutos — repeti, desejando que a minha respiração abrandasse e que o nó que tinha na garganta se soltasse. A probabilidade de ter um acidente de avião era absolutamente ínfima, no entanto, ali estava eu, agarrada a um desconhecido lindo que provavelmente pensava que me faltavam uns quantos parafusos na cabeça.

— Qual é a tua altura preferida do dia? — perguntou ele. — Ei, estou só a distrair-te.

— O pôr do sol — disse eu. — E tu?

— O nascer do sol. Gosto das possibilidades do dia.

Ele olhou para o mar de cinza que enchia a janela e eu inclinei-me para a frente para espreitar. Conseguia ver a extremidade da asa através do nevoeiro espesso, mas tudo o resto continuava obscuro. Talvez não fosse assim tão mau, desde que não conseguisse ver o solo.

Os motores gemiam num tom mais alto.

— Mas que... — começou o Nate.

O som de metal contra metal fez o meu coração parar.

A asa explodiu numa bola de fogo.

CAPÍTULO TRÊS

NATHANIEL

Cabul, Afeganistão

Agosto de 2021

— A coisa parece ter corrido bem. — A voz do Torres engrossou devido ao sarcasmo enquanto eu via a Izzy afastar-se com o resto dos representantes. Não tinha batido o pé, vociferado ou sequer olhado para mim antes de seguir o Webb em direção aos carros blindados junto da pista. Dispensou-me simplesmente, como se não tivéssemos uma década de história entre nós.

Escarneci, mas não consegui impedir que os cantos da boca se me elevassem de satisfação. *Bem jogado.*

— É ela, não é? — perguntou o Torres ao avançarmos atrás dos políticos. — Fogo, mal a reconheci.

Políticos. Ela odiava política — pelo menos costumava odiar. Tinha feito tanta questão em entrar no sector não lucrativo, nunca cedendo à pressão que os pais faziam sobre ela para promover os seus próprios interesses na carreira, e, no entanto, ali estava ela.

Afinal, naquele dia, fizera uma escolha.

Quando era preciso, era uma Astor.

A raiva cresceu, rápida e quente, e afastei-a. Logicamente, sempre soubera que ela escolhera os pais, mas ver essa escolha em prática cortava como uma faca romba.

— Sargento Green. — O Graham pôs-se ao meu lado. — Queres dar-me uma pista sobre o que foi aquilo?

— Não há nada a dizer — murmurei, desviando o olhar do cabelo oscilante da Izzy e examinando o perímetro. Desci os *Wiley X* para proteger os olhos do sol.

Merda, como é que ela fora *ali* parar?

— Pois. Porque nem foi como se tivesses esbarrado com a tua ex na pista nem nada do género. — O tom do Graham era sarcástico.

— Ela não é minha ex. — Nunca chegáramos a esse ponto. — E tira-me esse sorriso da cara.

— Ela é pior do que tua ex — murmurou o Torres. — Ela é o teu «e se».

— Estamos um pouco sensíveis, não é verdade? — O sorriso do Graham desvaneceu-se.

— Nem acredito que tenham recusado o *Chinook*.

Grunhi em sinal de anuência. Hoje cedo, estivera-me nas tintas para o facto de os políticos se terem recusado a levar o *Chinook* blindado — ou, como lhe chamávamos, o *Embassy Air* — do aeroporto para a embaixada dos Estados Unidos. O percurso de sete

quilómetros era suficientemente seguro — por enquanto. Mas isso fora antes de saber que era a Izzy que íamos transportar. Eu queria-a atrás de tudo o que fosse à prova de bala. Raios, queria-a fora dali, ponto final.

Aproximámo-nos da escolta, e os assistentes distribuíram-se pelos dois SUV pretos que se encontravam no meio dos quatro que, ao todo, constituíam o cortejo de carros a acompanhar. O Holt — o funcionário pelo qual o Kellman era responsável — entrou na parte de trás do segundo veículo, seguido da Izzy.

A mochila deslizou-lhe do ombro, e eu peguei-lhe pela alça antes que caísse no chão. O tecido verde-azeitona comum estava macio e gasto, o enchimento aplanado por anos de uso evidente, mas não havia como confundir a marca cilíndrica de queimadura perto do fecho.

O ar escapou-se-me dos pulmões e um sorriso irónico contorceu-me os lábios quando levantei a mochila, erguendo os olhos para se cruzarem com os dela, ambos escondidos atrás dos nossos óculos de sol. As lentes tornavam muito mais difícil lê-la. A sua linguagem corporal era uma tentativa firme de parecer calma e controlada, mas os seus olhos sempre haviam sido a melhor forma de adivinhar os seus pensamentos. Estaria a matutar em tudo como eu ou três anos de silêncio tê-la-iam deixado indiferente?

— A *sua* mochila, menina Astor — disse eu lentamente, enquanto uma brisa de ar condicionado me aflorava o rosto.

Os seus lábios entreabriram-se, e ela engoliu antes de a retirar das minhas mãos e de a colocar no colo.

— Obrigada.

— Pode aumentar o ar condicionado? — perguntou o Holt ao motorista, puxando a gravata enquanto o suor lhe escorria pelo pescoço vermelho como uma beterraba.

O Graham olhou para trás e riu-se baixinho.

— Desculpe. Já está no máximo. É que aqui o calor é terrível.

O Holt recostou-se contra o banco, como se alguém lhe tivesse alvejado o cachorrinho.

— Pelo amor de Deus — murmurou o Kellman, já a dirigir-se para os bancos tácticos, na fila de trás.

Um olhar rápido confirmou-me que toda a bagagem fora carregada no veículo da retaguarda e que todos os funcionários estavam seguros. Voltei a examinar o perímetro, apesar de haver mais seis operadores a fazer o mesmo, e vi o aceno do Webb antes de entrar no carro da frente.

Estava na altura de partir.

— Apertem os cintos — disse eu à Izzy, fechando-lhe a porta antes que ela pudesse responder. Pronto. Ela estava atrás de todos os vidros à prova de bala que eu tinha à mão de semear.

Sentei-me no lugar do passageiro e fechei a porta.

— Vamos. — Fiz sinal para o carro da frente, enquanto o portão vigiado se abria diante de nós.

O cheiro doce de limão e *Chanel n.º 5* chegou-me ao nariz. O torno à volta do meu peito

apertou-se um pouco mais, enquanto eu lutava contra uma enxurrada de memórias para as quais não tinha tempo. O anel no dedo dela podia ser novo, mas algumas coisas não tinham mudado. Ela ainda cheirava a longas noites de verão.

O Graham pôs o carro em andamento e arrancou, levando-nos para Cabul. Os meus sentidos entraram em alerta máximo, observando todos os pormenores do percurso e daqueles que caminhavam ou conduziam ao nosso lado, procurando qualquer ameaça possível.

— Quanto tempo falta para chegarmos à embaixada? — perguntou o Holt, esfregando o pescoço.

O Kellman tinha o trabalho facilitado com aquele tipo. Ele seria uma verdadeira dor de cabeça durante a próxima semana. Não que eu não tivesse as minhas próprias preocupações.

O raio da Isabeau Astor encontrava-se atrás de mim, a menos de dois metros, pela primeira vez desde aquela noite chuvosa em Nova Iorque em que tudo correria tão mal. Quando se despedira ela daquela empresa? Quando decidira ir trabalhar para um senador? Aposto que os pais estavam entusiasmados. Sempre tinham sido muito ligados a essa coisa do estatuto. Que mais mudara nos últimos anos?

Concentra-te.

— Depende do trânsito e de a sua chegada ter sido ou não divulgada aos tipos que gostam de fazer declarações políticas com lança-granadas — respondeu o Graham, com o sotaque sulista a prolongar-se na última palavra.

A minha nuca aqueceu, e eu sabia que, se me virasse, encontraria o olhar da Izzy fixo em mim, tal como o meu estaria nela se as nossas posições estivessem invertidas. Em vez disso, mantive a atenção focada no espaço envolvente quando passámos a marca do primeiro quilómetro e o trânsito começou a adensar-se. Em breve estaríamos na Zona Verde.

— Então são, tipo... cinco minutos? Ou dez? — perguntou o Holt, despindo o casaco com o corpo meio encolhido.

Precisei de todos os músculos do meu corpo para não revirar os olhos.

— Já lá estaríamos se tivéssemos apanhado o helicóptero — observou o Kellman, lá atrás.

— Decidimos que isso enviaria uma mensagem errada sobre a nossa confiança na segurança durante o processo de retirada — disse a Izzy, ajeitando a mochila no colo.

— Mas quem raio decidiu que a imagem era o fator mais importante numa zona de guerra? — Olhei para trás e o queixo dela ergueu-se uns bons centímetros.

— A senadora Liu — respondeu o Holt.

— Quem diria que os tipos que vão andar de helicóptero blindado quando aqui chegarem, na próxima semana, são os mesmos que nos dizem a nós para irmos de automóvel — brincou o Graham, mantendo a distância de segurança em relação ao carro da frente. — Políticos!

Passámos a marca dos dois quilómetros; estávamos a fazer um bom tempo.

— A forma como a visita é encarada é importante — argumentou a Izzy.

O quê? Todos os meus instintos queriam que ela apanhasse o primeiro avião dali para fora,

e ela estava preocupada com aparências?

— O facto de valorizares a aparência em detrimento da segurança é exatamente a razão pela qual não devias estar aqui — disse eu por cima do ombro, levantando as sobrancelhas para que ela soubesse que estava a falar diretamente consigo.

A boca dela abriu-se antes de eu desviar o olhar. *Presta atenção.*

— Estamos apenas a fazer o nosso trabalho — começou o Holt.

— Como se vocês tivessem uma palavra a dizer sobre onde eu devia ou não devia estar! — ripostou ela, com os olhos a estreitarem-se fixamente.

As sobrancelhas do Graham arquearam-se sugestivamente, mas manteve a atenção presa à estrada.

— Queres fazer isto aqui? — Talvez fosse melhor, uma vez que não podia tocar-lhe dentro do carro, embora não tivesse a certeza se queria incutir-lhe algum bom senso ou beijá-la até que aquele maldito anel caísse.

Quem seria o fulano? Um rapazinho com um fundo fiduciário que o pai dela aprovava? Alguém com as ligações políticas e o *pedigree* que sempre tinham desejado para ela?

— Eu queria fazer *isto* há três anos — desafiou ela, inclinando-se para a frente contra o cinto de segurança até eu ouvir o clique do mecanismo de fecho.

— Está a escapar-me alguma coisa? — perguntou o Holt lentamente, desapertando o botão de cima da camisa.

— Não! — ripostou ela, agressiva.

— Sim — respondi ao mesmo tempo.

— Hum... — O Holt olhou de relance para nós os dois, mas calou-se sabiamente.

— Já estive em tiroteios com menos tensão — murmurou o Graham.

— Cala-te. — O meu maxilar cerrou-se. Ele tinha razão, o que só me deixou ainda mais irritado.

Passámos os quatro quilómetros seguintes em silêncio, entrando na Zona Verde, mas a tensão diminuía apenas um pouco quando chegámos à relativa segurança da embaixada. As janelas de vidro decorativas que formavam um padrão em ziguezague na fachada do edifício eram apenas isso — decorativas. A parede de betão mesmo atrás delas fora construída para aguentar uma explosão. Só não tinha a certeza se aguentaria que eu e a Izzy estivéssemos debaixo do mesmo teto.

O Graham estacionou o carro no parque e eu saí, ajustando a arma antes de abrir a porta da Izzy e de a encontrar a debater-se com o cinto de segurança.

— Coisa. Tão. Estúpida. — Puxou o cinto e enfiou o polegar no botão que o soltava.

A visão arrefeceu as chamas mais quentes da minha frustração, e, surpreendentemente, lutei contra um sorriso. Era tão tipicamente... a Izzy. Se ficasse muito nervosa, não só se atrapalharia como também começaria a falar pelos cotovelos.

Meu Deus, como eu sentia falta da sua tagarelice sem filtros.

— Deixa-me ajudar. — Inclinei-me.

— Eu consigo. — Empurrou os óculos de sol para o topo da cabeça e lançou-me um olhar

que não precisava de grandes palavras.

Levantando as mãos, afastei-me enquanto ela puxava furiosamente a correia. Depois voltei a examinar o perímetro, empurrando os meus próprios óculos para o cimo da cabeça agora que estávamos à sombra.

O Webb já estava fora do carro da frente.

— Não. Devias. Estar. Aqui — disse a Izzy a ferver a cada puxão, troçando das minhas palavras.

— Não devias mesmo. Este é o último lugar do mundo para estares, Iz. — Desejaria ela morrer?

— Ainda bem que continuas a ser um idiota. — De cada vez que ela puxava, o carro mordida com força o cinto de segurança, encurtando-o ainda mais. — Mas que *raio* se passa com esta coisa?

Baixei-me sem lhe pedir licença e premi a fivela com um empurrão forte e rápido, libertando o cinto de segurança. As mãos dela recuaram com o contacto, raspando a minha palma com o anel.

— Pelo menos sou um idiota que consegue desapertar o cinto de segurança.

Os nossos olhares cruzaram-se, e o espaço entre nós carregou-se com tensão suficiente para desligar o órgão de quatro câmaras conhecido como o meu coração. *Demasiado perto.*

Recuei, endireitando-me, saí do carro e inspirei uma baforada de infelicidade, concedendo-me, a mim e a ela, algum espaço.

— Desculpa, o cinto prende — disse o Graham do banco da frente.

— E agora é que avisa? — murmurou a Izzy, com as bochechas a corar.

— Isa, está tudo bem? — perguntou o Holt por trás de mim, enquanto os funcionários se dirigiam para a porta vigiada da embaixada.

— *Isa?* — A minha cabeça recuou quando a Izzy saiu do carro, com a mochila ao ombro.

— Sou eu — retorquiu a Izzy, passando por mim sem me olhar de relance.

— O nome dela é Isab... — começou o Holt.

— Eu sei o nome dela — disse, interrompendo-o.

O Webb pôs-se de lado enquanto a equipa entrava com os seus protegidos, observando a troca de palavras com uma inclinação de cabeça que dizia que eu iria ouvir uma conversa sobre o assunto dali a cinco minutos. Já era suficientemente mau a Izzy saber o meu nome verdadeiro — algo sobre o qual eu teria de falar com ela —, mas eu estava a agir como um idiota e tinha noção disso.

Pior, parecia não conseguir parar.

— Sempre te chamaram Izzy. — Segui-a para lá da terceira fiada de árvores que assinalava a fachada da embaixada, em direção à porta.

Ela ficou tensa e depois virou-se para me encarar mesmo em frente do Webb.

— A Izzy é uma rapariga de dezoito anos que precisa de que lhe segurem a mão. Eu já não sou essa rapariga, e, se tens algum problema com a minha presença aqui, então podes atribuir-me outra pessoa, porque eu tenho coisas mais importantes para fazer do que passar

as próximas duas semanas a provar-te *alguma coisa*. — Apontou-me o dedo, sem chegar a tocar no meu peito, antes de se virar e entrar na embaixada.

— Deduzo então que ela ainda esteja zangada? — perguntou o Torres.

Ignorei-o a ele e à dor no meu peito, soltando um longo e exasperado suspiro.

— Vou perguntar-lhe isto mais uma vez, sargento Green. — O Webb acompanhou-me enquanto os seguíamos até ao interior do edifício. — Isto vai dar problemas? Porque nunca o vi tão distraído como agora. Nunca.

De facto, nada me distraía como a Isabeau Astor. Ela não era uma diversão brilhante e reluzente. A mulher era um meteoro, uma estrela cadente capaz de conceder desejos impossíveis ou de destruir a vida tal como eu a conhecia.

E estava naquele instante a cumprimentar o embaixador atrás da parede de vidro da sala de conferências, mesmo à minha frente, com o tipo de facilidade treinada que indicava uma riqueza de experiência de que eu nada sabia. Talvez ela tivesse razão e já não fosse a minha Izzy... não que alguma vez tivesse sido. Nem por isso.

— Nós temos uma história — confessei. A palavra *história* não era suficiente para o resumir. Estávamos ligados de uma forma que eu nunca tinha percebido.

— Não me digas, Sherlock. E isso vai ser um problema? Porque o teu substituto deverá estar pronto a arrancar em poucos dias, e tu poderás ir para as Maldivas.

— Estou a pensar no assunto. — Nem sequer tinha pensado no meu pequeno *bungalow* pré-pago sobre a água desde que a Izzy entrara na pista.

Olhei de relance para o Torres.

— Porque é que estás a olhar para mim como se eu tivesse alguma coisa a dizer que já não soubesses?

Ele inclinou a cabeça para o lado.

O meu maxilar cerrou-se quando a Izzy sorriu e apertou a mão do embaixador.

— Avisa-me até logo à noite — ordenou o Webb, e depois dirigiu-se para a sala de conferências. — Acrescentaram duas paragens ao itinerário, por isso este espetáculo entra em digressão amanhã de manhã — disse por cima do ombro.

Esgueirei-me para um corredor desocupado para me recompor.

— Vais deixá-la com o Jenkins? — perguntou o Torres, encostando-se à parede, ao meu lado.

— Todos os instintos me dizem para não o fazer — disse eu calmamente. — Mas pelo menos ele iria tratá-la como apenas mais um pormenor.

— Apenas mais uma missão — disse o Torres, e acenou com a cabeça. — Bem visto.

O Jenkins não iria desperdiçar um único olhar com os olhos dela, o seu sorriso, as suas curvas. Estaria completamente concentrado.

— Ela ficará mais segura comigo.

— Porque estás apaixonado por ela? — perguntou o Torres.

Abanei a cabeça.

— Porque o Jenkins não está disposto a morrer por ela.

— Alguma vez te passou pela cabeça que morrer por alguém pode não ser propriamente o que se pretende?

— Todos os dias. — O remorso revolveu-me o estômago.

— Não era isso que eu queria dizer. Um dia vais ter de esquecer essa culpa.

— Mas não será hoje.

Ele suspirou, esfregando a ponta do nariz.

— Olha, falar sobre esta merda comigo não vai ajudar. Ambos já sabemos o que vais fazer.

Aquiesci com a cabeça. Há demasiado tempo que andava a proteger a Izzy para agora parar só porque podia ser desconfortável.

O Graham passou pelo corredor e depois recuou.

— Ah, chefe, está aí. — Acenou com um pedaço de papel. — Novo itinerário.

Eu e o Torres desencostámo-nos da parede e eu peguei na atualização do Graham.

— Kunduz? — leu o Torres por cima do meu ombro.

— Ela acrescentou duas províncias no Norte — disse o Graham. — Pensei que a senadora Lauren estivesse concentrada no Sul. Naquela equipa feminina de xadrez, certo?

— Certo — disse eu, examinando as alterações que a Izzy obviamente tinha feito.

Passava-se alguma coisa.

CAPÍTULO QUATRO

IZZY

Saint Louis

Novembro de 2011

Sobressaltei-me quando nos inclinámos para o lado, o fogo na asa a sair do motor como as penas da cauda de uma fénix macabra. O motor calou-se numa corrente de fumo, mas houve outros ruídos que ocuparam o seu lugar.

Gritos, tanto humanos como de metal. Mecânicos. O zumbido agudo enquanto o outro motor lutava para carregar o fardo.

Não conseguia respirar, não conseguia pensar, só conseguia ouvir os gritos dos passageiros quando a nossa viragem se transformou num mergulho e nos inclinámos para a esquerda. O apoio de braço bateu-me nas costelas. Os compartimentos superiores abriram-se, fazendo chover a bagagem. Algo duro atingiu-me no ombro. Mais gritos.

A minha mão apertou a do Nathaniel.

— Perdemos um motor. — Apertou-me com mais força — Mas devíamos estar...

O motor da direita gaguejou e falhou.

Os gritos irromperam à nossa volta.

Como é que aquilo estava a acontecer? Como era possível ser real? Tínhamos perdido *os dois* motores. A lógica em mim compreendeu. Estávamos a descer. Estávamos a *despenhar-nos*.

Devo ter dito — ou chorado — as palavras em voz alta, porque ele veio na minha direção, agarrando-me a face com a mão e inclinando-se como se pudesse, de alguma forma, bloquear tudo à nossa volta.

— Olha para mim — ordenou ele. Desviei a minha atenção do apocalipse que acontecia do lado de fora da janela, e os seus olhos azuis fixaram-se nos meus, consumindo o meu campo de visão até ser tudo o que eu conseguia ver. — Vai ficar tudo bem. — Ele estava tão calmo, tão seguro. Tão completamente louco.

— Isto não vai ficar nada bem! — A minha voz era um sussurro estrangulado enquanto descíamos a pique, o nosso ângulo a diminuir apenas ligeiramente à medida que nos nivelávamos na horizontal, mas não na vertical.

— Mantenham-se calmos! — disse uma das assistentes de bordo quando o avião estremeceu, o metal a vibrar à nossa volta como se se fosse partir a qualquer momento.

Engoli o grito na garganta e concentrei-me no Nate.

— Daqui fala o comandante — disse uma voz tensa no altifalante. — Preparem-se para o impacto.

Vamos morrer.

A minha pulsação trovejou tão alto que se tornou um rugido nos meus ouvidos, misturando-se com a cacofonia de gritos assustados dos outros passageiros.

Os olhos do Nate arregalaram-se e ele soltou-me a face, mas continuou a agarrar-me a mão enquanto seguíamos as instruções.

— Preparem-se! Preparem-se! Preparem-se! — gritavam as assistentes de bordo em cadência. — Cabeça para baixo! Mantenham-se em baixo!

Dobrei o corpo ao meio, pousando o rosto perto dos joelhos e cobrindo a cabeça com a mão direita. A esquerda ficou firmemente entrelaçada com a do Nate enquanto caíamos do céu.

— Vai ficar tudo bem — prometeu ele, espelhando a minha posição o melhor que conseguia enquanto a tripulação da cabina repetia as instruções. — Continua a olhar para mim. Não estás sozinha.

— Não estou sozinha — repeti, as nossas mãos tão apertadas que mais valia termos sido soldados num só naquele momento.

— Preparem-se! Preparem-se! Preparem-se! Cabeça para baixo! Mantenham-se em baixo! Não havia uma sequência da minha vida a passar-me diante dos olhos. Nenhum grito da alma de que não tinha realizado nada de significativo nos meus dezoito anos neste planeta. Nenhuma das revelações de que as pessoas falam depois de saírem de experiências de quase-morte. Porque aquilo não era quase-morte.

Era a morte real. Ponto final.

Serena...

— Preparem-se!

Embatemos numa parede de tijolo, e eu tornei-me um projétil, com o cinto de segurança a esmurrar-me o estômago ao mesmo tempo que os meus membros se tornavam moles, lançando-se para diante sem instruções.

Fomos projetados para a esquerda, e a dor irrompeu no meu flanco. Depois ficámos sem peso durante a fração de um batimento cardíaco antes de voltarmos a colidir com a terra, como uma pedra que tivesse sido atirada para um lago implacável.

Todos os ossos do meu corpo se soltaram.

A minha cabeça chocou com a mesa reclinável do assento da frente.

Algo pesado pressionou-me as costas enquanto avançávamos por um terreno pouco receptivo, ao som de metal estridente e gritos. O próprio chão debaixo de nós rugiu, e o mundo escureceu.

E então... parámos.

A minha visão toldou-se quando levantei a cabeça, o assento à minha frente mal se distinguindo na escuridão pouco nítida.

Seria aquilo? Seria a morte? Nada de anjos cantores ou ondas de energia... apenas... aquilo? O que quer que *aquilo* fosse? Parecia que estava a ser embalada para adormecer, subindo e descendo um pouco a cada respiração.

Luzes verdes cintilaram, iluminando a cabina ao mesmo tempo que a escuridão se afastou

das janelas numa vaga.

Pestanejei, tentando forçar os olhos a focarem-se.

Uma mulher do outro lado do corredor abriu a boca, mas o zumbido nos meus ouvidos eclipsou qualquer som que ela tentasse fazer. Tinha um bebê nos braços, e também ele parecia estar preso num grito sem som.

O calor envolveu-me o lado da cara quando virei a cabeça.

Nathaniel.

Ele estava vivo... e eu também.

A sua boca abria-se e fechava-se, os olhos perscrutavam os meus enquanto um fluxo de sangue lhe escorria pela lateral do rosto, vindo de um ponto algures acima do seu olho esquerdo.

— O que estás a tentar dizer? — gritei. — Estás ferido! — Levantei uma mão trémula para o seu rosto.

A boca dele mexeu-se de novo e, de repente, havia outro som a competir com o rugido agudo nos meus ouvidos. O intercomunicador?

— Temos de nos despachar! — gritou o Nate, com a voz a atravessar-se. — Izzy! Temos de nos mexer daqui para fora!

Como se alguém tivesse desativado o modo de silêncio no comando da televisão, os sons de gritos de pânico e lamentos afluíram de súbito.

— Evacuar! Evacuar! — A ordem veio pelo intercomunicador. Tínhamos conseguido sobreviver, mas por quanto tempo?

— Estás bem? — perguntei.

— Tenho de abrir a porta! — O Nate apertou-me a mão e depois desentrelaçou os nossos dedos, desapertando-me o cinto de segurança antes de soltar o dele. — Consegue abrir a sua? — gritou para o outro lado do corredor.

— Já estou a tratar disso! — respondeu uma voz.

O Nate ficou de pé, com as costas enormes a bloquear a visão da saída de emergência enquanto se afadigava em torno do puxador.

Algo gelado precipitou-se do chão, arrepiando-me os pés imediatamente.

— Oh, Deus, estamos dentro de água — disse para mim mesma. O rio. As pessoas tropeçavam nos corredores numa enxurrada de movimentos.

O Nate arrancou a porta e atirou-a para fora do avião com as duas mãos.

— Evacuar! Evacuar!

Vasculhei debaixo do meu assento, depois do dele, peguei nos coletes salva-vidas insufláveis e infiei-os dentro do blusão antes de puxar o fecho para cima. Haveria tempo para eles mais tarde.

O bebé chorava enquanto um homem do outro lado do corredor praguejava, debatendo-se com a porta.

— Izzy! — O Nate estendeu a mão para trás e pegou na minha, puxando-me para que me levantasse no instante em que a água me subia pelos tornozelos e pelas canelas.

Alguém embateu contra o meu ombro ao mesmo tempo que o pânico na cabina aumentava de intensidade.

O Nate saiu pela porta de emergência, sem nunca largar a minha mão, puxando-me atrás dele e transpondo a porta, em direção à asa gelada.

Estávamos no meio do rio Missouri.

— Vai por aquele lado! — gritei-lhe ao ver que a água lambia a parte da frente da asa.

O seu maxilar cerrou-se, e ele começou a abanar a cabeça, mas deixou a minha mão deslizar da sua enquanto cada um de nós flanqueava um lado da porta.

— Dê-me a mão! — Ofereci a minha à mulher que se debatia na saída, e ela estendeu as suas. Eu e o Nate pegámos cada um numa delas, levantando-a para a asa.

— Largue essa maldita mala! — gritou o Nate para dentro da cabina antes de ajudar o próximo a sair.

— Eles conseguiram abrir a outra porta — exclamou uma mulher ao sair, com os pés a escorregar no metal gelado.

— Cuidado! — gritei, segurando-a.

Repetidamente, levantámos passageiro após passageiro.

— Deem-me o bebé! — Peguei na criança que estava ao colo de outra mulher e apertei contra o peito o embrulhinho cor-de-rosa de uma menina aos berros, incomodada, enquanto o Nate puxava a mãe para fora.

— Obrigada! — disse ela, pegando na menina e abrindo caminho.

A água subiu sobre a asa e eu desloquei-me para o lado para ver a parte da frente do avião enquanto o Nate ajudava outro passageiro a sair. As portas de saída da frente estavam escancaradas, os salva-vidas abertos, e os assistentes de bordo ajudavam os passageiros a entrar na água... água que afluía para dentro das portas, subindo até aos joelhos, no instante em que um homem se arrastava para o insuflável, que se enchia rapidamente.

— Estamos a afundar-nos.

O Nate acenou com a cabeça.

Quantos passageiros havia? Quanto tempo tínhamos até a água encher a fuselagem?

Um homem. Uma mulher. Outro homem. Uma criança assustada. Tirámo-los a todos da cabina até a asa ficar completamente ocupada e não haver mais ninguém a pedir ajuda do interior.

— Estão todos? — gritou o Nate para dentro da cabina.

Ninguém respondeu enquanto a água encharcava as almofadas dos assentos.

Um chapinhar fez-me virar a cabeça, e vi alguns dos passageiros saltar para o rio. Estávamos a cinquenta metros da margem.

O Nate atravessou a porta e pegou-me na mão.

— Temos de nadar — disse eu o mais calmamente que fui capaz. Não haveria um belo resgate no Hudson para nós.

— Sim...

— Não sei nadar! — gritou um miúdo ao meu lado, enterrando a cara no casaco do pai.

Os coletes salva-vidas.

— Espere... — Enfie a mão no blusão e tirei um embrulho de plástico, rasgando-o com os dentes antes de o entregar ao pai.

Os seus olhos assustados cruzaram-se com os meus.

— Eu não trouxe os nossos.

— Fique com o meu. Estou bem. — Ofereci-lhe um sorriso tranquilizador e acenei com a cabeça antes de pegar no outro embrulho que tinha dentro do blusão.

— Também trouxe o teu — disse ao Nate, empurrando o saco contra o seu peito.

Ele pestanejou para o colete e abanou a cabeça.

— Veste-o.

— Não preciso dele — assegurei-lhe. — Seis anos na equipa de natação.

Ele olhou algumas vezes de mim para o colete e depois para os passageiros.

— Onde está a mãe com o bebé? — gritou.

A mão dela levantou-se algures a meio da asa.

— Dê-lhe isto — disse o Nate ao pai que estava ao nosso lado, e ele passou-o pela fila até a mulher o receber.

Manchas de amarelo-vivo encheram-me a visão periférica enquanto outros passageiros vestiam os coletes e começavam a enchê-los.

A água cobriu os bordos da asa e todos nós recuámos, não que o nosso peso fosse equilibrar o avião ou evitar que este se afundasse no leito do rio.

O avião mergulhou, e um grito simultâneo de pânico atravessou a asa lotada quando dois passageiros escorregaram para a água.

— Olha para mim — exigiu o Nate, levantando-me o queixo com o polegar e o indicador.

Teria ele sido sempre assim tão indistinto?

— Merda, as tuas pupilas estão enormes — murmurou ele, passando os dedos pela minha testa com um estremecimento. — E tens um galo dos diabos. Zumbido nos ouvidos? Visão desfocada?

— Ambos.

— Tens uma concussão. — Olhou por cima da minha cabeça, depois virou-se para observar o nariz do avião, que se afundava à medida que a água devorava o vidro do *cockpit* e avançava em direção à porta. — Já toda a gente saiu, não há mais nada que possamos fazer, e não tarda iremos ficar debaixo de água. Temos de nadar até à costa. Consegues fazer isso?

O meu flanco doía, uma dor subtil e cortante.

— Consigo...

Ele acenou com a cabeça, apertando a minha mão com mais força.

— Vamos juntos. A água está cerca de dez graus acima de zero nesta altura do ano.

De novo a água a lamber a fuselagem, desta vez do outro lado do avião.

— E nem sequer temos uma porta para flutuar. Bem, não há como viver o nosso filme favorito, certo? — Forcei um sorriso trémulo.

— E ainda dizes piadas. Fixe.

O avião inclinou-se para a frente, de nariz para baixo, e os meus pés escorregaram ao mesmo tempo que as pessoas gritavam à nossa volta, deslizando para a água.

— Merda! — A mão do Nate apertou-me como um torno enquanto eu deslizava em direção à borda, e ele puxou-me para trás, envolvendo-me com o braço.

A dor explodiu vinda de trás das minhas costelas, e arfei devido à intensidade com que ela tomou conta de mim, crua e aguda.

— Estás segura! Agora vamos sair desta coisa! — Arrastou-nos para a parte de trás da asa, que se ergueu abruptamente à medida que o avião se inclinava para o rio, com a fuselagem a gemer como um moribundo enquanto a água devorava as portas da frente e começava a subir pelas janelas. — Vamos saltar — disse ele, segurando a minha mão entre os nossos corpos e virando-se para a margem. — Pronta?

— Pronta. — Engoli em seco, preparando-me para a receção gelada da água por baixo de nós.

— Vou contar até três. — Ele olhou para mim e depois para a zona onde nos tínhamos despenhado. — Um.

— Dois — continuei.

O avião soltou um suspiro de morte e chocalhou ao mergulhar no rio, ganhando velocidade.

— Três — apressou-se o Nate.
Saltámos.

CAPÍTULO CINCO

IZZY

Cabul, Afeganistão

Agosto de 2021

Tinha de ser da altitude, certo? Era por isso que eu não conseguia respirar fundo, inalar ar suficiente para aliviar a sensação de ardor que crescia no meu peito. Não tinha *nada* que ver com ele.

Mentirosa.

Dos milhões de cenários que tinha imaginado ao longo dos anos quando se tratava de voltar a ver o Nate, aquele não era um deles. Imaginava-o a aparecer à minha porta numa noite chuvosa ou mesmo a entrar de rompante no meu escritório em Washington para me dizer que eu não me podia casar com o Jeremy. Tudo bem, era um cenário rebuscado, mas não significava que não me tivesse passado pela cabeça uma ou duas vezes.

Com o polegar, rodei o anel pesado e vistoso em volta do dedo e calcorreei a minha *suite*.

O Nate estava ali. O homem que considerava a minha alma gémea estava na mesma cidade que eu — no mesmo *edifício*. A minha pulsação disparou, e reprimi todos os instintos que me diziam para ir atrás dele e desatar a gritar-lhe pelo que me tinha feito passar ou abraçá-lo com tal força que nenhum de nós conseguisse respirar. Talvez as duas coisas.

— Estás a ouvir-me sequer?

Jeremy.

Merda, ele ainda estava ao telefone.

— Estou aqui. — Abanei a cabeça e olhei pela janela, apreciando a vista do pátio da embaixada, na esperança de vislumbrar o Nate... se é que ele estava lá fora.

Conduzira-me à minha *suite* com uma civilidade brusca que sugeria que desejava afastar-se o mais possível de mim. Nada surpreendente, tendo em conta os últimos três anos.

— Olha, eu já disse que lamento imenso...

Os meus pensamentos abafaram o resto das desculpas do Jeremy.

Havia coisas que nem as desculpas conseguiam resolver.

— E eu já disse que preciso de algum tempo... — Encolhi-me no cadeirão demasiado grande instalado num dos cantos da sala de estar.

— Não disseste que ias dar a volta ao mundo pela Lauren! Ambos sabemos que devia ter sido o Newcastle a seguir nesse voo — disse ele. — Olha, se precisavas de algum tempo para... — ouviu-se um engolir em seco distinto do outro lado — tomar uma decisão, podias tê-lo feito em DC ou ir para a casa da Serena...

Serena. Uma nova vaga de náuseas apoderou-se de mim, tão espessa que era capaz de

saborear o seu revestimento amargo na minha língua.

— Olha, Jer, estar aqui não tem nada que ver contigo e com as tuas escolhas, apenas comigo e com as minhas. Se tivesses prestado atenção ao que te tenho dito nas últimas seis semanas... — Esfreguei a zona entre as sobrancelhas e soltei uma gargalhada autodepreciativa. — Mas também tens andado a fazer malabarismos com algumas coisas, não é? — Olhei em volta à procura de um relógio. Eram oito e dezasseis da noite, e o *jet lag* estava a dar cabo de mim. O meu corpo não se importava com as horas, desde que eu o deixasse dormir, mas o cérebro sabia que eu precisava de me adaptar o mais depressa possível, e ir para a cama mais cedo não ajudaria.

— Escuta, temos andado ambos ocupados com o trabalho, Isa. — O seu tom condescendente contraiu-me a coluna.

— Não estou pronta para falar sobre isso. — Ouviram-se três pancadas à minha porta. — Está alguém a bater. — Levantei-me e dirigi-me para a porta.

— Deixa-me adivinhar... O Ben Holt está aí para te acalmar os nervos? — ripostou o Jeremy. — Esta conversa ainda não acabou.

— Esta conversa está *completamente* acabada. — O tom da minha voz subiu, e abri a porta com a graciosidade de um lama embriagado. Esta colidiu com estrondo no batente e ressaltou. Uma mão larga disparou e segurou-a antes que me acertasse na anca... Uma mão presa a um antebraço tatuado que eu conhecia tão bem como o meu próprio.

O Nathaniel estava à minha porta, vestido da cabeça aos pés com uma farda de combate preta, incluindo colete à prova de balas e um pequeno auricular que provavelmente o mantinha ligado aos outros ninjas que nos tinham escoltado desde a embaixada.

Primeiro uma barba desalinhada e um uniforme descaracterizado, e agora aquilo? Aparentemente, o Nate andara ocupado nos últimos três anos.

— Temos de falar — disse ele, e acenou com a cabeça para a sala atrás de mim. — Aí dentro.

O ardor no meu peito transformou-se numa chama esbraseante que ameaçava incinerar-me de dentro para fora. Aqueles olhos seriam sempre a minha morte, tão azuis que mereciam a sua própria classificação, mas o carinho de que eu sempre dependera arrefeceu, fazendo que o homem à minha frente me parecesse mais desconhecido do que na manhã em que saltáramos para o rio Missouri.

A minha raiva gaguejou em resposta àquele olhar glacial.

Claro que ele parecia a próxima estrela de ação dos ecrãs de Hollywood, e eu nem sequer tinha a armadura de um rímel decente.

— ...não é isso que significa uma parceria! — gritou o Jeremy ao meu ouvido, terminando uma tirada que eu não tinha ouvido. — Deixa-me ir buscar-te. Vou no jato da família. Consigo estar aí de manhã.

— Já — sussurrou o Nate, com um músculo do maxilar a contrair-se.

— Tenho de ir — disse eu ao Jeremy, carregando no botão de desligar antes que ele tivesse hipótese de contra-atacar.

Recuei um passo, e o Nate passou por mim quando entrou na minha *suite*, deixando o aroma de terra e hortelã a fazer-me cócegas no nariz. Ainda tinha o mesmo cheiro. Aquela fragrância sedutora emanava dos poros dele ou estaria engarrafada algures?

Não parou nem falou enquanto percorria a divisão, espreitando atrás das cortinas antes de entrar no meu quarto como se fosse dono dele.

Daquele não era, pelo menos.

— Não tenho ninguém escondido no duche, Nathaniel — gritei-lhe, encostando o traseiro na ponta da secretária e abandonando o telemóvel em cima dela. O Jeremy podia esperar. Eu não tinha as respostas que ele queria. Ainda não, talvez nunca.

— Muito engraçado — ripostou o Nate em voz alta, do quarto.

Os meus músculos contraíram-se, prontos para a batalha com aquela versão do Nate que não deveria estar ali, mas havia uma parte da minha alma que parecia aquietar só pelo facto de o idiota se encontrar na mesma divisão.

— Estava apenas a certificar-me de que não havia assassinos atrás das cortinas — disse, e voltou até mim com o mesmo passo confiante e eficiente, indo até à janela, acenando com a cabeça para o que quer que estivesse a ver no pátio, lá em baixo, e virando-se para me encarar.

— Ninguém me quer assassinar. — Já à minha chefe era uma história diferente, mas ela só estaria ali na próxima semana, e a sua próxima visita não era do conhecimento público.

— Quer — disse ele, com o rosto sem expressão enquanto me fitava do outro lado da sala —, sim. Que raio estás aqui a fazer, Izzy?

Izzy. Já poucas pessoas me chamavam assim. Mal entrei no gabinete da senadora Lauren, passei a ser pura e simplesmente Isa.

— Podia perguntar-te a mesma coisa — respondi, cruzando os braços sobre o peito. O calor percorreu-me as faces quando senti o volume da minha camisola com capuz de Georgetown atrás dos braços. Eu estava vestida para dormir, descalça, com umas calças de pijama, não preparada para enfrentar o Nate.

Nate. Decorridos três anos, era *assim* que a coisa se passava? Não por ele ter voltado ou pedido desculpa por ter desaparecido da face da terra, mas porque, mais uma vez, tínhamos provado ser os ímanes com que o destino nunca conseguia parar de brincar?

Aquilo era uma treta.

— Já agora, belo auricular — continuei. — Pelo menos alguém aqui sabe como entrar em contacto convosco. — Debatí-me com o nó que tinha na garganta. Havia demasiadas emoções a lutar pela supremacia, cada uma delas a sufocar as outras até que a mágoa de tudo venceu, tornando as minhas palavras acutilantes e acres.

— Estou a falar a sério.

— Eu também.

O maxilar dele contraiu-se uma vez. Duas.

— Diz lá. Seja o que for que tenhas andado a conter, di-lo. — Ele cruzou os braços sobre o peito, espelhando a minha postura, mas fê-lo muito melhor do que eu. Tinha aquela coisa

do «mercenário negro», embora eu soubesse que, se estava na nossa equipa de segurança, ainda se encontrava na lista de funcionários do governo.

— Abandonaste-me... — As palavras escaparam-se-me.

Ele arqueou a sobancelha.

— A sério? *Eu* abandonei-te? É assim que recordas esta história? Distorcendo os factos?

Parece que entraste mesmo no mundo da política, como o papá queria.

— Desapareceste! — Afastei-me da secretária numa agitação enraivecida pelos anos. —

Nem uma carta! Nem um *e-mail*! As tuas redes sociais? Apagadas. O telemóvel? Desligado!

— A minha fúria fez-me atravessar a sala até me encontrar descalça diante dele, a olhar para o rosto que havia assombrado os meus sonhos e alguns dos meus pesadelos. —

Desapareceste! — Todos aqueles anos sem notícias, sem saber se ele estava em segurança, ferido ou pior, irromperam em cada palavra. — Fazes ideia de quanto te procurei? Fui ao Peru como planeámos. Ao Bornéu também. No ano seguinte, acabei por perceber.

Um lampejo de algo — arrependimento? — cintilou nas feições dele, mas desapareceu um instante depois.

— Isto não nos leva a lado nenhum — disse o Nate. Depois, desviou-se e afastou-se de mim, dirigindo-se para a porta principal. — Nem sequer trancaste esta maldita coisa. — Puxou o ferrolho com ímpeto e virou-se, encostando-se à porta. — Devias estar num escritório de advogados em Nova Iorque, por isso vou perguntar outra vez: o que estás aqui a fazer?

— Estou a fazer a diferença. Acho que foi isso que alguém sugeriu. — Percorri a alcatifa macia até à *kitchenette* e tirei duas garrafas de água. — Queres uma? — Apesar de irritada, o meu primeiro instinto foi preocupar-me com ele. Deus, era patética.

— Claro. Obrigado — respondeu ele, com a voz mais suave. — E isto... — gesticulou para a *suíte* — não era o que eu tinha em mente quando fiz a sugestão. — Apanhou a garrafa de água que lhe atirei com força. — Mas é sem dúvida o que os teus pais tinham, certo?

Encolhi os ombros e abri a água.

— Foi onde vim parar. — Bebi um gole, na esperança de conseguir desalojar a pedra que tinha na garganta. — Estás mais irritado com o quê, Nate? Com o facto de eu não estar onde me deixaste? Ou com o facto de eu estar a conhecer a versão de ti que nunca quiseste que eu visse?

— Não é seguro estares aqui. — Rolou a garrafa entre as mãos, ignorando claramente a pergunta. — Este país é instável como o raio.

Inclinei a cabeça para ele.

— Mas é por isso que *tu* estás aqui, certo? Para manter pessoas como eu em segurança? É isso que fazes agora? Onde estiveste nos últimos três anos?

O queixo dele vacilou.

— Não te posso dizer onde estive nos últimos três anos. As regras do jogo não mudaram, apenas se tornaram mais restritivas. — Abriu a garrafa e bebeu metade.

Depois de tantos anos, continuava sem se abrir. Aparentemente, o mundo dele não tinha

mudado assim tanto, mas o meu, *sim*.

— Muito bem, se não estás aqui para explicar o que aconteceu em Nova Iorque e eu não vou aceitar a tua sugestão de me ir embora, porque estás no meu quarto?

— Não devia estar aqui.

— Não me digas. Duvido que os seguranças do Holt estejam no quarto dele a beber coisas do minibar.

— Não é isso que quero dizer. — Os cantos da boca do Nate viraram-se para cima, mas não era bem um sorriso, por isso ao menos não tive de lidar com a covinha dele a aparecer.

Nada me fazia perder alguns pontos de QI como ver aquela covinha.

— Por favor, deixa de falar em código militar... — O meu olhar estreitou-se ligeiramente. — Presumindo que ainda pertences ao exército? — Tinham-nos dito que contaríamos com as Forças Especiais como segurança, mas havia uma identificação a preto-e-branco no lado esquerdo do peito onde se lia *Green*, não *Phelan*.

Independentemente do nome que estivesse a usar, continuava a parecer uma brasa. Alguém andara a frequentar o ginásio.

Para com isso.

Porque é que o facto de estar na mesma sala que o Nathaniel Phelan me fazia regressar aos dezoito anos?

— Sim, ainda estou no exército. Só que na parte de que ninguém fala — respondeu ele lentamente, erguendo as sobranceiras. — E, quanto ao meu telemóvel, ao meu *e-mail*, às minhas redes sociais... foi tudo desinfetado.

— Muito bem, então... — Um pequeno grão de esperança enraizou-se no meu estômago perante esta verdade pequena mas abertamente revelada. — Então é por isso que... já não existes. — Os dias e meses que se seguiram ao seu desaparecimento haviam sido de ensandecer, mas parte de mim sempre soubera porque ele se dissipara da face da terra. O seu sonho fora sempre aquele.

Tornar o dele obsoleto transformara-se no meu.

Ele anuiu com a cabeça.

— E esse Green? — Fiz sinal para a sua identificação. — É o teu nome de código ou coisa parecida?

— Não. Estes — apontou para a etiqueta com o nome — são para vocês, não para nós. É o nome que terás de me chamar... se eu ficar. Eu disse-te que não devia estar aqui. — Ele olhou para a janela e depois para trás, como se cruzar o olhar com o meu fosse algo... doloroso.

— E onde devias estar? — Haveria mais alguém na vida dele agora? Alguém que tinha o direito de saber se ele havia chegado a casa? Alguém à espera? Uma reviravolta nauseabunda de ciúme atingiu-me profundamente, azedando-me o estômago.

— De licença, nas Maldivas. — Teve a decência de parecer um pouco culpado.

Pestanejei.

— Ias para as Maldivas? — A indignação aqueceu-me o sangue. — Engraçado, mas eu

pensava que isso era para outubro. — O nosso pacto não significaria absolutamente nada para ele? *Claro que não.* Mostrara-mo descaradamente nos últimos três anos.

— Sim. — Ele vacilou. — Mas o sargento Brown adoeceu com uma cena qualquer, por isso substituí-o.

— Deixa-me adivinhar. *Sargento Brown* também não é o verdadeiro nome dele?

— Alinha, simplesmente. — Terminou a água e voltou a enroscar a tampa. — A questão é que tu saíste daquele avião.

— E? — Encolhi os ombros e forcei um sorriso falso. — Ainda podes ir para as Maldivas. Basta atribuíres-me a outra pessoa. — A frase soou vazia e falsa, porque era. Não importava quanto irritada eu estava com o Nate, quão mal as coisas tinham corrido da última vez que estivéramos na mesma divisão; eu não conseguia suportar a ideia de ele ir embora. Não de novo. Não assim.

— Sim, está bem. — Ele soltou uma gargalha autodepreciativa e fitou-me intensamente. — Porque é muito fácil, não é?

O meu coração conheceu uma hesitação nos batimentos seguintes. O ar ficou mais denso e carregado enquanto nos encontrávamos ali, com os olhos fixos um no outro, sobre a pequena distância carregada de minas que se alongava entre nós. Um passo em falso, e ambos nos esvairíamos em sangue.

— Eu sei — admiti em voz baixa. — Não é fácil. Nunca foi.

Ele acenou com a cabeça e desviou o olhar, quebrando o feitiço.

Respirei fundo.

— Não estou a perceber. Estás prestes a passar duas semanas em algumas das zonas mais inóspitas conhecidas pelo ser humano, a saltar de província em província, tudo para fazeres o quê? Sentires-te melhor sobre a *instabilidade* deste país e rotular o processo de *apuramento de factos*?

A minha coluna contraiu-se de imediato.

— Estamos aqui para escrever as nossas observações sobre a forma como a retirada está a decorrer, e sabe-lo perfeitamente.

— E não vais para casa? — Os olhos dele encontraram-se com os meus, o pedido era evidente.

— Não. — Engoli a verdade que tinha na ponta da língua. Se ele soubesse por que motivo eu ali estava, ajudar-me-ia? Ou expulsar-me-ia mais depressa? — Vou fazer a digressão que a senadora Lauren sugeriu e depois vou encontrar-me com ela, na semana que vem, quando ela chegar. E ninguém deveria saber...

— Que estás aqui. Sim, costuma acontecer-me com frequência. — Passou a mão pelo cabelo escuro e espesso e respirou devagar.

Senti o seu suspiro em todos os ossos do meu corpo, até se tornar o meu próprio suspiro.

— Muito bem. Então é assim que vai ser. — O Nate afastou-se da porta e atirou a garrafa para o lixo com uma excelente pontaria. — Para ti, sou o sargento Green. Não o Nate. Nunca me podes chamar Nate. Nem lá fora, nem aqui dentro. Em lado nenhum. Percebeste?

— Se insistes. — Tive de inclinar a cabeça para trás para manter o contacto visual à medida que ele se aproximava. Fosse pelo facto de eu estar descalça e ele de botas ou por termos estado separados durante três anos, o tipo parecia *enorme* ao meu lado.

— Insisto. O anonimato é um requisito neste tipo de trabalho. Aqui, podes ser tão beligerante e... — tentou encontrar a palavra certa — *Izzy* como queiras, mas lá fora — apontou para a porta —, lá fora, ouve o que eu digo e faz o que eu peço quando o pedir.

— Nate... — Encolhi-me. Merda, nunca iria conseguir fazer bem aquilo.

Ele arqueou-me uma única sobrancelha.

— Logo. Que. O. Pedir.

— Sempre foste assim tão chato? — ripostei.

— Isso é muito engraçado, vindo de ti.

Revirei os olhos e cruzei os braços sobre o peito.

Ele olhou para baixo e estremeceu, desviando o foco para um ponto acima da minha cabeça ao mesmo tempo que respirava fundo de novo.

— Estarei presente em todas as tuas reuniões e durante as tuas refeições, e serei a pessoa que fica do lado de fora da porta quando fazes chichi.

— Demasiado explícito.

— Se precisares de mim, estarei do outro lado do corredor esta noite e todas as outras noites que passares no Afeganistão. Se a tua vida estiver em risco, carrega neste botão. — Enfiou-me um comando do tamanho do meu polegar na mão e deixou a fita de *nylon* preto solta. — Virei imediatamente ter contigo.

Olhei para o dispositivo e soltei uma gargalhada sarcástica.

— Então basta isto para ter o teu número de telefone? Tem uma rapariga de se arrastar para uma zona de guerra?...

— *Izzy* — sussurrou ele, recuando um passo e colocando alguns metros de distância entre nós.

— Oh, não... — Guardei no bolso o botão mágico do controlo remoto. — Se não te posso chamar Nate, também não me podes chamar *Izzy*. O que é justo é justo.

— Bem, não te vou chamar Isa, disso podes ter a certeza — respondeu ele. — Não sou o teu pai.

O meu pai. Porque ele sabia que esse era o nome preferido do meu pai para mim. Sabia todo o tipo de coisas que não devia porque era o Nate, e eu era a *Izzy*, e, por mais tramado que aquele sítio fosse, factos eram factos. História era história.

— Então «menina Astor» servirá perfeitamente.

— Tenha então uma excelente noite, *menina Astor*. — Fez-me uma continência a fingir e dirigiu-se para a porta. — Estarei aqui bem cedo para a vir buscar e conduzir ao nosso primeiro destino.

Depois de todo este tempo, era *naquele ponto* que nos encontrávamos? Não éramos propriamente estranhos ou inimigos, mas... o quê? Conhecidos?

— Vais então ficar a guardar-me? — A minha voz tremeu, e ele apercebeu-se disso,

parando a meio do passo antes de se virar para mim.

— Não te vais embora, o que significa que eu também não. Física simples... — O olhar dele estreitou-se. — Mas também não devias estar aqui, pois não? Era o Greg Newcastle quem devia estar neste quarto.

Senti o sangue esvair-se-me do rosto.

— Podes arranjar outra pessoa para me vigiar — sugeri de novo, à pressa.

Ele ignorou-me.

— Porque é que te meteste no avião? O Newcastle também ficou doente? — Engoli em seco. — Hum... Logo, ele não está doente. A decisão foi tua. — Inclinou a cabeça. — Porque acrescentaste Kunduz e Samangan ao itinerário? Não estavam na lista antes de entrarem no avião. — Ele avançou.

Merda. Merda. Merda.

— Todos os teus amiguinhos vão ficar pelo leste, e o Newcastle estava fixado em Kandahar. Qualquer coisa sobre a equipa de xadrez feminina que a senadora Lauren tem andado a tentar evacuar.

— Na verdade, esse projeto era *meu*. Eu é que tenho estado a coordenar tudo. O Newcastle só queria os louros.

Ele parou mesmo à minha frente, olhando para baixo como se fosse capaz de me trespassar com o olhar, caso tentasse o suficiente.

— E, no entanto, acrescentaste duas províncias a norte.

— Nate — sussurrei, já a quebrar as regras.

— O que é que não me estás a dizer?

— Eu... — abanei a cabeça e fechei os olhos. Podia mentir a qualquer outra pessoa, mas não a ele.

— Nem te passe pela cabeça mentir-me... — O polegar e o indicador levantaram-me suavemente o queixo. — O que é que se passa?

Abri os olhos, e o meu coração apertou-se. Sob toda aquela armadura, aquele era o Nate. O *meu* Nate. Ele iria ajudar-me, eu sabia que sim... Desde que eu não me pusesse em perigo. Era aí que ele definia o limite. E, se achasse que eu já estava em perigo só por estar ali, havia todas as hipóteses de me amarrar ao assento do próximo avião com voo de partida quando lhe contasse a verdade.

— O que há para norte, Isabeau? — O meu nome não era mais do que um sussurro.

— A Serena.

CAPÍTULO SEIS

NATHANIEL

Saint Louis

Novembro de 2011

A água estava *gelada*, arrancando-me o ar dos pulmões quando começámos a nadar freneticamente em direção à costa. Pelo menos eu pensava que a costa ficava para aquele lado. O nevoeiro não nos estava a ajudar em nada, e a corrente também não, arrastando-nos rio abaixo com o resto dos passageiros enquanto lutávamos para alcançar a margem.

As reações à nossa volta variavam entre o estoico e o completamente histérico, e fiz o que sempre resultou para mim quando as coisas corriam mal — concentrei-me num objetivo. Naquele momento, esse objetivo era manter a Isabeau viva.

— Estás bem? — perguntei à Izzy, só a perdendo de vista entre as ondas do Missouri quando o avião submergiu completamente atrás de nós, com um afluxo de ar a borbulhar à tona, vindo da fuselagem.

Meu Deus, aquilo aconteceu mesmo.

— Nunca nadei com sapatos — respondeu ela com um grunhido entre um bater de dentes e mais uma careta do que um sorriso.

— É um dia de estreias. — Nadei para mais perto dela, com o coração aos pulos enquanto nos debatíamos por cada metro contra a corrente.

Ao longe, ouvi alguém gritar por socorro, e outro passageiro respondeu. Com sorte, os salva-vidas poderiam socorrer mais gente, especialmente as que não sabiam nadar, mas eu estava grato por as pessoas à nossa volta parecerem estar a avançar.

Algun do meu pânico diminuiu quando a costa se tornou visível através do nevoeiro, uma margem cheia de árvores.

— É já ali — disse eu à Izzy, acompanhando-a, braçada após braçada.

— Graças a Deus. — O rosto dela contorceu-se, e a Izzy arquejou, mas continuou a avançar.

— O que é que se passa? — O meu peito apertou-se quando a visão do meu olho esquerdo ficou vermelha e desfocada. Passando a mão rapidamente pela testa, esta ficou cheia de sangue. *Lindo.*

— Além da cena do acidente de avião? — Obrigou-se a exibir um sorriso sarcástico e bem definido entre arrepios. — Estou bem, doem-me apenas as costelas. De certeza que não é nada. Tu é que estás a sangrar.

Mas era ela quem tinha as pupilas dilatadas. Eu já tinha levado bastantes pancadas para identificar sinais de uma concussão.

— O sangue não deve ser nada de especial. Vamos levar-te para terra. — O meu estômago revirou-se, e tive aquela sensação de afundamento que por vezes me invadia, que me dizia para prestar atenção, que havia mais qualquer coisa a acontecer à superfície de uma dada situação. Sempre tive bons instintos. Foi a única razão pela qual sobrevivi dezanove anos sob o teto do meu pai.

À nossa frente, alguns dos passageiros arrastavam outros pela margem acima até um lugar seguro. O pai e o filho iam a subir o rio, quase lá, mas não conseguia ver a mãe e o bebé.

Concentra-te apenas na Izzy.

Os meus pés encontraram apoio na margem rochosa e passei imediatamente o braço pelas costas da Izzy, puxando-a para mim até ela conseguir chegar ao fundo. Foi a misericórdia divina que nos permitiu dar com uma parte do rio com uma margem inclinada. Aliás, quase tudo o que se passou nesse dia foi um milagre.

Tendo todos os cuidados com as costelas da Izzy, puxei-nos para a margem, arrastando-nos depois pela subida de dois metros até à área arborizada. Onde raio estávamos?

— Socorro! — gritou um miúdo atrás de nós.

Olhei para trás e vi uma das mulheres a correr da margem para puxar um miúdo com um colete salva-vidas amarelo insuflável.

— Obrigada. — A Izzy lançou-me um sorriso molhado enquanto eu a sentava na base da árvore mais próxima. — Eu posso ajudar — argumentou ela, com a mão a segurar o lado esquerdo da caixa torácica.

Ajoelhei-me ao seu lado, rezando para que a tonalidade azulada dos seus lábios fosse apenas frio.

— Posso ver? — perguntei, estendendo a mão para o seu colete.

Ela anuiu, com gotas de água a escorrerem-lhe pela cara enquanto a cabeça caía para trás, contra a árvore.

Com os dedos dormentes, consegui abrir-lhe o fecho do colete e levantar-lhe a camisola de um dos lados. Praguejei logo de seguida.

— Não se vê sangue, mas é uma concussão dos diabos. Não me espantava que tivesses partido as costelas.

— Isso explicaria a dor. Acho que fiz alguma coisa ao ombro também. — Ela passou-me a mão pela testa e pelo cabelo. — Tens um corte feio mesmo abaixo da linha do cabelo.

— Não faz mal. Só vai aumentar o meu poder de atração. As miúdas gostam de cicatrizes, sabes? — Estudei as suas pupilas dilatadas, que estavam a consumir demasiado daqueles lindos olhos castanhos.

— Socorro! — gritou outra pessoa. A Izzy avançou.

— Não. Tu ficas aqui. — Lancei-lhe o meu melhor olhar de comando. — Estou a falar a sério. Ficas. Aqui. Volta já.

— Só... não morras. — Recostou-se pesadamente contra a árvore.

— Não estava a pensar em fazê-lo. — Saltei para a margem e comecei a ajudar a puxar os outros para cima, mas não fui capaz de evitar um suspiro de alívio absoluto quando a mãe e o

bebê conseguiram chegar à margem. Foram precisos dez minutos para tirar todos da água, com exceção dos salva-vidas, que tinham flutuado mais para jusante.

Quando consegui passar por entre a multidão de passageiros que cambaleava e chorava e voltar para junto da Izzy, os meus músculos tremiam de frio e dos efeitos da adrenalina.

— Vês? — Ela ergueu a mão direita e ofereceu-me um sorriso fraco e trémulo. — Ainda estou onde me deixaste.

— Ótimo. Não me sinto em condições de ir atrás de ti. — Sentei-me ao lado dela e puxei-a para debaixo do meu braço, encostando o seu flanco não ferido contra o meu próprio corpo. A visibilidade estava a melhorar, e já conseguia divisar até metade do rio. — Vamos aquecer-te.

— Sobrevivemos a um acidente de avião. — Ela inclinou-se, pousando a cabeça mesmo acima do meu coração.

O meu batimento cardíaco mudou, abrandando, estabilizando.

— Sobrevivemos a um acidente de avião... — repeti, segurando o lado do seu rosto com a minha mão e inclinando a cabeça na direção da dela. — Agora só temos de esperar pelo salvamento.

— Não podemos estar assim tão longe do aeroporto. Eles devem estar a chegar.

— Sim.

Outros passageiros sentaram-se perto de nós, todos em diferentes estados de choque, desde chorar baixinho a chorar alto, a... não chorar de todo, apenas a olhar em frente.

— Pensa só nisto. Se fosse um livro, estaríamos no meio do deserto do Alasca ou seríamos os únicos sobreviventes, forçados a partilhar uma cabana abandonada.

Uma gargalhada fez-me estremecer o peito, apesar de... bem, de tudo.

— E, como é evidente, estaria convenientemente abastecida com todos os mantimentos necessários.

Que raio se passava comigo? Tinha acabado de fazer a minha primeira viagem de avião e sobrevivera ao meu primeiro acidente de avião. No entanto, ali estava eu, a dizer piadas ao lado de uma mulher que tinha acabado de conhecer, aninhado com ela como se nos conhecêssemos há anos.

Ela bufou quando se riu, o que me fez sorrir, mas depois ficou tensa, e o meu sorriso desvaneceu-se.

— Não me sinto... não me sinto bem.

Desci a mão do seu rosto para o pescoço, para lhe sentir a pulsação, e a minha sobrancelha franziu-se. Estava demasiado acelerada. Não que eu tivesse alguma ideia do que fazer com esse conhecimento, mas achei que não podia ser bom, não com a pele pálida, a concussão e os problemas gerais de um acidente de avião.

— Aguenta mais um pouco. Eles devem estar a chegar a qualquer momento. — Ouviram-se sirenes ao longe. — Estás a ver? Aposto que são eles. Esperemos que haja uma estrada por aqui.

— Estás cansado? — perguntou ela, inclinando-se para mim. — Eu estou mesmo muito

cansada.

— Tens de ficar acordada. — O medo escorria-me pela coluna, mais frio do que a minha roupa encharcada. Que mais perguntas para quebrar o gelo haveria? Tinha de a obrigar a falar. — Se tivesses de escolher entre pipocas e *M&M's*, qual seria a tua opção?

— O quê?

— Pipocas ou *M&M's*? — repeti.

— Os dois.

Interessante.

— Se pudesses viver em qualquer estado, qual seria?

A cabeça dela balançou.

— Izzy. Que estado?

— Maine.

— Maine? — Procurei a origem das sirenes, mas não tive sorte.

— Ninguém da minha família vive lá — murmurou ela. — Não haveria expectativas.

Olhei por cima do ombro e do outro lado da árvore quando as sirenes se aproximaram.

— Encontraram-nos.

Um carro da polícia parou, e o agente saiu de rompante, a falar pelo rádio.

— Vem ajuda a caminho, pessoal! A ambulância está a quatro minutos de distância!

O pai do rapazinho correu para o polícia, com o braço do filho dobrado num ângulo pouco natural, e vários outros seguiram-lhe o exemplo.

A sensação voltou, como uma âncora no meu peito.

— Izzy, qual é o teu tipo de sangue?

— O positivo — murmurou ela. — É essa a tua noção de frase de engate? — As palavras saíram arrastadas.

— Era bom, era — sussurrei. Não que um tipo como eu tivesse alguma hipótese com uma rapariga como ela. Até quando falava pelos cotovelos tinha classe. — E quanto a alergias?

— O quê?

— És alérgica a quê?

Outro conjunto de sirenes soou como se estivessem a aproximar-se.

— Marisco. E tu?

— Não sou alérgico a nada — respondi. — É só isso? Só marisco?

— Oh, hum... penicilina. — Ela inclinou a cabeça para trás e olhou para mim com os olhos vidrados. — Também queres o meu historial médico?

— Sim. — Acenei com a cabeça, e o meu coração começou a acelerar à medida que as sirenes se aproximavam.

Ela olhou para mim como se fosse eu quem estivesse a arrastar as palavras.

— Parti o braço uma vez quando tinha sete anos. Mas foi num trampolim, e a Serena...

Os olhos dela fecharam-se.

— Izzy! — Abanei-a suavemente. — Acorda.

Os seus olhos abriram-se.

— Conta-me mais sobre a Serena. — Pus-me de pé, forçando as pernas a trabalhar, e levei Izzy ao colo quando cheguei a primeira de duas ambulâncias. — Como é que ela é?

— Perfeita — suspirou, com a cabeça encostada ao meu peito. — É bonita, inteligente e sabe sempre o que dizer.

— Deve ser de família. — Nem me preocupei com a primeira ambulância, que já estava a ser assaltada, e dirigi-me logo para a segunda.

— Nate?

— Hum? — Pus-me mesmo no meio da espécie de caminho que ali havia, obrigando a ambulância a parar.

— Não me deixes, está bem? — pediu ela, a voz quase apenas um sussurro sobre as sirenes estridentes.

— Não vou deixar. — Os paramédicos desligaram as sirenes e saíram da ambulância, e eu fixei o olhar num deles. — Têm de a ajudar!

Ela ficou inerte nos meus braços e os seus olhos fecharam-se.

— Reanimem-na! — A paramédica correu para a parte de trás da ambulância quando as portas se abriram e alguém trouxe uma maca. — Ponham-na aqui — ordenou, e eu deitei a Izzy nos lençóis brancos. — Qual é o problema? — Então a mulher precipitou-se sobre ela, empurrando-me para longe do caminho de modo a começar a observá-la.

— Disse que lhe doíam as costelas... — Passei os dedos pelo cabelo — E tem um hematoma enorme ali, e a pulsação está...

— Merda — sussurrou a paramédica, tomando-lhe o pulso enquanto outro lhe punha uma braçadeira de tensão arterial.

— ...muito acelerada — terminei. — Ela começou a balbuciar as palavras e... — Bolas, que mais é que ela tinha dito? — Dói-lhe o ombro. O ombro esquerdo.

— Está hipotensa — observou um dos paramédicos, e os dois trocaram um olhar que não podia ser considerado bom em circunstância alguma.

— Temos de ir.

— Como é que ela se chama? — perguntou-me um deles, enquanto dois prendiam a Izzy à maca e a levavam para a ambulância.

— Izzy — respondi, lutando contra a vontade de empurrar alguém para o lado para poder entrar ao lado dela. — Isabeau... — O apelido... Qual era, mesmo? Caramba, qual era o apelido dela? — Astor! Ela é alérgica à penicilina e é O positivo.

O condutor correu à minha volta para regressar ao volante.

— Só familiares — disse o paramédico lá atrás, ligando-a imediatamente a qualquer coisa. — Presumo que seja o seu... — Olhou para cima.

Não me deixes.

— Marido. — Despachei-me então, entrando na ambulância com uma só passada. — Sou o marido dela.

Rutura do baço. Foi o que me disseram, quatro horas antes.

Quatro horas muito longas, em que tudo o que fiz, depois de vestir uma bata seca e de ligar à minha mãe para lhe garantir que estava bem, foi sentar-me naquela sala de espera e alternar entre ver a cobertura mediática do acidente numa estação de televisão nacional e o ponteiro dos segundos no grande relógio por cima da porta.

Ah, e ignorar completamente a prancheta à minha frente, porque como é que eu haveria de saber qual era a seguradora dela?

Porque disseste que eras o marido dela.

A cirurgia só devia demorar cerca de noventa minutos, o que me fizera começar a mudar de posição na cadeira mais desconfortável do mundo havia cerca de duas horas.

E se eu tivesse piorado as coisas ao pegar nela? Ou quando a arrastei para fora do rio?

— Tem a certeza de que não lhe posso trazer mais nada? — perguntou uma representante da companhia aérea, com preocupação e pânico nos olhos.

Acho que estávamos todos um pouco fora do nosso ambiente. Ela tinha anotado os nossos nomes quando chegámos — havia-lhe dito o da Izzy, e desde então andava a rondar a dezena ou mais de sobreviventes que tinham sido enviados para ali.

De acordo com as notícias, havia passageiros em três dos hospitais locais.

— Estou bem — assegurei-lhe. Não havia muito mais a fazer para além dos onze pontos na minha testa.

— OK — O sorriso dela era uma tentativa de tranquilização. — Ah, e um representante do exército disse que mandariam alguém daqui para o vir buscar, mas isso foi há algumas horas.

Fiquei tenso. Tinha prometido que não a deixaria.

— É o Nathaniel Phelan, certo? O militar a caminho da formação básica?

Acenei com a cabeça, virando a carteira encharcada na mão.

— Tenho a certeza de que está toda a gente assoberbada neste momento.

Deu-me uma palmadinha estranha no ombro e passou aos passageiros seguintes, enquanto eu olhava para o relógio durante mais dez minutos.

— É ele — disse uma enfermeira, apontando para mim, e as minhas sobrancelhas ergueram-se, esperando que a mulher ao seu lado fosse uma médica, mas não era.

Esta era um pouco mais alta do que a Izzy, com cabelo castanho-claro e uns olhos castanhos preocupados. A semelhança familiar era inconfundível.

— Com que então é o *marido* da Izzy? — disse ela, avançando na minha direção como um touro a quem tivessem mostrado o pano vermelho.

Levantei-me.

— Deve ser a irmã. Serena, certo? — Ela acenou com a cabeça, afastando uma única lágrima do rosto. — Desculpe — sussurrei. — Sou apenas o tipo que estava sentado ao lado dela. Não somos casados.

— Obviamente — sussurrou ela em resposta. — Acho que saberia se a minha irmã mais nova fosse casada.

— Menti porque prometi que não a deixava, e depois posso ter... falsificado um documento a concordar com a cirurgia.

Os olhos dela arregalaram-se.

— Cirurgia? Tudo o que me disseram quando apareci no ponto de encontro foi que ela estava aqui. Demorei cerca de uma hora a perceber que se tratava do voo em que ela ia e depois andei a correr por todo o lado... — Fechou os olhos e respirou fundo, voltando a abri-los quando pareceu ter recuperado algum controlo. — Diga-me que cirurgia foi essa.

Fiz um gesto para a cadeira ao lado da minha e sentámo-nos os dois.

— Ela sofreu uma rutura do baço no acidente e partiu duas costelas, além de ter tido uma concussão. Tinha uma hemorragia interna.

Ela assentiu com a cabeça, assimilando a informação com uma calma que respeitei.

— Muito bem. E autorizou a cirurgia?

— Não sabia que mais fazer. — Entreguei-lhe a prancheta. — Espero que saiba fornecer a maior parte destas informações.

— Não se preocupe. — Olhava para os formulários como se estivessem numa língua estrangeira. — Acha que ela vai ficar bem?

— Espero que sim. Estava consciente até a entregar nas mãos dos paramédicos. — Volvei a rodar a carteira na mão e a olhar para o relógio.

— Meu Deus, ela é alérgica a...

— Penicilina — terminei por ela. — Ela contou-me. Eles sabem.

A Serena recostou-se na cadeira e olhou para a porta, aquela por onde os cirurgiões tinham entrado e saído nas últimas horas.

— Foi uma sorte ela estar sentada ao seu lado.

— Não sei se chamaria sorte a alguma coisa no dia de hoje, exceto ao facto de estarmos vivos.

— É a maior sorte que se pode ter.

A porta à esquerda abriu-se, entrando dois homens com fardas camufladas. Sobressaltei-me.

— Nathaniel Phelan? — perguntou um deles, examinando a sala.

— Sou eu. — Levantei o braço e pus-me de pé.

— Deve estar a ter um dia dos diabos. Tem autorização médica para sair? — perguntou um deles.

Acenei com a cabeça.

— Só precisei de levar pontos.

— Ótimo. Vamos tirá-lo daqui. — Fez sinal para a porta.

Peguei no saco transparente com os meus objetos pessoais e dirigi-me a eles.

— Será de alguma forma possível esperar mais um pouco? A mulher que estava sentada ao meu lado está a ser operada.

Olharam um para o outro, e soube que as coisas não iam correr bem para mim.

— Ela é sua mulher?

— Não. — Abanei a cabeça.

— Mãe? Irmã? Filha? — perguntou o outro.

— Não. Só estou preocupado com ela.

A minha compaixão fê-los franzir as sobrancelhas.

— Lamento, mas a nossa missão é tirá-lo daqui. E, se ela não for uma familiar próxima ou de sangue, temos mesmo de ir. Ordens são ordens.

O meu peito apertou-se, e acenei com a cabeça.

— Um segundo. — A Serena ainda estava a preencher formulários quando me aproximei dela. — Tenho de ir.

Ela olhou para mim, com os olhos um pouco mais claros do que os da Izzy.

— Obrigada por ter tomado conta dela.

— Diga-lhe... — abanei a cabeça. Que raio de *vida*, nem sequer lhe podia pedir que me ligasse a informar se tinha corrido bem. — Diga-lhe apenas que eu não queria ir, mas ordens são ordens.

— Eu digo. Obrigada. — Ela estendeu a mão e pegou na minha, apertando-a. — Obrigada. Nunca o direi vezes suficientes.

— Não tem nada que agradecer. — Respirando fundo, voltei para os soldados e segui-os até à saída.

A Isabeau ia ficar bem. Tinha de ficar. Recusava-me a acreditar que o destino, Deus ou a energia cósmica do Universo a fizessem passar por tudo aquilo sem que saísse viva.

Mas nunca iria saber.

— Podemos arranjar-lhe outro voo ou um autocarro, se não estiver... enfim... com vontade de voar neste momento. Ou tenho a certeza de que lhe darão uma dispensa e o deixarão adiar a instrução básica — disse um dos soldados enquanto saíamos do hospital.

— Não. — Agarrei o saco com mais força. Tudo o que possuía estava agora lá dentro, e não tinha absolutamente nada em casa à minha espera. — Não, estou pronto.

CAPÍTULO SETE

NATHANIEL

Cabul, Afeganistão

Agosto de 2021

— Muda de ideias — ordenei à Izzy quando ela abriu a porta na manhã seguinte. Está bem, talvez fosse mais um apelo do que uma ordem. Dormir não era um problema para mim há anos, mas tinha andado às voltas a noite inteira depois de ela me ter dito porque estava ali.

Procurar a irmã ia fazer que a matassem. Cada passo que a Izzy dava fora daquela embaixada era um risco calculado, e tínhamos preparado a segurança para o seu itinerário preciso, não para procurar uma agulha num palheiro. Por ali, os fotojornalistas americanos eram excelentes alvos de propaganda para o inimigo, e, com o país a desestabilizar-se, as probabilidades de encontrar a Serena durante a janela temporal da visita da Izzy eram pouco animadoras.

— Bom dia para ti também. — A Izzy franziu uma sobrancelha e abriu a porta para que eu pudesse entrar. — Dá-me cerca de três minutos e estarei pronta.

— Pronta para mudares de ideias? — Bolas, ela cheirava bem. O aroma provinha diretamente de todos os sonhos que eu tivera na última década.

— Não. — Ela abotoou o que parecia ser um *blazer* de linho e enfiou um lenço na mala juntamente com um par de auscultadores. — Pronta para entrar no helicóptero. O Mayhew está pronto?

— Já está lá em baixo. — Era muito mais fácil lidar com o assistente júnior do que com a Izzy, mas, por outro lado, eu nunca tinha estado apaixonado por ele, o que provavelmente condicionava a minha opinião.

— Vejo que estás outra vez vestido para um funeral — disse ela, olhando para o meu equipamento de combate todo preto.

— Desde que não seja o teu. Diz-me uma coisa. Qual era exatamente o teu plano ao vires aqui? — Encostei-me à sua porta.

Ela olhou para a minha *M4*.

— Tens mesmo de levar isso para todo o lado?

— Sim. — Não me dei ao trabalho de lhe falar de todas as outras armas que trazia comigo. — Qual era o teu plano, Isabeau? Simplesmente aparecer aqui e desatar a chamar pela Serena?

Um rubor subiu-lhe às faces quando ela levantou o queixo para me encarar, após pôr o seu saco ao ombro.

— Algo... do género...

Deixei a cabeça encostar-se à porta por um instante.

— Sempre soube que farias qualquer coisa por ela... vocês fariam qualquer coisa uma pela outra... mas isto é ridículo. Há quanto tempo é que ela está no país?

— Cinco meses. Foi-lhe oferecida a oportunidade de terminar a missão mais cedo, quando a capitulação abrupta de Bagram pressagiou... — disse a Izzy, procurando as palavras certas.

— ...que o espetáculo da treta estava prestes a acabar? — sugeri. — Porque é isso que está a acontecer.

— A retirada nunca iria ser bonita. — O queixo dela levantou-se uns três centímetros. — Não pensei que a Serena fosse suficientemente teimosa para ficar, especialmente depois de o pessoal da embaixada ter sido reduzido em abril. Mas ela é... — A Izzy encolheu os ombros.

— A Serena.

Assentiu com a cabeça.

— Se a conseguir encontrar, posso tentar chamá-la à razão e tirá-la daqui.

— Os outros membros da tua delegação sabem o que andas a fazer?

— Não. — Agarrou nas pegadas da mala com tal força que quase esperei que elas comessem a gritar. — E sei que também não lhes vais contar.

Afastei-me da porta e invadi o espaço dela sem mais.

— E o que te faz pensar isso?

Ela desviou o olhar, engolindo em seco antes de o arrastar de volta ao meu.

— Porque me deves uma.

— Eu. Devo-te. Uma? — As minhas sobranceiras ergueram-se. Aparentemente, ela recordava Nova Iorque de forma um pouco diferente da minha.

— Depois de me teres deixado em... — Ela fechou os olhos e expeliu o ar lentamente através de uns lábios franzidos que reclamaram cada grama da minha atenção.

O meu estômago contraiu-se, lembrando-me exatamente de como aqueles lábios eram suaves sob os meus, contra a minha pele.

— Deves-me uma — disse ela, endireitando os ombros, com os nossos olhares a colidirem. — Além disso, já andei a fazer perguntas no jornal dela e reduzi a lista a essas duas províncias, sem, enfim... anunciar que estaria aqui com uma delegação do Congresso. Ela é fotojornalista do *Times*. Não pode desaparecer assim, Nate. — Estremeceu. — Quero dizer, sargento Green.

— As pessoas aqui desaparecem a toda a hora.

— Bem, a Serena, não. — A Izzy encolheu os ombros, como se a sua declaração pudesse de alguma forma dar à irmã mais velha uma camada de proteção impossível que simplesmente não existia ali.

— E estás disposta a apostar a tua vida nisso? — Eu não estava. Por mais que gostasse da Serena e de tudo o que ela significava para a Izzy, as minhas prioridades eram claras como água.

— Não vai chegar a esse ponto. — A Izzy abanou a cabeça. — Ambos sabemos que, por mais secreta que seja esta missão de investigação, não o é. A Serena vai saber que estou cá. Ela vai encontrar-nos, vamos enfiá-la no helicóptero e eu vou levá-la para casa comigo.

A descrença misturada com uma forte dose de raiva correu-me nas veias, e dei um passo atrás.

— Estás a usar-te como *isco*?

Os olhos dela semicerraram-se.

— Por favor, não finjas que te preocupas com o meu bem-estar.

— O teu bem-estar tem sido a minha preocupação nos últimos dez anos! — respondi, arrependendo-me imediatamente do deslize. Raios, aquela mulher levava-me ao limite mais depressa do que qualquer outra pessoa no planeta.

O silêncio estendeu-se entre nós enquanto eu lutava para acalmar as ideias.

— Vamos. — Virei-me e saí da sala, segurando a porta para que ela pudesse passar primeiro.

A tensão irradiava entre nós enquanto descíamos os degraus e entrávamos no átrio.

— Isa! — A Kacey Pierce, uma das assistentes júnior da senadora Lauren, veio a correr de uma das salas de conferência envidraçadas, com um bloco de notas na mão. — Há mais alguma coisa que precisas de mim enquanto estiveres fora?

A Izzy ajeitou a mala no ombro, olhando para a lista que a Kacey lhe tinha entregado.

— Acho que, basicamente, é tudo.

Aproximei-me e inclinei-me, pondo os lábios perigosamente perto do ouvido dela.

— Pede-lhe que arranje a correspondência mais recente de todos os jornalistas americanos, com fotografias, e que as mande imprimir para quando voltarmos.

A Izzy virou a cabeça tão depressa, com o olhar fixo no meu, que mal tive um milésimo de segundo para recuar, antes que todo o átrio assistisse à troca de palavras.

— Estás a ajudar-me?

— É só uma sugestão. — Recuando declaradamente, esperei junto à porta enquanto a Izzy dava ordens à assistente júnior. Tinha de reconhecer: a liderança ficava-lhe muito bem.

Dirigimo-nos para o cortejo de veículos, onde a minha equipa já nos aguardava. Ela protestou quando lhe arranquei a mala e a lancei para o chão do veículo blindado, tirando depois um colete balístico.

— Braços estendidos.

— Isto é ridículo. — Ela estendeu os braços, e eu enfiei-lhe o colete por cima da cabeça e da prática trança francesa que havia feito nessa manhã com as madeixas loiras.

— Estares aqui, também, mas pelo menos isto impede as balas. — Passei as tiras da parte de trás do colete por baixo dos braços dela e preendi-as à frente com o máximo de profissionalismo que consegui reunir.

— É pesado.

— Levar um tiro é pior... — Enfiei a mão dentro do veículo e tirei de lá um capacete igualmente tático.

Ela olhou-me fixamente.

— A sério?

— Não são assim tão maus! — gritou o Mayhew, o outro ajudante júnior, lá de dentro.

— Não há tratamento preferencial. — Encolhi os ombros para a Izzy. — Ou o pôes ou ficas aqui. — Ela não ia levar um tiro na cabeça enquanto eu estivesse de vela.

Enfiou-o na cabeça e entrou de seguida, sentando-se ao lado do Mayhew, e eu fui para o lugar do passageiro, tal como no dia anterior, enquanto o resto da equipa se instalava.

Em poucos instantes, atravessámos os portões da embaixada, em direção ao campo ao fundo da estrada onde os helicópteros estavam estacionados. Passámos por um portão de arame farpado e entrámos no campo, onde seis *Black Hawks* se encontravam, todos em várias fases de preparação. Levá-la para um perigo iminente ia contra todos os meus instintos, mas eu sabia que ela partiria sem mim se lhe barrasse a entrada, pelo que saí do carro e abri a porta. Desta vez, conseguira pôr o cinto de segurança sozinha.

— Isto é um campo de futebol? — perguntou a Izzy ao sair do carro.

— Sim — respondi enquanto o Graham dava a volta ao carro, com o Torres não muito atrás.

— Qual é o nosso? — perguntou a Izzy.

— Vamos ficar com os dois da frente.

— Dois? — Ela lançou-me um olhar confuso.

— Sim. — Acenei com a cabeça. — Viajamos em dois diferentes, para o caso de acontecer alguma coisa, como um deles ser abatido.

Os olhos dela brilharam.

— O Black, o Rose e mais quatro vão no segundo — disse o Graham, afastando-se do caminho quando o Holt saiu do carro atrás do Mayhew.

— Está um *calor* do caraças — murmurou o Holt, girando o pescoço enquanto o Kellman revirava os olhos atrás dele.

— Por mim, tudo bem. Apanhamos o primeiro — disse eu ao Graham antes de me virar para o Kellman. — Boa sorte para hoje — sorri, enquanto o Holt limpava o suor da nuca.

— Devia dizer-te o mesmo. — Lançou um olhar pungente à Izzy, que ficou a observar os *Black Hawks* de olhos arregalados, antes de colocar os óculos de sol. — Tens aí um belo petisco.

Merda, merda, *merda*. Em que raio estaria ela a pensar?

Aproximei-me dela, com as botas cobertas de pó, e agarrei-a pelo cotovelo, inclinandome para que me pudesse ouvir sobre o ruído agudo dos motores.

— Suponho que nunca ultrapassaste o teu medo de voar?

— Estou bem. — Afastou o cotovelo de rompante. — Eu fico... bem.

— Não são aviões grandes e confortáveis onde se pode pôr os auscultadores e fingir que estamos noutro lugar — avisei, enquanto nos dirigíamos para o primeiro helicóptero.

— Eu cá me arrango — gritou ela, olhando para mim enquanto entrava na aeronave para onde eu nos tinha conduzido, passando pelo artilheiro da porta.

— Isto vai ser divertido — disse o Torres com um sorriso. Revirei os olhos e entrei.

O *Black Hawk* estava preparado para transportar tropas, e eu sentei-me diretamente contra as costas de um dos pilotos, de frente para a Izzy. A piloto contorceu-se no seu lugar, entregando-me um auricular. Acenei-lhe com a cabeça em sinal de agradecimento, coloquei-o à volta do capacete e liguei-o, mas mantive o microfone sem som.

A Izzy prendeu o cinto com uma eficiência surpreendente e tirou os auscultadores de uma mala que parecia ter custado mais do que eu ganhava num mês, olhando para eles com desânimo.

Sim, não iam funcionar com o capacete dela, e pô-la a voar sem música era... inimaginável para mim, uma tortura que não estava disposto a impor-lhe.

Deixou cair os auscultadores dentro da mala e ficou a olhar pela janela como se nada se passasse, mas as suas costas estavam direitas, os lábios apertados entre os dentes, e comprimiu os punhos sobre o assento quando arrancámos.

O olhar dela encontrou-se com o meu quando descolámos e, sem mais nem menos, já não estávamos no *Black Hawk*. Estávamos a olhar nos olhos um do outro, as nossas mãos presas enquanto o voo 826 se precipitava no Missouri.

Ela fechou os olhos e eu desapertei o cinto, ajustei a espingarda e tirei os *AirPods* de um bolso do meu colete à prova de balas. Depois, mexi-me, agachei-me à frente dela.

Um toque no joelho fez que os seus olhos se abrissem e fixassem nos meus. O meu peito apertou-se ao ver o medo naquelas profundezas castanhas. Ela pestanejou rapidamente, tentando disfarçar, mas nunca fora capaz de esconder nada de mim.

Levantei-me, coloquei-lhe os meus *AirPods* nos ouvidos e depois voltei para o meu lugar, consciente de que o seu olhar seguia todos os meus movimentos enquanto ela ajustava o encaixe.

O avião estava quase cheio, e, no entanto, mais valia sermos só nós os dois, enquanto eu pegava no meu telemóvel — desligado do serviço, mas não da música que tinha descarregado — e percorria a minha biblioteca.

Cliquei em «Northern Downpour», e os nossos olhos fixaram-se enquanto o helicóptero se elevava sobre Cabul, em direção a Jalalabad.

Os seus lábios entreabriram-se, e a forma como ela olhou para mim... Raios, podíamos perfeitamente estar em 2011, 2014 ou em qualquer outro ano em que o destino nos tivesse juntado. Era uma das suas músicas favoritas, uma das únicas coisas que tínhamos em comum. A respiração trémula que soltou, com o peito a vacilar, quase me denunciou.

Estar ali sentado, vê-la e não lhe tocar, não exigir saber de quem era o anel que tinha no dedo, era um inferno que eu não tinha a certeza se conseguiria viver, e, no entanto, aguentá-lo sem vacilar, se isso significasse que a veria uma última vez.

Afinal de contas, ela era... a Isabeau.

Ela acompanhou a letra da música com os lábios, depois desviou o olhar para os joelhos.

Inclinei-me para a frente e entreguei-lhe o meu telemóvel para que pudesse escolher o que quisesse ouvir, depois recostei-me e tirei o exemplar de *A Cor Púrpura* que tinha

guardado no bolso das calças nas últimas semanas, começando a ler.

*

A embaixada estava cheia de tensão e ligeiramente caótica quando regressámos, nessa noite.

A reunião da Izzy com a direção em Jalalabad tinha sido apenas de uma hora, talvez menos, mas o que ela ouvira não aliviara a sua tensão nem a minha. Havia uma atmosfera de desespero, mas também de determinação, e eu esperava que a segunda vencesse a primeira.

As notícias que recebemos quando regressámos ao helicóptero, algumas horas antes, confirmaram apenas o que todos sabiam — o país estava a desestabilizar-se. Zaranj, a sul da província de Nimruz, tinha caído nesse dia nas mãos dos talibãs.

Expectável, mas... dececionante.

— E estes são os últimos artigos de jornalistas americanos no país — disse a Kacey depois de pôr a Izzy ao corrente do dia, entregando-lhe uma pasta com documentação enquanto subíamos as escadas para o quarto dela.

— Perfeito. Obrigada. Vou tomar um duche para me livrar do pó e depois desço para jantar — disse a Izzy, deixando a Kacey à porta do quarto antes de a fechar.

Acenei à Kacey e voltei costas à porta da Izzy, como se estivesse de guarda.

Passados trinta segundos, experimentei a maçaneta, e esta abriu-se.

— Bolas, Izzy, não podes trancá-la? — gritei, fechando-a atrás de mim e puxando o ferrolho de forma abrupta.

— Eu sabia que me ias seguir — disse ela do quarto, descalçando os sapatos à entrada. — A pasta está em cima da mesa.

Peguei nela e folheei os últimos artigos.

— Eles nem sequer deviam estar aqui — murmurei, procurando o nome da Serena nos cabeçalhos. — Há meses que os americanos têm recebido avisos para se irem embora.

— Sabes como é a Serena — disse a Izzy, despiando o *blazer* e atirando-o para cima da cama. Não a podia censurar por o querer despir. Estivera muito calor lá fora. Ela aproximou-se de mim, apenas com as calças e a blusa de renda.

Não, não estava a olhar para a forma como os seus seios se erguiam contra o tecido.

Esse caminho conduzia com toda a certeza à insanidade.

— Eu conheço a Serena. — Abanei a cabeça quando cheguei ao último dos artigos. — Ela não deu notícias nem hoje nem ontem, e a referência da semana passada não dava uma localização precisa. Vamos ter de verificar todos os dias até darmos com o nome dela.

Os olhos da Izzy arregalaram-se, e os cantos da boca inclinaram-se num sorriso que me fez acelerar a pulsação.

— Parece que vais mesmo ajudar-me, não é, Nate?

Meu Deus, aquele sorriso, aqueles olhos...

— Sim. Quero-te fora daqui o mais depressa possível — disse eu, apontando para o anel

dela. — E aposto que ele também.

A sua inspiração brusca disse-me que eu ultrapassara os limites, mas não me importei. Era exatamente isso que éramos juntos: uma linha gigante, transposta, e nenhum de nós pertencia ao outro lado dela.

Deixei a pasta em cima da mesa e fui-me embora dali.

CAPÍTULO OITO

IZZY

Saint Louis

Novembro de 2011

— Ora bem, consegui arranjar um *Twix*, um *Butterfinger* e um saco de *SunChips* muito básico — disse a Serena enquanto entrava no meu quarto escuro do hospital, carregando o seu saque. — A máquina de venda automática lá de fora é muito fraquinha. — Olhou duas vezes para a televisão e tirou o comando da minha cama. — Ver isso não vai ajudar.

Tentei agarrar o comando e estremei quando ela dançou para fora do meu alcance.

— Raios. — Caindo de costas contra a cama, respirei através da dor que engolfou todo o meu lado esquerdo.

— Oh, desculpa, Iz. — A Serena fez uma careta e devolveu-me o comando, depois sentou-se no cadeirão ao lado da minha cama que ocupava desde que acordara, nessa manhã, apesar de me ter dito que estava ali sentada desde a noite anterior. Duas costelas partidas e uma rutura do baço tinham feito estragos no meu sangue, mas algumas transfusões depois... Enfim, pelo menos não estava morta.

Graças a ele.

Nenhum de nós tinha morrido no acidente, o que era um milagre, tendo em conta as imagens.

— Só espero que ver estas imagens me ajude a limpar a memória — disse-lhe, ajeitando-me para me sentar um pouco mais direita e arrependendo-me imediatamente da decisão. — Meu Deus, como dói.

— Então carrega no botãozinho. — Ela inclinou-se e colocou a bomba de analgésicos na minha mão. — Fizeste uma cirurgia ontem... e, é verdade, tiveste um *acidente de avião*. Sê um bocadinho mais branda contigo própria e carrega no raio do botão.

— Isso não vai ajudar. Só me vai toldar mais a cabeça e deixar-me a dormir. — Vi mais uma vez o filme amador do acidente, captado por um pescador que tinha estado no Missouri. Era... horripilante.

Tínhamos aparecido do nada, como um míssil a rugir através da névoa, evitando de raspão o barco daquele homem e colidindo com a água.

— De certeza que te queres lembrar de tudo? — perguntou a Serena suavemente, oferecendo-me o *Twix*, o meu preferido.

Rasguei a embalagem e afundei os dentes na delícia do caramelo doce, pensando enquanto mastigava e engolia.

— As lacunas são principalmente de coisas que aconteceram depois de sair do rio.

Lembro-me da descolagem, do momento em que percebi que nos íamos despenhar e até do frenesim para sair do avião. A água estava tão fria... — Abanei a cabeça. — Só não me consigo lembrar do nome dele.

Tudo o resto estava lá — a preocupação nos seus olhos, a sensação das suas mãos a puxarem-me para a margem. Ele mantivera-me a respirar e a rir e depois levava-me para a ambulância, de acordo com o que as enfermeiras me disseram.

Eu ter-me-ia esvaído em sangue debaixo daquela árvore se ele não o tivesse feito.

— Lamento — disse a Serena, suspirando ao comer as batatas fritas. — Adorava lembrar-me, mas estava tão em pânico que não prestei atenção. — O seu olhar desviou-se para mim enquanto eu assistia à cobertura do nosso salvamento, embora eu já estivesse muito longe dali quando as equipas apareceram no local para fazer a reportagem. — Mas posso dizer que ele era uma brasa.

— Lembro-me do aspeto dele. — Revirei os olhos. E do que estava a ler, e que tinha crescido numa quinta e se tinha alistado no exército para ganhar dinheiro para a faculdade. Só o nome é que me escapava, e quase tudo depois de me sentar contra a árvore.

— E ele preocupou-se o suficiente para dizer a toda a gente que era teu marido. Assinou a autorização para a cirurgia e tudo... — Um sorriso provocador apareceu nos cantos da boca dela. — Milagrosamente, também sabia o teu tipo de sangue e as tuas alergias, o que significa que devias estar suficientemente consciente para lho dizer. Mas agora a sério... — Ela olhou-me fixamente. — O médico disse que não devias ver televisão com uma concussão.

O meu suspiro ergueu-se do fundo dos dedos dos pés tapados pelo cobertor, mas carreguei no botão de desligar assim que a enfermeira entrou para me fazer mais uma ronda pelos sinais vitais. Felizmente, manteve o quarto em lusco-fusco, uma vez que a minha cabeça parecia ter cerca de um milhão de quilos de TNT a pulsar.

— Há mais alguma coisa que possa fazer por si? — perguntou ela, anotando os números na prancheta que estava pendurada aos pés da minha cama.

A ficha.

— Não, estou bem, mas obrigada. — Ofereci-lhe um sorriso, e ela saiu do quarto antes de fechar a porta atrás de si. — Serena, pega na ficha.

Apareceram duas rugas entre as sobrancelhas da minha irmã.

— O quê?

— A ficha. — Acenei com a mão para o fundo da cama. — Se ele assinou a autorização para a cirurgia, deve estar aí.

— Boa ideia! — Levantou-se da cadeira, abandonando os *snacks* na mesinha de cabeceira. — Até parece que és tu quem estás a estudar Jornalismo.

A estudar. Oh, merda, ia ter de voltar para Syracuse, mas a ideia de apanhar um avião era... nem pensar nisso era bom. Teria de estar não só sedada, mas completamente inconsciente, com uma escolta, e mesmo assim não tinha a certeza se conseguiria percorrer a manga de embarque.

— Como é que eu vou voltar para as aulas? — A pergunta retórica foi enunciada num

sussurro.

A Serena baixou a grade lateral da minha cama e sentou-se na beira, pressionando o colchão enquanto me entregava a ficha.

— Havemos de resolver isso. Lá porque te vão dar alta amanhã não quer dizer que tenhas de voltar já para Nova Iorque, Iz. Não há pressa. Tenho a certeza de que a mãe e o pai compreenderão se decidires tirar algum tempo. E, se quiseses voltar, eu falto a algumas aulas e vamos de carro. — Encolheu os ombros. — Não há problema. Ou tenho a certeza de que a mãe e o pai estarão aqui dentro de alguns dias e poderão levar-te para casa, para o Colorado, se for esse o teu desejo.

— Obrigada. — Peguei na ficha e pousei-a no meu colo. — Não sei como me obrigar a entrar num avião.

E *ele*? Quando se foi embora com os soldados, tê-lo-ão posto imediatamente no voo para Fort Benning? Claro que eu estava com medo de voar, mas pelo menos aquela não fora a minha única experiência no ar.

— Na altura certa, logo resolvemos — disse ela quando o telefone ao lado da minha cama tocou, assustando-nos às duas.

Inclinei-me, mas não consegui alcançá-lo, e os pontos no meu flanco protestaram da forma mais ruidosa possível. Ou talvez fossem as costelas partidas, ou o baço. Quem sabe? Todo o meu corpo estava muito zangado comigo.

A Serena correu para a mesa de cabeceira e atendeu o telefone, afastando o seu longo cabelo do caminho. Mesmo depois de vinte e quatro horas no hospital, ainda conseguia parecer... perfeita. Se eu não a adorasse tanto, tê-la-ia odiado de pura inveja.

— Estou? — disse ela ao atender, e uma voz abafada respondeu. As suas sobrancelhas ergueram-se. — Oh, graças a Deus. Enviei uma mensagem através das companhias de navegação do cruzeiro, mas não sabia quanto tempo demoraria a chegar. Quando voltam para casa? — *A mãe e o pai*, disse ela sem pronunciar as palavras, ouvindo o que quer que eles estivessem a dizer. — Ela está bem. Vão dar-lhe alta amanhã. Rutura do baço resolvida, concussão, costelas partidas, hematomas e nódos negros, mas o pior já passou. Ela está aqui, se quiserem... — O sobrolho dela franziu-se.

Estendi a minha mão vazia.

— Está a falar a sério? — O rosto dela ficou tenso. — Bem, pode dizer-lhe isso pessoalmente. — Fechou os olhos e engoliu em seco, passando-me depois o telefone.

O medo revolveu-me o estômago já nauseado.

— Estou?

— Isa! — respondeu o pai. — Oh, querida. Lamento imenso que tenhas passado por isto.

Os meus olhos ardiam, mas contive as lágrimas. Acontecera o mesmo quando encontrara a Serena ao lado da minha cama. Era como se as minhas emoções fossem simplesmente demasiado grandes para o meu corpo.

— Estou bem — obriguei-me a dizer.

— É o que a Serena diz — acrescentou a mãe, e imaginei-os a partilhar o telefone,

inclinados para ele para que ambos pudessem fazer parte da conversa. — Estou tão contente por ela estar aí para tomar conta de ti nos próximos dias.

— Quando é que vocês voltam? — Segurei o telefone entre a mão direita e a orelha e comecei a folhear a minha ficha.

— Bem... — A mãe suspirou. — Querida, sabes quanto tempo esperámos para fazer esta viagem, por isso, se não corres perigo de vida, não há motivo para voltarmos, pois não?

Pestanejei, com as mãos a ficarem completamente imóveis.

A Serena ocupou o seu lugar ao lado da minha cama, observando-me com um olhar de avaliação que eu não conseguia obrigar-me a enfrentar.

— Quero dizer, vemo-nos no Natal. Só faltam quatro semanas, e tenho a certeza de que não queres faltar a nenhuma aula, que é tudo o que a nossa vinda para casa iria causar, na verdade — continuou a mãe.

— Não vão voltar para casa? — Tinha de o dizer, tinha de me certificar de que era mesmo aquilo que os tinha ouvido dizer. Os meus pais eram mestres nas palavras e em todas as formas como estas podiam ser interpretadas.

A Serena pegou na minha mão e apertou-a.

— Se te vão dar alta amanhã, é porque deves estar a recuperar — disse o meu pai, assumindo o tom de voz prático que usava no escritório. — E sei que passaste por um choque, Isa, mas isto vai ser uma oportunidade de superares o desafio e mostrares o que vales.

Uma *oportunidade*?

— Não foi um *choquezinho* — argumentei, enquanto o meu coração se fechava sobre si próprio. — Foi um acidente de avião. O meu avião *despenhou-se*. Tive de trepar para a asa pela saída de emergência e de nadar até à margem enquanto sangrava internamente. — E, mesmo assim, eles não iam voltar para casa.

— E estamos muito orgulhosos de ti! — A mãe falava como se eu tivesse acabado de ganhar um troféu. — Parece que todos aqueles anos na equipa de natação valeram a pena.

Não que eles tivessem ido a uma única competição.

— Sabemos que estiveste num acidente de avião, Isa — interveio o pai. — É por isso que tens total acesso ao meu cartão de crédito para reservar outro voo de volta a Syracuse, claro. Não te preocupes com nada, nós tratamos disso.

Não te preocupes com nada, exceto com o facto de não estarem aqui. Entendido.

— Não sei o que dizer.

— Não sintas que tens de nos agradecer. Claro que cobrimos as tuas despesas de viagem. — O pai riu-se. — E mal podemos esperar para ver a lista com as tuas notas quando voltarmos aos Estados Unidos.

Só podem estar a brincar comigo.

— Claro que voltamos para casa se precisares mesmo de nós, Isabeau — disse a mãe, suavizando o tom. — Tenho a certeza de que nos podem reembolsar o resto da viagem, e claro que há sempre o próximo ano, se a quisermos terminar, não é?

— Não a trates como um bebé, Rose. A Serena já nos disse que ela vai ter alta, o que

significa que está bem. Ela é uma Astor. Não és, Isa? — perguntou o pai. — Os Astors fazem o que tem de ser feito.

Eles esperavam mesmo que eu passasse por aquilo como por tudo o resto — com distinção. Que raio haveria eu de fazer? Pedir-lhes que voltassem das únicas férias que o pai tinha tirado nos últimos dez anos em que não havia estado em contacto permanente com o escritório?

Ergui o olhar para o cruzar com o da Serena e dei com ela a observar-me com compaixão e um sorriso de apoio.

— Vamos tratar disto juntas — sussurrou. — Como fazemos sempre.

Acenei com a cabeça e pigarreei, afastando o nó que ameaçava fechá-la.

— Eu estou bem. A Serena vai levar-me de volta para a faculdade.

— Claro que sim — disse o pai, com o orgulho a preencher-lhe a voz. — E vemo-nos no Natal. Bem sei que isto tem sido horrível, mas ainda bem que pudemos falar contigo. Nós adoramos-te.

— Adoramos-te, sim! — declarou a mãe. — E vamos comprar-te algo especial no próximo porto.

Parece que a vossa linguagem amorosa se baseia em prendas...

— Excelente. Também vos adoro.

Eu e a Serena despedimo-nos, e ela desligou o telefone.

— Lamento imenso, Iz. Pensei mesmo que... — Suspirou, sentando-se no cadeirão.

— Não, não pensaste. — A minha voz suavizou-se. — Não vamos mentir uma à outra.

— As prioridades na vida da mãe e do pai eram a empresa do pai e eles próprios. Eu e a Serena sempre tínhamos sido meros ornamentos, polidos e exibidos para dar estatuto. Ainda assim, os meus pulmões doeram-me na respiração seguinte.

— Tens-me a mim — disse ela, inclinando-se na minha direção. — Sempre tiveste.

— Eu sei. — Apertei-lhe a mão por um momento e depois respirei fundo. Chorar por causa disto não ia ajudar, por isso concentrei-me na ficha que tinha no colo, folheando as páginas até encontrar os primeiros documentos. — Aqui está!

A Serena levantou-se e inclinou-se sobre a cama.

— Tens a certeza de que o tipo não era médico? Porque a letra dele é uma treta.

— Nathaniel — sussurrei, os dedos a contornar a assinatura, mas não consegui ler o resto.

— Como é que conseguiste decifrar Nathaniel dessa garatuja? — A Serena abanou a cabeça. — Só consigo ver um *N* e... seja lá o que isso for.

— Nate. — Os meus lábios curvaram-se num sorriso largo, o primeiro desde que acordara. — Os amigos dele chamam-lhe Nate. — Era tudo de que me lembrava, e provavelmente tudo o que alguma vez saberia, mas pelo menos tinha um nome a atribuir ao rosto do homem que me salvara a vida.

Dois meses depois, ajeitei a mala ao ombro e sacudi a neve das botas no tapete de entrada do meu dormitório. No Colorado nevava, por isso não era como se aquela coisa branca me fosse estranha, mas em Syracuse *nevava*, especialmente em janeiro.

A neve dava-me pela cintura.

Dirigi-me à sala do correio e marquei o código da minha caixa postal enquanto os estudantes conversavam à minha volta. As minhas sobrancelhas ergueram-se ao ver o aviso laranja, que significava que tinha uma encomenda para ser levantada.

A mãe e o pai não eram propriamente do tipo de enviar encomendas, e tinha-os visto na semana passada antes de voltar para Nova Iorque depois das férias, por isso não havia qualquer hipótese de ser deles. Da Serena, talvez?

Fechei a caixa de correio, descartei uma das ofertas semanais de cartões de crédito e dirigi-me para a fila junto da janela para ir buscar o que me fora enviado. Só havia duas pessoas à minha frente.

— Olá, Izzy! — gritou do átrio a Margo, a minha companheira de quarto, falando num forte sotaque sulista, caminhando na minha direção e deixando marcas de botas molhadas no chão lamacento.

— Olá — respondi. — Como foi Psicologia?

— Normal. — Encolheu os ombros quando avançámos na fila e sacudi a neve do seu cabelo preto como a meia-noite. — Estamos a estudar a perturbação de stresse pós-traumático. — Dirigi-me um olhar significativo. — Já voltaste a pensar em... discutir o teu problema com um psicólogo?

Simpático e subtil.

— Eu não tenho stresse pós-traumático. Tenho medo de aviões. — Foi por isso que eu e a Serena viemos do Colorado num carro alugado depois das férias, apesar de o meu pai me ter dito que eu não podia permitir que o medo de voar me impedisse de viajar.

— Resultante da experiência traumática de um maldito acidente de avião — disse ela, em tom de preleção, e a fila voltou a andar.

— Eu já tinha medo de voar antes do acidente.

— Talão? — perguntou o funcionário, e entreguei-lho. Desapareceu na sala de correio.

— Só estou a dizer que me ajudou muito depois de ter perdido o meu irmão — afirmou ela suavemente, e não consegui evitar olhar para si.

A ideia de perder a Serena era incompreensível.

— Por isso, talvez falar também te ajude — sugeri eu. — Eu vivo contigo. Sei que não andas a dormir como antes do acidente. Não faz mal nenhum, e, pelo que tenho estudado, quanto mais cedo falares com um profissional, melhor.

Talvez ela tivesse razão. Um terapeuta poderia dizer-me que eu estava perfeitamente bem e talvez sugerir algumas formas alternativas de transporte.

— Vou ver isso.

— Ótimo! — Ela abraçou-me de lado.

— Astor? — disse o empregado, empurrando uma caixa por cima do balcão. A caixa

castanha tinha trinta centímetros de largura, cerca de vinte e cinco de comprimento e talvez quinze de altura, se me fosse dado a adivinhar.

— Sou eu. — Peguei na prancheta que ele me entregou e assinei o meu nome na linha reservada ao destinatário.

— De quem é? — perguntou a Margo.

— Não tenho a certeza. — Era surpreendentemente leve quando a levantei no balcão e li a etiqueta de endereço impressa. — Transcontinental Airlines. — O meu peito apertou-se.

— Será um cheque gigante para te indemnizar pela tua dor e sofrimento?

— Não faço ideia. — O que é que a companhia aérea poderia ter para me enviar? Uma almofada para eu dormir melhor? Mil vales de viagem que eu nunca usaria?

Apanhámos o elevador para o terceiro andar, e a Margo usou a sua chave para abrir a porta, uma vez que eu tinha as mãos ocupadas. A nossa mobília era simples — camas, secretárias e minicómodas a condizer —, mas a decoração era toda da Margo. Tudo era cor-de-rosa e verde-lima, como se o quarto inteiro tivesse acabado de sair de um anúncio da Lilly Pulitzer.

Pousei a caixa em cima da minha secretária e abri-a de seguida, retirando a carta que se encontrava sobre um saco de plástico azul-escuro.

Menina Astor,

Concluída a investigação inicial sobre o infeliz incidente do voo 826, estamos a devolver os pertences pessoais encontrados no espaço de armazenamento associado ao seu lugar. Embora muitos dos artigos em papel estivessem molhados e não tenha sido possível recuperá-los devido à submersão do avião, quisemos devolver o que pudemos.

Pedimos desculpa pelo incómodo resultante do tempo passado sem os seus pertences, Transcontinental Air

Soltei uma gargalhada e li a última linha em voz alta para a Margo.

— Pedem desculpa pelo incómodo causado pela perda da minha bagagem.

— E a perda do teu baço? — Espreitou por cima do meu ombro.

— Ei, talvez seja a minha mala! — Levantei o saco com cuidado. Provavelmente estava estragada, depois de ter passado semanas no rio Missouri, mas eu também estava um bocadinho estragada, por isso éramos compatíveis. Os meus polegares puxaram o fecho de plástico e o saco abriu-se, revelando uma mochila militar verde-azeitona.

O meu coração parou, e tive de respirar fundo para o fazer recomeçar.

— Não parece a tua mala — disse a Margo, com uma gargalhada na voz.

— Não é minha. — Pousei a mochila na parte vazia da secretária. — É dele...

As suas sobrancelhas ergueram-se no instante em que se colocou ao meu lado.

— *Dele...* O tipo de sonho que te salvou a vida como uma espécie de príncipe encantado saído de *Marés Vivas*?

Obviamente, eu tinha passado muito tempo a falar do Nate e demasiado a pensar nele: a

pensar em como é que ele estaria, a desejar ter alguma forma de o contactar. Ele merecia muito mais do que os meus agradecimentos, e, além disso, dissera que lhe enviaria livros se ele pudesse tê-los na formação básica.

Se é que ainda estava na formação básica. Eu não sabia o suficiente sobre o exército para adivinhar sequer quanto tempo essas coisas demoravam.

— Sim. — A mochila tinha sido obviamente lavada e parecia exatamente igual àquela que o Nate quase tirara debaixo do assento da frente para trocar de lugar comigo. — Ele estava sentado no meu lugar.

— Abre-a — disse ela, e aproximou-se.

Abri o fecho do saco e encontrei uma camisola com capuz usada e macia dos Saint Louis Blues e um *iPod* que fora protegido por um saco com fecho. O *iPod* ligou-se quando carreguei no botão através do saco de plástico, com uma música dos Panic! at the Disco a passar no ecrã.

— Acho que tudo o resto deve ter ficado estragado.

— Lamento que não seja a tua mala — disse a Margo, voltando-se para o seu lado do quarto.

— Eu, não — sussurrei. Como era possível sentir-me tão ligada a alguém que só conhecera durante algumas horas? Nem sequer fora pelo facto de ele me ter retirado do rio ou de me ter conduzido a uma ambulância. Ele segurara-me a mão durante toda a descida e nunca desviara o olhar.

Voltei a enfiar a camisola na mochila e depois inspirei bruscamente. Ali, na etiqueta, mesmo por baixo da pega, no interior da mochila, a marcador permanente, estava escrito «N. Phelan».

O meu sorriso alongou-me as faces. Agora sabia o nome dele. Onde quer que ele estivesse ou o que quer que estivesse a fazer, sabia o seu *nome*. Podia encontrá-lo, nem que fosse para lhe devolver a mochila.

Nathaniel Phelan.

CAPÍTULO NOVE

IZZY

Cabul, Afeganistão

Agosto de 2021

— Sargento Green — disse eu no dia seguinte. A minha pilha de pastas equilibrava-se precariamente entre as minhas mãos, com o telemóvel em cima, enquanto me dirigia para o local onde o Nate montava guarda, à porta da sala de conferências que a nossa equipa havia tomado como espaço de trabalho na embaixada. Acho que era apropriado tratá-lo por um nome completamente diferente, tendo em conta que parecia uma pessoa totalmente diferente.

Eu, no entanto, no dia anterior ele colocara-me aqueles auriculares nos ouvidos e pusera a tocar «Northern Downpour» para me distrair quando o helicóptero descolava. Que raio deveria eu fazer com aquilo? Era um vislumbre de quem tínhamos sido, naquela paisagem poeirenta e sombria em que nos transformáramos.

— Menina Astor — disse o Nate acenando com a cabeça, mas mantendo os olhos fixos num ponto em frente.

— Isa! — O Ben Holt passou a voar pelo átrio, atrás de mim, esquivando-se da multidão de americanos que procurava ajuda, e como que esperava que ele fizesse uma derrapagem digna de desenho animado, mas ele conseguiu parar antes de embater em mim.

— Há algum incêndio? — perguntei, ajeitando as pastas.

— Apresentaste o teu relatório à senadora Lauren quando voltaste, ontem à noite? — A preocupação franziu-lhe o espaço entre as sobrancelhas, e eu suspirei, já a ver para onde aquilo se estava a encaminhar.

— Sim. Enviei a minha impressão inicial da viagem de ontem quando voltámos. — Já era tarde, e eu estava mais do que emocionalmente exausta depois de contrair todos os músculos do corpo durante os dois voos, mas trabalho era trabalho. — A Kacey ainda está lá dentro a redigir a versão apuradinha. — Apontei com a cabeça para a sala de conferências.

— Merda — murmurou ele, deixando a cabeça cair para trás por um segundo. — Tens de ter sempre tudo tão adiantado? — Havia um brilho provocador nos seus olhos castanhos. — Ajudava o resto dos mortais não teres, de vez em quando.

— Não é «adiantado» — recordei-lhe enquanto o meu telemóvel tocava com uma chamada. — Apenas a tempo e horas. Se não entregar as minhas observações, os assistentes juniores não podem começar as deles. — O meu telemóvel deslocava-se pela pasta de cima a cada toque.

O nome e a fotografia de contacto do Jeremy apareceram no ecrã.

Raios. Era a terceira chamada dele nesse dia.

— Deixa-me ajudar — disse o Ben, pegando no telemóvel com meio segundo de atraso. O telemóvel caiu da pilha de pastas e embateu no chão brilhante, saltando com o impacto.

Naturalmente, se o Ben era demasiado lento, o Nate tinha os reflexos de um gato assustado, e apanhou o aparelho antes que pudesse ressaltar.

Eu estava bem ciente da presença do corpo do Nate junto do meu, e se não estivesse a olhar para o seu rosto, atenta a qualquer possível reação, não teria visto a forma como a sua testa se franziu por um segundo quando divisou o ecrã.

— Recusa a chamada — disse eu baixinho, com o coração aos saltos só de pensar que ele poderia atendê-la.

Não estava pronta para a conversa que o Jeremy desejava, ou para a conversa muito diferente de que eu precisava, e não estava seguramente pronta para ver o Nate falar com ele. Não. Não ia acontecer, de modo nenhum.

O Nate podia não conhecer o Jeremy, mas o Jeremy sabia de certeza quem era o Nate. No entanto, não podia censurar o Jeremy por o odiar. Eu também não iria querer lutar com um fantasma pela atenção do meu noivo.

Só que o Nate já não era um fantasma. Era de carne e osso, ali ao meu lado, a cheirar à pastilha elástica de hortelã que adorava.

O que significava que eu sabia exatamente qual era o sabor dele naquele instante.

— Tens a certeza? — Os olhos azuis-gelo do Nate ergueram-se para encontrar os meus, com o dedo a pairar sobre o botão de recusar a chamada.

— Absoluta. — Acenei com a cabeça, nunca tão certa de nada na vida.

— Meu, és mesmo rápido — observou o Ben, inclinando-se à volta da minha pilha de pastas para olhar para o telemóvel. — Com que então, o Jeremy?

O Nate olhou para o telemóvel durante mais um segundo, e eu sabia que ele estava a memorizar todos os pormenores sobre o Jeremy daquela sua forma especial, a guardar a informação para mais tarde. Premiu então o botão de recusar e, em vez de voltar a deixar o telemóvel em cima da pilha de pastas que eu levava nos braços, enfiou-o no bolso lateral das minhas calças pretas.

Não me tocou com as mãos, mas, caramba, foi como se o tivesse feito.

— Afinal, como está a correr? — perguntou o Ben como se o Nate nem estivesse presente.

— É... — Engoli em seco intensamente, e não pude evitar olhar para o Nate, mas ele já se tinha afastado, assumindo a sua interminável posição à porta. As pastas ficavam mais pesadas a cada segundo que ali nos demorávamos. — É o que é.

— Sabes, ouvi rumores... — O Ben esfregou a parte de trás do pescoço, lançando-me aquele olhar de pena a que me habituara nas últimas seis semanas. — Mas não disseste nada, por isso não quis insistir...

— O que te agradeço — disse eu, interrompendo-o. — Prefiro concentrar-me no trabalho que temos aqui e deixar Washington em Washington. — O que eu tinha de decidir

— Não era do conhecimento público, especialmente no aquário que era a política de Washington.

— Compreensível. — A voz dele suavizou-se. — No entanto, no caso de precisares de alguém com quem falar — tocou no meu ombro —, estou aqui. — Com um aceno de cabeça expressivo, passou por mim e entrou na sala de conferências.

— Dá-me isso. — O Nate aproximou-se e tirou-me as pastas dos braços sem esperar que eu respondesse, e quase suspirei de alívio físico. — O que quer que ele esteja a pedir para partilhares, não o faças.

— A sério? — perguntei, virando-me para ele.

— Ele está... — A testa do Nate enrugou-se, o que significava que estava à procura das palavras certas. — Está demasiado ansioso por obter a informação. É só um pressentimento.

— Sim. — Lutei contra o meu sorriso, porque ele tinha razão. — Convidou-me para sair na nossa primeira semana no Capitólio, e não sei se chegou a aceitar a minha recusa.

O Nate franziu o sobrolho quando olhou através do vidro para a sala de conferências.

— Os tipos que esperam que uma mulher chegue ao seu ponto mais baixo para poderem avançar são uns merdas.

— Certo. — Pressionei os lábios entre os dentes para não sorrir.

— O que foi?

— Sempre tiveste a capacidade de julgar o carácter de alguém em poucos minutos depois de conheceres essa pessoa, e nunca te vi enganares-te. — Encolhi os ombros, desviando rapidamente o olhar. — Sabes que não precisamos de um guarda à porta, certo? Estamos na embaixada.

— E já te disse que, nas duas próximas semanas, não vou estar a mais de uma divisão de ti. Pelo menos até estares segura e confortável num avião a caminho dos Estados Unidos. — O olhar dele percorreu rapidamente os ficheiros.

— Mas vais ficar aqui, não vais? — sussurrei, com o estômago a revirar-se. Pôr-me num avião só garantiria a minha segurança, não a dele. Nunca a dele.

— Estes nomes não estão no nosso itinerário — disse, arqueando uma sobrancelha.

— São todos pedidos de VEI — disse eu. — Vistos Especiais de Imigrante.

— Para pessoas que trabalham para nós — notou. — Eu sei o que são VEI. O que estás a fazer com uma pilha deles?

— Já me tinham explicado como processá-los, e pensei que poderíamos ajudar entre as reuniões. — Olhando por cima do ombro, reparei que o átrio estava cheio de gente. — Entrei na sala de espera e todas as cadeiras estavam ocupadas. Estão sobrecarregados.

— Estão mesmo — concordou ele. — É bom ver que algumas coisas não mudaram — disse, virando-se para entrar na sala de conferências. — Continuas a tentar salvar toda a gente menos a ti própria.

A água gelada encharcou-me os pés e o pânico tomou-me conta dos músculos, tornando os meus dedos dormentes inúteis enquanto me debatia com o cinto de segurança. Estávamos a afundar-nos, e não havia nada que eu pudesse fazer a não ser ficar ali sentada e afogar-me. Os gritos em volta enchiam-me os ouvidos ao puxar o cinto com cada vez mais força. A água subiu-me até aos joelhos e tentei gritar por ajuda, mas a garganta não respondia.

O silêncio repentino fez-me olhar para os outros passageiros, mas tinham desaparecido, todos retirados pela saída de emergência do outro lado do corredor.

Estava sozinha.

Todos me tinham abandonado.

Forcei um grito, o som foi distorcido quando a água me subiu pelas coxas e a iluminação no pavimento da cabina falhou. Não havia ar suficiente nem tempo suficiente. Ia morrer ali. A fuselagem afundava-se cada vez mais depressa, a água subia-me até ao peito, mas a porcaria do cinto estava encravado.

Olhando para a esquerda, vi a saída de emergência aberta, mas não conseguia lá chegar.

Isto não está certo.

Ele não me iria deixar. Ele nunca me deixou. Só quando eu...

— Izzy! — O Nate saltou pela porta, chapinhando na água gelada, e depois soltou-me o cinto com um movimento da mão, mas parecia diferente. Mais largo. Mais velho. Mais duro. A identificação no seu colete balístico dizia *Green*.

Era um sonho.

Com um suspiro, levantei-me da cama, com a camisola encharcada em suor e o coração a bater fortemente, enquanto lutava para respirar. As costelas apertavam-se como um tornio, mas eu forçava o ar a entrar e a sair pelos pulmões. Foi o que bastou para fugir do pesadelo. Só tinha de perceber que era um pesadelo.

Ao sair da cama, caí de joelhos, e a alcatifa picou-me a pele nua.

Aquilo era real.

— O meu nome. É. Isabeau Astor — consegui dizer através da passagem estreita na minha garganta. — Fui passageira no voo 826. — Pronto. Uma frase completa. — Despenhámo-nos na água. Consegui sair. — As palavras tinham sido gravadas em anos de terapia, embora assumissem sempre formas diferentes, consoante o pesadelo. — Nadei até ficar em segurança. Sobrevivi. — Quando terminei, a minha garganta abriu-se o suficiente para conseguir respirar fundo uma vez. E depois duas. — Sobrevivemos.

Olhei para o relógio. Eram quatro da manhã.

Ar fresco. Precisava de ar fresco.

Um sinal sonoro alertou-me para o facto de a minha porta se ter aberto, e depois fechado, mas o escasso luar que entrava pelas janelas não me dava grande visibilidade.

— Izzy?

— Estou aqui. — Os meus ombros descaíram de alívio. Só havia uma pessoa a quem aquela voz podia pertencer.

— Gritaste. — A sombra dele preencheu a porta, e vi que sacara da arma.

— Estou sozinha — assegurei-lhe, envolvendo o meu próprio tronco com os braços.

Passou por mim, revistando a casa de banho e depois a área junto à janela antes de acender a luz da mesa de cabeceira atrás de mim.

— Raios.

Aquela palavra foi o único aviso antes de se ouvir um som que anunciava que guardara a arma. Depois pegou-me ao colo, apertando-me contra o seu peito.

— Estou bem — prometi, mas isso não me impediu de me derreter no seu abraço familiar. Já não estava vestido com o colete balístico grosso, não que esperasse que estivesse, às quatro da manhã. Senti o tecido de algodão preto, macio, e um batimento cardíaco constante contra a minha face.

— Sim, parece que sim. — Levou-me nos braços até à sala de estar e sentou-se no sofá, mantendo-me no seu colo e acendendo o candeeiro de mesa ao nosso lado. — Bolas, estás encharcada...

Devia ter-me mexido, devia ter ido para o outro lado do sofá, mas, em vez disso, encolhi as pernas e enrosquei-me nele pela simples razão de que não havia lugar mais seguro neste mundo.

— Foi só um pesadelo. — Eu tremia enquanto a minha pele se arrepiava sob as gotas de suor.

O Nate alongou o braço por cima do ombro e puxou o cobertor do sofá sobre mim, envolvendo-me depois com um braço. A outra mão acariciou-me o braço para cima e para baixo, num movimento calmante e repetitivo.

— Achas que um banho quente ajudaria?

— Nada de água. — Abanei a cabeça e mal consegui evitar arquear o rosto contra o seu pescoço. Devia ser proibido cheirar assim tão bem, a sabonete fresco e hortelã.

— O avião — adivinhou ele, pousando o queixo no cimo da minha cabeça.

— O avião.

Os minutos passaram em silêncio enquanto o meu ritmo cardíaco abrandava ao acompanhar o dele. Era uma das coisas que eu adorava ao estar com o Nate. Não precisávamos de preencher cada segundo vazio com conversa.

— Costumas ter? — perguntei, sabendo que deveria sair do colo dele, dos seus braços, e ainda assim sentindo-me incapaz de me obrigar a fazê-lo.

— Já não. — Ele continuou as carícias lentas e constantes, subindo e descendo pelo meu braço.

— O que é que mudou?

— Tornou-se uma das coisas menos traumatizantes que já vi — disse ele suavemente. — Mas, quando tenho, normalmente são sobre não conseguir tirar-te de lá ou seres arrastada pela corrente. Mas nunca passa disso. Estou sempre a tentar levar-te para a margem. — A mão dele fez uma pausa, e ele apertou-me o ombro. — E tu? Com que frequência tens pesadelos?

— Depende. Normalmente só quando estou no meio de algo muito stressante ou que

está fora do meu controlo. — *Como agora.* — Parece que fiz anos de terapia para nada — tentei brincar.

— Se tiveres menos do que costumavas ter, já valeu a pena.

De certa forma, duvidava de que ele tivesse agido de acordo com esse sentimento nos últimos três anos, dada a sua oposição anterior.

Decorreram alguns momentos, e a inconveniência de tudo aquilo atingiu-me em cheio no peito:

— Consolas assim todas as pessoas que ficam à tua responsabilidade?

— Dificilmente — troçou ele, abanando a cabeça, e eu sabia que, se olhasse para cima, veria aquele sorriso leve a curvar-lhe os lábios. Aquele que sempre me fez sentir vontade de o beijar.

Não podia ficar ali, enroscada nele como se não estivesse noiva de outra pessoa.

Mas estarás mesmo?

Inclinei ligeiramente a cabeça e senti o alto sob a bochecha, recuando depois para o observar.

— Estava a vestir-me quando te ouvi — disse ele, tirando o fio de baixo da *T-shirt* para revelar o que parecia ser uma chapa de identificação, mas que tinha sido embrulhada em fita-cola preta.

A fita era para que não fizesse barulho ao mexer-se, se bem me lembrava.

— Isso explica os pés descalços — disse eu, saindo do colo dele e levando o cobertor comigo. Era estranho que ele usasse chapas de identificação se nem sequer me era permitido chamá-lo pelo nome. Todos estes anos depois, tinha-se enterrado ainda mais na mesma vida, ao passo que eu mudara completamente a minha.

Ele pigarreou e foi para a outra ponta do sofá, deixando apenas os meus pés na terra de ninguém da almofada central.

— O que fazias acordado às quatro da manhã? — perguntei, puxando o cobertor para mais perto para esconder o facto de não usar propriamente sutiã na cama. Como se ele não tivesse já visto cada centímetro de mim nua.

— Vinha do ginásio.

Baixei o olhar para a anca dele, onde uma arma se encontrava no coldre.

— E a primeira coisa que fazes depois de um duche é velar a arma?

— Tens noção das coisas que dizes? — Ele sorriu, mostrando aquela covinha, e o meu coração apertou-se. — *Velar a arma.*

Meu Deus, era mais seguro contra o peito dele, onde eu não podia fitar diretamente aqueles olhos. Dez anos depois, eles ainda tinham o mesmo efeito perturbador em mim. O Nate até podia estar apenas a olhar para mim, mas aposto que me teria vindo se me tivesse fitado com intensidade suficiente. Agarrei-me à ponta do cobertor.

As sobrancelhas dele franziram-se.

— Não estás a usar o teu anel.

Fiquei com as faces coradas, voltando a colocar a mão debaixo do cobertor.

— Não durmo com ele — expliquei. A maldita coisa era incômoda e prendia-se nos lençóis, mas talvez eu só precisasse de uma maldita pausa sem usar o objeto que simbolizava ser propriedade do Jeremy. — Não é... confortável — terminei num tom tão esfarrapado que eu própria me retraí.

— Percebo que uma pedra dessas se torne... pesada... — disse o Nate, desviando o olhar, com o maxilar a tremer.

A culpa assentou como uma pedra no meu estômago, e mil coisas que eu queria dizer faziam-me cócegas na ponta da língua. Depois lembrei-me da visão das suas costas encharcadas pela chuva, a recuar pelo corredor de minha casa, em Nova Iorque, recusando-se a virar-se quando eu o chamava vezes sem conta, e o meu peito apertou-se.

— Como havemos de fazer isto?

— Fazer o quê? — quis ele saber, e inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Ficar assim tão perto durante as próximas duas semanas e ignorar... tudo? — respondi com um sussurro.

Ele enfiou o fio e a fita-cola por baixo da *T-shirt*.

— São só mais doze dias — respondeu calmamente. — E temos simplesmente de conseguir.

— Nate. — Tentei aproximar-me, mas ele fixou-me com um olhar que me fez parar.

— Não, Izzy. — Abanou a cabeça. — Tenho um único ponto fraco no mundo inteiro, e tu estás a uns *metros* de distância quando devias estar do outro lado do planeta. — A máscara que usava como armadura caiu, e a dor nos seus olhos foi suficiente para me fazer respirar fundo. — Por isso, por favor, tem alguma misericórdia, por uma vez na vida, e... — Os seus olhos fecharam-se. — Ignora, simplesmente.

Estudei as linhas do seu rosto, a tatuagem que se movia e ondulava no antebraço quando ele fechava as mãos num punho. Cada uma das suas feições estava tensa, como se estivesse preparado para travar uma batalha que eu não conseguia ver. Não era justo para ele. Eu estava ali por escolha própria, e ele ficara apenas por mim.

— Está bem — disse eu. — Posso ignorar.

— Obrigado. — A sua postura relaxou, e ele olhou para a mesinha de apoio à nossa frente. — O que é isso? — disse, apontando para a pasta.

— As últimas publicações de jornalistas americanos — respondi. — A Kacey deve tê-las deixado aí em cima depois de eu ter ido para a cama. Deitei-me cedo.

— Ela tem uma chave?

— Sim. É uma assistente júnior. Não é uma ameaça, Nate. — Revirei os olhos.

— Tens de trancar a porta com o ferrolho — murmurou ele, pegando na pasta.

— Mas se o tivesse feito, não terias conseguido entrar, não era? — desafiei, colocando as pernas debaixo do corpo enquanto ele me entregava a pasta.

O Nate bufou.

— Como se um pedaço de metal me impedisse de entrar quando te ouço gritar.

Não me dei ao trabalho de dizer que, se ele conseguia passar por um ferrolho, qualquer outra pessoa também conseguiria. Em vez disso, folheei os artigos. Deixei de respirar quando vi a assinatura dela.

— Nate — sussurrei, empurrando o artigo impresso para ele. — Ela não aparece na fotografia, mas o artigo é da Serena.

Aposto que, se vir o meu telemóvel agora, tenho um alerta do Google à espera na minha caixa de entrada.

Ele pegou no artigo e estudou a fotografia, suspirando.

— Ela está em Mez.

— O quê? — Contra o meu melhor discernimento, aproximei-me para poder ver também, roçando com o ombro no braço dele.

— Aquele edifício. É o Santuário de Ali, também conhecido como Mesquita Azul. — Apontou para o edifício ao fundo da fotografia. — Ou ela está em Mazar-i-Sharif ou esteve lá há pouco tempo.

Não pude deixar de sorrir, porque ela tinha-o publicado no início da noite, segundo a hora assinalada.

— Então está viva.

— Está viva.

E agora sabíamos onde se encontrava.

CAPÍTULO DEZ

NATHANIEL

Ilha de Tybee, Geórgia

Junho de 2014

— Bola sete, buraco do canto — gritei, virando o boné para trás antes de me inclinar sobre a mesa de bilhar e lançar a minha terceira tacada seguida.

— Raios, Phelan — murmurou o Rowell, com a cabeça a inclinar-se para trás enquanto os nossos amigos uivavam de riso, erguendo as garrafas à minha volta. — Tinhas mesmo de virar assim o jogo contra mim?

— Foste tu quem me convenceu a jogar. — Assomou-me um sorriso no canto da boca quando olhei para a mesa no local mais reservado que tínhamos arranjado no nosso bar de praia favorito, na ilha de Tybee. Havia mais três mesas por perto, uma pista de dança que parecia ter sempre areia e um bar que se abria para a brisa do mar, um regalo no verão da Geórgia, mesmo às dez da noite.

— Três, buraco lateral. — Emborqueei o *shot* no instante em que a música mudava nas colunas terrivelmente altas atrás de mim e, pelo guincho retumbante que se ouviu, só podia antecipar que um grupo de mulheres se apoderara da pista.

Mas não podia discordar da escolha musical. «Miss Jackson» não era o meu tema preferido dos Panic! at the Disco, mas estava entre os eleitos. O favorito? Esse era «Northern Downpour»... que foi a última música que ouvi antes de embarcar no voo 826.

Raios, porque havia de pensar naquilo? Vislumbres de olhos castanhos de cortar a respiração invadiram-me a memória, tal como acontecera nos meus sonhos, nos últimos dois anos e meio. *Isabeau*.

— Lá se vão mais vinte. — O Rowell encostou-se à parede, resignando-se claramente a ficar com a carteira um pouco mais leve depois daquele jogo.

— Vais ter um pouco de misericórdia com o homem? — perguntou o Torres, passando a mão pelo cabelo escuro e cortado rente enquanto eu examinava a mesa. Depois de dois anos no mesmo pelotão, um dos quais passado na «caixa de areia», ele era a coisa mais próxima de um melhor amigo que eu já tivera.

— Por que raio haveria de o fazer? — Preparei mais uma tacada. — Bola seis, buraco do canto. — E lá se foi mais uma das notas de vinte do Rowell. — Gostavas de ter apostado um pouco menos? — perguntei ao Rowell por cima do ombro.

— Achava que eras um camponês do Illinois. — Olhou em volta para o resto do pelotão que saíra naquela noite. — Mais alguém sabia que ele é um monstro de bilhar? — Todos abanaram a cabeça.

— É um verdadeiro fala-barato. — O Torres riu-se e bebeu mais um gole da cerveja.
— Raios — comentou o Fitz, desviando a sua estatura magra para um dos lados para ver o espaço à minha frente, enquanto eu analisava a mesa. Impusera demasiada velocidade e ficara com um ângulo desfavorável para a única bola restante. — Tenho quase a certeza de que uma sororidade inteira acabou de invadir a pista.

Quase todas as cabeças do meu pelotão se viraram, mas não me surpreendeu. Só os solteiros estavam ali naquela noite. A maioria dos homens casados preferiu passar o último fim de semana com a família antes de ser destacado.

— É uma despedida de solteira — disse o Torres, com um sorriso lento a espalhar-se pelo rosto, enquanto eu me movia para o outro lado da mesa para alinhar a melhor jogada possível. Um grupo de mulheres dançava ali perto, um monte de *tops* cor-de-rosa-choque a rodear outra de branco com um véu com luzinhas.

Sim, era mesmo uma despedida de solteira.

— Tinhas-me ajudado se tivesses conseguido tirar algumas das tuas bolas do caminho, Rowell — disse eu, baixando-me para me concentrar.

O Rowell grunhiu em resposta.

Olhei de relance para cima quando a mulher mais próxima na pista rodopiou, com os braços levantados e o cabelo louro a esvoaçar, dançando ao som do refrão.

Foi apenas um vislumbre, mas o meu coração fraquejou e o meu punho hesitou, fazendo-me falhar completamente a tacada. A bola branca rodopiou pelo feltro verde, e eu sobressaltei-me.

— Acho que a tua sorte tinha de acabar um dia — disse o Rowell a rir enquanto eu me levantava, examinando a pista de dança com um único foco.

Não era ela. Uma loira diferente ocupara a extremidade da pista. Ou seria a mesma loira? Ter-me-ia a mente pregado uma partida?

Seria da música? A forma como fizera a memória vir de novo à tona?

Não havia hipótese de ser ela.

Mas a adrenalina nas minhas veias gritava que era ela. Entreguei o taco de bilhar a quem estava mais perto e *pus-me a mexer*.

— Phelan! — gritou o Fitz, mas eu já estava no meio da pista de dança antes sequer de pensar em responder.

A luz estroboscópica acendeu-se com o mudar da música e os rostos esbateram-se à minha volta enquanto eu me virava para a esquerda, depois para a direita e de seguida de novo para a esquerda, a estudar as feições de todas as mulheres com *tops* cor-de-rosa que estivessem a dançar perto de mim nos *flashes* momentâneos de luz. Havia seis... não, sete.

E nenhuma era ela.

Que merda. Estaria a perder o juízo? Eu assistira a algumas cenas em missão, e não era como se o acidente de avião não me tivesse lixado a cabeça de uma forma que eu tentava não valorizar, mas alucinações? Não estava assim tão mal, ou estaria?

— Estás bem? — perguntou o Torres, aparecendo à minha esquerda enquanto eu me

encontrava no meio da pista de dança pulsante.

— Pareceu-me ver uma pessoa.

Aquela mulher era morena. A outra era ruiva. Loira. Sorriso errado. Não tinha os olhos dela.

— Deu para perceber. Desapareceste com o fogo no traseiro.

— Estás com medo que eu te faça a folha, agora que é a minha vez? — perguntou o Rowell à minha direita, mas exibia um arqueamento preocupado na sobrançelha, apesar do tom trocista.

Como se fosse um ato do destino ou qualquer outra força igualmente fortuita, a multidão abriu-se por um instante, mas era tudo aquilo de que eu precisava. A Isabeau Astor encontrava-se no bar. Ajeitou o cabelo atrás da orelha, dando-me uma visão completa do seu perfil, e o coração saltou-me até à garganta.

— Tenho coisas melhores para fazer — disse eu ao Rowell, mal lhe lançando um olhar antes de passar pelo meio da multidão.

— Melhor do que ganhar cento e sessenta dólares? — gritou ele por cima da música.

— Desisto! — gritei por cima do ombro. — O dinheiro é teu!

A multidão voltou a convergir, todos a saltar ao ritmo da música, enquanto eu abria caminho por entre os dançarinos até chegar ao outro lado da pista.

A noiva juntara-se à Izzy perto da esquina do balcão, e um tumulto de emoções assaltou-me quando ocupei o espaço do outro lado, onde podia ver o seu rosto por completo. Abri a boca uma vez, depois duas, mas não consegui pensar no que dizer.

Havia todas as hipóteses de ela não se lembrar de mim, a julgar pela concussão que sofrera. E, por mais que pensasse nela, sonhasse com ela, nunca me permitira imaginar vê-la de novo ou o que diria se isso acontecesse.

A Izzy estava completamente distraída a olhar na direção oposta, tentando chamar o empregado do bar, mas a noiva olhou para mim e depois ergueu uma sobrançelha quando reparou que eu me encontrava a olhar para a amiga dela.

Estava na altura de começar a falar, antes que a noiva me acusasse de as estar a perseguir, e mesmo isso já tinha potencial para ser muito embaraçoso.

— Devo ter sonhado contigo um milhão de vezes — disse eu suficientemente alto para ser ouvido por cima da música. *Lindo, Nate. Muito bom.*

A Izzy revirou os olhos sem sequer olhar na minha direção.

— Ela não está interessada. — A noiva inclinou-se para a minha linha de visão, bloqueando a Izzy, e abanou a cabeça. — Confia em mim, ela acabou de sair de uma relação de treta, e tu também não estás interessado.

— Confia em mim, ela está interessada. — Sorri. Tinha de sugerir esta aos meus amigos mais leais.

A Izzy escarneceu e virou a cabeça ainda mais, ignorando-me propositadamente. Era tão bonita — mais ainda — quanto eu me lembrava, num bar cheio de rapazes de repúblicas universitárias em férias de verão e de soldados prestes a ser destacados. Eu nem conseguia

imaginar quantas vezes ela teria sido abordada nessa noite.

— O que poderias saber sobre o que lhe interessa? — A noiva fitou-me com os olhos ligeiramente vidrados. — Estamos numa noite de amigas. Por isso, volta para esse — apontou para a *T-shirt* preta lisa alongada sobre o meu tronco — ginásio de onde saíste.

— Gosto de ti — disse à noiva, inclinando-me mais sobre o balcão para poder ver a Izzy. — E sei que ela gosta de ler e detesta voar.

A Izzy contraiu-se, e o seu olhar desviou-se, mas continuou a não olhar para mim.

— Suposição aleatória — disse a noiva, bufando e cruzando os braços.

— Sei que ela é alérgica a marisco e a penicilina — continuei. Os olhos da Izzy arregalaram-se, e ela virou-se lentamente na minha direção. — E anda com *Tylenol* e pomada antibiótica na mala.

O olhar da Izzy fixou-se no meu, com os seus lindos olhos castanhos a brilhar de reconhecimento enquanto os lábios se entreabriam. Parecia tão surpreendida como eu me sentia.

— Ah, e o tipo de sangue dela é O positivo. — O meu sorriso alargou-se mais, de alguma forma. — Estou a esquecer-me de algo?

A Izzy desviou-se da noiva e a minha respiração interrompeu-se quando ela se aproximou, até estarmos separados por alguns centímetros apenas.

— Nathaniel Phelan?

— Olá, Isabeau Astor.

Ela gritou e saltou na minha direção, lançando os braços à volta do meu pescoço. Agarrei-a facilmente, passando as minhas mãos pelas suas costas e abraçando-a com força. Sem qualquer constrangimento. Era como voltar a casa.

Na última vez que me sentira tão aliviado, tão completo, fora no momento em que chegáramos à costa depois do acidente.

— Tenho a tua mochila — disse ela quando se afastou, estudando a minha cara como se procurasse a cicatriz que o meu boné escondia.

— O quê? — Pus-me de pé e forcei as minhas mãos a soltá-la.

— A tua mochila. — Ela sorriu, e o meu peito apertou-se à volta do coração. Fogo, nem tinha imaginado aquela ligação instantânea que sentira com ela no avião. Era demasiado real, reluzia no meu rosto. — A companhia aérea enviou-ma porque estavas sentado no meu lugar.

— Não pode ser. — As minhas sobrancelhas arquearam-se de espanto.

Ela acenou com a cabeça, o seu sorriso era tão grande como o meu.

— Tenho a tua camisola e o teu *iPod*, que nem acredito que tenhas enfiado num saco hermético, mas resultou. Nem queria acreditar quando ele se ligou. Não os tenho aqui comigo, claro, estão todos no meu apartamento em DC, mas não sei bem em que caixa estão, porque ainda não tive tempo de desfazer as malas entre a formatura, a mudança e agora a despedida de solteira da Margo — tagarelou ela, gritando para ser ouvida por cima da música.

Ela *ainda* falava pelos cotovelos, e não havia nada melhor no mundo inteiro.

— Oh, meu Deus! Este é o Tipo do Avião? — perguntou a Margo, a noiva, olhando para mim como se tivesse visto um fantasma.

— Sim! — disse a Izzy, acenando com a cabeça. — Dá para acreditar? Nate, esta é a Margo. Margo, este é o Nate. — Enganchou o braço no cotovelo da Margo. — Ela estava comigo quando fui buscar a mochila.

— Olá, Margo. — Consegui desviar o meu olhar da Izzy o tempo suficiente para acenar à noiva.

— Olá, Tipo do Avião! — disse ela, dando um beijo na bochecha da Izzy. — Se precisarem de mim, estou em terra! — De braços no ar, correu para junto das outras damas de honor.

Eu e a Izzy ficámos ali, com a música a ressoar à nossa volta, especados a olhar um para o outro.

— Queres beber alguma coisa? — perguntei, lembrando-me de repente que não seria por acaso que ela estava no bar.

Ela anuiu com a cabeça e virámo-nos para o balcão, com os braços a aflorar um no outro quando levantei a mão direita para fazer sinal ao *barman*. Caramba, era como se tivesse dezasseis anos outra vez — foi assim que aquele toque inocente me atingiu.

— Também não bebes? — perguntou ela depois de eu pagar os nossos refrigerantes.

— Já bebi um bocado — disse, encolhendo os ombros. Nem pensar em sentir-me entorpecido por um único segundo enquanto estava com ela. — Queres ir para uma mesa lá fora?

— Sim, claro.

Passámos pela multidão do bar e fomos para o pátio à beira-mar, onde arranjámos uma mesa alta de dois lugares na extremidade.

Depois, voltámos a olhar um para o outro, dessa vez num silêncio relativo.

— Está agradável aqui fora — disse ela.

— Estás com bom apetito — disse eu ao mesmo tempo. Ambos sorrimos.

— Obrigado, mas provavelmente é só pelo facto de não estar a sangrar internamente. — Encolheu os ombros, com ar brincalhão.

— Por um instante, achei-te um pouco pálida. — Sorri e bebi um gole da minha *Coca-Cola*.

— Não me lembro de nada depois de chegar à margem — disse ela baixinho, limpando a condensação do copo.

— Mas... — O meu sobrolho franziu-se. — Juraste-me amor e devoção eternos. Prometeste que teríamos três filhos e tudo. — Merda, era difícil manter uma cara séria.

Ela nem sequer tentou, com os olhos a dançar na luz suave do exterior.

— Muito engraçado.

Respirei fundo, vasculhando as memórias desse dia. Era tudo tão incrivelmente surreal.

— Levámos-te para junto de uma árvore para te poderes sentar — comecei, e depois

— contei-lhe tudo aquilo de que me lembrava.

— Salvaste-me a vida — disse ela quando cheguei à parte da ambulância.

— Não. Tecnicamente, foram os paramédicos.

— Ah, estás aí! — disse o Fitz, atravessando o pátio. — Desapareceste. — Lançou uma olhadela rápida para a *T-shirt* da Izzy. — Com um dos elementos da festa matrimonial, estou a ver.

— Izzy, este é o Fitz. — Bebi um gole.

A Izzy estendeu a mão, e o Fitz apertou-lha.

— Olá, Fitz. Chamo-me Isabeau Astor. Sou a mulher do Nate.

Pus a mão na boca para não cuspir a *Coca-Cola* em cima da mesa.

— A mulher dele? — O Fitz levantou o sobrolho para mim. — O Justin e o Julian sabem disso, tendo em conta que são os melhores amigos dele?

O Rowell e o Torres não sabiam de certeza que eu tinha mentido para entrar numa ambulância por causa de uma mulher.

— De acordo com os meus registos médicos — disse a Izzy com uma gargalhada que despertou todas as emoções do meu corpo, mesmo as que eu fizera o possível para desligar quando tínhamos sido destacados.

Sabe-se lá como, consegui engolir em seco sem fazer figura de parvo.

— Pensei que tinhas dito que não te lembravas de nada.

— A minha irmã contou-me — disse a Izzy, recostando-se no assento.

— A tua irmã teve de te dizer que eras casada? — perguntou o Fitz, apoiando os cotovelos na mesa. — Por favor, continua. O Phelan não nos conta quase nada sobre si próprio.

— Menti aos paramédicos para poder entrar na ambulância com ela — expliquei.

— Depois do acidente — concluiu a Izzy. — Íamos ao lado um do outro quando o avião se despenhou.

A cabeça do Fitz virou-se na minha direção.

— Estiveram envolvidos na porra de um acidente de avião?

Encolhi os ombros.

— Como é que achas que ele arranjou... — A Izzy inclinou-se sobre a mesa, pegando no meu boné, e eu baixei a cabeça para que ela o pudesse tirar. Tirou-mo com uma mão e, com a outra, empurrou as madeixas curtas do meu cabelo para cima, claramente para mostrar ao Fitz a cicatriz que ele tinha visto várias vezes nos últimos dois anos. — ...isto? Eu sabia que ias ficar com uma cicatriz!

— Onze pontos — disse-lhe eu.

— Fizeste essa cicatriz num *acidente de avião*? — exclamou o Fitz, mudando de tom.

— Pois é — soltou a Izzy, pondo-me o boné no lugar antes de se sentar.

— Pensei que éramos amigos! — Ele apertou o peito.

— E somos — assegurei-lhe.

— Os amigos contam aos amigos quando se envolvem num acidente de avião —

repreendeu ele.

— O Torres sabe. — Voltei a encolher os ombros.

— OK, essa doeu. — Fez um ar melodramático, cambaleando como se eu o tivesse ferido.

— Contaste ao Torres, mas não a nós?

— Talvez estivesse a guardar a história.

— Para quê? Para *esta* missão em vez da última?

— *Esta* missão? — perguntou a Izzy, e a preocupação nos seus olhos comprimiu-me o peito. Ninguém se preocupava comigo, exceto a minha mãe.

O ambiente mudou de imediato.

— Sim. — Acenei com a cabeça. — Vamos partir em breve.

— Quando? — Duas pequenas rugas apareceram-lhe entre as sobrancelhas.

— Muito em breve. — Depois de amanhã, mas isso não era do conhecimento público.

O Fitz pigarreou.

— Bem, vou voltar lá para dentro para poder ver o Rowell dar uma tarefa ao Torres no bilhar. Foi um prazer conhecê-la, senhora Phelan.

— Tecnicamente, ele é o senhor Astor — corrigiu-o ela com um sorriso que não lhe chegou aos olhos.

— Não me surpreende. Este homem é um bom tipo. Sempre foi um verdadeiro feminista. — O Fitz deu-me uma palmada no ombro e afastou-se para o interior do bar.

Por momentos, o som das ondas a rebentar sobrepôs-se à música que vinha lá de dentro.

— Podes dizer-me para onde vais? — perguntou ela.

— Afeganistão. — Passara em todos os noticiários, por isso não era como se estivesse a violar o protocolo de segurança militar.

O rosto dela ensombreceu.

— E já lá estiveste antes?

Anuí com a cabeça.

— Voltámos há pouco menos de um ano, mas juntei-me à unidade um pouco tarde e saí antes do fim, por isso não estive lá o tempo todo. — Um dispositivo explosivo improvisado pôs fim a essa missão um mês mais cedo para mim, mas pelo menos fiquei vivo.

— E já vais voltar? — Os olhos dela arregalaram-se. — Onde estás a justiça nisso?

— *Justiça* não é uma palavra que se aplique propriamente na vida militar. — Desloquei o peso do corpo.

— É isso que estás a fazer aqui, não é? — Fez um gesto na direção do bar. — A descontrair antes da partida?

— Sim. Estamos a trabalhar em Hunter. Fica a cerca de meia hora daqui. — Aproveitei a oportunidade óbvia para mudar de assunto. — E vives em DC, mas estás aqui numa despedida de solteira?

— Acabei de me mudar para DC para estudar Direito.

Fiz as contas, mas não batia certo.

— Não devias ser finalista apenas para o ano?

— Licencieiei-me um ano mais cedo. — Encolheu os ombros como se não fosse nada de especial, mas depois desviou o olhar, concentrando-se um segundo a mais no seu refrigerante, e eu soube que era, e não no bom sentido. — De qualquer forma, a Margo é de Savannah e queria que a despedida de solteira fosse perto das irmãs, uma vez que o casamento é em Syracuse, no próximo mês. Partimos amanhã de manhã.

— Acontece então que estaremos no mesmo sítio, na mesma altura, durante doze horas. — Não conseguia parar de olhar para ela, tendo o cuidado de memorizar todos os pormenores do seu belo rosto. Havia mudanças subteis aqui e ali, resultado de dois anos e meio passados, mas ela estava exatamente como eu me lembrava. — Isto é que é coincidência.

— Serendipidade — disse ela com um sorriso que me atingiu diretamente nas partes baixas.

Em qualquer outro lugar, em qualquer outra altura, tê-la-ia convidado para sair.

Mas ela vivia a mais de oitocentos quilómetros, e eu ia partir em missão.

— Não queria deixar-te. — As palavras saíram-me. Os olhos dela abriram-se mais. — No hospital — esclareci. — Queria ficar até acordares, para saber se tinhas ficado bem. Mas os recrutadores vieram buscar-me.

— A Serena contou-me. — Suspirou. — Não me conseguia lembrar do teu nome. Estava tudo um pouco confuso devido à concussão. Lá fui capaz de descodificar *Nathaniel* na ficha do hospital... A tua caligrafia é sensacional, já agora. E depois a tua mala apareceu e, debaixo de uma pequena aba, estava escrito *N. Phelan*. A companhia aérea não me quis dar informações de contacto, e tu... não existes *online*. Nada nas redes sociais. Nadinha. Eu procurei.

— Não sou fã de ter pessoas desconhecidas a lerem um resumo da minha vida. — Ela tinha-me procurado. A mim. Um tipo cujos pais nem sequer se deram ao trabalho de aparecer na respetiva graduação da escola básica ou de guarda-florestal, não que eu culpasse a minha mãe por isso.

— Arranjaste ao menos um telemóvel? — disse ela, arqueando uma sobrancelha.

Desviei-me para o lado e tirei o telemóvel do bolso de trás, fazendo-o deslizar sobre a mesa como prova.

Ela pegou-lhe e sorriu, carregando no botão de desbloqueamento. O seu sorriso iluminou-se, e ela tocou-lhe.

— Aqui tens. — Devolveu-o. — Mandeí uma mensagem para mim própria. Assim posso pelo menos saber a tua morada para te devolver as coisas. E podemos falar do teu gosto musical?

— Fica com as coisas. Tens algum problema com os Panic! at the Disco? — perguntei, voltando a enfiar o telemóvel no bolso.

— Não, na verdade. Foi uma banda que me deste a conhecer, mas Radiohead? Pearl Jam? Chegaste a sair dos anos noventa? — provocou ela.

— Ei, metade da música desse *iPod* é deste século. Acho eu?... — Franzi o sobrolho. — Merda, não me consigo lembrar.

— Eu lembro-me. Consigo dizer o nome de todas as músicas. — Engoliu um gole da sua bebida.

— Consegues?! — Raios, sabia bem sorrir, não um daqueles sorrisos falsos, mas sorrir a sério, com sinceridade. Aquela era a única coisa que eu esquecera sobre a Izzy: como fora fácil falar com ela naqueles minutos em que estávamos atrasados, na pista.

Ela levantou um dedo.

— Panic! at the Disco, «Northern Downpour» — Levantou um segundo dedo. — Radiohead, «Creep» — continuou, e depois deixou-me completamente pasmo ao dizer o nome de todas as canções.

— E, de todas elas, qual preferiste? — perguntei.

— «Northern Downpour». — Sorriu. — Também me lembro de fazeres isso. De me fazeres perguntas para me distraíres.

— Talvez estivesse apenas a tentar conhecer-te melhor.

— Ótimo. Então funciona para os dois lados. Qual delas é *a tua* preferida?

— A mesma, ironicamente. «Northern Downpour».

Passámos as horas seguintes lá fora, a falar de música e de livros. Ela contou-me como lhe corra a faculdade e eu falei-lhe das aulas que conseguira frequentar durante o ano em que não tínhamos estado no Afeganistão.

Desviei todas as perguntas sobre a missão, não porque ela não merecesse reciprocidade ao partilhar os pormenores da sua vida, mas porque não queria que aquele ano de merda reclamasse nem um segundo do tempo que tinha com ela.

As horas passaram com a facilidade de uma respiração, e, quando todos estavam prontos para partir — todos exceto nós —, conseguimos despedir-nos.

Abracei-a, a rapariga com quem tinha sobrevivido ao impossível, a rapariga por quem teria dado o meu braço direito para com ela ter uma oportunidade.

— Voa em segurança amanhã, sim? Não vou estar presente para te puxar pela saída de emergência.

— Vou dar o meu melhor. — Ela suspirou e abraçou-me de volta, encaixando-se em mim com o tipo de perfeição que não existia no meu mundo. — Não morras por lá.

— Vou dar o meu melhor. — Apoiei o queixo no topo da sua cabeça e fechei os olhos, respirando o aroma do ar salgado, de limões e de um perfume que não conseguia identificar, mas que nunca esqueceria.

Era como se ela tivesse levado de novo a peça em falta que eu descobrira quando a vira nessa noite, a afastar-se com as amigas, dirigindo-se para o apartamento alugado de que me falara antes.

Estava quase a desaparecer de vista quando o Torres e o Rowell finalmente saíram do bar depois de pagarem as respetivas contas.

— Meus! — exclamou o Fitz. — Perderam a Miúda do Acidente de Avião!

— O quê? — O Torres olhou para a minha cara e depois seguiu a minha linha de visão.

— A Izzy. — Fiquei a observá-la até ela dobrar a esquina.

— A sério? — Os olhos do Torres arregalaram-se. — Perdi a oportunidade de conhecer a ilustríssima Isabeau? Vi-te no pátio, mas não quis interromper, não fosse o caso de te estares a atirar a ela... — Abanou a cabeça. — Era mesmo ela?

— Era mesmo ela. — Anuí.

— Que raio de história é essa de acidente de avião? — perguntou o Rowell, e dirigimo-nos para o carro.

Contei-lhes a história enquanto conduzia metade deles de volta ao posto e o Fitz levava os outros.

Demorei horas a adormecer nessa noite e, quando consegui, sonhei com ela. Sem avião. Sem rio. Sem ambulâncias. Só com ela.

O meu telefone tocou na manhã seguinte, logo que terminei a minha corrida, e não reconheci o indicativo de zona, mas atendi, com o peito a arfar devido aos nove quilómetros que acabara de percorrer.

— Estou?

— Nate?

O sorriso na minha cara foi instantâneo.

— Izzy?

— Sim. — Ela riu-se nervosamente. — Olha, não te vais embora hoje, pois não?

— Não. — Olhei para a pilha de caixas no meu quarto da caserna, já fechadas para serem guardadas. — Porquê? Está tudo bem? — Fazendo malabarismos com o telemóvel, despi a *T-shirt* e atirei-a para o monte da última roupa suja que iria lavar nessa noite.

— Não entrei no avião.

CAPÍTULO ONZE

NATHANIEL

Cabul, Afeganistão

Agosto de 2021

Tinha acabado de passar o colete à prova de balas por cima da cabeça e de fixar o velcro quando se ouviram três pancadas fortes na porta do meu quarto. Havia uma mulher mais do que furiosa à minha espera do outro lado quando abri.

— Que raio queres dizer com «não vou contigo»? — gritou-me a Izzy, com as mãos nas ancas. Estava vestida para mais um dia de trabalho, com umas calças de linho pretas e uma blusa que lhe assentava abaixo das clavículas, mas os saltos altos fizeram-me sorrir. E aquele perfume? Juro por Deus, a Izzy era a única mulher que eu conhecia a ser capaz de usar *Chanel* numa zona de guerra.

— Como sabes sequer que vou a algum lado? — perguntei, apoiando uma mão na ombreira e a outra no puxador da porta.

Ela olhou para mim, com os olhos fixos no meu equipamento de combate, e depois ergueu uma sobrancelha.

— Porque o soldado Orange ou Blue, ou seja lá qual for o raio do nome dele, me disse que hoje ia ficar de guarda à porta da sala de conferências enquanto trabalhamos, e eu sei perfeitamente que não se muda de ama-seca a menos que se esteja de saída — explodiu, com os olhos incendiados.

— Primeiro, é o sargento Black. Segundo, não vamos discutir no corredor como dois universitários melodramáticos.

— Por mim, tudo bem. — Passou por baixo do meu braço e marchou para dentro do quarto, cruzando os braços sobre o peito enquanto observava o espaço. Não era uma *suite* como a dela, apenas um quarto individual com casa de banho privativa, o que era a melhor coisa que eu podia ter pelo facto de ser norte-americano. Em termos de alojamento, aquele era o Ritz-Carlton do Afeganistão.

Um suspiro atravessou os meus lábios quando reconheci que não havia maneira de expulsar a Izzy do meu quarto sem armar uma cena pior, e fechei a porta para obter alguma privacidade.

— Pensei que querias a Serena de volta. Puxei uma tonelada de cordelinhos para arranjar um voo, e vou ver se ela ainda lá está, daí ter pedido ao sargento Black para tomar conta de ti, uma vez que ninguém da tua comitiva tem reuniões hoje.

Deveríamos estar de volta à estrada (ou aos ares) no dia seguinte, mas, tendo em conta a situação que se vivia no país, esperava poder convencê-la a apanhar um avião para os Estados

Unidos, se conseguisse trazer a Serena.

— Vou contigo — disse ela, espetando o queixo.

— Não tens qualquer motivo para ires comigo. — Abanei a cabeça. — Não vai acontecer.

— Não me vais dizer onde vou ou não!

Avancei até a extremidade das minhas botas tocar nas pontas dos seus sapatos de salto alto.

— É *exatamente* isso que vou fazer como responsável pela tua segurança. Lembra-te de que concordaste obedecer a todas as indicações lá fora — disse eu, apontando para a porta. — Só podes ter os teus ataques aqui.

Ela ficou atónita.

— Eu *não* estou a ter um ataque, Nathaniel Phelan.

— Estás, sim. — Um canto da minha boca contraiu-se. — Quer queiras quer não, Isabeau, és uma funcionária superior do Congresso, o que significa que, a menos que tenhas uma razão para te pões em risco, não te vou agitar à frente do inimigo como um alvozinho apetitoso.

— E se eu tiver um motivo?

— Não tens. Mudei o teu itinerário esta manhã no instante em que li os relatórios, os quais referem que parece que Kunduz vai cair hoje. — Há umas horas, tinha-a enroscada no meu colo, algo que tentei desesperadamente esquecer. Fora um deslize da minha parte, mas, no segundo em que a vira ajoelhada naquele chão, a tremer como uma folha, agi por instinto, como sempre quando se tratava dela. — Não há qualquer hipótese de essa reunião se manter agendada.

Ela engoliu e acenou com a cabeça.

— O que agradeço, por mais que o deteste. — Fechando os olhos, esfregou a ponta do nariz.

— Na verdade, sentir-me-ia muito melhor se vocês enfiassem os vossos traseiros bem engomados num avião e abandonassem esta viagem. Deixa-te de coisas, Izzy — implorei de forma taxativa.

— Temos uma missão a cumprir — retorquiu ela. — Continua a estar prevista a vinda da senadora Lauren na próxima semana.

— O que é um erro. — Afastei-me para poder escapar à doçura perfeita do seu perfume a invadir-me os pulmões. — Este país vai cair muito mais depressa do que o previsto.

— Os relatórios dizem que temos entre seis e doze meses — argumentou, mas o franzir dos seus lábios dizia-me que sabia que eu não estava a ludibriá-la.

— Sim, bem, confio mais naquilo que vejo num lugar que conheço como o raio das palmas das minhas mãos do que na análise mais otimista de alguém a meio mundo de distância, e o que está a acontecer lá fora — apontei para a janela — *não* é um cenário otimista.

— Não sou estúpida, Nate. Eu sei. — O pânico brilhou nos olhos dela. — Mas a Serena

anda por aí.

— E eu sei como é a Serena. Tenho pessoas a sondar a zona, por isso, quando lá chegar, espero que alguém já a tenha localizado. Volto antes do jantar.

— Ela pode não te reconhecer — ripostou.

— Oh, por favor! É esse o teu melhor argumento? — Ergui uma sobrancelha, e a Izzy baixou o olhar, mas não foi com o ar de *Ganhaste* que eu já lhe vira ou mesmo de *Pronto, vou ceder*. Não... A emoção sob aquele sobrolho carregado era culpa. — O que é que fizeste, Isabeau?

Ela engoliu em seco.

— Mazar-i-Sharif ainda está em segurança.

Os meus olhos brilharam.

— Estás a gozar comigo se pensas isso. Sheberghan caiu ontem nas mãos dos talibãs. As informações indicam que não é apenas a província de Kunduz que está a ser invadida, mas também Sar-e Pol e Takhar. O que têm todas elas em comum, Izzy?

— Não vou ficar aqui sentada à espera de que a encontres. Podes não conseguir convencê-la a deixar o país, mas eu consigo. Encontrá-la não significa nada se não a conseguirmos meter no helicóptero — argumentou, mas aquele tom... Ela não estava a revelar tudo.

— Essas províncias ficam *todas* a norte — disse eu, ignorando o seu raciocínio. Talvez isso fizesse de mim um idiota, mas não me opunha a amarrar a Serena e transportá-la por cima do ombro, se isso significasse que a Izzy se ia embora do país. — Se Samangan cair, a província de Balkh, incluindo Mazar-i-Sharif, fica isolada. Percebes?

— Percebo que, a cada dia a mais que permanece aqui, a Serena corre o risco de nunca mais sair, por isso fiz o que tinha de fazer.

A Izzy mudara o itinerário. Vi-o nos seus olhos frustrantemente belos. Sobressaltei-me no instante em que a voz do Webb chegou ao meu ouvido através do rádio.

— Sargento Green.

Toquei no botão para falar.

— Aqui Green.

— A tua partida foi adiada para dar tempo aos assistentes para se reunirem, uma vez que o itinerário acabou de ser alterado. Vão encontrar-se agora com a chefia e, ao meio-dia, com um grupo de americanos retidos em Mez.

Não desviei os olhos da Izzy.

— E será seguro?

— As ordens vêm diretamente do gabinete da senadora Lauren. Ao que parece, ela tem alguns elementos nesse grupo, e nós vamos evacuá-los.

— Entendido. — Raios. Partam. A. Minha. Vida. Desviei a atenção do rádio e aproximei-me da Izzy. — Agiste nas minhas costas.

— Sim — sussurrou ela, arrastando nervosamente a língua sobre o lábio inferior. — Mas estamos a salvar...

— Não... — disse eu. — Não há desculpas. Se voltas a agir nas minhas costas, estou

feito. — Ela estava a pôr-se diretamente em perigo, e isso corroeu-me as veias como ácido. A Serena teria feito o mesmo por ela, mas eu não estava perdidamente apaixonado pela Serena. Apenas pela Izzy. Como sempre, pela Izzy. — Ou confias em mim ou isto não funciona.

Quis as palavras de volta mal me saíram da boca, porque era exatamente por isso que as coisas *não* funcionavam entre nós. Não que alguma vez tivesse havido um *nós*. O que eu e a Izzy fôramos era indefinível.

— Eu só... — começou ela.

— Confia em mim ou isto não funciona — repeti. Ela anuiu com a cabeça.

— Desculpa.

— É melhor largares esses saltos. — Abri a porta e apontei para o corredor.

Duas horas depois, entrámos num dos quatro *Black Hawks* que se dirigiam para Mez, acompanhados por um *Chinook*.

— O *Chinook* não nos vai atrasar? — gritou o Holt por cima do barulho dos rotores.

— Eles são mais rápidos do que nós — gritou o Kellman, verificando o cinto das munições. Naturalmente, mal a viagem foi anunciada, três dos outros assessores tinham decidido vir para «apurar os factos». Os políticos nunca se importavam de enviar os subordinados para situações em que eles próprios não se arriscariam a estar.

A Izzy apertou o cinto, à minha frente, com movimentos suaves, sem revelar qualquer indício do seu medo de voar. A mulher bem-arranjada diante de mim não se parecia nada com a mulher devastada em que eu pegara ao colo, nessa manhã. Esta mulher era uma profissional consumada, vestida de uma forma totalmente diferente dos calções de pijama e da camisola de alças. Depois, agarrou-se às almofadas do assento, e vi a fenda na sua fachada.

Inclinando-me do meu assento, voltei a colocar-lhe os meus *AirPods* nos ouvidos. O olhar dela fixou-se no meu, e raios me partam se a minha pulsação não acelerou, porque aquele olhar, o mesmo que tinha no rosto quando demos as mãos durante aquele acidente, dez anos antes — assustado e de alguma forma confiante —, fez-me sentir que ela era de novo minha. Mas aquele anel a brilhar ao sol era um lembrete dilacerante de que não o era. Se a forma como reagiu ao telefonema da véspera fosse representativo de algo, ela pertencia a alguém chamado Jeremy. Ao que parecia, o *Jeremy* era suficientemente bom para si. Suficientemente estável. Suficientemente rico para agradar aos seus pais, a julgar pelo tamanho daquela pedra.

Acrescentei *Jeremy* à minha lista de nomes de rapazes parvos de repúblicas universitárias, mesmo ao lado de Chad e Blake. Mas, idiota ou não, fora quem ela escolhera. Eu era apenas o único disposto a voar para uma zona de guerra por ela. Independentemente do tempo que tivesse passado, não conseguia esquecer. Não era culpa dela que eu ainda a amasse. Era minha.

Entreguei-lhe o meu telemóvel para que pudesse escolher o que queria ouvir.

Escolhe tu, disse ela sem emitir qualquer som, devolvendo-o, o que me fez lembrar demasiado aqueles dias de sol em Savannah. A pressão instalou-se no meu peito, e percorri a minha *playlist*, escolhendo a música que se adequava.

O helicóptero arrancou quando carreguei no *play* da versão acústica de «This Is Gospel»,

e os olhos dela arregalaram-se. Ela desviou o olhar quando o refrão soou, e eu ouvi mentalmente a letra, que falava de pedir para ser libertado, exatamente como se tivesse um dos *AirPods* no ouvido — era a esse ponto que conhecia a canção. Tratava-se de mais uma das suas favoritas.

Mas era eu quem precisava de me desapegar.

*

— Só podemos esperar mais dez minutos — disse eu à Izzy, enquanto ela olhava para a sala vazia que tínhamos ocupado no aeroporto de Mazar-i-Sharif. O olhar doloroso de expectativa no seu rosto cingiu-me o peito.

— Dez minutos pode ser demasiado tempo — murmurou o Torres enquanto passava.

Não ia arriscar levá-la para a cidade ou para um sítio que ficasse a mais do que dois minutos de distância das aeronaves. Os americanos e todos os que tinham pedido vistos especiais de imigrante haviam-se reunido ali nas últimas três horas, a discutir as suas necessidades de evacuação, enquanto os representantes do comando apresentavam os seus relatórios aos assessores do Congresso.

As poucas dezenas que tinham visto e que queriam evacuação imediata já estavam no *Chinook*, restando apenas alguns retardatários, os quais tinham ido levantar a papelada que a Izzy e os outros haviam trazido para ajudar a acelerar o processo de obtenção de vistos.

— E não me vais deixar ir à procura? — perguntou a Izzy de novo, com a esperança a esmorecer-lhe nos olhos.

— Andar por aí a gritar o nome da Serena por todo o lado não vai dar o resultado que desejavas. — Tanto odiava a sua ingenuidade como estava grato por ela. Significava que tinha feito o meu trabalho a manter os horrores da guerra longe da Izzy... Até ela ir à procura deles. — De acordo com os contactos que aqui temos, ela sabe que há alguém que a quer ver.

— Mas não disseste que era eu? — A Izzy desviou o olhar das costas do civil que tinha acabado de ajudar e fitou-me, do outro lado da mesa.

— Estás a perguntar se anunciei que uma assessora de uma congressista dos Estados Unidos estava aqui à procura de uma agulha num palheiro? Não, não anunciei. Porque gosto de ti viva.

Ela levantou-se e olhou para mim, a cadeira a ranger contra o chão de linóleo, e observei as reações de todas as pessoas na sala que não faziam parte da minha equipa ou da dela. Já eram poucas e dirigiam-se para a porta, uma vez que o Graham tinha começado a fechar o local.

— Não a vou deixar aqui — sibilou a Izzy, mantendo a voz baixa. Olhei de relance para o intérprete ao seu lado, e ele afastou-se, dando-nos espaço, mas o Torres ficou por ali. Mantinha-se sempre por perto quando sentia que eu estava prestes a explodir.

— Vais, sim, se ela não tiver aparecido dentro de dez minutos. — Inclinei-me. — Prometeste que, aqui, farias o que eu pedisse, e quero que cumpras o prometido. Vamos

embora daqui a dez minutos, com ou sem a Serena a bordo.

O corpo da Izzy ficou tenso, e os seus olhos semicerraram-se para mim.

— E passar os próximos... sabe-se lá quanto tempo... a questionar-me se ela está viva ou morta? A pensar se poderia ter feito ou dito algo que a pudesse trazer para casa? Não, Na... — Fez um esgar, mas recuperou rapidamente. — ...sargento Green, não vou fazer isso outra vez.

— Acho que ela já não está a falar da irmã — sussurrou o Torres antes de se afastar.

— Certo — respondi, e ela levantou o seu pequeno queixo teimoso. — Menina Astor — recomencei, baixando a voz, mais do que consciente das pessoas à nossa volta —, não pode controlar as decisões que as outras pessoas tomam, nem tem culpa das consequências das suas escolhas. — O facto de termos chegado àquele ponto sem termos tido aquela discussão fora um milagre, mas nem pensar em começá-la em linguagem de código, não sendo de todo o local apropriado.

— Tens a certeza? — Ela cruzou os braços à frente da cintura, tendo o cuidado de não prender o lenço de seda estampado que lhe cobria o cabelo. — Porque eu tive uns anos para pensar nisso e tenho a certeza de que, se tivesse olhado para *alguém* e dito «Por favor, volta para casa», talvez essa pessoa o tivesse feito. — Os olhos dela procuraram os meus, e debati-me para conseguir apanhar o raio do coração, que me caíra no chão.

Ela nunca o pedira. Pelo menos abertamente. Por outro lado, eu nunca lhe dera motivos para pensar que teria ficado.

— Ei, Isa, estás pronta para sair? — perguntou o Holt enquanto se aproximava, parando para alternar o olhar entre nós os dois, com as sobrancelhas perfeitamente arranjadas a erguerem-se. — Interrompi alguma coisa?

— Não — respondi.

— Sim — ripostou a Izzy.

— OK, bom, vou sair com o Baker e o Turner — disse ele, afastando-se lentamente.

O Kellman assobiou ao passar, arrastando o Holt para fora da porta, atrás de nós, e deixando apenas o Graham e mais alguns operadores na sala. Se eu não lhe tivesse prometido aqueles dez minutos, a Izzy já estaria a bordo do *Black Hawk*.

— Alguma vez pensaste em mim? — perguntou ela, com a voz a descer para um sussurro.

Cerrei o maxilar, lutando contra a vontade de lhe dizer a verdade. *Todos os dias, porra.*

— Essa pergunta tem rasteira — respondi finalmente.

Ela pestanejou.

— Não dessa maneira. Quero dizer, alguma vez pensaste como seria passar *anos* a imaginar se estarias algures a combater ou se terias... morrido? — A última palavra foi pronunciada de forma quase inaudível. — Fazes ideia de quantas vezes chorei até adormecer, aterrorizada com a hipótese de estares enterrado algures? De nem sequer saber onde poderia visitar a tua sepultura?

Merda. Senti-me atordoado e expirei lentamente, mais do que consciente de que a minha

— A quípa estava a tentar dar-nos espaço.

— Não é a altura certa para isto.

— Nunca é a altura certa — retorquiu ela. — Foi sempre esse o problema, por isso talvez seja bom saber que algumas coisas não mudam. Pedes-me para ignorar — gesticulou entre nós — *tudo* e depois fazes a treta de pôr aquela música a tocar no helicóptero? Desculpe lá, *sargento Green*, mas nem todos somos capazes de nos ir embora sem olhar para trás, como o *senhor*. No entanto, avançaste logo para a missão seguinte, não foi?

Do ponto em que se encontrava, no meio da sala, o Graham ergueu as sobrancelhas e virou-nos as costas quando lhe dirigiu um olhar.

— Parece que também não tiveste problemas em avançar — sussurrei, olhando maliciosamente para o anel dela.

Ela engoliu em seco e depois enfiou a mão esquerda no cotovelo, escondendo a aliança, tentando a decência de parecer... Mas que raio parecera? Arrependida?

— Todos os dias — disse ela baixinho. — Pesquisei o teu nome no Google todos os dias, *sargento Green*, com medo de que aparecesse num obituário. Não te esqueças de que foste a primeira palavra que usei para um alerta do Google. E ficarei *devastada* se tiver de fazer o mesmo pela Serena.

Desviei o olhar, com as costelas a apertarem-me dolorosamente os pulmões por causa da imagem que ela usara. No passado, aquele alerta salvara-me a sanidade mental. Ela salvara-me a sanidade mental. Eu devia-lhe mais do que alguma vez seria capaz de restituir nesse campo, mas isso não significava que estivesse disposto a dilacerar-me, lançando a nossa relação para a mesa das autópsias. Havia coisas que nunca seria capaz de lhe dizer, nunca as revisitaria ou remexeria só para que ela pudesse ter um pouco da preciosa sensação de desfecho de que toda a gente falava. Mas aquilo? Aquilo eu podia dar-lhe.

— Nunca mudei o meu contacto de emergência — disse-lhe suavemente, baixando o tom voz para que só ela pudesse ouvir, uma vez que, de alguma forma, estávamos de novo quase a gritar.

— O quê? — exclamou ela, pestanejando.

— Nunca alterei nada nos documentos. — Abanei a cabeça. — Se me tivesse acontecido alguma coisa, terias sido avisada. Provavelmente não dos pormenores de onde, como ou porquê. Mas ter-te-iam dito que eu estava morto. Mesmo que tivessem demorado alguns dias a localizar-te, uma vez que a última morada que tinha tua era em Nova Iorque.

Toda a sua expressão se suavizou, e a tristeza que irradiava dos seus olhos cortou-me com uma precisão letal.

— Por isso, agora já sabes, quando regressares à tua vida normal — continuei, com as mãos a contorcerem-se ao pensar na pedra preciosa gigante que ela tinha na mão esquerda. — Não ter notícias é um bom sinal. A menos que queiras que mude o contacto de emergência, dado que o teu apelido não será Astor por muito tempo, e que isso poderá levar o noivo a perguntar-se porque estás a ser notificada...

— Não. — Ela abanou a cabeça com veemência. — Não mudes. Quero dizer, a menos

que apareça alguém que precise mais de saber do que eu, claro. — Mexeu-se ligeiramente e desviou o olhar, antes de o arrastar lentamente de volta ao meu. — Há mais alguém que o deva saber?

— Por aqui — disse o Elston ao entrar pela porta da frente, poupando-me ao embaraço de ter de responder à Izzy.

— Obrigada, sargento Rose — respondeu uma voz feminina vinda de trás dele.

Uma voz que reconheci. A minha cabeça virou-se na direção da porta, e a pulsação acelerou na esperança de que tudo aquilo tivesse mesmo *funcionado*.

A Izzy desatou a correr, e eu não me dei ao trabalho de a deter enquanto ela contornava mesas e passava pelo Graham. O Elston mal conseguiu afastar-se do caminho antes de ela se precipitar sobre aquela mulher.

— Serena!

CAPÍTULO DOZE

IZZY

Ilha de Tybee, Geórgia

Junho de 2014

— Nunca imaginei que fosses do tipo de gostar de gelado com sabor a bolachas com recheio de chocolate. — disse eu, dando uma lambidela nas minhas duas bolas de creme de nozes-pecãs, enquanto eu e o Nate caminhávamos sem rumo por Tybee. Eu prendera o cabelo num rabo de cavalo descontraindo para evitar o calor húmido, deixando o pescoço e os ombros expostos ao sol de junho.

— Nunca imaginei que fosses uma rapariga que comesse gelado às dez da manhã, mas pronto — respondeu ele, revelando a maldita covinha. E os olhos? Sim, continuavam a ser tão arrebatadores quanto os recordava.

Atravessámos a rua, e os seus dedos percorreram a parte inferior das minhas costas ao mesmo tempo que trocava de lugar comigo no passeio, ficando do lado da estrada. Numa escala de um a dez, aquilo era um maldito doze nas coisas mais sensuais que um homem poderia fazer que não fossem sexuais, o que não estava a permitir que o meu batimento cardíaco desacelerasse.

Algo dentro de mim mudara no segundo em que o reconhecera, na noite anterior, e, por mais que quisesse regressar a quem era na véspera, não conseguia, não quando tinha aquela inexplicável, caótica e absurda sensação de que estava de alguma forma ligada àquele homem.

O homem a quem ligara do aeroporto, duas horas antes, sentada na minha mala, junto às malas partidas, enquanto a Margo me observava, receando que eu ficasse retida.

Não me preocupara com isso. Nem por um segundo. Ele não me deixara naquele avião nem me abandonara no rio. O Nate mostrara-me tudo aquilo que eu precisava de saber sobre o seu carácter dois anos e meio antes. O que significava que estava aterrorizada com a hipótese de a minha impetuosidade lhe ter estragado o dia.

— Tens a certeza de que não te dei cabo dos planos para hoje? — Olhei para ele por trás do meu cone. — Não estava propriamente a pensar de forma racional quando alterei o meu voo naquela manhã. Fiquei ali parada, a ver as minhas amigas despachar as malas, mas sem conseguir fazê-lo. — Meu Deus, estava a falar pelos cotovelos e não havia como abrandar o fluxo de palavras. — Não me podia ir embora se houvesse a menor hipótese de passar mais cinco minutos contigo. E sei que isto soa — o meu nariz franziu-se — meio sinistro. E o pior é que ontem à noite nem me dei ao trabalho de perguntar se andavas a sair com alguém. E, quem sabe? Se calhar tens namorada, e agora acabei de pôr um ponto final nos teus

planos...

— Izzy — interrompeu ele, erguendo as sobrancelhas por baixo do boné dos Saint Louis Blues e tocando-me no ombro nu com a mão. Bolas, o toque dele soube-me mesmo bem. — Não tenho namorada. Se tivesse, ter-te-ia dito ontem à noite e não estaria aqui contigo agora. — Um canto da boca dele ergueu-se num sorriso, e as minhas coxas contraíram-se. — Ou então já não teria namorada.

Significaria isto que ele também sentia o que quer que fosse esta atração entre nós?

— Então não dei cabo dos teus planos ao estragar os meus?

Ele abanou a cabeça.

— Não poderia imaginar nada melhor do que passar contigo o meu último dia nos Estados Unidos. Desde que deixes de gozar com o sabor do meu gelado, tendo em conta que tens um gosto para gelados de uma mulher de oitenta anos.

— Não tenho nada — ripostei em defesa do meu sabor favorito.

Último dia nos Estados Unidos. Ele ia-se embora no dia seguinte. Senti-me desabar.

— É gelado de nozes-pecãs — provocou ele. — Existe desde o fim do século XIX. É como se fosse a avó de todos os outros sabores de gelado. — Deu uma dentada no meu gelado.

— É um clássico. — Lambi a parte lateral do meu cone, e os olhos dele arregalaram-se, seguindo o movimento.

— Ainda não acredito que estás aqui. — Ele abanou a cabeça, olhando para mim da mesma forma que aposto que eu estava a olhar para ele, em puro espanto.

— Nem eu. — Virei-me e continuámos a andar, serpenteando pela rua pitoresca.

— Já cá estou há alguns anos, por isso a minha presença não é assim tão surpreendente. — Deu mais uma dentada no gelado. — Tu apareceres, isso é que é uma coincidência.

Quem fazia aquilo? Comer um gelado *à dentada*?

Alguém que não tem tempo para o deixar derreter.

Por outro lado, eu tivera muito mais olhos do que barriga ao pedir aquilo. Deitei fora o cone e vi uma livraria mais adiante.

— Ainda estás a seguir a lista de livros?

— Lentamente. — Deu mais uma dentada, devorando outro pedaço. — É difícil arranjar tempo para ler entre as aulas da faculdade e as pessoas a dispararem contra nós, mas estou a fazer progressos.

Parei, de olhos arregalados.

O Nate virou-se, com a testa franzida.

— Merda. Esqueci-me de que provavelmente não estás habituada a ouvir coisas destas.

— Tudo bem. — Forcei um sorriso. Não estava. Nem de longe, nem de perto. A ideia de ele ser alvejado era... incompreensível.

— Não está nada bem. Esquece o que eu disse. — Atirou o que restava do seu gelado para o caixote do lixo mais próximo e olhou para a rua em volta. — Tenho uma ideia. — Estendeu a mão.

Peguei nela.

— Chuta.

*

Duas horas depois, sentámo-nos no balouço duplo de madeira em North Beach, com o Nate a balançar-nos gentilmente enquanto os meus pés se alongavam por cima do colo dele, pousando na grade oposta. A que estava atrás de mim moveu-se um pouco enquanto eu folheava as páginas de *Outlander — Nas Asas do Tempo*, sublinhando as minhas frases preferidas com um marcador amarelo fluorescente, enquanto ele fazia o mesmo com *De Olhos Pousados em Deus*, mas eu não queria saber.

Não me lembrava de ter passado um momento tão perfeito nos vinte e um anos da minha vida.

— Nem acredito que escolheste esse livro — murmurou ele, olhando-me de relance antes de passar o marcador por uma das páginas.

A ideia dele fora... arrebatadora. Levava-me à livraria e dissera-me para escolher um dos meus livros preferidos, que eu achasse que ele ainda não tinha lido, e o Nate fizera o mesmo, comprando ambos, bem como dois marcadores amarelos.

— Um pouco de romance não te vai fazer mal. — Um sorriso curvou-me a boca enquanto a brisa do mar agitava as páginas do grosso livro de bolso. — Além disso, está a ser adaptado neste momento. Sai em agosto, acho eu. Nessa altura, vais agradecer-me.

— Em agosto ainda estarei destacado. — O lado da sua mão roçou o meu joelho enquanto ajustava o livro, e senti borboletas beijarem-me a orla do estômago. Eu estava perfeitamente consciente de tudo em relação a ele, desde a forma subtilmente *sexy* como puxava a aba do chapéu até ao cuidado que tinha em espalhar-me protetor solar para que eu não apanhasse um escaldão, com os calções de ganga e a parte de cima de um biquíni que vestira quando pensáramos em ir à praia. — E tu vais começar as aulas, certo? — perguntou-me, virando outra página e passando o conteúdo em revista.

— Sim, em Georgetown — respondi, escolhendo apenas as frases mais românticas para sublinhar e imaginando a cara dele quando chegasse a essas partes. Estaria a meio mundo de distância.

— Não pareces contente com isso. — A cabeça dele inclinou-se para o lado, ao olhar para mim por baixo do chapéu. — Tanto quanto sei, é uma faculdade muito boa.

— Pois é. — Com a mão, protegi os olhos do sol para ver melhor a cara dele. — E não é que eu *não* esteja grata por ter sido aceite, é só que... — Um suspiro fez que os meus ombros se abatessem, e olhei para as famílias domingueiras a brincar na praia.

Ele mexeu-se, e as suas mãos emolduraram o meu rosto por um instante ao colocar o seu chapéu na minha cabeça.

— Por causa do sol.

— Obrigada. — Sorri docemente, percorrendo a aba com os dedos. — Nunca usei a tua camisola — irrompi. Merda, deveria ter tomado o comprimido para a TDAH, mas era fim

de semana, pensei que iria apanhar o avião, e eles davam-me sempre cabo do apetite, e às vezes eu só queria comer por diversão, e agora estava a dizer tudo o que me vinha à cabeça.

— Devias — disse ele. — Usá-la, quero dizer. Seja como for, já a tens há mais tempo do que eu. E devias fazer o mesmo com a mochila e o *iPod*. São praticamente teus. — A covinha dele fez uma aparição, e a minha pulsação vacilou. — Na verdade, estou oficialmente a dar-te tudo.

— Não queres que tos envie? — Foi a única razão que me ocorreu para pedir a morada dele, uma vez que não pensei que ele fosse receber mensagens durante o próximo ano, que era o tempo que a missão durava.

— Não. Até gosto da ideia de os usares. Desde que não esteja tudo estragado por causa da água. — Fez uma careta. — Estão nojentos?

— Não. — Ri-me. — Surpreendentemente não estão nojentos, embora as partes brancas já não estejam tão imaculadas como devem ter sido. Mas tudo o que tinhas lá dentro deve ter ficado destruído, porque só aquilo é que voltou.

— Chegaste a recuperar a tua mala?

Anuí com a cabeça.

— Apareceu um mês depois dos teus pertences. Acho que o facto de ter a minha identificação lá dentro ajudou.

— Acredito que sim. — Ele voltou a olhar para o livro, mas o marcador pairava sobre a página sem se mexer. — Ainda tens medo de voar? — perguntou suavemente. — Sempre me questionei se o acidente...

— Me teria fodido ainda mais? — sugeri, imprimindo um ar particularmente ousado à minha deixa.

— Não teria posto as coisas dessa maneira, mas, já que falas nisso... — Lançou-me um olhar apologético.

— Não voei durante dezoito meses — admiti, passando por cima do capítulo seguinte para chegar às minhas partes favoritas. — Foi preciso muita terapia. Para isso e para os pesadelos. — Um arrepio tentou subir-me pela coluna, apesar do calor crescente... — Mas agora já tenho recursos para lidar com isso.

— Recursos?

— Bem, sim. Não é que eu consiga controlar os ataques de pânico. Afinal, tivemos mesmo um acidente de avião. E, obviamente, vivemos o melhor dos piores cenários, mas nunca mais vou poder dizer a mim própria que a probabilidade de um acidente desses é quase nula, porque agora o medo tem fundamento. — Os meus olhos semicerraram-se. — Nunca tiveste problemas em voar depois do que aconteceu?

Ele encolheu um dos ombros.

— Puseram-me no voo seguinte com partida de Saint Louis, por isso... — Engoliu com dificuldade. — Voei. Disse a mim mesmo que, se o universo quisesse que eu morresse num acidente de avião, teria morrido. Mas compreendo os pesadelos. Faço aquela coisa das afirmações, «Já não estás lá, estás em casa», que vi no canal do YouTube de um terapeuta.

As minhas sobrancelhas ergueram-se.

— No *canal do YouTube* de um terapeuta?

— Ter a assinatura de um psiquiatra nos nossos registos clínicos não é propriamente bom na minha área profissional — explicou ele, sublinhando outra frase, e continuou. — Faço o que tenho de fazer no momento e depois sigo em frente. É como disseste — afirmou, olhando para mim —, um recurso para lidar com a situação.

— Há *alguma coisa* de que tenhas medo? Tem de haver alguma coisa, certo?

— Claro. Tenho medo de me parecer com o meu pai. — Estendeu a mão para a direita e tirou algo da mochila. — Pastilhas?

— Não, obrigada. — Acho que o assunto não iria ser alvo de discussão.

Colocou uma na boca, e passámos mais uma hora assim, a baloiçar na praia e a sublinhar os nossos livros preferidos um para o outro.

Quando acabámos, o sol já ia alto no céu, e a minha pele estava pegajosa de suor.

— Queres ir à água? — perguntei-lhe, acenando com a cabeça para a praia.

— Parece-me bem. — Pusemos os livros na mochila dele e caminhámos em direção à beira-mar, escolhendo um lugar longe de toda a gente. Ele tirou duas toalhas da mochila e eu levantei as sobrancelhas. — É a última coisa a meter na mala — disse ele em resposta à minha pergunta tácita. Depois, despimo-nos. Para mim, foi uma simples questão de me libertar dos calções de ganga e descalçar as sandálias.

Tentei desviar os olhos do seu corpo enquanto ele puxava a camisa por cima da cabeça. Falhei. Miseravelmente. Contudo, em minha defesa, o Nathaniel Phelan fora criado para ser observado, para ser admirado, para ser completamente babado.

A sua barriga era como a de um anúncio da *Abercrombie*, cheia de músculos que ondulavam e se flexionavam, e os sulcos diagonais que conduziam aos seus calções de banho fizeram-me água na boca quando antecipei traçar essas linhas com a língua. O seu peito era musculado, os braços, fortes, e cada centímetro da pele que eu conseguia ver estava dourado num bronze palpável.

— Estás pronta? — perguntou ele, com um sorriso de satisfação quando me viu em biquíni. Eu não estava ao nível dele em termos de forma física — tinha curvas que mostravam quanto tempo passara a estudar naquele ano, mas a maneira como os seus olhos se acendiam fez-me sentir... bonita.

Tirei o chapéu dele e sacudi o cabelo.

— Pronta.

Entrámos na água e inspirei profundamente quando a primeira onda fresca me atingiu o estômago aquecido pelo sol.

O Nate riu-se e depois mergulhou completamente, com a confiança de alguém que fazia aquilo com muito mais frequência do que eu. Quando veio à tona, a água alcançou o elástico dos seus calções de banho, e eu fiquei a olhar, paralisada, enquanto a água escorria do seu corpo.

Depois pestanejei e aproximei-me, erguendo a mão, mas sem tocar nas linhas prateadas

que quase se tinham desvanecido nas cristas superiores dos seus abdominais.

— O que é que aconteceu?

Ele contraiu o maxilar, mas depois sorriu rapidamente.

— Sofri uma rutura do baço no Afeganistão, na última missão. Agora temos cicatrizes a condizer.

O meu olhar alargou-se a cada segundo, enquanto as ondas passavam por nós.

— Acidente de avião? — tentei brincar.

— Dispositivo explosivo improvisado.

De repente, o meu corpo estava tão frio como a água à nossa volta.

— Estiveste envolvido numa explosão?

— O veículo em que eu estava, sim. — Alongou a mão, ajeitando-me o cabelo atrás das orelhas com as pontas dos dedos frios. — Não olhes para mim assim, Izzy.

— Assim, como? — Foi apenas um sussurro, até a próxima onda me atingir um pouco mais alto. — Como se estivesse preocupada?

— A minha mãe preocupa-se o suficiente por todas as outras pessoas do planeta. Não precisas de te preocupar. Estou bem. Vês? — Estendeu os braços e virou-se lentamente, mas eu não saboreei a visão das suas costas e tronco nus como alguns minutos antes. Agora via todos os sítios em que ele se podia magoar. Cada centímetro de vulnerabilidade.

— Gostas? — perguntei, quando ele voltou a encarar-me. — Do que fazes?

— Sou bom nisso — respondeu ele, encolhendo os ombros.

— Não é a mesma coisa.

— Diz a mulher que não parece muito entusiasmada por ir começar as aulas em Georgetown, aos vinte e um anos — ripostou, erguendo uma sobrancelha escura.

— Ninguém está a tentar matar-me — respondi.

— É por isso que o que faço não me incomoda. — Aproximou-se mais, a mão a tocar na minha cintura para me firmar quando uma onda maior ameaçou levar-me de volta para a praia. — Se ninguém está a tentar matar-te aqui, então isso significa que estou a fazer o meu trabalho lá. É assim que gosto de ver as coisas, é assim que tenho de ver as coisas.

— E é esse o teu sonho?

— Não estou a perceber. — Os dedos dele flexionaram-se, e debati-me para não me inclinar na sua direção.

— É isto que vais fazer para o resto da tua vida? É esta a tua carreira? — *Diz que não. Diz que sairás ao fim de três anos, como disseste no avião.*

— Eu sou mesmo bom nisto, Iz — disse ele suavemente. — Já sou um soldado de elite. Estou a ponderar a seleção para as Forças Especiais quando voltarmos. O meu amigo Torres tem a vida militar no sangue, o pai dele era da Força Delta, e eu disse-lhe que ia pensar em fazer a formação com ele.

Se voltarem.

— Vais dizer-me porque não andas por aí com um sorriso resplandecente por teres entrado na Faculdade de Direito de Georgetown?

— Não era o meu sonho, só isso. — Afastando-me, mergulhei na água, deixando que a força das ondas insistentes me recordasse de como éramos pequenos em relação ao mundo que nos rodeava. Depois levantei-me e afastei o cabelo dos olhos.

— De quem era o sonho? — O Nate franziu o sobrolho enquanto nos afundávamos, com a água a pousar mesmo por baixo do meu peito, entre as ondas.

Desviei o olhar daquele seu olhar azul penetrante.

— Não tens de me dizer. Nunca te pressionarei a revelar algo que não queiras. — Passou as mãos pelo cabelo. — Não é que eu tenha o direito de saber, de qualquer forma. Conhecemo-nos há quanto tempo? Dezoito horas, se juntarmos todo o nosso tempo juntos?

Isso fez-me virar para ele.

— Dois anos e meio — disse eu, corrigindo-o. — Conhecemo-nos há dois anos e meio. E eu não me queria licenciar mais cedo, mas o meu namorado era um ano mais velho e disse que queria que eu fosse com ele. — Fiquei com um gosto amargo na boca. — E os meus pais estavam tão entusiasmados com a ideia de eu poder casar com um Covington...

— Estavam noivos? — O olhar dele baixou para a minha mão como se lhe tivesse escapado alguma coisa. — E que raio é um Covington?

— Não. — Abanei a cabeça. — *Quem* é um Covington. — Escapou-me um riso amargo perante a minha própria tolice. — Meu Deus, adoro que não saibas. Adoro que não me saibas dizer todos os senadores que vieram do seu ramo familiar ou qual é o seu património líquido, porque, acredita em mim, o meu pai podia cuspir esses detalhes como um computador. A ideia de eu me casar com alguém de uma família como aquela fazia-o praticamente salivar. É tudo o que eles querem para si mesmos, embora digam que é para mim, e foi por isso que ele se ofereceu para me pagar a faculdade de Georgetown se eu me formassem em Syracuse mais cedo e fosse com o...

— Parvalhão — sugeriu o Nate. — Não quero saber o nome dele. Se ele foi estúpido o suficiente para te perder, como o termo *ex implica*, então é um parvalhão.

Desta vez o meu riso foi tudo menos amargo.

— Sim, podemos tratá-lo assim. O *parvalhão* também foi aceite em Georgetown, claro, por isso começámos a fazer planos. — Suspirei. — Até posso admitir que, por uma vez, era bom estar à altura das expectativas dos meus pais. Eles vieram à formatura e até organizaram uma festa gigantesca. Arrendámos um apartamento perto do *campus*, fizemos o depósito e tudo... — A minha testa franziu-se. — Devia ter percebido logo, quando a Serena me disse que não gostava dele. Ela é excelente a avaliar personalidades. — Eu não parava de saltar com as ondas seguintes, agora que estávamos mais fundo. — De qualquer forma, ele foi aceite na lista de espera para Yale mesmo antes da formatura e agora está em New Haven.

— Ele trocou-te por uma *faculdade*?

— Sim. — Gaguejei eu quando a próxima onda levou a melhor sobre mim e o Nate me puxou contra o seu tronco firme como uma rocha. O meu coração bateu de forma assustadora, mas o do Nate estava firme sob a mão que eu estendia sobre o seu peito. *Concentra-te*. — E eu tentei aquela cena do «vamos namorar à distância», porque sou

ingênuo. E ele... — Procurei as palavras certas. — Ele recusou respeitosamente, ao ver que em Yale havia uma infinidade de mulheres que não eram *dinheiro novo* entre as quais poderia escolher.

— Parvalhão — murmurou o Nate.

— Parvalhão — concordei. No entanto, naquele momento, com a água fresca a precipitar-se à nossa volta e a pele quente do Nate sob os meus dedos, sentia-me esmagada de gratidão pelo meu novo estado de solteira. O Nate era o oposto de tudo o que o *Parvalhão* fora. Era aberto, brutalmente sincero, corajoso até à exaustão e extremamente cuidadoso comigo. — Os meus pais ainda não recuperaram da desilusão de *quase* se terem unido à família Covington. Por isso, agora estou em Georgetown porque persegui o sonho de outra pessoa e ainda não percebi o que fazer com isso.

— Arranja uma forma de o tornares teu — sugeriu ele, pegando-me ao colo quando a próxima onda embateu. — Arranja uma forma de fazer a diferença.

Encorajada pela forma como ele me abraçou, levantei-me e passei os dedos pelo seu cabelo molhado. Amanhã, pela mesma altura, eu estaria em DC, e ele a caminho de uma zona de guerra.

— Se eu pudesse fazer a diferença, arranjava maneira de te manter aqui.

Uma emoção que não consegui definir, mas que se parecia muito com nostalgia, passou-lhe pelo rosto.

— Para isso seria preciso uma resolução do Congresso. — O seu olhar desceu para a minha boca.

— Acho que vais ter de te ir embora, então. Nunca me interessei especialmente por política — sussurrei enquanto outra onda empurrava o meu corpo firmemente contra o dele.

— Eu também não. — O braço dele prendeu-se à volta das minhas costas. — Izzy...

— Nate?... — Deus, não conseguia parar de olhar para a boca dele.

— Vou beijar-te. — A certeza das suas palavras fez a minha pele afoguear-se.

— Ah, sim? — Passei a língua pelo lábio inferior, sentindo o sabor de sal.

— Sim. — Ele baixou a cabeça devagar, dando-me tempo mais do que suficiente para objetar. — Mas se não quiseres...

— Quero. — Inclinei o rosto e arqueei-me, roçando a minha boca na dele. Não foi nada, o fantasma de um beijo, mas estimulou todos os nervos do meu corpo, e cada um deles o desejava.

Os seus olhos azuis brilharam de surpresa, e depois o Nate aproximou a sua boca da minha e beijou-me de forma insana. Os lábios dele encontravam-se frios, mas a língua estava quente quando passou pelos meus lábios entreabertos e deslizou por eles. O aroma a hortelã e a sal consumiam-me todos os pensamentos. A eletricidade dançava na minha pele.

Mais. Eu precisava de mais.

Os seus dedos cravaram-se no meu cabelo, e ele inclinou-me a cabeça para me beijar ainda mais profundamente. O sexo não era novidade para mim, mas nunca tinha sido beijada daquela forma. Ele tomou a minha boca como se eu fosse a solução para o seu próximo

batimento cardíaco, com partes iguais de delicadeza alucinante e necessidade vertiginosa.

Foi o melhor primeiro beijo da história de... tudo.

Gemi, e ele levantou-me para que as nossas bocas ficassem ao mesmo nível, sem nunca desfazer o beijo.

As minhas pernas enrolaram-se à volta da cintura dele como se pertencessem àquele lugar, com os tornozelos a prenderem-se na lombar dele. Beijar o Nate não era apenas tudo aquilo que eu havia sonhado; era *melhor*.

— Merda — praguejou, arrancando a boca da minha quando ambos estávamos ofegantes, e encostou a testa na minha.

— Não era o que esperavas? — Os meus dedos entrelaçaram-se atrás do seu pescoço quando outra onda se abateu na minha pele quente, sem sequer o perturbar.

— Muito pelo contrário. — Beijou-me o maxilar, depois a garganta, antes de regressar aos meus lábios. — Tudo o que eu esperava e muito mais. Eu sabia que ia ser assim contigo.

— Química — murmurei, mas não era essa palavra que me fazia cócegas nas margens da mente. *Destino*. Não havia outra maneira de explicar aquilo, de nos explicar.

— É mais do que isso, mas acho que defini-lo não seria justo para nenhum de nós. Não quando só temos algumas horas antes do teu voo.

Ele estudou o meu rosto como se o estivesse a memorizar.

— O nosso *timing* é péssimo. — As minhas coxas apertaram a cintura dele enquanto eu lhe depositava um beijo na face.

— O nosso *timing* é uma treta. — A mão dele percorreu-me a coluna, sem chegar a tocar-me o traseiro.

Queria que ele o fizesse. Queria-o de todas as formas possíveis até o sol se pôr.

— Então dá-me as próximas horas.

Cada linha do seu corpo comprimiu-se contra mim, e a sua respiração tornou-se irregular quando lhe beijei o pescoço de lado.

— Izzy — gemeu ele, puxando-me o cabelo com força para me afastar. A luxúria nos seus olhos abrandou a ferroadada da rejeição. — Eu não quero horas. Quero noites. Dias. Semanas. Quero arrastar-te para um quarto e trancar-nos lá dentro até conhecer cada centímetro do teu corpo, provar todos os sítios em que gostas de ser beijada, explorar todas as formas de te fazer vir e depois ouvir a tua voz ficar rouca de tanto gritar o meu nome. Isso é... — Ele abanou a cabeça.

— Sim. É um sim. — Tudo o que ele tinha enumerado parecia fantástico.

— Eu ia dizer «uma loucura». — Ele sorriu, e eu derreti-me perante o lampejo da covinha. — E é bem possível que para a semana ainda me venha a flagelar por dizer isto, quando tiver cada segundo deste momento em repetição incessante na minha cabeça, mas quero a única coisa que não temos, Izzy, que é tempo.

— Eu sei. Eu sei. Eu também. — Queria uma hipótese, uma hipótese real e sem pressas do que poderíamos ser. — Isso quer dizer que não me beijas mais?

— Raios, não. — Beijou-me longa e lentamente, com o ritmo a tornar-se uma sedução

demorada e meticulosa. — Beijo-te sempre que pedires, Isabeau Astor.

— Prometes? — Sorri contra a sua boca.

— Prometo. — E cumpriu a promessa, beijando-me até a nossa pele ficar enrugada na água. Beijou-me enquanto nos secávamos, enquanto caminhávamos para a carrinha dele, antes e depois do nosso almoço tardio.

Beijou-me até os meus lábios ficarem inchados e eu conhecer cada linha da sua boca com a mesma familiaridade com que ele conhecia a minha.

Depois, a minha mala foi despachada, o livro que ele escolhera para mim foi enfiado no meu trólei, e a garganta apertava-se a cada passo que ele dava para me acompanhar até ao ponto de controlo de segurança do aeroporto.

E se o tempo que desejávamos nunca chegasse?

E se aquilo fosse tudo o que tivéssemos?

E se...

— Para. — Ele virou-me contra os seus braços e embalou o meu rosto. — O que quer que estejas a pensar, para.

Os meus olhos ardiam, e eu sabia que não era do sal e do sol.

— E se não voltares?

As sobrancelhas dele contraíram-se, e o Nate inclinou-se lentamente, pousando-me um beijo na testa.

— Hei de voltar.

— Não sabes. — O tecido da *T-shirt* dele era macio ao toque quando os meus punhos se fecharam contra o seu peito.

— Não tens de te preocupar comigo. Sou ridiculamente difícil de matar. — Abraçou-me com força, pousando o queixo no topo da minha cabeça.

— Dizes isso como se fosse impedir-me de me preocupar todos os dias durante o próximo ano.

— Não. — Agarrou-me pelos ombros e inclinou-se para trás, olhando para mim com tal intensidade que a minha respiração ficou em suspenso. — Também não faças isso. Não te atrevas a andar por aí a preocupar-te. Não desperdices a tua vida à minha espera, Izzy.

Os meus lábios entreabriram-se, mas não havia palavras para a forma como o meu coração se agitava no limite da sua exigência, pronto a cair... ou a despedaçar-se.

— Não te vou fazer isso. — Segurou-me o rosto de lado, passando o polegar pela minha face. — Tu vales muito mais.

— E se eu quiser fazer isso a mim mesma? — Merda, estaria a minha voz a falhar?

— Não o faças — implorou ele, com a voz a desaparecer num sussurro. — Acabaste de desenraizar toda a tua vida por alguém. Não desperdices meses por outra pessoa. — Ergueu uma sobrancelha. — E não penses que isto tem alguma coisa que ver com o facto de eu não te desejar ou uma treta qualquer. Deus, o que eu faria por ti se pudesse...

— Então onde é que isso nos deixa?

— Nós somos... — Engoliu em seco e inspirou de forma entrecortada. — Somos nós. O

Nate e a Izzy.

— Indefinidos — sussurrei, lembrando-me do que ele dissera sobre não ser justo para nenhum dos dois tentar rotular o inexplicável.

— Se quiseres escrever-me, farei o mesmo. Se não quiseres, não te vou pressionar. Quero que tenhas todas as oportunidades que desejas para ti em Washington.

— Mesmo que essa oportunidade signifique outra pessoa? — desafiei. Talvez fosse infantil, mas não me importava. Não quando estávamos prestes a pegar no presente que o destino nos tinha oferecido e a desperdiçá-lo por ele não querer que eu *esperasse*.

Ele fixou o meu olhar com olhos firmes e inabaláveis e anuiu com a cabeça.

— Mesmo que signifique outra pessoa. Cada segundo que tive contigo foi um presente que nunca mereci, e recuso-me a pensar em ti aqui, a perder... qualquer coisa por minha causa.

— E daqui a um ano? — Encostei a face à palma da mão dele.

— Pode ser menos... Mas gosto de me preparar para o longo prazo.

— O que acontecerá quando voltares?

Ele suspirou, depois baixou a cabeça e beijou-me como se não estivéssemos no meio do aeroporto. Beijou-me como se não houvesse ninguém a ver e nada a esperar por nós do outro lado do amanhã. — Sabes qual é a melhor parte de não definir isto?

— A minha liberdade a contragosto? — murmurei.

Ele riu-se.

— Não. As possibilidades, Izzy. É isso que nós somos. Possibilidade.

Possibilidade. A mesma razão pela qual ele adorava o nascer do sol.

Tudo em mim gritava para me agarrar a ele, mas deixei-o ir, porque era o que ele desejava. E, em toda a sinceridade, provavelmente aquilo de que eu precisava. Tinha acabado de sair de uma relação de dois anos. Precipitar-me para outra quando estava destinada a sabotá-la com a minha bagagem não resolvida era a última coisa que queria fazer com o Nate. Se porventura houvesse uma oportunidade para nós, ele tinha razão — não era agora.

Beije-o uma última vez e recuei um passo.

— Só... não morras. — Eram as últimas palavras que eu recordava do acidente, mas pareciam encaixar-se também nesta ocasião. Não tinha a certeza do que isso dizia sobre nós.

— Não estava a pensar fazê-lo. — Um canto da sua boca levantou-se, mas não era um sorriso completo.

Pestanejei.

— Foi isso que disseste...

— Eu sei. — Ele recuou, enfiando as mãos nos bolsos dos calções. — Lembro-me de tudo sobre ti. Agora, entra no avião para que também me possa lembrar disto.

— Possibilidades? — O meu peito doía-me tanto que me custava respirar.

— As melhores. — Ofereceu-me um sorriso, mostrando a tal covinha, e desapareceu no meio da multidão.

CAPÍTULO TREZE

IZZY

Mazar-i-Sharif, Afeganistão

Novembro de 2021

— Serena! — Passei os braços à volta da minha irmã mais velha, atónita, entrelaçando-os por cima da mochila que ela trazia às costas, e apertei com força, com o coração a bater tão descontroladamente que quase pensei que me fosse saltar do peito. Resultara. Ela estava ali. Todos os cordelinhos que eu puxara para ocupar o lugar do Newcastle tinham valido a pena porque ela estava *ali*. Fora quase demasiado fácil, demasiado simples, mas eu não ia amaldiçoar a minha sorte.

Ia levar a minha irmã para casa.

— Iz? — A Serena ficou tensa por um segundo antes de os seus braços se fecharem lentamente à minha volta, com a máquina fotográfica a ficar presa entre nós, pendurada ao pescoço dela pela correia. — Isabeau? — As suas mãos moveram-se para os meus ombros, e ela recuou, com os olhos castanhos arregalados enquanto examinava o meu rosto. — Mas que raio estás aqui a fazer? — gritou, com algo semelhante a horror a marcar-lhe as feições, surgindo duas rugas entre as sobrancelhas.

— Diz-me como te sentes realmente. — O meu sorriso era impossível de conter. Tinha-a encontrado. Bem... O Nate tinha-a encontrado. Ela parecia estar a precisar de um mês de sono, e talvez tivesse de lavar a camisa prática e o lenço azul que eu puxara inadvertidamente ao abraçá-la com tanta força, mas tudo isso era fácil de remediar.

— Não estou a brincar! — Os dedos dela cravaram-se nos meus ombros, e a voz tornou-se mais aguda, em pânico. — Não devias estar aqui!

Pestanejei. Pensar que ela poderia ficar irritada com a minha interferência e vê-lo de facto acontecer eram duas coisas diferentes.

— Mas eu vim por tua causa.

— Tu *o quê?*

OK, ela estava um pouco mais do que irritada. Estava zangada.

Gerou-se uma agitação atrás da Serena, e ela olhou para trás.

— Ele está comigo. É o meu intérprete — disse ela a um dos colegas de equipa do Nate. Ao White? Ao Gray? Ao Brown? A um deles.

O operador — para usar a terminologia do Nate — baixou a arma e deixou entrar um homem ligeiramente barbudo. Este colocou-se logo ao lado da Serena, alternando o olhar de uma para a outra com um ar de surpresa e reconhecimento óbvio que eu não partilhava.

— Izzy, este é o Taj Barech, o meu intérprete — disse a Serena. — Taj, esta é a irmã de

que te falei tanto, aquela que *devia estar em Washington*. — Pronunciou cada uma das palavras dirigindo-se a mim.

— É um prazer conhecê-la — disse ele com um aceno de cabeça e um sorriso enérgico.

— Igualmente — assegurei-lhe, enquanto o Nate se aproximava de mim.

Os olhos da Serena arregalaram-se para dimensões impossíveis, ficando boquiaberta ao olhar para ele.

— Só podem estar a gozar comigo.

— Gosto em ver-te, Serena — disse o Nate, com uma mão na espingarda que lhe pendia do ombro. — Nada de fotografias minhas ou dos meus homens.

— Conheço as regras, no teu caso. — O olhar dela estreitou-se, e as suas mãos caíram dos meus ombros. — Não acredito que deixaste mesmo a Izzy...

— Ele não me *deixou* nada! — disse eu, recuando um passo. — Acredita em mim, se ele pudesse, eu estaria no primeiro voo daqui para fora.

— Se tivesse sido eu a decidir, nem sequer terias vindo para cá — resmungou o Nate antes de se dirigir à Serena. — Ela veio no lugar de outro funcionário. Eu nem sequer sabia que a Izzy estaria cá antes de a ver entrar na pista, senão teria feito alguma coisa para o impedir.

— Muito bem, vão-se lixar, *os dois*. — Cruzei os braços sobre o peito. — Sou uma mulher adulta que toma as suas próprias decisões, algo que nenhum de vocês parece compreender.

— Foi uma má decisão, Isabeau. — A voz da Serena voltou a subir de tom. — Fazes ideia de como isto é perigoso?

— Desculpa lá... Como? Não posso dar três passos para fora do meu quarto sem que o sargento Maus-Bofes siga todos os meus movimentos. — Fiz um gesto na direção do Nate. — Por isso, sim, percebo como isto é perigoso. E tu? Percebes? Porque não vejo guardas armados *contigo*.

O Taj olhou para nós os três e inclinou a cabeça para o lado.

— Parece que temos aqui um assunto de família. Eu vou... para outro lado. — Afastou-se lentamente, mas não havia muitos sítios para onde pudesse ir na sala quase vazia.

— Olha, por mais divertido que seja finalmente ter alguém do meu lado em relação à viagem de campo da Isabeau ao Afeganistão... — começou o Nate.

— Presumir que estou do teu lado em relação a qualquer coisa é um erro crasso. — A Serena fitou-o.

— ...temos de ir para o helicóptero — terminou ele, ignorando por completo a punhalada da minha irmã. — Estão à nossa espera.

— Sendo assim, desanda com ela daqui para fora — contrapôs a Serena.

— Ótimo. Então, vamos — disse eu, virando-me para a saída. — Podemos acabar a discussão na embaixada.

— Espera lá. Achas que vou contigo? — perguntou Serena, correndo para me alcançar e agarrando-me pelo cotovelo.

Parei abruptamente, virando-me para a encarar enquanto o pavor se instalava no meu

estômago:

— Por que outro motivo achas que eu estaria aqui?

A raiva dela derreteu-se, mas o olhar de comiseração que a substituiu não foi muito melhor.

— Izzy, não me posso ir embora. Tenho um trabalho a fazer aqui. Ainda não se passaram os seis meses completos. Continuo destacada por mais trinta dias.

— O país está... — Abanei a cabeça.

— Em colapso — disse o Nate, caminhando na nossa direção. — O país está a entrar em colapso.

— Então, é minha função cobrir isso — afirmou a Serena, como se aquilo representasse o fim da discussão.

— Não podes estar a falar a sério... — As palavras saíram num sussurro.

— Estou — disse, ajustando as alças da mochila. — Estou aqui a fazer exatamente o que devia estar a fazer. Esta é a missão mais longa que já me foi dada. Lutei por ela, e não vou terminar mais cedo só porque as coisas estão a ficar perigosas. Nunca seria capaz de manter a cabeça erguida no escritório.

O Nate levou a mão ao auricular e inclinou a cabeça para o lado.

— Estou a tratar disso — respondeu ele no tom profissional a que eu já me tinha habituado, antes de se virar para a minha irmã. — Serena, percebo o que estás a dizer, mas não é seguro ficares. Tu sabes disso. Eu sei disso. A Izzy sabe-o. Três províncias caíram nas últimas vinte e quatro horas. Compreendo perfeitamente a tua dedicação à profissão, mas, a bem da tua irmã, estou a implorar-te que entres naquele helicóptero.

E *aquele* tom? Não era o sargento Green. Era o meu Nate. Olhei para ele e o meu coração apertou-se. Por baixo do colete balístico e das armas, continuava a ser o mesmo homem que me abraçara depois do meu pesadelo daquela manhã. O mesmo homem que me havia tirado daquele avião, dez anos antes.

— Mas é claro que precisamente tu irias perceber a minha dedicação à profissão, não é? — disse a Serena com um suspiro. — Raios, a tua dedicação à tua é a razão pela qual a Izzy acabou no gabinete da senadora Lauren. Vais terminar a tua missão mais cedo?

Ela. Não. Disse. Aquilo. A minha cabeça virou-se para a Serena, mas ela não se apercebeu do arquear das minhas sobranceiras em pânico porque estava a olhar para o Nate.

— O quê? — perguntou o Nate.

A Serena escarneceu.

— Achaste mesmo que era uma coincidência ela ter passado os últimos três anos a trabalhar para a mulher que tem andado a tentar aprovar leis para acabar com esta guerra? Ter ido para Washington logo depois de tu... — A voz dela foi esmorecendo.

Um músculo no maxilar do Nate tremeu quando ele arrastou lentamente o seu olhar para o meu.

Todo o meu corpo desabou.

Merda. Não importava que a legislação nunca tivesse tido hipótese de vingar ou que eu

estivesse basicamente a bater com a cabeça contra a parede pelos progressos que mal havíamos feito. Eu tinha passado os últimos anos a lutar infrutiferamente para acabar com o conflito que o arrastara dos meus braços vezes sem conta, e agora ele sabia-o.

Vi tudo naqueles olhos azuis. Espanto, descrença, negação e uma emoção demasiado perigosa para ser reconhecida, quanto mais nomeada. Ele olhou para mim como costumava fazer antes de Nova Iorque, deixando cair o muro atrás do qual se tinha fechado.

— Oh, merda. Pensaste que era coincidência. Não sabias mesmo — murmurou a Serena.

Eu não consegui desviar o olhar. Não consegui falar. Não fui capaz de confirmar ou negar a verdade gritante que a Serena tinha deposto aos pés dele, expondo-me com algumas palavras apenas. Nem todo o *kevlar* do mundo poderia proteger o meu coração do seu desejo insensato de se precipitar para o Nate.

— Izzy, lamento imenso — disse a Serena baixinho.

O Nate pestanejou e desviou o olhar.

— Eu sei. Hora prevista de chegada: cinco minutos. — Estava a falar pelo rádio, e quando terminou olhou para a Serena. — Então fazemos assim. Vou pôr a Isabeau no helicóptero dentro de cinco minutos. Espero mesmo que também estejas nele.

Ela engoliu em seco e olhou para trás, para o sítio onde o Taj estava a falar com um sargento qualquer.

— Mesmo que eu quisesse ir, que não quero, não o posso deixar para trás. Ele ainda não tem visto.

— Já começou a tratar da papelada? — perguntei. — Porque, se é só isso que o está a prender aqui, posso...

— Está a ser processada. — Ela avançou e envolveu o meu rosto com as mãos. — O que é que eu te disse da primeira vez que me pediste para não fazer a cobertura de uma zona de guerra?

— Que ignorar uma situação não a torna melhor para as pessoas que a vivem. — A minha garganta ameaçava fechar-se, o corpo reconhecia a minha derrota antes do coração.

— Continuo a sentir o mesmo. Ir-me embora não vai ajudar estas pessoas. O mínimo que posso fazer é dar o meu testemunho.

— Não vens comigo, pois não? — A minha voz quebrou-se na última palavra.

Ela abanou a cabeça.

— Trabalhei demasiado para chegar onde estou para agora desistir.

Comprimi os lábios entre os dentes e lutei contra o ardor imediato que me assomou os olhos. A paixão que sempre admirei na Serena também tinha o potencial de a matar, e eu não sabia o que fazer quanto a isso.

— Vou dar-vos um minuto, mas é tudo o que temos — disse o Nate rapidamente antes de se dirigir ao Taj.

— Não vou conseguir voltar — sussurrei. — Puxei todos os cordelinhos possíveis para vir até aqui, e tenho a sensação de que o Nate também o fez.

Ela sorriu.

— Só tu virias à minha procura, e adoro-te por isso. — Inclinando-se para frente, encostou a testa à minha. — Mas não me posso ir embora. Ainda não.

— E se a província cair antes dos tais trinta dias? — Mal consegui dizer as palavras. — Por favor, diz-me que vais sair antes disso. Não posso deixar-te aqui...

— Vou-me embora se a província cair.

— Promete-me.

— Prometo. Não quero morrer. Mas não vou deixar o Taj para trás. Seria indescritivelmente cruel abandonar a pessoa que fez tanto por mim, e ele já não estará seguro aqui, não depois do trabalho que fez por mim, do trabalho que fez para o nosso governo nos últimos anos. Eles irão matá-lo na primeira oportunidade que tiverem.

A esperança aflorou-me no peito.

— Posso tratar dos papéis dele. Pelo menos, farei o que puder para o ajudar. O Departamento de Estado está sobrecarregado.

— Agradeço-te por isso. — As mãos dela desceram para os meus ombros. — Lembra-te de que estou aqui porque escolhi estar. O que está a acontecer é mais importante do que eu.

— Não para mim. — Estremeci. — E, sim, percebo perfeitamente quão egocêntrico isto pode parecer.

A Serena riu-se e puxou-me para um abraço.

— Tive saudades tuas. E, aconteça o que acontecer, a minha missão termina daqui a um mês. Estarei em casa não tarda.

O Nate passou por nós, seguido pelos restantes operadores, mas eu não a conseguia largar, nem quando o vento se precipitou para dentro da sala, mais quente do que o ar sufocante e estagnado desse espaço.

— Fica com o Nate — sussurrou a Serena. — Aquele homem tem os seus defeitos, mas não há nada que não faça para te manter em segurança.

— E como é que sabes isso? — Arranjei forças para recuar e olhar para a minha irmã.

Um sorriso curvou-lhe os lábios.

— Porque vejo a forma como ele olha para ti. Acho que não mudou muita coisa nesse campo.

Abanei a cabeça.

— Ele tem sido um idiota desde que saí do avião. A única razão pela qual está a olhar para mim é porque sou a missão dele. — Mas aquela não era toda a verdade. Sentindo o seu olhar sobre mim, olhei por cima do ombro para o ver à minha espera na entrada e voltei-me para a Serena. — Mas houve um ou dois minutos em que ele foi apenas... o Nate. Estamos a fazer o melhor possível com uma situação muito confrangedora.

— Estão mesmo? — Ela recuou uns passos, os dedos a deslizarem pelos meus braços até me agarrar as duas mãos. — Se eu tive de prometer que partiria se a província caísse, promete-me também uma coisa.

— Que promessa queres em troca? — Agarrei-lhe nas mãos e disse a mim mesma que não seria a última vez que a veria. Se pensasse nisso, não seria capaz de me afastar.

— Promete-me que não te vais casar com o Jeremy. — Ela tocou no meu anel com o dedo.

— Pestanejei. Não havia maneira de a Serena saber.

— Porque ele é a escolha da mãe e do pai ou porque nunca gostaste dele? — A Serena dera a conhecer a sua opinião em voz alta na noite em que o Jeremy fizera o pedido de casamento, na festa de Natal da nossa família, muito famosa e concorrida.

— Não. — A voz dela baixou, e a sua postura suavizou-se enquanto sorria para mim como se estivéssemos de volta àquele apartamento em DC e não no meio de uma zona de guerra. — Porque eu também vejo a forma como olhas para *ele*. — Fitou-me significativamente. — Não tens nada de casar com um homem quando estás apaixonada por outro.

— Não estou... — Puxei as mãos para mim, mas ela segurou-as com firmeza.

— Estás, sim — disse, apertando-me os dedos e depois soltando-me. — E o Jeremy nunca foi suficientemente bom. Deixa de te contentar com menos do que aquilo que mereces. Deixa de seguir o caminho que a mãe e o pai traçaram para ti, a menos que seja o que tu queres. — Recuou, um passo de cada vez. — Vemo-nos daqui a um mês. Vamos comer uma piza naquele sítio perto do apartamento antigo. Meu Deus, tenho umas saudades de comer piza... — Lançou-me outro sorriso, depois virou-se e saiu, levando o Taj consigo.

Não sei como, obriguei-me a caminhar até ao Nate.

Não sei como, ele levou-me para o helicóptero.

Não sei como, consegui respirar quando descolámos, deixando a minha irmã para trás, em Mazar-i-Sharif.

O Nate meteu-me os auriculares nos ouvidos e pôs a tocar uma das minhas músicas preferidas no voo de regresso a Cabul, mas isso mal fez mossa no ruído dos meus pensamentos. Tivera-a junto mim, abraçara-a, e agora ela desaparecera. O nosso voo de volta aos Estados Unidos estava marcado para dali a dez dias.

Haveria alguma forma de convencer a Serena a partir nessa altura?

Como é que deixara aquilo acontecer?

— Tu não falhaste — disse o Nate calmamente enquanto me abria a porta do carro, quando chegámos à embaixada.

Eu estivera tão consumida pelos meus pensamentos que nem reparara que tínhamos chegado.

— Porque dizes isso? — Pelo menos o cinto de segurança não ficou preso quando saí do automóvel.

— Porque te conheço e sei como pensas.

Infelizmente, ele tinha razão.

— Tenho uma sensação de fracasso. — O calor atingiu-nos impiedosamente no momento em que nos dirigimos para a entrada.

— Ela fez a sua escolha. — Passámos pelos guardas de segurança e o Nate abriu a porta. — A Serena sempre foi teimosa como uma mula quando se trata de trabalho.

Acenei com a cabeça, mas isso não fez que doesse menos. O ar fresco era um alívio para o meu rosto quando entrámos no átrio da embaixada e começámos a subir as escadas. Queria enfiar-me na cama e dormir para esquecer aquela derrota absoluta e dilacerante. Para minha sorte, nenhum dos funcionários estava à espera, o que significava que havia uma hipótese de chegar ao quarto sem que reparassem em mim.

Eu e o Nate subimos os degraus em silêncio.

— O que a Serena disse é verdade? — perguntou ele quando nos aproximámos da porta do meu quarto. — Sobre o motivo de teres ido trabalhar para a senadora Lauren? De teres ido para a política?

Parei de súbito.

Oh, Meu Deus. Quase me tinha esquecido de que a Serena me denunciara acidentalmente. Abri a boca para responder, mas uma pessoa saiu da sala ao fundo do corredor, salvando-me do embaraço.

— Bolas, estive o dia inteiro à tua espera — disse um homem, com ar irritado, e eu e o Nate olhámos para o corredor para ver a figura caminhar até nós com determinação, o seu rosto a tornar-se desastrosamente mais claro a cada passo.

Não era um homem qualquer.

O Jeremy estava ali.

O meu estômago afundou-se.

— Estou farto de te ouvir dizer que não queres falar. — Pegou no meu braço e agarrou bem a parte de cima. — Acabei de voar até... — começou, parando abruptamente quando o Nate o desviou com brutalidade. O corpo do Jeremy bateu contra a parede ao meu lado enquanto o Nate lhe encostava o antebraço à traqueia.

— Ninguém te ensinou a não tocar numa mulher sem o seu consentimento? — Cada traço do corpo do Nate irradiava ameaça.

Oh, diabo.

— Não! — Pousei a mão no ombro do Nate. Se ele magoasse o Jeremy, as consequências seriam terríveis para a carreira pela qual ele tanto lutara. — Não faças isso. Está tudo bem. Eu estou bem.

— Isa... — consegui o Jeremy dizer.

— Conhece-lo? — perguntou-me o Nate, com os olhos a semicerrarem-se de acusação.

— Sim. — Aquiesci com a cabeça, tentando engolir o pedregulho que tinha na garganta.

O Jeremy nunca me tinha agarrado daquela maneira.

— É claro que me conhece! — rosnou o Jeremy, esticando o pescoço melodramaticamente.

O Nate largou-lhe o antebraço e recuou um passo. Durante todos aqueles anos, eu nunca tinha visto os dois homens lado a lado para poder comparar, mas, agora que isso se tornara possível, as diferenças eram surpreendentes.

O Jeremy era polido, desde o cabelo escuro penteado com gel até aos sapatos *Armani*. O rosto era impecável, e eu sabia que ele exibiria o seu sorriso de político num piscar de olhos,

com a certeza de que conseguiria pôr alguém do seu lado.

Mas ele não conhecia o Nate. O Nathaniel era alguns centímetros mais alto, cheio de músculos, e tinha uma aura de «não te queiras meter comigo». Um sorriso do Nate tinha de ser merecido. E cada cicatriz que o homem carregava só o tornava... mais.

— Sou o noivo dela! — disse o Jeremy, ajeitando a gravata *Hermès* que eu lhe oferecera pelo aniversário.

Hermès. Numa maldita zona de guerra.

A mágoa que passou pelo rosto do Nate dilacerou-me mal o encarei, mas ele disfarçou rapidamente a reação ao desviar o seu olhar do meu, avaliando o Jeremy de uma forma completamente nova. Os seus olhos fixaram-se na identificação que ele trazia presa no casaco.

O distintivo que dizia *Jeremy Covington*.

O corpo do Nate ficou ainda mais rígido.

— Não sei quem raio pensas que és — começou o Jeremy, muito próximo do peito do Nate.

Má ideia.

— É o meu segurança — disse eu rapidamente. — Vamos só... — Merda, aquilo era mau. Tão, tão, *tão* mau. Eu tinha de o afastar do Nate antes que ficasse pior ainda. — Vamos para o meu quarto conversar. — A minha mão tremia enquanto procurava a chave do quarto, mas o Nate já tinha tirado a dele.

Destrancou a porta com eficiência e abriu-a, segurando-a para que o Jeremy pudesse entrar na minha *suite*.

Segui-o, parando para observar o Nate, que olhava para diante com uma indiferença profissional.

— É complicado.

— Parece-me bastante simples. — O escárnio dele era quase silencioso, mas não propriamente. — Vais casar-te com o Parvalhão.

CAPITULO CATORZE

IZZY

Georgetown

Outubro de 2014

Tenho andado a pensar em tirar uma licença. Talvez não este ano, uma vez que estarás a meio das aulas quando eu gozar a de unidade — ou seja, férias —, mas talvez no próximo ano pudéssemos escolher um sítio onde nenhum de nós tivesse estado e simplesmente ir. Deixar tudo para trás durante uma semana ou duas e simplesmente... existir. E sei que provavelmente já viajaste muito mais do que eu. Não havia dinheiro para isso quando eu estava a crescer, mas a única coisa boa das missões é a quantidade ridícula de dinheiro que consegui poupar. Por isso, se estiveres em baixo, envia uma lista de sítios onde gostarias de ir na próxima carta. Vamos para um sítio quente, Izzy. Um sítio com praia. Um sítio onde eu possa XXXXX

Ele tinha riscado essa parte tantas vezes que a caneta rasgara o papel num ponto. Suspirei e pousei a carta na bancada da cozinha.

Como era possível ter tantas saudades de alguém quando se passara tão pouco tempo com essa pessoa?

— Quantas vezes leste essa? — perguntou a Serena enquanto acabava de fazer o jantar no fogão da ilha, à minha frente.

— Uma ou duas vezes. — Tal como o Nate, eu conseguia ver o lado positivo nas coisas más, e a única coisa boa que tinha resultado do facto de o Parvalhão me ter trocado por Yale fora a Serena ter-se mudado para o T2 quando fora contratada pelo *Post*. Ela gostava de se flagelar por não ser o *Times*, mas eu estava em êxtase por a ter comigo.

— Mais uma centena de vezes — murmurou ela, virando o queijo grelhado na frigideira.

— Sabes que gosto de cozinhar, não sabes? — O lado exposto estava mais do que um pouco carbonizado. — Vivi com a Margo no ano passado, em Syracuse. Não é como se não soubesse cozinhar.

— O teu trabalho é estudar. — Apontou-me uma espátula coberta de queijo. — Estudar, Isabeau. Não decorar cartas de amor do Nate.

— Não são cartas de amor. — Peguei no papel, para o caso de o queijo saltar e aterrar na carta. — Ele deixou claro que não estamos juntos.

— Certo — disse a Serena arqueando uma sobrancelha.

— Pareces a mãe quando fazes isso — murmurei.

Ela escarneceu e arrancou-me a carta das mãos.

— Pede desculpa! — exigiu, segurando a carta por cima do queijo grelhado, que agora fumegava.

— Vais pegar fogo ao apartamento!

— Pede. Desculpa. — Agitou a carta mesmo por cima da frigideira.

— Está bem, peço desculpa! — Precipitei-me sobre a Serena, mas ela saltou para fora do meu alcance e começou a ler. — Serena!

Assobiou baixinho, encostando-se à outra bancada.

— Este homem sabe usar as palavras.

— Eu sei. — Agarrei na pega da frigideira e tirei-a do lume. Depois, abri a janela na esperança de evitar outro encontro com o alarme de fumo e com os nossos vizinhos sensíveis ao barulho do 3C.

— «Promete-me que estás a viver e não apenas a existir» — leu ela no fim da carta, soltando um longo suspiro. — Vês, até o tipo que está claramente apaixonado por ti quer que saias mais. O que é estranho, mas, se ajudar a convencer-te, então sou a favor.

— Primeiro, o Nate *não* está apaixonado por mim. Alguém que nos ama não nos deixa à solta no meio da população masculina e diz para nos divertirmos enquanto ele está fora. — Na verdade, eu compreendia o ponto de vista dele, mas isso não significava que concordasse.

— Neste caso? — Ela acenou com a carta enquanto o cheiro a fumo se dissipava. — É exatamente o que alguém que te ama te diria para fazeres. Tenho de lhe dar algum crédito. Ele podia ter-te prendido na Geórgia e deixar-te a definhar. Em vez disso, pensou no que seria melhor para *ti*. — Fez uma careta. — Acho que encontraste o único homem decente que resta no planeta, e não me interessa o que a mãe e o pai dizem sobre ele.

Eles não sabiam muito sobre o Nate, mas tinham deixado claro que achavam que namorar um soldado destacado era descer um imenso degrau em relação a um Covington. Depois daquele comentário, eu não me dera ao trabalho de lhes explicar que não namorávamos, e, a bem dizer, o que quer que eu *fosse* com o Nate estava um degrau acima do Jeremy. Na semana anterior, tinha-me mandado uma mensagem direta pelo Instagram que eu ignorara alegremente. Aquele tipo tinha muito que crescer.

— Então porque é que estás tão interessada em que eu saia mais? — Sentei-me no banco da cozinha e comecei a mexer no telemóvel, para procurar comida para encomendar.

Era como se fôssemos crianças outra vez, a cuidar de nós próprias enquanto a mãe e o pai estavam numa gala qualquer, só que éramos adultas. Mais ou menos. Como a minha definição de adulto era pagar todas as minhas contas, e o pai ainda cobria os meus estudos, os livros e o apartamento, eu não era propriamente exemplo de independência. Não da mesma forma que o Nate.

— Porque há muitos homens decentes que não estão eternamente indisponíveis. — Ela olhou para mim. — E tu precisas de pelo menos algumas noites por semana em que não estejas a usar... isso.

Baixei os olhos para a camisola com o capuz do Nate.

— Qual é o problema de usar isto?

— Nenhum — disse a Serena, revirando os olhos. — E o que é que se anda a passar com o Paul? Tiveram o vosso segundo encontro há umas noites, certo?

— Patrick — corrigi-a, descobrindo ao mesmo tempo um restaurante local com um tempo de entrega razoável. — E tenho quase a certeza de que não vai resultar.

— Surpreendente. — Os olhos dela arregalaram-se de espanto. — Deixa-me adivinhar... Andam ambos em Direito em Georgetown, o que faz com que tenham demasiado em comum. Ele quer ir para a política, que tu abominas. Ele é bem-parecido, mas não faz faísca contigo. Simpático, mas não memorável? Ah, e a sentença de morte para todos os potenciais pretendentes de Isabeau Astor: está disponível.

— Está no segundo ano e quer ir para Direito Empresarial, e tenho a certeza de que se sente mais atraído pelo telemóvel do que por mim. — O Patrick não olhava para mim como se eu fosse a resposta para todas as suas perguntas. Só me beijara uma vez, e tinha o sabor de restos de comida com três dias. E... Suspirei.

Não era o Nate.

Nenhum deles era.

— Vamos fazer um acordo. — Acenei com o telemóvel. — Jantar em troca da minha carta.

Ela inclinou a cabeça para o lado e ficou a olhar para o papel.

— Gostava mesmo que ele não tivesse rasurado esta parte. Aposto que era escaldante.

— Serena!

— Está bem. Fica lá com a carta do teu não namorado. — Devolveu-ma e fez o seu pedido no meu telemóvel.

Dobrei-a com cuidado e voltei a inseri-la no envelope para a poder guardar com as outras. Desta vez, ele tinha enviado uma encomenda com três livros acabados de sublinhar. Eu também tinha o meu pronto para lho devolver e começara a organizar uma encomenda de aniversário que tinha de ser enviada nos próximos dias se quisesse ter alguma esperança de lhe chegar a tempo. Até agora, tinha pastilhas de hortelã, os *brownies* pelos quais ele revelara um fraquinho secreto e uma camisola com capuz da Georgetown para usar na base operacional avançada, ou na BOA, como ele lhe chamava, nos tempos livres.

— Sabes, devias mesmo ver a corrida ao Congresso no nosso estado — disse a Serena, devolvendo-me o telemóvel.

— Alguém interessante? — Enfie o telemóvel no bolso de trás das calças de ganga. — Ou alguém que aches interessante por seres uma jornalista poderosa numa missão pela verdade e pela justiça?

— Não pode ser as duas coisas? — Deitou a tosta queimada no caixote do lixo e meteu a frigideira na lava-loiça.

— Normalmente, não.

— Ela está a concorrer com um programa eleitoral destinado a acabar com a guerra no Afeganistão.

O meu olhar saltou logo para o dela.

— Calculei que isto fosse chamar a tua atenção. — Inclinou-se para mim, apoiando os cotovelos na pequena ilha. — Não sei se tem hipótese de ser eleita, e, sinceramente, não estou a ver uma legislação deste tipo ser aprovada. Pelo menos com a composição do Capitólio neste momento. Ainda assim, aposto que o pai pode mexer uns cordelinhos para te arranjar um estágio, se ela ganhar.

— Política? — Abanei a cabeça. — Não, obrigada. Qualquer cordelinho que o pai puxe vem com outro agarrado, e tenciono ir para a área das organizações sem fins lucrativos. — Um sítio em que pudesse fazer a diferença.

— O pai vai ficar encantado — disse ela, sorrindo. — Devias dizer-lhe no Natal, só para o vermos ficar vermelho como uma das decorações.

— Ele aceitou o teu curso de Jornalismo. — Peguei no bloco de notas mais próximo e abri-o na primeira página em branco, fazendo uma lista de um a dez do lado esquerdo.

— Porque ainda esperava que fosses a via para ele ganhar algum poder político junto dos Covingtons. O pai quer um político na família, mais do que alguma vez nos quis a nós.

— Uma triste verdade. — Os últimos anos haviam-no tornado mais do que óbvio. — O mínimo que podíamos ter feito era dar-lhe um filho com um MBA para a Astor Enterprises.

— Não me ando a matar a trabalhar para me livrar da trela dele só para o pai me pôr um peitoral e me levar a passear onde quiser. Não. — Abanou a cabeça.

— Nisso estamos de acordo. E vamos poupar quaisquer embaraços no Natal. Darei a notícia quando eles vierem ao meu aniversário, em março.

A Serena fez uma careta, mas disfarçou rapidamente.

— Olha, sei que estás entusiasmada por eles dizerem que vêm, mas não... — Mordeu o lábio inferior.

— ...cries demasiadas esperanças? — terminei a frase que ela obviamente não queria pronunciar.

— Exatamente.

— Eles virão. — Ergui as sobrancelhas perante o seu ceticismo. — De certeza. Eles prometeram. Além disso, já reservaram um hotel.

— Só não quero que apanhes uma desilusão. Mais uma vez. Eu não lhes chamaria propriamente fiáveis, e é por isso que acho que seria bom saíres com alguém que *seja*. — Olhou de relance para o meu papel.

— O Nate ainda não me desiludiu. — Fiquei a olhar para os números por preencher da minha lista, com o cérebro a rodopiar com a minha palavra preferida — *possibilidades*. Um sítio com praia. Um sítio onde o Nate me pudesse beijar dentro de água. Era isso que eu fazia de conta estar escrito na parte riscada da carta.

— Ah, e chama-se Lauren — disse a Serena.

— Quem?

— A mulher que está a concorrer ao Congresso. Eliana Lauren.

— Vou pesquisar. — O mínimo que podia fazer era ver se valia a pena votar nela.

Pousei o bico da caneta ao lado do número um e depois escrevi uma única palavra.

Em dezembro, a minha coleção de cartas tinha crescido exponencialmente, tal como o meu stress. A Faculdade de Direito era ainda mais difícil do que esperava. Os exames finais quase não me deixavam tempo para ler, e eu não estava propriamente a cumprir com o meu lado da conversa com o Nate.

Em boa verdade, o Nate não dissera uma única palavra sobre eu ter desaparecido durante quase um mês, continuara apenas a escrever, a dizer-me quão orgulhoso se sentia por me estar a sair bem na Faculdade de Direito.

O Natal fora uma confrangedora extravagância de presentes demasiado caros e abraços estranhos, mas janeiro chegou, e eu recuperei o ritmo.

Nunca peças desculpa por fazeres o que tens de fazer. Foi o que o Nate disse quando recebi uma carta dele, no final de janeiro.

Em fevereiro, consegui não dar cabo de uma relação durante três semanas.

À quarta, pu-lo a andar. Por coincidência, foi na mesma semana em que a mãe e o pai cancelaram a viagem a Washington para o meu aniversário, de modo a inaugurarem o escritório novo do pai em Chicago.

Não conhecia o pai do Nate, e ele nunca me dissera por que motivo receava parecer-se com ele, mas começava a sentir o mesmo em relação ao meu pai. Eu não precisava de ser a prioridade número um dos meus pais, mas estar entre as dez primeiras teria sido bom de vez em quando.

— Outra vez? — perguntou a Margo em março, na nossa chamada semanal.

— Ei, concedi-lhe quatro encontros — disse-lhe, segurando o telefone entre o ombro e a orelha enquanto dobrava a última peça de roupa lavada e a guardava. — Nem todos temos um casamento feliz aos vinte e dois anos.

— Não tens vinte e dois anos — lembrou-me ela. — Só amanhã.

— Tu percebeste o que quis dizer. — Pendurei a minha camisola preferida e guardei a *sweater* com capuz do Nate na gaveta por baixo da minha cama. — Não vejo razão para prender alguém quando sei que não vai resultar.

— Nunca irá resultar se não o permitires realmente — ripostou ela.

Olhei para a caixa cheia de cartas na minha secretária.

— Concorde plenamente.

Ouviu-se um riso alto vindo da sala de estar.

— Parece que alguém se está a divertir — disse a Margo.

— A Serena tem cá o namorado, por isso é que estou escondida no meu quarto.

— E como vão as aulas?

— Ótimas, mãe. — Sorri quando ela pareceu fazer troça. — A sério, recuperei estranhamente o tempo perdido, e é sexta-feira à noite. Tenho o fim de semana inteiro para

ver televisão ou...

— Escrever ao Nate — sugeriu a Margo numa voz cantada.

— Começas a parecer-te com a Serena.

— A Serena adora o Nate. Eu estou... — começou ela, e depois calou-se.

Atirei o cesto da roupa suja vazio para o chão do meu armário abismalmente pequeno.

— Diz lá, vá.

— Estou a evitar fazer juízos de valor enquanto não ficar mais claro se vocês saíram de um conto de fadas ou se foi o trauma inicial do acidente que vos uniu.

— E como vão as *tuas* aulas, cara psicóloga? — quis saber, não que não me tivesse perguntado a mesma coisa uma ou duas vezes. Mas a saudade que tivera dele passados todos aqueles meses tinha de significar algo mais. Entre as nossas cartas e os curtos períodos de tempo que tivemos juntos, eu quase conhecia o Nate melhor do que o parvalhão do Jeremy. As cartas não deixavam muito espaço para tretas como encontros superficiais no cinema.

— Mal consegui passar numa das cadeiras — confessou a Margo.

— Tipo, resvés mesmo? — perguntei, fazendo uma pausa. — Ou em risco de teres um Suficiente?

— É basicamente a mesma coisa.

Sorri.

— Não, não é. Mas, agora a sério, há alguma coisa que eu possa fazer?

— Além de te mudares para a tundra a norte de Nova Iorque e de me arrastares até ao café todas as tardes para eu poder ver a tua linda fuça?

— Sim, além disso. — A campainha da porta tocou, mas virei-me na cama, sabendo que a Serena iria abrir.

— Não. Deixa-te ficar apenas a ouvir-me lamuriar-me durante as nossas chamadas.

— Sempre às ordens.

— Izzy! — chamou a Serena.

— Tenho de ir. Parece que o nosso jantar acabou de chegar. — Despedimo-nos, e terminei a chamada.

— Izzy! — gritou a Serena de novo.

— Já vou! — Puxei as calças de pijama de flanela suave mais para cima das ancas e puxei o fecho da camisola da Georgetown sobre o peito sem sutiã para não assustar o namorado da Serena nos dois segundos que levaria a ir buscar o jantar e desaparecer na caverna do meu quarto.

Abri a porta do quarto e dei com a Serena a sorrir para mim com uma estranha semelhança com o gato de Cheshire.

— Sim?

— Vou para fora no fim de semana. O colega de quarto do Luke não está, por isso vamos ter a casa dele só para nós. Neste momento, ele está a enfiar umas coisas num saco para mim. — Parecia tão feliz que não tive coragem de a lembrar de que no dia seguinte era o meu aniversário.

— Parece-me fantástico! Diverte-te muito! — Forcei um sorriso e rezei para que ela não percebesse.

Ela abraçou-me com força.

— Vais ter o melhor aniversário de sempre. Promete-me que vais mesmo sair do apartamento.

— Prometo. — Era uma mentira descarada. Sairia do apartamento o tempo suficiente para ir buscar café lá abaixo, mas apenas isso. Já estava a planear um banquete completo no sofá.

Ela recuou e estudou o meu rosto como se conseguisse detetar mentiras.

— Está bem. O jantar está na bancada da cozinha. Adoro-te, Iz.

— Adoro-te.

Apertou-me a mão e depois saiu a correr, dando a mão ao namorado e fechando a porta da frente antes de eu chegar à sala de estar.

— Estranho, mas está bem — murmurei, virando-me para a cozinha e para o cheiro de comida chinesa acabada de entregar.

Dei um salto ao ver o homem bonito casualmente encostado ao balcão, como se fosse natural estar ali e não a meio mundo de distância. Estava vestido com umas calças de ganga e um casaco que ainda nem tinha desabotoado, e uma mochila com padrão de camuflagem usada em viagens repousava no chão, junto aos seus pés. Apesar da exaustão nos seus olhos azuis, estava tão bonito que mal consegui respirar.

— Nate? — Ele estava ali. Nos Estados Unidos. Na minha cozinha.

— Ei. — Sorriu, mostrando a sua covinha.

O meu coração disparou como um cavalo de corrida, e eu também. Demorei menos de um segundo a passar por cima do sofá. Que importava que as almofadas voassem? Não ia perder tempo a contorná-lo. Ele pegou-me nos braços antes que eu pudesse aterrar do outro lado.

— Estás aqui — murmurei contra a pele quente do seu pescoço, os meus pés a balançarem enquanto ele me abraçava com força.

— Feliz aniversário, Isabeau — disse ele. A melhor prenda de *sempre*.

CAPÍTULO QUINZE

IZZY

Cabul, Afeganistão

Agosto de 2021

Encostei-me à porta fechada, com o coração aos pulos por todos os motivos errados, enquanto via o Jeremy inspecionar a *suite*, observando a disposição dos móveis e a pequena *kitchenette*. Ao que parecia, a conversa que eu evitara nas últimas seis semanas ia acontecer, quer eu estivesse preparada quer não. A raiva escalou rapidamente, aquecendo-me a pele. Como é que ele se *atrevia* a aparecer assim?

Podia sempre dizer ao Nate para lhe dar um chuto no traseiro.

Só que duvidava de que o Nate fosse falar comigo depois daquela troca de palavras no corredor. Por esta altura, já devia estar a ligar ao seu substituto.

«*Vais casar-te com o Parvalhão.*» Meu Deus, a expressão na cara dele fora pior do que uma traição. O Nate ficara... desiludido. Tendo em conta que ele sabia da minha história com o Jeremy, não o podia culpar.

Eu estava desiludida comigo própria por ter deixado aquilo prolongar-se por tanto tempo. O peso do anel no meu dedo parecia uma âncora, amarrando-me à única pessoa que eu começava a perceber que nunca me merecera.

— O teu quarto é mais bonito do que aquele que me deram — disse o Jeremy, despiendo o casaco azul-marinho para revelar uma camisa imaculadamente engomada. Estava vestido para entrar na câmara do Senado, não no Afeganistão. Depois de pousar o casaco nas costas da cadeira da secretária, virou-se para mim, com os seus olhos castanhos a varrerem-me na mesma avaliação que fizera da *suite*. O pequeno vinco na testa dizia-me que ele me achava tão aquém quanto os seus aposentos.

Pela primeira vez desde que tínhamos começado a namorar, em Syracuse, não me importava com o que ele pensasse de mim, das minhas calças coçadas da viagem ou da blusa empoeirada. Já não precisava de o impressionar.

A ideia fez-me empertigar-me um pouco.

— O que estás aqui a fazer? — Tirei o lenço, deixei-o cair dentro da mala e cruzei os braços sobre o peito. Depois de não ter conseguido meter a Serena no helicóptero, esta era a última coisa com que queria lidar.

Não havia palavras para o que quer que se estivesse a passar ou para o que eu sentia em relação a isso. Todos os fracassos da minha vida estavam a vir à tona naquele dia. Eu era um emaranhado de fios elétricos cruzados que corria o risco de fazer curto-circuito à mais pequena provocação.

— Nunca foste de rodeios, pois não, Isa? — disse ele, e avançou, oferecendo-me um dos seus cinco tipos de sorrisos. Este era o número quatro, a sua versão contrita, mas fiel à sua natureza masculina.

Isa. Porque fora o meu pai a apresentar-nos.

Levantei a mão, e ele parou a meio da sala, arqueando uma sobranceira bem arranjada.

— Deixa-me adivinhar, pediste emprestado o jato privado do papá? — Inclinei a cabeça para o lado. — Ou isto é uma paragem de campanha?

— Como podes imaginar, esta pequena viagem implicou o cancelamento de três das minhas aparições. — O seu sorriso vacilou, e ele coçou a ponta do queixo. — Aparições a que deverias comparecer ao meu lado.

— Isso nunca iria acontecer, quer eu estivesse ou não nos Estados Unidos. — Abanei a cabeça e dirigi-me para a mesinha atrás do sofá, deixando a mala em cima dela e rodando os meus ombros rígidos. — E tu não devias estar aqui, Jeremy. Eu pedi-te espaço, e vires atrás de mim até ao outro lado do mundo não é de todo dares-me esse espaço.

— Vá lá, Isa... — Presenteou-me com o sorriso número três, o sorriso de rapazinho que exibia sempre que queria levar a sua avante, aquele que me tinha feito pensar que poderíamos ter uma segunda oportunidade. — Pensei que adoravas todos aqueles impulsos românticos e ousados dos livros que lês. Voei até uma zona de guerra por ti. Isso não te diz quanto te amo? Quanto desejo que isto resulte?

Mantive o sofá entre nós quando ele se aproximou.

— Diz-me que já tiveste oportunidade de tirar uma fotografia lá em baixo, onde sem dúvida estavas a ajudar a processar vistos ou a falar com possíveis eleitores sobre a melhor forma de os retirar.

A surpresa brilhou nos seus olhos, e depois ele baixou-os passando os dedos pelo braço do sofá estofado.

— Naturalmente, fiz o que era necessário para convencer o meu pai de que se tratava de uma despesa de campanha.

— Ainda não estás farto disso? De estar sempre a satisfazer os desejos do teu pai? Sabe Deus como eu estou. — Nem sequer me tinha apercebido disso até as palavras me saírem da boca. Estava presa no eterno ciclo de tentar agradar aos homens da minha vida, apenas para que eles me abandonassem quando lhes fosse conveniente. Ver o Nate só tornou tudo mais claro, porque, infelizmente, em vez de quebrar o padrão, ele tornara-se parte dele.

— Vá lá, Isa. Sabes que não posso ser eleito sem o apoio do meu pai... Entramos no jogo. É isso que fazemos.

— Claro. Bom, estás à vontade para voltar para o avião. — Se conseguisse revirar os olhos com mais intensidade, eles ter-me-iam saído disparados da cabeça. A política estava sempre em primeiro lugar para o Jeremy. Era uma das muitas razões pelas quais os meus pais gostavam mais dele do que de mim.

— Vem comigo. — O olhar suplicante que me lançou era inédito e quase me desarmou.

— Se tiver de ouvir mais um sermão sobre como é inseguro... — comecei.

— Oh, não — disse ele, abanando a cabeça. — Tenho o maior respeito pelo trabalho que vocês têm feito aqui. Vai ser uma excelente mais-valia no teu currículo e assunto de conversa para futuras entrevistas, mas...

Os meus olhos arregalaram-se. Claro que para ele era tudo uma questão de mais-valias.

— Mas o quê?

Ele encolheu-se e voltou a oferecer-me o sorriso número três.

— Mas nós tínhamos um acordo. Apoiavas-me na campanha, e eu não te obrigava a abandonar a tua, quando fosse eleito.

A minha boca abriu-se, depois fechou-se, e o processo repetiu-se enquanto eu me esforçava por encontrar as palavras.

— Estás a delirar se pensas que eu ia aparecer de braço dado contigo depois de entrar no teu gabinete e encontrar a Clarisse Betario esparramada na tua secretária como se fosse o almoço.

— Foi um... momento infeliz — admitiu ele. — Mas não ajas como se estivesses de coração partido. Conhecemo-nos demasiado bem para mentir. Ficaste zangada. Provavelmente envergonhada...

— Humilhada é um termo mais apropriado! — As minhas mãos cerraram-se em punhos, com as unhas a beliscar as palmas. — Toda a gente naquele escritório sabia o que se estava a passar e, acredita, ficaram mais do que felizes por me dizerem que não foi uma insensatez ocasional. Há seis meses que vocês têm um caso! A tinta no nosso anúncio de noivado ainda nem tinha secado.

Ele respirou lenta e profundamente, e os seus olhos desviaram-se, um hábito que ainda não controlara e que significava que estava a tentar engendrar uma resposta.

— Lamento que tenhas ficado envergonhada, Isa. A sério, lamento.

Pestanejei.

— Mas não te arrependes de me teres traído? — De todas as táticas que pensei que ele usaria, aquela não era uma delas.

— Concordámos em nunca mentir um ao outro. — Endireitou os ombros.

— Certo, porque esse era o único caminho a seguir depois do que aconteceu após Syracuse! — Eu fora tão incrivelmente estúpida em confiar nele de novo.

— Será que nunca irás esquecer isso? — perguntou ele, e passou as mãos pelo cabelo, despenteando as madeixas castanhas perfeitas. — Pensei que já tínhamos ultrapassado esse assunto!

— Sim, avançámos para a situação de andares a fornicar com funcionárias. Uma grande melhoria. — Mostrei-lhe o polegar virado para cima e descalcei os sapatos. Felizmente, tinha escolhido sapatos rasos para a reunião em Mazar-i-Sharif, mas os meus pés ainda não estavam preparados para me perdoar.

— Olha, pensei que tínhamos falado de ter uma relação aberta...

— Tu falste! — exclamei, batendo com a mão na mesa, com o som do impacto do anel contra a madeira a pontuar o meu desagrado. — Eu nunca concordei. Sabias que isso nunca

iria acontecer comigo. Eu nunca concordaria com isso!

— O teu pai quer...

— O meu pai não decide por mim. — Reconheci quão verdadeiras eram aquelas palavras, mas apenas porque estava a dar-me conta de quão falsas tinham sido no passado. Até o Jeremy fora uma escolha do meu pai, não minha, e eu estava tão sedenta da sua aprovação que fora contra o meu instinto e dera uma segunda oportunidade a uma relação que nunca merecera sequer a primeira. — E, por mais desesperado que ele esteja para conseguir laços políticos, nunca esperaria que eu aceitasse menos do que mereço, e estou finalmente a ver que tu, Jeremy, és *muito* menos.

Ele engoliu em seco e olhou para a minha mão.

— Se ainda estás a usar o anel, então ainda há esperança.

— Não o tirei porque as tuas ações me deixaram sem palavras — respondi, passando por ele em direção à *kitchenette*. — Não sei como dizer às pessoas por que motivo *não* o estou a usar.

— Então continua a usá-lo — sugeriu ele, seguindo-me.

Tirei uma garrafa de água do frigorífico e não lhe ofereci nenhuma. Ele já tinha ficado com demasiadas coisas minhas. Depois, desenrosquei a tampa e bebi quase metade em goles ávidos antes de pousar a garrafa em cima da bancada.

— Se estamos a tentar ser completamente sinceros, vamos lá dizer tudo — desafiei, apoiando as palmas das mãos na bancada e dando um salto para me sentar nela. — Nenhum de nós quer isto, sinceramente. Foi algo concebido pelas pessoas que nos rodeiam por uma questão de aparências.

— Não só em nome da minha carreira, mas também da tua. — Desfez o nó da gravata.

— Eu nunca quis entrar na política. — Abanei a cabeça.

Ele riu-se, e não era o som feliz e melodioso que aperfeiçoara ao longo dos anos. Era cru e um pouco feio, mas pelo menos era real.

— Não vamos fingir que ambos não sabemos exatamente porque foste para a política. — Enfiou as mãos nos bolsos. — Exatamente o motivo pelo qual ainda *aqui* estás.

Agarrei-me à beira da bancada, preparando-me para o ataque verbal mordaz que o tornara uma estrela no gabinete do procurador-geral. Afinal de contas, o serviço público ficava muito melhor no currículo dele do que a advocacia privada.

— Não finjas que não somos três nesta relação desde que te voltei a ver em DC, há dois anos. — Semicerrou os olhos. — Ou pensaste que eu não ia reconhecer o teu guarda-costas lá fora? Como se não tivesses a fotografia dele colada no frigorífico durante o primeiro *ano* da nossa relação. Nunca o ultrapassaste. Posso ter dormido com outras mulheres, mas de certeza que não amei nenhuma delas.

Outras *mulheres*? Eu fora mesmo ingénua.

— Como podíamos ter uma relação dedicada e comprometida quando nunca houve espaço para mim no teu coração? — continuou o Jeremy. — Podes não gostar disso, mas ambos sabemos que ele tem estado entre nós nos últimos dois anos. Claro que fui à procura

de alguém que realmente me quisesse, porque contigo isso nunca aconteceu. Não importava que ele te tivesse abandonado em Nova Iorque. Continuas a desejar o seu amor.

Respirei fundo, mas não o neguei.

— Cuidado com as palavras, Jeremy.

Ele levantou as mãos e recuou dois passos, saindo da cozinha.

— Oh, Deus me livre de falar mal do santo Nathaniel Phelan. Diz-me, é por causa dele que tens recusado os meus telefonemas? A razão pela qual foste tão rápida a ocupar o lugar do Newcastle naquele avião? Sabias que ele estava aqui? Tens tido o tipo de diversão de que me acusas?

— Não te devo uma resposta — disse eu, levantando o queixo. — Mas, só para que não penses que sou como tu, não. Não procurei o Nate. Foi uma coincidência ele estar aqui destacado e ter-me sido atribuído.

— Claro que foi. — O Jeremy olhou para a parede como se pudesse ver o Nate do outro lado. — É esse o vosso problema, não é? Surgem como por artes mágicas na vida um do outro.

— E com isso queres dizer?... — Eu e o Nate tínhamos uma ligação que eu desprezava, mas que também me maravilhava, e isso não estava em discussão, não com Jeremy.

Ele moveu-se rapidamente, alcançando o meu braço, e eu deslizei para fora do seu alcance.

— Toca-me outra vez e grito. Morres em segundos. O Nate está-se nas tintas para quem é o teu pai. — A ameaça saiu da minha boca antes que pudesse pensar duas vezes sobre arriscar a carreira do Nate por causa de uma situação que eu deveria ter sido capaz de resolver sozinha.

Mas, por outro lado, a ameaça resultou, porque o Jeremy deu um passo atrás.

— Já foste para a cama com ele? — O rosto do Jeremy encheu-se de manchas vermelhas. — Quero dizer, aqui?

— Estás mesmo a perguntar isso? Como se fosse eu quem andasse a trair nesta relação? — Deslizei para fora da bancada, mas deixei os braços soltos ao lado do corpo, pronta para pegar no botão de pânico que tinha no bolso se o Jeremy decidisse que dessa vez não seria suficiente agarrar-me.

— Ele encostou-me à parede. — Um canto da boca do Jeremy curvou-se para cima, mas não chegou a alcançar o sorriso número dois, o sorriso presunçoso. — É uma reação bastante apaixonada, se queres que te diga. Muito perigosa, também, se insistes.

— Ele é. O meu. Segurança. Ponto — disse, pronunciando cada palavra entre dentes.

— Um segurança ter-me-ia segurado o pulso. — Pestanejou, e depois a sua expressão mudou, como se estivesse a ponderar alguma coisa. — Espera lá. Isto até pode resultar.

— Desculpa? — Cada minuto que passava na companhia dele estava a convencer-me do contrário.

— Por mais que isso me afete o orgulho, verás que consigo chegar a um compromisso. Vim aqui para te ter de volta, e é exatamente isso que vai acontecer. Queres vingar-te de

mim? Está bem. Faz isso. Podes ficar com ele, e eu posso continuar com mais... discrição. — Ali estava ele, o sorriso número um, o político.

Fiquei de queixo caído.

— Não vês? — Encolheu os ombros, o gesto perturbadoramente feliz. — É perfeito. As nossas famílias terão o que desejam, as nossas carreiras irão florescer, e ambos encontraremos satisfação noutro lado. Não seria o primeiro acordo do género. Metade das relações em DC são encenadas. Pensa nisto menos como um casamento e mais como uma parceria. Uma aliança.

Fiquei espedada a olhar, em choque, enquanto os sentimentos que nutria por ele definhavam e morriam. Talvez eu sempre tivesse sabido que a nossa relação era extremamente conveniente, mas ainda pensava que se baseava em afeto e amor mútuos.

Mas a dor no meu coração ao recordar a infidelidade do Jeremy não era nada comparada com a de respirar ao saber que o Nate estava do outro lado da parede. *Que raio!* Tinha andado a enganar-me a mim própria nos últimos dois anos.

— Será excelente — continuou o Jeremy, acenando com a cabeça entusiasticamente. — Toda a gente irá ter o que deseja.

— Só que eu não te desejo *a ti*. — Tirei o anel do dedo.

— Ninguém se apercebeu do que se passou. Ainda temos tempo para salvar isto. Dizemos que vim para cá movido por uma preocupação heroica com a tua segurança, e os *media* vão adorar. — Ele ignorou-me, olhando fixamente para o centro da sala enquanto pensava como haveria de dar a volta à situação, como controlar quaisquer consequências que pudessem surgir.

— Jeremy — disse eu num tom de voz suficientemente alto para que ele se virasse para mim.

— O que foi? — O sobrolho dele franziu-se de forma quase cómica.

— Cometi um erro, e peço desculpa. — Peguei na mão dele.

O seu rosto suavizou-se quando os nossos dedos se tocaram.

— Está tudo bem. Tudo pode ser resolvido. Ainda quero casar contigo.

Empurrei o anel para a palma da mão dele e depois dobrei-lhe os dedos, fechando o meu punho em torno do diamante que se encontrava há gerações na sua família.

— Mas eu não quero casar contigo. Cometi um erro ao pensar que o que sentia por ti poderia crescer se esperasse tempo suficiente. Cometi um erro ao ceder ao que os meus pais queriam só porque era cómodo, porque pensei que finalmente ia conquistar a aprovação deles. Cometi um erro ao contentar-me com alguém que obviamente não sabe o significado do amor, da devoção ou da exclusividade. Nunca serei o que desejas, e tu nunca me darás o que eu mereço. Cometi um erro quando disse sim, e agora estou a corrigi-lo.

Ele olhou para o punho fechado.

— Não podes estar a falar a sério.

— Estou. — Acenei com a cabeça, aproveitando a oportunidade proporcionada pelo seu desconcerto para passar por si e dirigir-me à secretária onde ele tinha deixado o casaco.

Peguei naquele tecido caro e, de seguida, dirigi-me para a porta, agarrando o puxador.

— Não — argumentou ele, virando-se para mim e abanando a cabeça com ênfase. — Não me estás a dizer que não. Não é possível.

Suspirei e abri a porta, enquanto uma onda de comiseração eliminava o que restava da minha raiva contra ele.

— Oh, Jeremy. Alguém devia ter-te dito não há muito tempo.

Os olhos dele arregalaram-se.

— Ei — chamei para o corredor, surpreendendo-me de seguida. Não era o Nate que estava de guarda à minha porta. Era o sargento Gray.

Sobressaltei-me.

— Menina Astor? — perguntou o sargento Gray, levantando as sobrancelhas espessas.

— Sim. — Forcei um sorriso. — Desculpe. O senhor Covington está mesmo de saída. Pode certificar-se de que regressa ao seu quarto? — perguntei.

— Isa! — protestou o Jeremy.

O sargento Gray esboçou rapidamente um sorriso.

— Com certeza. Senhor Covington, creio que a sua *suite* é na porta ao lado.

— Que se lixe. — O Jeremy passou por mim, arrancando-me o casaco das mãos. — Vais arrepende-te disto, Isa, e, quando isso acontecer, poderei não estar disposto a aceitar-te de volta.

O sargento Gray ignorou estoicamente a troca de palavras.

Deixei o Jeremy ter a última palavra, sabendo que a conversa não poderia acabar de outra maneira. Ele iria continuar a falar.

— Obrigada — disse eu ao sargento Gray. Quando ele acenou com a cabeça, fechei a porta, tranquei-a e encostei-me à madeira, deslizando lentamente até ficar sentada no chão.

Devia ter-me zangado com muitas coisas. As constantes jogadas de xadrez político do meu pai, a forma irreverente como o Jeremy se referia às suas infidelidades ou a minha própria participação em algo que obviamente nunca tivera hipótese de vingar. Mas a raiva que me consumia os pensamentos fazia-me cócegas na pele, porque o Jeremy tinha razão numa coisa.

Não importava quem eu conhecesse, com quem eu namorasse ou quem eu tentasse amar.

O Nate estaria sempre no caminho, mesmo que nunca estivesse fisicamente presente.

Era impossível oferecer um coração que eu nunca chegara a receber de volta.

CAPÍTULO DEZASSEIS

NATHANIEL

Georgetown

Março de 2015

— Só tenho dois dias contigo, e tu queres passar esta noite num bar? — gritou a Izzy por cima da batida da discoteca, enquanto observávamos os corpos comprimidos na pista de dança apinhada.

— Prometi à tua irmã que te fazia sair de casa — respondi. — Era o acordo para ela fazer segredo da minha visita. — O meu coração deu um salto com a multidão a esmagar-se à nossa volta, com a sua proximidade, com o número de seres vivos. Havia demasiadas pessoas entre nós e a saída. Demasiadas pessoas para saber que mãos estavam onde, quem poderia estar a tentar alcançar o quê. Demasiadas pessoas, em geral.

Aquilo fora má ideia, e, mesmo assim, eu lutara com unhas e dentes por uma autorização especial para gozar um fim de semana antes de completar o treino de reintegração com o resto da minha unidade. Não que tivesse ajudado, de qualquer forma.

— Sei que deves estar exausto por não teres dormido esta noite — começou ela, com duas pequenas rugas a aparecerem entre as sobrancelhas. Raios, quase me tinha esquecido de como as suas pestanas eram compridas. As fotografias não lhe faziam justiça.

— Estou bem. Não vamos passar o teu aniversário contigo a preocupares-te comigo. — Acho que não fora tão discreto como pensara durante as minhas horas de insónia, mas pelo menos cumprira a promessa pessoal de me deitar no sofá dela e guardar as mãos para mim. Olhando agora para ela, com aquela blusa com um decote em V e umas calças de ganga que pareciam ter sido criadas com o único objetivo de lhe abraçar o traseiro, tinha quase a certeza de que merecia ser canonizado. Que diabo! Merecera a santidade no momento em que ela me convidara para dormir na sua cama e eu conseguira recusar.

Não havia nada que desejasse mais do que puxá-la contra mim e recomeçar onde tínhamos ficado, nove meses antes, com a minha língua na sua boca e as suas pernas à volta da minha cintura. Mas havia coisas que ela não sabia, e eu tinha a sensação de que, quando soubesse, não me iria querer na sua cama, mesmo que estívéssemos apenas a dormir.

Não importava quanto eu desejava a Izzy, visto que sabia logicamente que nunca a poderia ter. Ela estava fora do meu alcance, em todos os aspetos. Em breve andaria pelo mundo, a mudar vidas, e a única coisa em que eu era bom era a acabar com elas. Estava a tornar-me imensamente mais violento do que o meu pai. Pelo menos ele nunca tinha matado ninguém.

— Anda — disse eu, estendendo-lhe a mão. — Vamos buscar a bebida que prometi à

Serena que te pagaria.

— Uma bebida e vamos embora. — Entrelaçou os seus dedos nos meus e, como se estivéssemos de volta àquele avião, a precipitarmo-nos na incerteza, senti o conforto inconfundível de quando estamos em casa.

— Combinado. — Conduzi-nos por entre a multidão, lutando contra os batimentos cardíacos, que pareciam aumentar um pouco mais a cada pessoa que se cruzava connosco, e depois reclamei os dois únicos bancos de bar vazios ao balcão.

A Izzy ficou com o mais próximo da porta, e eu sentei-me de frente para ela, olhando por cima do ombro para ver quantas pessoas se encontravam atrás de nós. Havia apenas meia dúzia ou pouco mais entre o canto do bar e a parede, por isso aquele era decididamente o menor dos males.

Mas, mesmo assim, era tudo muito mau. Havia pessoas entre nós e todas as saídas daquele lugar.

— Então, o que é que vai ser? — perguntei, baixando a voz, agora que não estávamos no raio de ação direta dos altifalantes. — Cerveja? Tequila? Cosmo?

— Não. — Tamborilou as unhas pintadas no balcão e olhou para as prateleiras cheias de bebidas enquanto a empregada se aproximava.

— O que lhes posso servir? — perguntou a rapariga, fazendo-me um sorriso.

Há alguns anos, a morena teria feito o meu género.

Mas no último ano descobrira que o meu género agora era a Isabeau Astor. Não apenas loira. Não apenas de olhos castanhos. Não só de raciocínio rápido e uma gargalhada contagiante. Não só com a tendência para falar de catorze assuntos ao mesmo tempo através de lábios mais macios do que a seda. Toda a Izzy parecia ser suficiente para mim. Mais ninguém. Apaixonara-me por ela com mais intensidade a cada carta, a cada segredo que partilhava, de cada vez que me fazia rir. E não é que não tivesse tido ofertas enquanto estivéramos no deserto ou que me tivesse iludido a pensar que ela estava ali à minha espera, especialmente depois de eu lhe ter dito para não o fazer. Só que ninguém era a Izzy.

O que me colocava a mim, a nós os dois, numa situação terrível.

— Uma flute de champanhe — pediu a Izzy com um sorriso.

— Champanhe? — perguntou a empregada do bar, inclinando-se como se tivesse ouvido mal.

— Sim — respondeu a Izzy, enfiando a mão na mala e entregando a carta de condução à empregada. — É o meu aniversário.

— Certo. Feliz aniversário. — A rapariga sorriu e devolveu-lhe a identificação. — E para si? — perguntou ela, virando-se para mim e inclinando-se, apesar de eu não ter falado.

— Uma *Yuengling*, por favor — pedi, pegando na carteira. — E levamos a garrafa de champanhe, se não servirem a copo.

— Com certeza — disse a morena, deitando mãos à obra.

— Então, qual foi a tua parte preferida de hoje? — perguntou a Izzy. — Quando te arrastei para a minha pizaria preferida? Para a minha padaria favorita, para comermos os

meus queques preferidos? Ou quando te mostrei o *campus*?

— Tudo o que tenha envolvido estar contigo — respondi com sinceridade. A capacidade de dizer o que pensava ao pé dela era a minha parte preferida do nosso... o que quer que aquilo fosse. Não havia necessidade de fazer jogos, de ser tímido ou mesmo de namoriscar. Podia ser exatamente quem era e dizer exatamente o que estava a pensar quando se tratava da Izzy.

Aquele dia fora tudo o que eu lhe quisera dar ao viajar de Savannah, e tinha de conceder à Serena todo o crédito por ter permitido que isso acontecesse. No instante em que lhe enviei uma mensagem a partir da conta de Instagram que a Izzy insistira que eu criasse, dizendo-lhe que queria fazer uma surpresa à irmã, a Serena revelara-me tudo alegremente. Na breve conversa que tivemos, também deixara escapar o facto de os pais terem abandonado a Izzy, como de costume, e de ela não andar com ninguém. Não vou mentir, eu ficara... aliviado — com a situação do namorado, não dos pais. Não que a Izzy não merecesse alguém. Ela merecia. Eu estava apenas egoisticamente contente por a ter só para mim durante o fim de semana.

O sorriso dela fora instantâneo e de cortar o coração, de tão bonito.

— Espera só até chegarmos a casa e eu te obrigar a ver o *Mulher Falcão*.

— A tua homónima? — Os cantos da minha boca curvaram-se. — Mal posso esperar.

Ficaria quieto a ouvir alguém ler uma lista telefónica se isso significasse estar com a Izzy. Não tinha a certeza se iria aguentar muito mais tempo naquele bar sem perder o que restava da minha sanidade.

— Se só pudesses ver um filme para o resto da tua vida, qual seria? — perguntou ela.

— Essa é difícil. — Os meus olhos cruzaram-se com os seus, e soube o que ela estava a fazer: o que eu tinha feito por si no avião, distrair-me com perguntas.

— Demora o tempo que quiseres.

— *O Senhor dos Anéis: O Regresso do Rei* — respondi. — Mas talvez a minha resposta passe a ser o *Mulher Falcão* depois desta noite. Quem sabe?

Ela inclinou-se, roçou a sua boca na minha, e todos os nervos do meu corpo ficaram em alerta máximo.

— Obrigada por hoje.

Passei os dedos pelo seu cabelo e puxei-a, aprofundando o beijo, mas mantendo a língua firmemente atrás dos dentes. O sabor que primeiro tive dela afluiu por todas as células do meu corpo. Foi muito difícil conter-me, mas consegui. Não iria beijá-la como queria à frente de todas aquelas pessoas, por isso afastei-me antes de avançarmos por esse caminho.

Ela sorriu contra a minha boca quando nos separámos, com a mão a subir até ao peito.

— Devias sentir o meu coração a bater. — Os seus dedos passaram pelo fiozinho que lhe comprara pelo aniversário. As cenas que vinham naquelas caixinhas azuis eram caras, e ela tinha protestado, mas eu achei que raparigas com classe deviam usar joias com classe.

— O meu também. — Talvez a confissão não tenha sido fácil, mas não sentia esse tipo de pressão ao pé da Izzy.

— Aqui têm — disse a empregada de bar quando regressou, colocando as bebidas à nossa frente.

A Izzy inclinou-se para trás, e lamentei de imediato o afastamento da sua boca.

— Obrigado. — Pus o meu cartão de débito em cima do balcão antes que a Izzy pudesse tentar sequer. — Para pagar as restantes.

— Não vamos precisar. — A Izzy abanou a cabeça enquanto pegava no pé fino do copo de champanhe entre os dedos. — Só vamos ficar para uma bebida. — Olhou-me de relance. — E obrigada.

— Vou buscar a vossa conta. — A rapariga acenou com a cabeça e levou o meu cartão para a caixa registadora.

— Tens a certeza de que será só uma bebida? — Levantei as sobrancelhas para a Izzy. — É o teu aniversário. Estou pronto para tudo o que quiseres.

— Não quero estar com os copos na última noite em que te tenho comigo. — Encolheu os ombros.

Eu teria discutido, mas sabia exatamente como ela se sentia. Queria lembrar-me de cada segundo.

— Feliz aniversário, Isabeau — disse eu, e levantei a minha cerveja.

— Obrigada, Nate. — Ela sorriu e encostou o copo ao meu. — Estou tão feliz por teres vindo.

— Eu também.

Depois de a empregada me ter devolvido o cartão, eu e a Izzy ficámos ali sentados a falar das aulas dela durante quase meia hora, enquanto ela bebia o champanhe e eu mal tocava na cerveja. Sempre que ela tentava desviar a conversa para a forma como a missão me correria, eu desviava cuidadosamente o rumo, regressando a ela. Tentei não me mexer, concentrar-me apenas no seu sorriso, na sua gargalhada, na luz dos seus olhos, na forma avassaladora como a desejava e não fazia a menor ideia do que fazer. Mas as paredes fechavam-se cada vez mais, e as pessoas aproximavam-se, contornando-nos para chegarem ao bar, esbarrando nas minhas costas, metendo a mão nos bolsos para tirar... as carteiras.

Apenas isso. Carteiras.

Não armas.

Porque eu estava nos Estados Unidos, não no Afeganistão.

Porra. Da última vez não fora tão mau. Mas também não passara nove meses seguidos no inferno, a enfrentar prorrogação após prorrogação. Os soldados de elite deviam ter destacamentos mais curtos mas mais frequentes, porém não fora essa a nossa sorte. Dessa vez, não fora ferido, mas da última vez também não tinha ficado em quatro formações separadas em frente a memoriais improvisados de botas e espingardas. Não tinha...

Ali não. Respirei o mais profundamente que o meu peito oprimido permitia e enfiei toda aquela merda de novo na caixa em que pertencia. Olhei de relance para a Izzy e vi-a a observar-me daquela sua maneira, como se conseguisse laminar todas as tretas apenas com os seus belos olhos.

— Se tivesses de escolher um parceiro para o apocalipse *zombie*, quem seria? — perguntou ela, e depois levantou um dedo. — Com exceção da presente companhia. Eu seria apenas uma resposta fácil.

— O Rowell, acho eu. — O Torres teria escolhido a namorada, e parecia errado privar o homem da sua vida amorosa, mesmo numa situação hipotética. — Lutámos juntos para sair de algumas merdas.

— É justo. Agora, toca a sair daqui para fora — disse ela.

— Ainda não acabaste a tua bebida. — Nem pensar em obrigá-la a sair da sua festa de anos por não me conseguir aguentar.

Ela revirou os olhos, bebeu o último quarto do copo e pousou-o em cima do balcão.

— Acabei oficialmente a bebida que prometeste à Serena oferecer-me. — Escorregando do banco do bar, estendeu a mão para a minha. — E, sinceramente, preferia passar o resto da noite em casa. Contigo.

— Nem uma dançazinha sequer? — Olhei para a pista cheia de gente, e todos os meus músculos se contraíram como reflexo.

— Nem uma dança. — Ela mexeu os dedos, e não consegui resistir-lhe. Se ela queria ir para casa, eu iria levá-la para casa.

Os nossos dedos entrelaçaram-se, e conduzi-nos através da multidão para fora da discoteca. O ar fresco de março foi uma dádiva de Deus ao bater no meu rosto, enchendo-me os pulmões enquanto eu respirava pela primeira vez desde que entrara no bar.

— Estás bem? — perguntou ela quando começámos a descer o passeio, percorrendo a meia dúzia de quarteirões até ao seu apartamento.

— «Bem» é um termo relativo. — Peguei na mão dela e dei-lhe um beijo no dorso. O toque foi suficientemente inocente, mas o cheiro do seu perfume fez que os meus pensamentos mergulhassem em território carnal. Queria deitá-la sob o meu corpo e beijar todas as curvas que ela possuía até que aquele cheiro ficasse marcado no meu cérebro, substituindo todas as más recordações que adquirira nos últimos anos.

— Não falaste sobre os teus últimos nove meses — disse ela, com o dedo a fletir-se à volta do meu quando começámos a andar novamente. — Nem nas cartas.

Olhei para os dois lados antes de atravessar a primeira rua com a Izzy e fiquei à procura das palavras certas, se é que elas existiam.

— Escrever-te era o meu escape. Não estava propriamente ansioso para despejar tudo em cima de ti.

— Mesmo que eu queira que despejes? — Ela vacilou. — Bolas, isto soou estranho. Quero dizer, mesmo que eu queira ouvir?

— Sei o que queres dizer — respondi suavemente, puxando-a para mais perto de modo a protegê-la do frio. Ela opusera-se a trazer um casaco, contudo acho que isso me deu uma desculpa para a abraçar. — Mas não é uma conversa para se ter num aniversário. — Ou em qualquer outra ocasião.

— Oh. — Ela acenou lentamente com a cabeça. — Certo.

Passámos o resto dos quarteirões num silêncio constrangedor que detestei. Tudo com a Izzy fora sempre... fácil, e eu erigira uma barreira. Era o melhor. Não queria que a fealdade do que lá se passava a atingisse de forma alguma. Mas senti aquele muro que erguera como uma vedação tangível entre nós quando entrámos no apartamento. Segui-a até à cozinha, e ela largou a mala em cima do balcão, pegando na caixa que tínhamos trazido da pastelaria.

— Queque? — Pousou a caixa em cima do balcão, depois apoiou as mãos e saltou para se sentar ao lado dela, com os pés a balançar suavemente. — Gosto sempre de um pouco de açúcar quando vejo filmes. — Abrindo a tampa da caixa, revelou os dez queques que não tínhamos comido antes.

Aceitando o ramo de oliveira, inclinei-me para ver o que nos restava.

— Não me pareces um tipo dado à baunilha — provocou ela, olhando para o conteúdo. — Talvez um de cenoura?

Abanei a cabeça, com um sorriso na boca.

— Esses eram sempre os preferidos do Torres. Juro que ele comeu um todos os dias durante um ano inteiro. Já não suporto esse cheiro. — Demorei um segundo a aperceber-me de que ela tinha parado de respirar. — Izzy? — O meu olhar desviou-se para o dela.

— O Torres. É o teu melhor amigo, certo? — O medo alargou-lhe os olhos.

— Sim. Um deles. — Acenei com a cabeça, franzindo o sobrolho ao ver o olhar dela.

— Oh, não. Ele... enquanto estiveste fora... — Comprimiu os lábios numa linha apertada, e as peças encaixaram-se para mim.

— Não, Iz. Não. Ele não está morto. — Abanei a cabeça e apertei-lhe o joelho para a tranquilizar. — Teve apenas de desistir dos queques de cenoura quando decidiu fazer a seleção para as Forças Especiais. — Tinha passado os últimos meses a tentar convencer-me a ir também, uma vez que eu hesitara durante a missão.

Todo o seu corpo relaxou.

— Está bem. Que alívio.

— Mas o Fitz morreu. — Peguei no que parecia ser de limão, certificando-me de que havia outro igual antes de o tirar da caixa. O Fitz teria escolhido o de chocolate. Respirei através da pontada de dor que reconheci como pesar e depois enfiei-a na caixa com tudo o resto.

— O que foi?

Que merda. *Não* devia ter dito aquilo.

Fiz uma pausa ao retirar a forminha de papel do bolo e vi-a a olhar para mim.

— O Fitz. Tu conheceste-o...

— Em Tybee. Lembro-me disso — sussurrou ela. — Ele... morreu?

Acenei com a cabeça.

— Há cerca de um mês. Houve um tiroteio.

A minha boca fechou-se. Eram essas coisas que eu mantinha deliberadamente à parte, mas ali estava eu, a destruir a única paz que conhecia.

— Nate, lamento imenso — sussurrou ela, levando a mão ao meu ombro.

— Não lamentos. — Continuei a retirar a forma de papel, concentrando-me na visão do queque e afastando a memória do sangue a sair do corpo do Fitz. — Não o mataste. — O tema tinha de mudar imediatamente. — Qual é o teu sabor preferido?

O silêncio alongou-se entre nós.

Olhei para cima e dei com ela a observar-me com um olhar que nunca lhe tinha visto. Parecia que não sabia o que dizer ou como agir, como se eu tivesse destruído a tranquilidade entre nós pela segunda vez naquela noite.

— Qual é o teu sabor preferido? — perguntei de novo. — Hora do filme, lembras-te?

— *Red Velvet* — respondeu ela, pegando lentamente num deles.

Pousei o meu queque e ajudei-a a descer da bancada, embora soubesse que ela não precisava. As suas curvas deslizaram contra mim quando a baixei até ao chão, incendiando o meu corpo, mas a forma como os seus olhos escureceram foi ainda mais quente.

Ficámos ali parados durante um longo momento, com as minhas mãos na sua cintura enquanto ela olhava para mim, a cor a afluir-lhe às faces, o peito a subir e a descer um pouco mais depressa.

— Filme — lembrei-a, lembrando-me a mim próprio.

— Certo. — Ela passou a língua pelo lábio inferior, e eu mordi um gemido. — Preparate para a grandiosidade — disse, e conduziu-me ao sofá. Descansou a cabeça no meu ombro e eu saboreei a paz absoluta.

Não tinha estragado tudo por a ter deixado na ignorância.

Duas horas depois, ela olhou para mim, expectante, no momento em que os créditos passavam.

— O que achaste?

— Acho que é uma treta eles só se verem ao amanhecer e ao pôr do sol. — Olhei para o ecrã.

— No fim, eles vencem — respondeu ela com uma gargalhada, enfiando uma perna debaixo de si e virando-se para me encarar no sofá, com o joelho a roçar a minha coxa.

— Não quer dizer que os anos que passaram assim não tenham sido uma treta. — Abanei a cabeça.

— Ah, Nate... — Ela sorriu, pegando no meu rosto entre as mãos e afastando a minha atenção dos créditos. — És um romântico, lá no fundo.

Escarneci.

— Já fui acusado de uma data de coisas, Isabeau. De ser romântico não foi uma delas. — Só havia duas pessoas no mundo por quem eu me sentia remotamente mais brando. Ela era uma delas.

O seu olhar desceu até à minha boca, e apertei a almofada ao seu lado para evitar que as minhas mãos a alcançassem.

— Sabes o que decidi?

— O quê? — As palmas das minhas mãos desejavam sentir as curvas do seu corpo.

Ela inclinou-se para mim até os seus lábios se encontrarem a poucos centímetros dos

meus.
Raios, eu ia *ceder*. Já conseguia sentir o seu gosto, ouvir os pequenos suspiros que dava entre os beijos. A memória dela fora a minha companheira constante naqueles últimos nove meses.

— Fiji — sussurrou contra os meus lábios.

— Desculpa? — O sangue fugira-me decididamente do cérebro.

— Fiji. — O seu sorriso era contagiante quando passou um joelho por cima de mim e se instalou no meu colo, montando-me. — É para lá que devíamos ir de férias. É quente. Tem praias de areia. É longe, por isso não te vais preocupar com multidões.

— Gosto de praias. — A última vez que estivera numa fora com ela.

As minhas mãos subiram para as suas ancas enquanto a excitação me percorria.

— Ótimo. Então assim será. — Passou os dedos pelo meu cabelo, e eu inclinei-me para o seu toque. Os seus lábios afloraram os meus. — Podes beijar-me dentro de água.

Sim. Estava feito. Os fios das minhas boas intenções estavam a desfazer-se a cada segundo. Encontrava-me a um segundo de a virar de costas para o sofá.

— Nate?... — Os seus lábios provocaram-me descaradamente.

— Hum?...

— Vou beijar-te.

Eram as mesmas palavras que eu lhe dissera na Geórgia, mas soavam um milhão de vezes mais *sexy* ao saírem da boca dela.

Beije-i-a primeiro e gemi quando se abriu para mim. Ela era tão doce, a sua língua a roçar na minha enquanto eu reaprendia cada linha da sua boca. Beijá-la era tão explosivo quanto me lembrava e mil vezes mais viciante.

Os meus dedos enfiaram-se no seu cabelo enquanto eu inclinava as nossas cabeças para obter o ângulo perfeito, e o beijo ficou fora de controlo. Os seus seios pressionavam-se contra o meu peito. As ancas balançavam sobre as minhas. A sua respiração tornou-se a minha. Era exatamente ali que eu pertencia, onde quer que ela estivesse.

A ligação entre nós era tão indefinível quanto inegável.

— Quase me tinha esquecido de como somos bons nisto — disse ela entre beijos.

— Pensei nisto todos os dias. — Inclinei as ancas dela e movi as minhas para que pudesse sentir exatamente o que eu estava a pensar naquele momento.

— Tive saudades tuas. — Ela beijou-me o maxilar, o pescoço, enquanto as suas mãos percorriam os meus braços, e depois o tronco. — E sei que não devia ter tido. Que é completamente ilógico...

Agarrei o cabelo dela com a mão e trouxe a sua boca de volta à minha, usando os lábios e a língua para lhe dizer que sentia exatamente o mesmo. Os meus dedos passaram da anca dela para as costas, deslizando por baixo da camisola para lhe acariciar a coluna.

Ela ofegou ao sentir aquele toque leve, e eu engoli o som.

— Aposto que és assim sensível em todo o lado, não és? — perguntei, percorrendo a pele lisa das suas costas com os dedos.

— Porque não descobres? — As mãos dela afadigaram-se junto da cintura, e a blusa abriu-se para os lados, revelando um sutiã de renda azul-pálido que lhe cobria os seios com uma perfeição que me fez água na boca.

— Merda. — A palavra escapou-me como um gemido gutural. — És tão perfeita, Isabeau.

— Toca-me.

Ela não precisou de mo dizer duas vezes. As minhas mãos subiram-lhe pelos flancos, acariciando-lhe a cintura, e depois pelas costelas, antes de lhe tocarem nos seios por cima da renda. Ela era mais do que suficiente para encher as minhas mãos.

— Estás a ver? Perfeita.

Ela riu-se, depois beijou-me, e eu perdi-me — a mim e a todas as boas intenções que tivera — ao saborear a sua boca, ao escutar os seus pequenos gemidos, ao sentir os seus mamilos endurecerem por baixo do tecido, sob o toque dos meus polegares.

Percorri a sua garganta e a clavícula com lambidelas e sucções. Depois, agarrei-lhe o traseiro com uma das mãos e levantei-a ligeiramente para que os meus dentes pudessem testar os bicos dos seus mamilos. A renda era demasiado grossa para aquilo de que eu precisava, para o que eu desejava. Puxei uma das copas para baixo e saboreei o som do seu grito suave enquanto sugava o mamilo para dentro da boca.

— Nate! — As unhas dela vincaram-se nos meus ombros.

O meu pénis comprimia-se sob o fecho das calças, mas eu estava grato pela barreira. Mantive-me sob controlo enquanto eu passava ao outro seio, expondo-o para que lhe pudesse dar o mesmo tratamento.

— Tão sensível — disse eu contra a sua pele enquanto ela estremecia.

— Ou talvez eu só reaja assim contigo — respondeu ela, com a voz ofegante e diabolicamente *sexy*.

Eu não queria que mais ninguém a tocasse assim.

Minha. O destino, Deus, qualquer que fosse a energia que governasse o universo, trouxera-a até mim. E ela. Era. Minha.

Só que não era. Havia uma razão para não devermos estar a fazer aquilo, mas eu não me lembrava de qual era.

Pus esse pensamento de lado, beijando-a profundamente e depois passando o braço em volta das suas costas e virando-nos para que ela ficasse por baixo de mim. Má ideia. As minhas ancas encaixaram no berço das dela como se tivessem sido criadas para encaixar assim.

As suas mãos percorreram-me as costas, depois puxaram-me a camisa para cima e seguiram o mesmo caminho ao longo da minha pele nua. O meu bom senso desapareceu quando me balancei contra ela, provocando o gemido mais doce que alguma vez ouvira.

— Repete — exigiu ela, deslizando as mãos para o meu rabo.

Beije-lhe a garganta e dei-lhe o que ambos queríamos. A necessidade de um beijo quente percorreu-me a coluna. Beijá-la era como se tivesse dezasseis anos outra vez, sem controlo,

sem experiência, apenas com um desejo cego e primitivo.

— Diz-me do que precisas — disse entre beijos, enquanto descia pelo seu pescoço até aos seios, passando a língua pelos bicos, um de cada vez.

— Quero que me toques — disse ela, arqueando-se em direção à minha boca, enquanto eu voltava a rodar as ancas contra as dela. Havia demasiado espaço entre nós. Demasiada roupa. O que era uma coisa boa... se eu conseguisse lembrar-me *porquê*.

— Diz-me como. — Queria que ela dissesse as palavras enquanto eu pressionava a boca na pele sensível sob os seus seios e depois na cavidade debaixo das suas costelas, onde o seu estômago se aplanava, beijando cada linha das cicatrizes do acidente de avião.

— Ou podias dizer-me como me *queres* tocar — desafiou ela, sorrindo, mesmo quando as suas costas se curvavam à medida que eu me aproximava do botão das suas calças de ganga.

Levantei a cabeça e encontrei o seu olhar.

— Quero abrir o fecho das tuas calças e deslizar os meus dedos entre essas coxas doces para ver como estás molhada para mim.

Os seus lábios entreabriram-se, e os olhos brilharam.

— E depois quero mergulhar os dedos dentro de ti para te acariciar e provocar. — A minha mão passou pelo cós das calças de ganga e observei-a em busca de um qualquer sinal de hesitação. — Mas vou precisar de que me digas que é isso que queres. — As pupilas dilatadas e as respirações entrecortadas não eram suficientes.

Eu não ia estragar tudo com a falta de uma comunicação clara ou instigá-la a ir mais longe do que queria.

— É exatamente isso que desejo — disse ela, cobrindo a minha mão com a dela e colocando-a mesmo por cima do botão.

Sim, raios.

Com os olhos fixos nos dela, abri o botão e descí o fecho.

Ela acenou com a cabeça, apertando o lábio inferior entre os dentes.

O movimento desfez o meu autocontrolo, e deslizei sobre ela, sugando a curva suave e livre e depois beijando-a, ofegante. Ela sugou a minha língua para dentro da sua boca enquanto os meus dedos deslizavam por baixo da renda da sua roupa interior, e eu gemi.

Ela parecia o paraíso, quente, escorregadia e mais macia que cetim.

— Estás tão molhada que me podias arrastar todo numa só investida. — Rodeei-lhe o clitóris com o dedo médio, e as suas costas curvaram-se de novo.

— Nate! — exclamou ela, empurrando os quadris contra a minha mão.

O som do meu nome nos seus lábios fez-me latejar o pénis.

Fá-la repetir aquilo.

— Tão quente — sussurrei com mais um beijo, deslizando um dedo dentro dela. — Aposto que me conseguirias queimar vivo. — Seria uma maneira escaldante de morrer.

Tremia como um adolescente ao sentir o seu calor, a forma como os seus músculos se apertavam à volta do meu dedo enquanto eu o empurrava e fazia sair, observando-a, catalogando exatamente o que a levava a arfar e o que fazia as suas ancas rodar em busca de

mais.

— Oh, meu Deus — gemeu ela, com os dedos a cravarem-se de prazer nas minhas costas quando enfiei um segundo dedo, desejando que fosse o pénis.

Eu não era alheio à luxúria, mas aquilo era algo completamente diferente. Nunca vivera para o som do suspiro de uma mulher, nunca a minha próxima respiração dependera da dela, nunca estivera concentrado a tal ponto no seu prazer que o meu não importasse. O meu mundo reduziu-se à Izzy. Eu não queria apenas que ela se viesse; *precisava* que ela se viesse.

O meu polegar acariciou-lhe o clítoris, trabalhando-o incansavelmente enquanto os meus dedos se curvavam após cada investida, embatendo uma e outra vez no ponto que fazia as suas ancas sacudirem-se para cima e a respiração suste-se.

— Linda, Isabeau. — Beijei-a suavemente enquanto as suas coxas se fechavam e depois estremeciam. — És tão bonita. — Bastou um pouco mais de pressão do meu polegar para ela dançar à beira do orgasmo. Senti-o nas suas inspirações rápidas, no aperto dos seus músculos interiores à volta dos meus dedos e na contração do seu corpo sob o meu.

— Nate... — Ela balançava contra os meus dedos, cavalgando a minha mão, procurando aquilo de que precisava, e eu pressionei o pénis contra a sua coxa para não lhe despir a roupa que ainda trazia e possuí-la.

Não a podia possuir.

Ela nunca me perdoaria, porque não sabia...

As suas costas arquearam, e ela gritou quando se veio, com o interior do seu corpo a vibrar contra os meus dedos, as costas a contorcerem-se uma e outra vez.

Vê-la desfazer-se e saber que fora eu a levá-la a esse ponto foi o clímax de toda a minha vida.

Enterrei o meu rosto no seu pescoço, beijando-lhe a pele macia e inalando o doce aroma do seu perfume enquanto a acalmava. Só quando ela caiu, inerte, debaixo de mim, fiz deslizar os dedos para fora do calor do seu corpo e beijei-lhe a boca uma última vez antes de me sentar.

Lembrara-me exatamente do motivo pelo qual ir mais longe faria de mim um idiota.

Ela fitou-me com o olhar toldado e sentou-se também, procurando as minhas calças de ganga.

— Não podemos. — Voei do sofá como se estivesse a arder e quase tropecei na mesa de apoio. *Lindo*.

— Porque não? — Ela arqueou uma sobrancelha e olhou significativamente para o meu membro. — Não sou cega, e tu obviamente queres.

— Acredita em mim, quero, sim. O problema não é esse. — Abanei a cabeça. A consciência de que estava prestes a desiludi-la era tudo o que me retinha. Ela merecia muito mais do que alguém que entrava e saía da sua vida como um furacão. Merecia alguém que lhe pudesse dar tudo.

— É por eu ter sugerido as Fiji? — perguntou ela, e foi preciso todo o meu autocontrole para manter os olhos no rosto dela e não nos seus seios nus, que se erguiam por cima do

surtiã.

— Não. Adorava ir às Fiji contigo. — Raios, ainda sentia o sabor da pele dela e tinha quase a certeza de que, para o resto da minha vida, ficaria imediatamente duro ao aspirar o aroma do seu perfume.

— OK, então o que é que se passa?

Olhei para aqueles grandes olhos castanhos e pensei em mentir, em preservar o pequeno sopro de felicidade que subsistia naquele momento, mas não consegui.

— Só posso ir em 2017.

Ela pegou nos lados da camisa e ajeitou-a, cobrindo o seu corpo incrível.

— Porque não tens tempo? Tens de ir a casa primeiro? Porque eu percebo que tenhas de ir ver a tua mãe.

— Não. — Abanei a cabeça. — Na verdade, ela foi para fora quando eu fui a casa, há alguns dias. — Além disso, a minha mãe sabia que, por mais que eu a amasse, não ia voltar para lá enquanto ele ainda respirasse. — Não podemos fazer isto porque, por mais que eu gostasse que esta fosse a altura certa para nós, não é.

— Não é? — Ela encostou os joelhos ao peito, e o meu estômago revirou-se.

— Não pode ser. Estou a receber ordens para um novo posto. Daqui a três meses, serei destacado para a Base Conjunta Lewis-McChord. Fica no estado de Washington.

— Não é o Washington de que eu estava propriamente à espera. — Os ombros dela afundaram-se, e ela ajeitou o seu longo cabelo loiro atrás das orelhas.

— Pois... — Engoli em seco. — Não te ia contar no teu aniversário, não que... — Que raio. O que é que eu estava a tentar dizer? — Não que isso te incomodasse...

— Claro que me incomoda que estejas a ser enviado para a outra ponta do país. — Ficou ali, com os braços cruzados sobre a cintura. — E eu sei que não tenho o direito de esperar nada. Foste muito claro em Savannah quando disseste que não estávamos juntos. Mas eu esperava... — Os seus olhos fecharam-se, e ela soltou um longo e frustrado suspiro. — Não sei o que esperava.

— Eu sei. — Aproximei-me dela e segurei-lhe o rosto com as mãos. — Esperava ficar muito mais perto de ti do que quatro mil e quinhentos quilómetros. Esperava que pudéssemos ser mais do que uma possibilidade.

Ela levantou a mão até ao meu peito.

— Eu também.

E pronto. Dissemos tudo o que precisava de ser dito e tudo o que não podíamos dizer.

— Quanto tempo vais lá ficar? — perguntou ela.

— Provavelmente três anos — disse eu o mais suavemente possível.

Ela susteve a respiração, e a guerra de emoções que se travou nos seus olhos foi o suficiente para me amarfanhar o peito.

— E não é tudo. — Merda. Tinha evitado aquilo desde que entrara por aquela porta e, no entanto, ali estava eu, a ir direto ao assunto. — A unidade para onde vou já está na lista de rotação para daqui a uns meses. Mais uma missão. — Mal conseguia dizer as palavras,

quando parecia que cada uma delas a tinha cortado ao meio.

— Vais... — O lábio inferior dela tremeu. — Vais voltar?

Passei o polegar pelos lábios dela e tentei ignorar a sensação de esmagamento no centro do peito.

— Vou sempre voltar, Isabeau. São apenas missões mais curtas e mais frequentes, desde que não se prolonguem. Estás na Faculdade de Direito. Tens coisas mais importantes em que te concentrases do que em alguém que mal se consegue aproximar de ti com alguma regularidade.

— E concordámos em não começar uma relação à distância. — Um sorriso triste levantou-lhe os cantos da boca. — Já falámos sobre isso uma vez.

— Certo. Não te vou fazer isso. Mesmo quando estiver nos Estados Unidos, provavelmente andarei entre faculdades para obter formação profissional. Só teríamos fins de semana. — Fins de semana para os quais eu viveria, mas não aceitaria o mesmo para ela.

— Talvez eu pudesse satisfazer-me com os fins de semana. — A mão dela apertou a minha camisa.

— Até não poderes. Até não podermos. Até se tornar algo que nos destruísse a ambos. Os últimos nove meses pareceram uma eternidade. Senti a tua falta a cada segundo de cada dia, Izzy, e nem sequer tínhamos uma relação. Imagina como seriam três *anos*. — Inclinei-me, encostando a testa à dela. — Destruiríamos a possibilidade de nos conhecermos antes de termos uma hipótese de sucesso. Não quero desperdiçar a nossa oportunidade, aproveitando-a antes de estarmos preparados.

— Então, porque vieste ter comigo? — perguntou ela calmamente, com os olhos a procurarem os meus.

— Porque não conseguia ficar longe. — A verdade era simples, mas complicava tudo.

— E é isto que queres para nós? — Uma das suas mãos deslizou para a minha nuca. — Seremos o quê? Correspondentes? Amigos? Queres que eu saia com outros rapazes enquanto tu saís com outras raparigas?

O meu queixo tremeu.

— Claro que não é isso que eu quero. — Nem sei como consegui dizê-lo. Ela tinha-me contado tudo sobre os tipos com quem havia saído enquanto eu estava fora. Todos estudantes de Direito. Todos dali. Todos infinitamente mais capazes de a fazer feliz. — Mas é o que temos. Quero que vivas, Izzy. Quero que vás para as aulas e te entusiasmes com as tuas noites de sexta-feira. Quero que sorrias e te rias e não passes os meses fechada no quarto, à minha espera. Matava-me ver-te desperdiçar a tua vida assim. Quero que tenhamos a oportunidade que merecemos, o que significa que ambos temos de concordar que será na altura certa, e não é... não é. Ainda não.

— Já pensaste em sair? — A pergunta era apenas um sussurro e estava a poucas palavras de um pedido.

— E fazer o quê? — Levantei a cabeça.

— Oh, não sei... — Ela encolheu os ombros, com um sorriso que era tudo menos feliz.

— Disseste no avião que querias ensinar.

Esse sonho parecia estar a uma vida de distância.

— Podíamos mudar-nos para um sítio onde pudéssemos ver os pinheiros balançar — continuou ela. — Como uma estância de esquí. Ou uma daquelas torres em que se vigia a natureza à procura de incêndios.

— Pois, uma bela forma de dares uso à tua formação — provoqueei.

— Vá lá. Entra na brincadeira. — Ela puxou a minha camisa e olhou para mim com olhos suplicantes. — Faz de conta comigo por um minuto.

Baixei as mãos para a sua cintura e puxei-a contra mim. Depois, ignorei o pulsar do meu órgão, que ainda não tinha perdido a esperança de que eu mudasse de ideias. Não mudaria.

Ela significava mais para mim do que uma única noite, e eu estava naquilo a longo prazo. Um longo prazo muito distante.

— Podíamos abrir um restaurante. — Sorri.

— Sabes cozinhar? — perguntou ela.

— Não. — Os meus ombros tremeram com um riso irónico.

— Sei fazer uma tosta de queijo ótima.

Dei-lhe um beijo na testa.

— Então, pronto. Vamos abrir um restaurante de tostas de queijo.

Ela riu-se, abanando a cabeça.

— Vamos lá. Vamos para a cama.

Dormir significava que estaríamos horas mais perto da minha partida.

— Lamento imenso ter estragado o teu aniversário — sussurrei. — Nunca foi minha intenção.

Ela apontou para o relógio na parede.

— São onze e meia, o que significa que ainda pode ser salvo se concordares em vir para a cama comigo. Mesmo que seja só para dormir.

— Só para dormir — repeti, sabendo que deitar-me ao lado dela só iria resultar numa noite de insónia em que eu me imaginava a representar todas as fantasias que tivera nos últimos nove meses. Parecia a forma mais requintada de tortura, e estava disposto a isso.

Ela afastou-se lentamente.

Segui-a.

CAPÍTULO DEZASSETE

NATHANIEL

Cabul, Afeganistão

Agosto de 2021

— Vais esconder-te aqui toda a manhã? — perguntou o Torres, encostado à porta com um tornozelo cruzado sobre o outro.

— São apenas sete da manhã, e não estou escondido. — Virei a página do meu livro e ignorei-o, encostando-me à cabeceira da cama, com as pernas esticadas à minha frente.

— A mim parece-me que te estás a esconder.

Eu não me estava a esconder. Já estava vestido, armado e pronto. Só não estava naquele turno. Era a vez do Graham, e ele era capaz de tratar de uma vigilanciuzinha enquanto a Izzy e o Parvalhão tomavam o pequeno-almoço.

— Não tens nada melhor para fazer? — perguntei ao Torres, tirando o marcador da mesa de cabeceira e sublinhando uma linha, parando a meio. Não que eu alguma vez fosse dar o livro à Izzy. Já havia pelo menos algumas dezenas daqueles, todos sublinhados e encaixotados. *Os velhos hábitos costumam a passar, e isso tudo.*

— Ei, só estou aqui porque aparentemente não consegues resolver as tuas merdas. — Ele encolheu os ombros. — Caso contrário, já estarias lá fora, a tentar convencê-la a não ir para Kandahar.

— As minhas merdas estão excelentes. — Li o mesmo parágrafo duas vezes antes de desistir e fechar o livro. — E estou a perceber que não me cabe a mim convencê-la de nada. Ela tem uma pessoa para o fazer.

O Parvalhão. Ela ia casar-se com o *Parvalhão*. Depois de tudo o que ele a fizera passar, dissera-lhe que sim, aceitara o anel na mão esquerda.

Esfreguei o peito, mesmo acima do esterno, e senti o meu amuleto da sorte deslocar-se na corrente, contra a pele. Já estava na altura de o deixar em casa, de o reconhecer como o mau presságio que era, mas, sempre que o tirava, voltava a colocá-lo.

— Pois. Parece que já está tudo pronto. — O Torres revirou os olhos. — Juro por Deus, nada te deixa mais fodido do que aquela mulher.

— Ela não me está a deixar fodido. — Virei a página com mais força do que o necessário.

— Talvez seja esse o problema, então. — Afastou-se da porta e atravessou a sala. — Quando foi a última vez que vocês os dois estiveram no mesmo espaço e não acabaram na cama?

Pousei o livro na mesa de cabeceira, já que ler era inútil quando o Torres me entrava assim na cabeça.

— Em Nova Iorque.

— Pois, bem me pareceu. — Ele esfregou a parte de trás do pescoço. — Precisas de que o Jenkins te substitua?

— Não. — Por mais irritado que estivesse, por mais desiludido que me sentisse com o facto de a Izzy se ter *acomodado*, isso não significava que não fosse levar a missão até ao fim ou colocá-la numa posição em que se pudesse magoar.

Bateram à porta.

Murmurei uma asneira e levantei as pernas da cama para ir abrir. Quando o fiz, o Graham estava do outro lado.

O Torres deslizou para fora, saindo para o corredor.

— Ótimo, agora pode ele lidar com a tua fronha mal-humorada.

— Há informações novas — disse o Graham, com ar tenso. — Estamos a fazer um *briefing*.

— Vamos. — Pendurei a espingarda ao ombro e fechei a porta atrás de mim. Acho que estava na altura de enfrentar a realidade e o Parvalhão.

Talvez afinal me *tivesse* escondido.

Meia hora depois, fomos informados. Parei de evitar a Izzy e fui procurá-la. Em quaisquer outras circunstâncias, não pestanejaria por estar num país em rápida deterioração, onde a minha única missão era tirar de lá o maior número possível de americanos.

Mas não eram circunstâncias normais. Tinha de pensar na Izzy. Atravessei o átrio apinhado de gente da embaixada e entrei na sala de conferências que as equipas do Congresso tinham ocupado, passando pelo Parker, que estava de guarda à porta. Demorei dois segundos a encontrar a Izzy no meio do caos organizado da sala.

Ela estava no canto mais afastado, com um telemóvel entre o ombro e a orelha, enquanto os assistentes manuseavam dossiês na extremidade da mesa comprida. Um deles quase derrubou um portátil da superfície. Parece que não éramos os únicos a sentirem-se nervosos.

Depois de lançar uma olhadela rápida pelo local para me certificar de que o Parvalhão não se encontrava por perto, dirigi-me para a Izzy. Ela estava vestida com umas calças azul-marinho e uma blusa de um tom mais claro, o cabelo num carrapito baixo que parecia poder sobreviver a um capacete.

Porque usar um capacete era a única forma de a deixar sair do edifício.

— Claro que não é incómodo nenhum — disse ela para o telemóvel, mostrando surpresa quando me viu aproximar. — A senadora é que está acordada a meio da noite.

Os olhos dela encontravam-se ligeiramente vermelhos, e não do tom encarnado com que eu estava familiarizado quando se tratava dela, aquele que dizia «estive acordada a noite inteira enquanto me conduziam repetidamente ao orgasmo». Fizera inclusive um bom trabalho com a maquilhagem, mas a pele sob as órbitas castanhas estava inchada. Tinha estado a chorar. Inclinou o queixo e susteve o meu olhar, como que a desafiar-me a dizer alguma coisa sobre o assunto.

— Com certeza, senadora Lauren — continuou.

— Temos de falar — disse eu, mantendo a voz baixa para que a senadora não ouvisse. A Izzy suspirou.

— Acho que poderá haver alguns problemas de segurança — disse ela ao telemóvel. — O responsável precisa de falar comigo.

Acenei com a cabeça.

— Eu pergunto. — Tapou o microfone. — A missão de hoje está em risco direto?

— A tua presença neste país é um risco. Ontem caíram mais três províncias. Os olhos dela arregalaram-se, e os nós dos dedos embranqueceram no telemóvel.

— A província de Balkh, não — tranquilizei-a. — Mazar-i-Sharif ainda está de pé. Ela soltou um suspiro de alívio e destapou o microfone.

— Senadora, parece que temos um problema. Se não se importa de esperar, vamos para um sítio mais recatado.

A Izzy fez sinal para a porta, e acenei com a cabeça, conduzindo-a para fora da sala de conferências, em direção a um gabinete vazio nas proximidades. Varri a sala com um olhar rápido, depois fechei a porta atrás de nós enquanto a Izzy pousava o telemóvel na secretária apinhada, tocando no botão do altifalante.

— Temo-la em alta-voz, senadora Lauren, mas só eu e o sargento Green nos encontramos nesta sala — informou a Izzy, cruzando os braços sobre o peito. Havia algo de estranho em toda a sua atitude, mas eu não conseguia perceber o que era.

— Sargento Green, pelo que sei, é responsável pela segurança da minha equipa, certo? — perguntou a senadora, com uma voz surpreendentemente alerta, apesar de ser quase meia-noite em Washington.

— Sou, minha senhora.

— O que me pode dizer sobre a segurança da viagem que a Isa planeou fazer hoje a Kandahar? — perguntou.

Por uma fração de segundo, fingi que a mulher à minha frente não era a Izzy, que era apenas mais uma funcionária noutra missão. Mas não era.

— Kandahar encontra-se numa situação preocupante. A cidade está cercada há meses e ainda não caiu, mas todos os civis foram convidados a retirar há seis dias, e o aeroporto encontra-se sob ameaça constante. Não sou a favor de levar a menina Astor para esse tipo de ambiente. Os vistos da equipa estão aqui e, tanto quanto sei, o plano é serem retirados amanhã pela Força Aérea afegã. Sinceramente, não vejo razão para a viagem. Sim, seria uma oportunidade excelente para tirar uma fotografia, mas ela pode fazê-lo amanhã, quando chegarem a Cabul. Entregar os vistos pessoalmente coloca a menina Astor desnecessariamente em perigo.

A Izzy mexeu-se e encostou-se à extremidade mais limpa da secretária.

— Não me importo com o perigo.

— Mas eu importo-me — respondeu a senadora. — E isso torna o que tenho para lhe dizer mais complicado.

Fiquei tenso ao escutar o tom de voz da senadora.

— Recebemos esta noite uma chamada da consultora, e parece que não estão satisfeitos com o plano de evacuação.

A Izzy franziu o sobrolho.

— Não estão?

— Não. Estão a dizer que, dada a situação da cidade, não confiam em nenhum dos homens que dizem ser da Força Aérea afegã e que estão, obviamente, a coordenar a viagem.

— Diabo — murmurei baixinho, esfregando a ponta do nariz.

A Izzy repreendeu-me com um simples olhar.

— Estou a ver.

— O Newcastle perguntou-lhes o que os deixaria suficientemente à vontade para se irem embora e mencionou que o sargento Green está no país, pensando que isso lhes daria alguma segurança — continuou a senadora.

Impedi-me de praguejar de novo, sabendo exatamente onde aquela conversa iria dar.

— Eles disseram que só confiam em ti, Isa.

Raios. Odiava ter razão.

— Oh... — A Izzy agarrou-se à borda da secretária. — Por não confiarem na Força Aérea?

— Não confiam que eles sejam quem dizem ser — disse eu. — Infelizmente, é um problema comum. Presumo que a equipa esteja escondida para o caso de a cidade cair.

— Sim, está — respondeu a Izzy. — Devia ser transferida...

— Para o aeroporto, hoje, para ser retirada amanhã — terminei. — Por isso é que iam lá ter contigo para obterem os vistos.

A Izzy acenou com a cabeça.

A minha mente começou a trabalhar.

— Se eu conseguir arranjar uma operadora para ocupar o lugar da menina Astor, seria suficiente?

A Izzy abanou a cabeça, justamente quando a senadora Lauren disse:

— Não, receio que não.

— Fizemos chamadas pelo Skype como parte do planeamento — argumentou a Izzy. — Eles sabem como eu sou fisicamente.

O silêncio encheu o escritório.

— Isa, não te vou pedir que te ponhas em perigo para ires buscar aquelas raparigas — começou a senadora.

— Não as podemos deixar lá... — interrompeu a Izzy, com o olhar fixado no meu.

— Poderá fazer-se em segurança?... Desculpe, não sei o seu primeiro nome — disse a senadora.

— Foi intencional, minha senhora. — Olhei para o mapa emoldurado do Afeganistão na parede, pensando no *briefing* de segurança, nas avaliações de ameaças e nas raparigas cujos únicos crimes seriam a sua inteligência e instrução. — São seis?

— E os pais delas — informou a Izzy. — E alguns irmãos também.

Acenei com a cabeça.

— O aeroporto de Kandahar está atualmente sob a alçada das operações especiais afegãs. Se conseguirmos levar a equipa até ao aeroporto e tivermos a sorte de dispor de alguma área de aterragem segura, tendo em conta que passaríamos o mínimo de tempo em terra, é possível. — Iria odiar cada minuto, mas era possível.

— Com o mínimo de perigo para a menina Astor e para as vidas americanas? — perguntou a senadora.

— Respeitosamente, minha senhora, neste momento não existe perigo mínimo neste país, mas aquelas raparigas estarão em perigo considerável se ficarem onde estão.

— Isa? Nunca exigiria que arriscasses a vida.

— Eu sei. — A Izzy engoliu em seco e mexeu-se, pondo o cabelo atrás das orelhas, embora as madeixas já estivessem presas num carrapito. Estava nervosa.

— Só pode ser hoje — disse eu. — Ao ritmo a que este país está a desmoronar-se, Cabul irá cair no próximo mês, se não antes, e, sinceramente, não sei quanto tempo mais Kandahar tem.

— Os relatórios dos serviços secretos diziam que tínhamos seis a doze meses — disse a senadora Lauren baixinho.

— As coisas mudam, minha senhora.

— Iremos hoje. — A Izzy endireitou os ombros. — Vou telefonar à consultora Niaz. Tenho o número dela. — Depois de trocarem mais alguns cumprimentos e votos de felicidades, ela terminou a chamada.

— Tens uma hora para te despedires do Parvalhão, e depois temos de ir embora — disse eu, saindo do gabinete e deixando a Izzy para trás.

Aparentemente, íamos para Kandahar.

*

Deixámos todos os outros membros da delegação da Izzy e voámos três horas mais tarde com os três operadores da minha equipa e mais quatro, uma vez que nenhum dos outros assessores do Congresso ia deixar a embaixada naquele dia. A nossa frota de quatro *Black Hawks* foi lançada, mas eu ainda desejava que tivéssemos mais capacidade destrutiva. A Izzy sentou-se à minha frente como em todos os outros voos, a olhar pela janela, e eu entreguei-lhe os meus auriculares e o telemóvel, mas não lhos pus nos ouvidos como antes. Peguei no meu livro e desviei o olhar descaradamente antes que a Izzy pudesse recusar a minha oferta.

Depois de ver o Covington no corredor, na noite anterior, não sabia como reagiria se a Izzy me lembrasse mais uma vez que o que eu tinha não era suficientemente bom.

Ela conseguiu falar com a consultora Niaz, e a equipa de xadrez ia a caminho do aeroporto. As raparigas estavam tão nervosas quanto a senadora havia insinuado, e eu não podia julgá-las. Com alguma sorte, estaríamos em terra em menos de uma hora e descolaríamos de novo antes que os talibãs soubessem que nos encontrávamos por perto para

lançar morteiros.

Isso não impediu que a minha pulsação aumentasse de ritmo à medida que nos aproximávamos de Kandahar. Guardei o livro quando aterrámos e pus a mochila aos ombros, metendo o telemóvel e os auriculares num dos bolsos da farda quando a Izzy mos devolveu. A distância entre nós era palpável, dolorosa e necessária. A chegada do Parvalhão fora um lembrete muito útil de que o anel no dedo dela significava alguma coisa.

Os helicópteros aterraram, e nós saímos.

Não era a primeira vez que eu ia ao aeroporto de Kandahar, mas podia perfeitamente ter sido a última. A destruição provocada pelos bombardeamentos era evidente nos arcos decorativos destruídos e nos montes de entulho alinhados contra a vedação de arame farpado. A pista de aterragem também estava danificada.

O sol batia nos meus antebraços nus enquanto avançávamos em equipa, caminhando rapidamente para o terminal, onde o nosso contacto do exército afegão se encontraria connosco. Mantive a Izzy ao meu lado e os olhos em movimento, observando todos os pormenores do que nos rodeava, com o Graham a cobrir os nossos seis protegidos.

Um oficial afegão aguardava no fim do passadiço que ligava o alcatrão ao terminal, escoltado por seis dos seus próprios soldados. Pareciam ter passado pelo inferno e ter sido arrastados de volta.

— Trinta centímetros — disse eu à Izzy assim que o ruído dos rotores se desvaneceu o suficiente para me poder ouvir.

— Querias!... — respondeu ela baixinho, segurando a alça da mochila.

— Espertinha — murmurei. — Trinta centímetros é a distância máxima a que podemos ficar de mim enquanto aqui estivermos.

— Não confias nas forças afegãs? — perguntou ela calmamente.

— Em algumas delas, sem dúvida. — Mantive as mãos na espingarda. — Mas não vivi este tempo todo a confiar em quem não conheço pessoalmente. — E, no que lhe dizia respeito, não ia confiar em *ninguém*.

— Entendido. — Ela olhou para mim quando íamos a meio do caminho.

— E se eu tiver de fazer chichi? A tua regra dos trinta centímetros também se aplica?

— Terei todo o gosto em passar-te o papel higiénico.

— Demasiado explícito. — O nariz dela franziu-se.

— Tu é que entraste por aí. Só vamos estar aqui uma hora, lembras-te? Aguenta.

Chegámos ao nosso contacto, e eu apertei o jovem capitão com um passou-bem enquanto os outros mantinham as mãos nas armas.

— Os retirados estão prontos?

— Chegaram há cerca de trinta minutos — disse ele, conduzindo-nos ao terminal. Dois dos nossos operadores ficaram a vigiar a entrada e a fazer o reconhecimento. — Podemos estar a perder o controlo nos limites da cidade, mas ainda temos a estrada do aeroporto.

— É bom saber. — Se a perdessem, não haveria rota de evacuação para ninguém na cidade. Estaríamos oficialmente cercados.

O ar condicionado ainda estava a funcionar, o que era um alívio bem-vindo. O chão e as cadeiras encontravam-se cobertos de pó, e duas das janelas na minha linha de visão haviam sido entaipadas.

A Izzy levantou a mão para a correia posicionada abaixo do queixo.

— Deixa estar assim.

— As raparigas podem ficar assustadas se eu entrar vestida como se pudéssemos ser bombardeados a qualquer momento — sussurrou ela.

— Duvido muito de que estejam à espera de algo diferente. — Passámos por grupos reunidos de militares e civis à espera de serem retirados. — Talvez te estejas a esquecer de que as crianças daqui estão habituadas à guerra, ao contrário dos miúdos americanos. O capacete fica.

— Vais ser assim tão agradável durante toda a viagem? — Ela arqueou uma sobrancelha, mas acompanhou-me passo a passo.

— Sim.

— Aqui parece-me bem — disse o Graham, apontando para uma área à direita.

Olhei para o local recomendado — filas de cadeiras que formavam o que fora uma zona de espera com aspeto requintado. Sem janelas entaipadas. Com janelas que era possível rebentar facilmente se precisássemos de sair. Uma linha direta para a pista e para os helicópteros. Era conveniente para uma saída rápida, mas defensável, e podíamos controlar o ambiente.

— Serve — disse eu ao oficial afegão. — Por favor, tragam para aqui as pessoas a retirar.

— Temo-las ali à espera.

— Para aqui — disse eu num tom que não deixava margem para discussão. Ele olhou pela janela, para os nossos helicópteros, e acenou com a cabeça. Depois, em pastó, ordenou a dois dos seus soldados que escoltassem a equipa de xadrez até nós.

Os outros operadores espalharam-se de modo a formar um perímetro eficiente.

— Estarão aqui não tarda — disse o capitão em inglês. — Há mais alguma coisa que possamos fazer?

— Não, obrigado — respondi. — Tenho a certeza de que têm coisas muito mais importantes com que se ocupar.

— De facto, tenho. — Voltou a apertar-me a mão e foi-se embora, deixando dois dos seus soldados connosco.

Eu e a Izzy ficámos no meio da sala de espera.

— Ele mandou os soldados irem buscá-las? Tens a certeza?

Acenei com a cabeça.

— Falo pastó.

— Claro que falas. — Ela abanou a cabeça. — É mais uma novidade?

— Não. — Olhei para o espaço em volta, não completamente à vontade. Eu sabia que devíamos estar seguros ali, mas a Izzy seria um troféu fantástico e valioso para os nossos inimigos.

— Só mais uma coisa que não me contaste. — O tom dela era baixo mas cortante.

— Não me pareceu que o número de línguas que falo merecesse lugar de destaque numa carta, e nunca quis desperdiçar o teu tempo. Mas, aparentemente, tu... — Cerrei o maxilar para conter as palavras. Não era o momento nem o lugar para discutir com ela.

Ela olhou-me de relance, com os olhos a estreitarem-se.

— Diz de uma vez.

Abanei a cabeça.

— Sei que estás zangado por causa do Jeremy. Vi a decepção nos teus olhos. Conheço-o suficientemente bem para ler as suas emoções, sargento Green. Pelo menos, costumava ser assim. — Cruzou os braços sobre o peito e tamborilou os dedos no braço.

— Não fazes ideia do que penso sobre o Parvalhão.

— Como se a alcunha não te denunciasses logo. — Os seus dedos moveram-se mais depressa.

A raiva brotou, sobrepondo-se ao meu bom senso.

— Ele deixou-te em Georgetown, caramba — disse eu o mais calmamente possível.

— Deixou.

— Ele obrigou-te a licenciáres-te mais cedo, a abandonares os teus amigos e a inscreveres-te numa faculdade que nem sequer era a tua primeira escolha, e depois *abandonou-te*. — Olhei para ela com um ar incrédulo.

O Torres ergueu uma sobrancelha para mim do local onde se encontrava, na parede mais próxima, obviamente capaz de nos ouvir.

— Eu lembro-me. Estava lá.

— Pois, bem, eu também estava. — Olhei para o resto do grupo, que se encontrava a fazer exatamente o que devia fazer. Eu era o único a assumir um comportamento de adolescente e a discutir com uma mulher que nem sequer era minha ex.

— Desce desse teu pedestal. O Jeremy não foi o único a abandonar-me em dado momento.

Ignorei o comentário, porque era verdadeiro. Mas era óbvio que ela o havia perdoado, ao passo que eu recebera o tratamento oposto.

— Quando voltaram? Antes de Nova Iorque? — Isso teria explicado tudo.

— Não! — sibilou ela. — Só quando fui para Washington. Os meus pais levaram-me a almoçar fora, e ele estava lá com a família... — Suspirou. — Não te devo explicações.

— Não deves, de facto — concordei. — E nenhuma explicação que ele pudesse dar seria suficiente. Tu mereces tanto... mais.

A cabeça dela virou-se na minha direção, e aconteceram três coisas ao mesmo tempo.

Finalmente, percebi o que me estava a incomodar na forma como ela posicionara as mãos o dia todo. Não eram as mãos. Era aquilo que *não se encontrava* na mão dela — o anel de noivado.

A equipa de xadrez desceu o corredor, escoltada pelos soldados afegãos.

E a pista explodiu.

CAPÍTULO DEZOITO

IZZY

Georgetown

Dezembro de 2016

Se eram nove da manhã ali, então eram seis e meia da tarde no Afeganistão, o que significava que talvez eu estivesse a comer à mesma hora que o Nate. Claro que ele estaria a jantar, enquanto eu me encontrava a brincar com uma pilha de panquecas, mas, mesmo assim, era como se estivéssemos a fazer uma refeição juntos.

— É por isso que ela está a especializar-se em trabalho de beneficência. Não estás, Izzy? — O tom da Serena exigiu a minha atenção.

Pestanejei, levantando os olhos do prato do pequeno-almoço e encontrando a Serena a arquear uma sobrancelha para mim do outro lado da mesa do restaurante.

— Pois. Sim. Exatamente — concordei. Esperava-se que fosse um encontro a quatro, mas eu não estava a cumprir a minha parte do acordo. Olhei de relance do atual namorado da Serena, o Ramon, para o amigo que ele trouxera para me apresentar.

Merda. Como é que ele se chamava? Sam? Sandy? Shane? Algo com um S. Não é que não fosse giro. Tinha uns belos olhos castanhos, uma pele suave e bronzeada e um sorriso bonito. Só que...

Eu era um caso perdido.

— Acho excelente estares dedicada à caridade — disse ele, oferecendo-me um sorriso aberto.

— E tu? — Estão a ver? Eu conseguia manter a conversa a fluir.

As suas sobrancelhas escuras franziram-se.

— Trabalho com tecnologia, lembras-te?

A Serena deu-me um pontapé por baixo da mesa.

— Claro! — Olhei de relance para a minha irmã. — Só estava a falar do rumo que imaginavas dar à tua carreira nessa indústria em particular.

— Oh. — Ele voltou a sorrir. — Estou concentrado no mercado financeiro e em como tornar a banca mais acessível em locais remotos...

Locais remotos como o sítio onde o Nate estava. Os meus pensamentos abafaram o monólogo dele.

Meu Deus, o que se passava comigo? Havia meses que não conseguia manter uma relação, e ali estava de novo, a preferir *pensar* no Nate em vez de num homem real. Se calhar também fora isso que corra mal na última relação do Nate. Ele andava a sair com alguém havia meses e, por um instante, perguntei-me se iríamos mesmo fazer a viagem que tínhamos

marcado para as Fiji, em junho. Enfim, tudo bem, eu também tinha ficado com ciúmes. Bastante saudável.

As nossas cartas tinham passado a *e-mails* nos dezoito meses decorridos desde a última vez que nos víamos, e mesmo esses haviam-se tornado menos frequentes desde que ele fora mais uma vez destacado. Eu perdera a conta ao número de missões.

O meu telemóvel tocou em cima da mesa, e a Serena inclinou a cabeça para mim quando peguei nele para ver se havia uma mensagem. Não, era apenas um *e-mail*. Tinha configurado o Google Alerts para fazer o relatório uma vez por semana, e eram simplesmente as mensagens desse último período.

Só que não. O meu coração vacilou ao ver o campo do assunto.

Nathaniel Phelan.

Parei de respirar e martelei a superfície lisa do telemóvel, como se isso fosse permitir que a aplicação abrisse mais depressa. Ele estava bem. Tinha de estar bem. Não estar bem não era uma opção. E, no entanto, eu não conseguia respirar.

Ao clicar na hiperligação, ouvi um ruído surdo quando um *site* de obituários foi carregado.

Não.

O meu mundo não podia existir sem que o Nate nele estivesse, algures.

Pestanejei quando o artigo apareceu. *Alice Marie Phelan*. Passei os olhos pelo obituário, com o estômago a contorcer-se. *Deixa o marido, David, e o filho único, Nathaniel.*

A mãe do Nate morreu. De acordo com o obituário, o seu funeral, uma cerimónia junto da campa, era às quatro da tarde desse dia.

Ele iria ficar de rastos.

— Tenho de ir. — Tirei uma nota de vinte da carteira e pu-la em cima da mesa, correndo para a porta antes que a Serena pudesse sequer pronunciar o meu nome.

*

Às 15h44, saí de rompante do carro que alugara no aeroporto mais pequeno que alguma vez tinha visto e abri o guarda-chuva que trouxera comigo. Disponha de apenas uma hora para mudar de roupa no único quarto de hotel disponível na cidade — que também era o mais caro —, mas pelo menos tinha um vestido preto no guarda-fatos, pronto a enfiar na bagagem de mão. Conseguir um voo para lá chegar? Isso é que fora... complicado. Mas conseguira.

Teria imaginado que dezembro em Illinois significava neve, mas a chuva gelada caía sobre o guarda-chuva quando contornei a dianteira do sedã e entrei no cemitério. O meu coração batia com força ao dirigir-me para a pequena multidão reunida nas redondezas, os calcanhares a cravarem-se na relva castanha a cada passo.

O telemóvel tocou no meu bolso, e debati-me para o tirar do casaco. Uma mensagem apareceu no ecrã.

MÃE: A Serena disse que fugiste do pequeno-almoço esta manhã?!...

E escolheu *aquele momento* para se preocupar?

Abanei a cabeça e voltei a enfiar o telemóvel no bolso.

As pessoas iam avançando, e eu segui o mar de guarda-chuvas, acabando por chegar à última fila do que parecia ser uma série de cerca de trinta cadeiras dobráveis instaladas na extremidade da última fila de lápides.

Vislumbrei coroas de flores de cores vivas e um caixão soerguido e fechado sob um amplo pátio verde, à frente das cadeiras, enquanto a multidão continuava a deslocar-se pelo corredor, com algumas pessoas a sentarem-se de ambos os lados e outras a continuarem, apenas para virarem no fim e darem a volta.

Estavam a dar as condolências à família.

O meu estômago revolveu-se com náuseas, e estrangulei o cabo do guarda-chuva ao pensar que, pela primeira vez, talvez tivesse tomado uma decisão errada. Estava tão preocupada em tentar chegar a tempo que não pensara que talvez *não devesse* estar ali.

Havia todas as hipóteses de o Nate não me querer ali, todas as hipóteses de já *ter* ali alguém. Não era como se me tivesse convidado.

Ou talvez o próprio Nate não se encontrasse presente, estando eu a imiscuir-me numa multidão de perfeitos desconhecidos.

De qualquer forma, não sabia se seria bem-vinda.

Talvez escolher simplesmente um lugar fosse a minha melhor opção.

O meu bolso voltou a zunir, e tirei o telemóvel. Outra mensagem apareceu no ecrã inicial.

MÃE: ISABEAU ASTOR, é melhor responderes-me JÁ.

MÃE: Não me obrigues a mandar pessoas à tua procura!

Digitei uma resposta rápida.

ISABEAU: A mãe do meu amigo Nate morreu. Estou no funeral. Depois ligo.

Voltei a enfiar o telemóvel no bolso e esperei que fosse suficiente para que ela não se passasse.

— Uma pena — disse uma mulher atrás de mim. — A Alice era mesmo um anjo.

— Aquela curva sempre foi perigosa. O Carl disse-me que as marcas dos pneus mostravam que o miúdo, o Marshall, ia em contramão — acrescentou outra, com a voz mais baixa à medida que passávamos pela terceira fila de bancos cobertos de água. — Chocaram de frente.

Tinha morrido num acidente de viação.

— Olha para aqueles dois — disse a primeira mulher com um suspiro. — Nem sequer

conseguem estar ao lado um do outro ali em cima.

Olhei por cima do ombro, o mais discretamente possível, e vi uma mulher com uma única madeixa grisalha no cabelo ruivo inclinar-se para a direita e olhar além de mim.

— Ambas sabemos que aquele rapaz nunca apareceu em casa desde que foi para o exército — respondeu a amiga. — Sempre foi rebelde.

— Não o podes censurar, depois da forma como o David... — E então parou de falar. — Bem, nenhum de nós fez nada por ele, pois não?

Inclinei-me para a direita, procurando entre a meia dúzia de pessoas que tinha à minha frente.

E vi-o.

O meu peito ameaçou desabar, mas forcei-me a respirar. O Nate estava de pé, estoicamente, na extremidade da tenda, ao fundo do corredor, com a chuva a cair incessantemente, a encharcar-lhe o cabelo e a gabardina preta. Acenou com a cabeça para algo que a mulher à sua frente disse e depois apertou a mão do homem seguinte enquanto ela avançava, virando-se para a esquerda para fazer o mesmo com alguém que eu não conseguia ver.

Não conseguia tirar os olhos do seu perfil enquanto a fila prosseguia. Ele não mostrava qualquer emoção enquanto cumprimentava cada pessoa com os mesmos movimentos robóticos. A cabeça virada para a frente e a expressão vazia no rosto magoavam-me fisicamente o coração.

O homem mais velho à minha frente virou-se para o Nate:

— Sinto muito pela tua perda, filho. A tua mãe era uma joia.

— Obrigado — respondeu ele, apertando a mão do homem, mas não havia qualquer entonação na sua voz, qualquer vivacidade.

O homem virou-se para o outro lado do corredor e eu avancei para o lugar que ele deixara vago, inclinando o guarda-chuva para trás ao olhar para o Nate.

— Isabeau? — Os seus olhos vermelhos brilharam quando se fixaram nos meus.

— Lamento imenso pela tua mãe, Nate. — Levantei o guarda-chuva para nos cobrir aos dois.

Ele ficou a olhar para mim em silêncio durante um longo momento, depois abraçou-me e puxou-me para si. Os seus braços rodearam-me as costas, e senti a tensão em cada linha do seu corpo, no mesmo instante em que a minha face pousava na lapela fresca e húmida do seu casaco.

— Vim logo que soube — sussurrei.

Ele deve ter-se abatido um pouco, porque senti o seu queixo bater contra o topo da minha cabeça, em frente ao ponto onde eu prendera o cabelo num rolo.

— Obrigado.

— Vemo-nos mais tarde — prometi.

— Fica. — Os braços dele soltaram-se e, quando dei um passo atrás, ele agarrou a minha mão livre e puxou-me para o seu lado esquerdo, cravando os dedos congelados nos meus

antes de cumprimentar o próximo enlutado.

Segurei o guarda-chuva sobre ele o melhor que consegui. Restavam apenas algumas pessoas, mas ofereci a cada uma delas o que esperava ser um aceno de agradecimento apropriado, à medida que elas ofereciam condolências por uma mulher que eu não chegara a conhecer.

Uma mulher que o Nate tinha amado com todo o seu coração.

Os restantes elementos da multidão passaram no instante em que o sacerdote tomava o seu lugar sob o dossel, e eu fitei um homem que não precisava de conhecer para saber que era o pai do Nate.

O Nate era alguns centímetros mais alto, mas tinham o mesmo nariz, a mesma estrutura facial, e embora os seus olhos fossem mais escuros que os do Nate, eram infinitamente mais frios quando o olhar dele se cruzou com o meu.

— Se fizessem o favor de se sentar — disse o sacerdote. — Começaremos dentro de alguns minutos.

O Nate colocou-se entre mim e o pai e depois ocupou o lugar na coxia, encolhendo-se quando me instalei na cadeira de metal ao lado da dele.

— Lamento muito. Deves estar gelado.

— Não te preocupes comigo. Eu fico bem. — A água encharcou-me o casaco de lã quando movi o guarda-chuva, tentando mantê-lo abrigado. Ele estendeu a mão para o meu colo e eu dei-lha, apertando-a com força.

— Só havia um pálio — disse ele, olhando para o sacerdote. — E achei que ela é que devia estar coberta.

— Fizeste bem. — Passei o polegar pela sua pele gelada, desejando ter outra forma de o aquecer.

— Como é que soubeste? — Ele olhou para mim.

— Criei um alerta no Google para o teu nome — confessei. — Mas programei-o para me avisar uma vez por semana. Devia tê-lo definido para todos os dias, assim teria sabido mais cedo. Teria vindo mais cedo.

— Estou feliz por estares aqui. — Ele apertou-me a mão. — E, se tivesse sido capaz de pensar em... alguma coisa durante a última semana, provavelmente ter-te-ia ligado, mas acho que só percebi o quanto desejava que aqui estivesses quando te vi. — O seu olhar dirigiu-se para o caixão. — Teve um acidente de automóvel e sofreu morte imediata. — A garganta dele fez um esforço quando engoliu em seco. — É bom não ter sofrido.

— É — concordei, sem saber o que dizer ou o motivo pelo qual as cadeiras ao meu lado estavam vazias. — Mas continuo a lamentar que a tenhas perdido.

— Não posso falar sobre ela. Não aqui. Em lado nenhum. Simplesmente não consigo.

— Então não o faças.

Ele acenou com a cabeça, e a cerimónia começou.

Pareceu breve, mas eu só tinha a dos meus avós como termo de comparação. As tias do Nate falaram e o pai recitou um verso, mas o Nate abanou a cabeça quando o ministro olhou

na sua direção. O vento fustigou-nos, entorpecendo-me o rosto enquanto a missa chegava ao fim.

Levantei-me quando o Nate se levantou.

Movi-me quando ele o fez.

Fui para onde ele foi.

Só lá estávamos nós e as pessoas que eu supunha serem da família mais próxima quando os coveiros se prepararam para colocar a mãe do Nate debaixo da terra.

O corpo do Nate contraiu-se no instante em que o pai se aproximou de nós, junto ao caixão.

— Vamos ter de falar sobre a quinta. — O pai pôs os pés à frente do Nate e aproximou-se. — Já chega de me evitares, rapaz.

O tom dele dizia-me tudo o que eu precisava de saber sobre a relação de ambos.

«Há alguma coisa de que tenhas medo? Tem de haver alguma coisa, certo?»

«Claro. Tenho medo de me parecer com o meu pai.»

Não fora isso que o Nate dissera naquele dia na praia?

O Nate soltou a minha mão e levantou o braço à minha frente, empurrando-me delicadamente para trás.

— Não é o momento para isso, David — disse uma das tias, a mulher mais velha, fechando o guarda-chuva, agora que a chuva tinha parado. O cabelo dela era preto como o do Nate, e a postura dos ombros dizia-me que não era fã do pai dele.

Também baixei o guarda-chuva, apertando o botão para o fechar enquanto a tensão aumentava.

— Quando poderemos então falar no assunto? — disparou o pai do Nate. — Ele não me disse uma única palavra desde que chegou a casa, e todos sabemos que amanhã vai voltar para o Afeganistão. Vamos falar nessa altura?

Amanhã? O meu coração afundou-se.

— Não é segredo que ela deixou a quinta para ele — disse a outra tia, aproximando-se da irmã. — Todos nós vimos o testamento.

— Devia ser minha — argumentou o pai, mas o Nate não mexeu um músculo. — Eu era o marido dela. — Não conseguindo provocar uma reação do Nate, virou-se para mim. — Talvez a tua linda namorada...

— Não fales com ela, porra. — O Nate deu um passo em frente, ao mesmo tempo que me empurrava para trás.

Oh, merda. Conhecendo-o há tantos anos, nunca o vira zangado.

— Afinal ele fala! — O pai levantou as mãos como se estivesse a agradecer a Deus. — Estás pronto para conversar sobre a quinta? Tem sido a minha casa há muito mais tempo do que foi tua.

— Não tenho mais nada para te dizer. — O Nate recuou, com o braço ainda estendido à minha frente, mantendo uma barreira entre mim e o pai.

— Ou podes simplesmente fugir, como fazes sempre!

— David! — ralhou uma das tias.
— Passa pelo maldito escritório do advogado e transfere a escritura para meu nome — ordenou o pai, com a voz mais gelada do que o tempo. — É o mínimo que podes fazer tendo em conta que não te deste ao trabalho de a vires visitar nos últimos cinco anos.

Fiquei sem conseguir respirar.

— Izzy, vou precisar de que te afastes — avisou o Nate, num tom baixo e letal que eu nunca lhe ouvira antes.

— Nate? — Tinha de haver uma forma de adiar o confronto que se avizinhava até a mãe estar enterrada, certo?

— Por favor — pediu ele sem tirar os olhos do pai.

Fiz o que ele pediu, recuando alguns passos por essa mesma razão. Se o Nate não desviava o olhar do pai, isso significava que ele lhe dera motivos para não o fazer.

— Tão simpático para toda a gente menos para a sua própria família. — O pai fitou-o. — Assina a escritura e volta para a tua nova e melhor vida. Ambos sabemos que não queres a quinta, e de certeza que não a conseguirias gerir.

— Tens razão. Não a quero. Mas não a vou transferir para o teu nome — respondeu o Nate, com os braços soltos ao lado do corpo.

— Então vais simplesmente pôr-me na rua?

O Nate abanou a cabeça.

— Ainda não.

— O que é que isso quer dizer? — O rosto do pai corou.

— Significa que podes viver nela por enquanto — disse o Nate, encolhendo os ombros.

— Por enquanto? — Franziu a testa, e as mãos fecharam-se em punhos. A minha pulsação acelerou.

— Durante meses. Anos. Quem sabe? Mas um dia hei de vendê-la. — A voz do Nate baixou de tom, e até os coveiros interromperam o que estavam a fazer para assistir. — E não te irei dizer nada, não te irei avisar. — Abanou a cabeça. — Não, quero que tenhas medo. Quero que acordes todos os dias e tenhas dúvidas, que te preocupes a pensar se é o dia em que o que lhe fizeste voltará para te assombrar. Quero que fiques tão ansioso como ela ficava todas as noites, à espera de ver em que estado de espírito estarias quando chegasses a casa, à espera de saber se seria o teu saco de pancada ou se irias atrás de mim.

O meu estômago desabou. O Nate tinha embarcado no nosso voo com um lábio fendido, quatro anos antes. O que dissera ele sobre o ferimento? Sobre os nós dos dedos magoados?

Não será propriamente a primeira vez que alguém me ataca, e ao menos desta estarei armado. Estava a falar do pai dele.

— E o meu maior arrependimento não é não ter ido a casa visitá-la — continuou o Nate. — Ela sabia que eu tinha jurado nunca mais respirar o mesmo ar que tu. O meu maior arrependimento é não ter conseguido que ela se fosse embora também, por mais que eu tenha tentado.

— Seu merdas. — O pai investiu sobre ele e, antes que eu pudesse gritar, o Nate

intercetou o punho que vinha na sua direção.

— Agora vai ser preciso muito mais do que isso para me atingir. — Os nós dos dedos do Nate ficaram brancos, e o pai gritou, arrancando o punho da mão do filho. — Já não sou um adolescente magricelas. Passei *anos* a dar cabo de rufias como tu. Já não me consegues assustar.

Os olhos do pai dele arregalaram-se ao segurar a própria mão e afastar-se lentamente do Nate.

— Ainda te vais arrepender do que disseste. — O gelo na sua voz fez-me estremecer.

— Duvido.

— Queres atirar-te a mim, não é, rapaz? — Um canto da boca contorceu-se.

— Sim. — Os braços do Nate caíram para os flancos. — Mas não o vou fazer. É essa a diferença entre nós dois.

— Estás sempre a dizer isso a ti próprio. — O pai do Nate cuspiu no chão, depois virou-se e afastou-se, dirigindo-se para uma *F-150* azul estacionada junto ao passeio.

Cum caraças. Fora assim que o Nate crescera e, de alguma forma, se tornara... o Nate.

Virou-se lentamente para me encarar e, por um segundo, não o reconheci. Aquele homem não era o Nathaniel que eu conhecia. Não tinha dúvidas de que o homem que tinha diante de mim estivera na guerra, vira coisas, fizera coisas que eu nunca compreenderia completamente.

E, no entanto, não tinha medo dele.

— Eu acompanho-te ao carro — disse ele, sem deixar margem para discussão. Acenei com a cabeça, e a sua mão suavizou-se quando a colocou nas minhas costas.

Caminhámos em silêncio até ao carro que eu tinha alugado, porque, por uma vez, estava sem palavras. Havia uma tensão nele, uma inquietação em relação à qual não sabia o que fazer. Estava fora do meu alcance.

O meu telefone tocou ritmicamente, e peguei nele por instinto, mas os meus dedos estavam rígidos de frio e atendi sem querer, premindo o modo de alta-voz em vez de terminar a chamada.

— Mãe, ligo-te...

— Diz-me que não saíste de um encontro com um produtor tecnológico promissor para ireres atrás daquele soldado, Isa, ou sabe Deus...

Martelei o ecrã, desativando o altifalante, e levei o telemóvel ao ouvido.

— Mãe! Ligo-te mais tarde. — Corei de vergonha. O Nate *ouvira* aquilo.

— Estás a revelar uma grave falta de discernimento nas tuas escolhas.

— As escolhas são minhas. Ligo-te quando estiver de novo em DC. — Carreguei no botão de desligar com mais agressividade do que o necessário e olhei para o Nate. — Lamento imenso. Ela é... a minha mãe.

O maxilar dele contraiu-se.

— Não tens motivos para pedir desculpa. Ela não disse nada sobre mim que não seja verdade.

— Ela nem sequer te conhece — argumentei quando chegámos ao carro e troquei o telemóvel pelas chaves do carro.

— Onde vais ficar? — perguntou ele, e depois fez uma careta. — Não sei porque é que perguntei. Só há um hotel na cidade.

— Estou na *suíte* presidencial — respondi, abrindo a porta que não me tinha dado ao trabalho de trancar. — Era tudo o que lhes restava.

O seu queixo bronzeado flexionou-se enquanto acenava com a cabeça.

Deus, todo o meu corpo, frio e encharcado como estava, condoía-se por ele.

— Mas posso ficar.

Ele olhou para o local onde se encontrava a sepultura.

— Não. Agradeço-te por estares aqui. A sério, mesmo. Mas só quero ficar sozinho com ela durante algum tempo. — A boca dele contorceu-se numa careta. — Se conseguir que as minhas tias se vão embora.

— Está bem.

— Odeio que tenhas assistido àquilo — disse ele sem olhar para mim.

— Odeio que tenhas passado por aquilo. — O seu casaco estava ensopado. Agarrei-lhe o antebraço, desesperada por lhe tocar, para o confortar de qualquer forma que pudesse. — Diz-me do que precisas, Nate.

— Se descobrir, digo-te, Izzy. — Afastou-se, e eu deixei-o ir.

*

Apertei o cinto do robe e depois passei a escova pelo cabelo molhado enquanto voltava para o quarto da minha *suíte* de hotel, já suficientemente quente para sentir os dedos dos pés.

A Serena já tinha ligado a pedir desculpa por ter contado acidentalmente à mãe sobre a minha saída apressada ao pequeno-almoço, mas eu não estava zangada com ela. Com a minha mãe? Isso era outra história. Era como se tivesse dado um pontapé no Nate quando ele já estava no chão, embora eu soubesse que o alvo era eu.

Não havia palavras para o quanto o meu peito me dilacerava por tudo o que o Nate tinha passado nesse dia, e pela minha total e completa incapacidade de o salvar de *tudo* aquilo. Nem da perda da mãe. Nem da crueldade do pai dele.

Sentei-me na beira da cama e consultei o telemóvel esperando uma mensagem ou uma chamada perdida, algum sinal de que ele não ia passar a noite sozinho, quando as suas emoções tinham obviamente sido esfoladas e deixadas a sangrar. Um suspiro atravessou os meus lábios quando vi o ecrã em branco, e engoli o nó na garganta que se formou de imediato perante a ideia de ele passar a noite com outra mulher.

Recompõe-te. Ele não era meu. Nada disso. E eu não o podia recriminar por qualquer solução de conforto que pudesse encontrar. Pus a escova na mesa de cabeceira, ao lado da medicação para a TDAH, e depois tirei o que restava do tabuleiro de serviço de quarto, que se encontrava na superfície polida da mesa de jantar. Tinha devorado o hambúrguer de queijo

logo que o efeito dos medicamentos passara, cerca de duas horas antes. Abrindo a porta, coloquei o tabuleiro no corredor e despachei-me a entrar no quarto para não me verem apenas com o roupão à altura das coxas, mas o tinido do elevador ao fundo do corredor chamou-me a atenção.

O Nate saiu dele para o patamar, passando as mãos pelo cabelo molhado, ainda vestido com o fato do funeral.

Os nossos olhos cruzaram-se e sustiveram-se assim à medida que ele se aproximou de mim, os passos a consumirem a distância entre nós com determinação. O meu coração acelerou para um ritmo estrondoso. As horas que tínhamos estado separados nada haviam feito para acalmar a inquietação nele. Ainda caminhava no perigoso limite entre quem era quando vivia ali e quem era agora... a pessoa em que os constantes destacamentos o haviam transformado.

E, nos segundos que demorou a chegar junto de mim, percebi que não importava a versão dele que estava a receber. Eu encontrava-me inextricavelmente ligada a cada uma delas. O rapaz que ele fora quando vivia ali era aquele que me salvara do acidente de avião. A pessoa em que ele se transformara tinha-me deixado de rastos na Geórgia. E o homem que ele era agora... aquele que fazia o meu coração simultaneamente disparar e ansiar por si...

Oh, *Deus*.

Aquela sensação no meu peito...

Eu estava apaixonada por ele.

E ele ia voltar para o Afeganistão no dia seguinte.

Os meus pés apressaram-se a recuar, em direção ao quarto, mas mantive a porta aberta para si, e o Nate seguiu-me, cheirando a chuva e aos vestígios ténues da sua água de colónia.

— Preciso de... — disse, virando-se para mim quando fechei a porta, e o tumulto nos seus olhos azuis cristalinos quase me fez cair de joelhos. — Só preciso de ti.

— Está bem. — Acenei com a cabeça.

— Izzy. — Era simultaneamente um apelo e um aviso, enquanto ele percorria todo o meu corpo e deslocava o peso entre os pés. O ardor nos seus olhos era inconfundível; era a mesma forma como olhara para mim no meu aniversário, no ano anterior. — Acho que não estás a perceber...

— Eu sei o que estás a dizer — sussurrei.

Os nossos olhos cruzaram-se, e, um segundo depois, eu estava de costas para a porta, com a boca do Nate a fundir-se na minha.

Ele tinha o mesmo gosto, mas o beijo não era nada parecido com os que havíamos trocado antes. Era um choque de línguas e dentes, como se todos os problemas que ele enfrentava pudessem ser esquecidos se simplesmente se perdesse dentro de mim. Beije-o de volta com a mesma intensidade, mostrando-lhe que podia aceitar tudo o que ele quisesse — ou precisasse — dar.

Ele nunca me magoaria, nem me levaria mais longe do que eu já queria ir.

E eu desejava-o.

Os seus lábios encontravam-se frios, mas a língua estava quente quando se entrelaçou com a minha. Estava completamente frio e molhado, as roupas sem dúvida encharcadas até à pele. As suas mãos percorreram a parte de fora do meu roupão, e depois ele agarrou a parte de trás das minhas coxas, levantando-me contra a porta para que as nossas bocas ficassem ao mesmo nível.

Enrolei as pernas à volta da sua cintura e agarrei-me, passando-lhe os braços em torno do pescoço enquanto ele me beijava com mais intensidade, mais profundamente. A água da chuva escorria-lhe do cabelo e das faces, mas isso não nos deteve. Os meus dentes raspavam-lhe o lábio inferior, e, quando ele se afastou, voltei a sugar-lhe a língua para dentro da boca e delíciei-me com o gemido que lhe atravessou o peito.

O desejo corria-me pelas veias como lava, corando e aquecendo a minha pele — e até as minhas coxas, tocadas pelo frio do seu fato ensopado.

Ele mudou de posição, transportando-me sem desfazer o beijo, e atravessou a *suíte*. Mas não me levou para o quarto. O meu traseiro embateu na mesa da sala de jantar enquanto eu me afadigava com o tecido húmido da sua gravata, soltando por fim o nó o suficiente para lhe passar por cima da cabeça. A seguir, puxei-lhe o casaco molhado dos ombros, que caiu no chão com um ruído seco.

— Baixa as pernas — ordenou ele, entre beijos profundos e drogados.

Soltei os tornozelos e deixei as pernas penduradas na beira da mesa.

— Perfeito. — As mãos dele subiram pelas minhas coxas, por baixo do tecido do roupão, e o meu estômago remexeu-se. Eu sabia exatamente o que ele podia fazer com aquelas mãos, com aqueles dedos dotados, e estava mais do que preparada.

Mas o toque que eu tanto desejava não veio.

Desabotoei-lhe a camisa com dedos desajeitados, demasiado ansiosa por manter a boca na dele para me dar ao trabalho de ver o que estava a fazer. Depois de finalmente ter desabotoado o último, puxei-lhe a camisa para fora das calças e, de alguma forma, consegui desapertar os botões dos punhos, enquanto as suas mãos me comprimiam as coxas. Beijou-me a boca, as faces, o pescoço, enquanto eu lhe arrancava do corpo o tecido relutante e aderente da camisa.

Depois, afastei-me e olhei para ele.

— Nate — sussurrei, impressionada com o corpo que ele trabalhara na perfeição. Ganhara músculo nos últimos dezoito meses, o tronco ainda talhado, os abdominais magnificamente definidos, capazes de criar água na boca, mas agora havia simplesmente *mais* dele. As linhas profundas que percorriam as orlas do seu estômago imploravam para serem traçadas pela minha língua. Levantei o meu olhar para o seu.

— És incrível.

— És tudo o que eu desejo — ripostou ele, acariciado a parte de trás do meu pescoço. — Não importa quão longe vá ou quanto tempo esteja fora. Sonho contigo. Mesmo quando sei que estás com outra pessoa...

— Não estou — assegurei-lhe, abanando a cabeça.

— Ou quando *eu estou* com outra pessoa — continuou ele, e o meu coração fraquejou.

— Estás? — perguntei, e inclinei-me, apoiando as palmas das mãos contra a mesa enquanto esperava que o meu coração voltasse a bater regularmente. Ele não era meu. Eu não era dele. Fora esse o acordo que tínhamos feito.

E, no entanto, ele seria sempre meu.

Eu seria sempre dele.

— Não. Há mais de seis meses. — Olhou para mim e, por um instante, amaldiçoou aquele laço entre nós, o ciúme irracional que me assaltara o estômago quando lera aquela carta privada sobre a mulher com quem ele andava a sair. — Mas, mesmo assim, por mais idiota que me sinta ao admiti-lo, tu eras tudo o que eu queria, Izzy.

— Eu sei. — Acenei com a cabeça. — Para mim, é igual.

Esmagou-me a boca com a sua, o beijo mais suave do que antes, mas igualmente profundo, igualmente poderoso. Tirou-me o fôlego, os pensamentos e qualquer inibição que pudesse ter permanecido.

Depois, inclinou-se sobre mim, baixando-me até as costas ficarem apoiadas na mesa.

— Quero ver-te — disse ele antes de me beijar de novo.

As minhas mãos encontraram o cinto do roupão e puxei-o, deixando-o cair, como da primeira vez que ele me tinha tocado.

Ele levantou a cabeça e o seu olhar percorreu o meu corpo nu, demorando-se nas partes que nunca tinha visto antes.

— Caramba, és mesmo... perfeita.

— Disseste isso da última vez. — Sorri e tentei não me mexer sob o calor do seu olhar.

— Nada mudou. — Os olhos dele encontraram os meus, e o desejo que vi neles fez-me derreter, relaxando completamente sobre a mesa.

— Vou beijar-te, Isabeau Astor.

Sorri ainda mais.

— Também já disseste isso antes.

— Sim, eu sei. — Ele sorriu, e a sua covinha apareceu por um segundo antes de ele me agarrar as canelas, dobrando-me depois os joelhos enquanto pousava os meus pés na beira da mesa e me abria as coxas o suficiente para que os seus ombros...

Oh, *meu Deus*.

Respirei fundo quando ele me tocou com a boca, passando a língua pela minha entrada, até ao clítoris. Era tão bom que tudo o que consegui fazer foi gritar, com as mãos a agarrarem-se à sua cabeça para o puxar para mais perto.

— Sabes divinalmente — disse ele, e eu levantei a cabeça o tempo suficiente para fixar os olhos no Nate quando ele baixou a boca de novo, lançando um lampejo de puro prazer, em espiral, através de mim.

Ele era o homem mais sensual que eu já conhecera, e só eu poderia tocar-lhe nessa noite.

A minha cabeça caiu para trás à medida que as sensações dominavam o meu corpo. Cada lambidela da sua língua fazia-me arquear as costas. De cada vez que ele me chupava o clítoris

entre os lábios, eu estremecia. Quando os seus dedos deslizaram para dentro de mim, primeiro um, depois dois, não pude deixar de me comprimir contra ele, procurando mais, exigindo-o com os meus gemidos.

Ele prendeu-me as ancas à mesa com o antebraço, para que só pudesse receber o que ele queria dar, e depois levou-me à loucura. Provocava-me quando eu queria que ele me tomasse. Aflorava-me quando queria que ele se demorasse. Conduzia-me praticamente ao orgasmo, quando quase conseguia sentir o sabor doce da libertação, apenas para reduzir a pressão antes que eu desabasse.

— Nate! — Puxei-lhe a cabeça enquanto a deliciosa tortura recomeçava.

— Do que precisas, Izzy? — perguntou ele, soprando suavemente contra a minha pele quente.

Ofeguei, com as costas a arquearem-se.

— Preciso de ti! — De todas as formas possíveis. Foi o mais próximo que consegui chegar de o fazer saber como me sentia.

— Como se fosses gritar se não me pudesses ter? — Passou a língua pelo meu clítoris.

— Sim!

— Como se fosses morrer se tivesses de respirar mais uma vez sem mim dentro de ti? — Levantou o olhar para mim, fixando-me ali, como uma prisioneira voluntária.

— Sim. — Era um sussurro.

Ele anuiu com a cabeça.

— Excelente. Porque é exatamente assim que eu preciso de ti. — Desceu a cabeça entre as minhas coxas, e o mundo à nossa volta desapareceu. Havia apenas a sua boca, a sua língua, os seus dedos, a construírem o meu prazer com um cuidado experiente, a fabricar aquela pressão requintada no meu âmago, até que todo o meu corpo ficou tenso.

Depois, quebrei, e a libertação atravessou-me com tal força que gritei. Podiam ter sido palavras. Talvez o nome dele. Talvez apenas um grito. Os sons eram um rugido abafado à minha volta, enquanto, onda após onda, arqueava as costas, e antes que me apercebesse do que estava a acontecer, aquela pressão envolvia-me de novo, enquanto ele me manipulava até ao limite.

— A ti! — exigi, com as unhas a passarem pelo cabelo dele. — Quero-te a ti, Nate.

Ele arrastou meu corpo até a beira da mesa. Ouvi vagamente o som de uma fivela, o rasgar de uma embalagem, e então a ponta grossa do seu membro estava ali, na entrada do meu corpo.

A mão apoiou o seu peso ao lado da minha cabeça e ele ergueu-se sobre mim, o seu belo rosto a pairar mesmo acima do meu.

— Diz-me que é isto que realmente desejas.

— Já disse que sim. — E pousei-lhe as mãos nas faces, memorizei tudo sobre ele naquele instante. Os seus olhos azuis eram cristalinos, as pupilas quase dilatadas, as bochechas coradas. E ele tinha razão... morreria se tivesse de respirar mais uma vez sem o sentir dentro de mim.

— Repete. — O maxilar fletiu, e a mão agarrou-me a anca.
— Desejo-te, Nathaniel — sussurrei, inclinando-me para o beijar. — Por isso, possuí-me.

Ele susteve o meu olhar, como se houvesse alguma hipótese de eu mudar de ideias, e depois investi para dentro de mim, fundo, fundo, consumindo cada centímetro do meu corpo e depois exigindo mais, até deixar de haver eu. E ele. Apenas nós.

Levou-me ao limite, e ambos gememos.

Não perguntou se eu estava bem. Não precisava de o fazer, não quando eu balançava as ancas contra as dele e o beijava. Eu estava mais do que bem. Estava absolutamente maravilhosa.

As suas ancas afastaram-se até ele ficar quase completamente fora de mim, e depois voltou a entrar, e eu gritei, com os braços a envolverem-no enquanto ele iniciava um ritmo brutal e perfeito de investidas lentas e fortes.

— Nós. Devíamos. Ir. Para. A. Cama. — As suas palavras eram pontuadas por cada oscilação das ancas.

— Depois. Agora, com mais força. — Era tudo o que eu conseguia dizer. Ele roubara-me todas as palavras que não fossem o seu nome.

— Podemos fazer isto outra vez, certo? — perguntou ele contra a minha boca. — Não apenas na mesa.

— As vezes que conseguires aguentar. — Eu não fazia ideia como ele conseguia ter um pensamento coerente. Prendi os tornozelos à volta das suas costas e balancei-me para cima, indo ao encontro de cada impulso.

— Desafio aceite. — Ele sorriu, e a sua covinha apareceu.

O meu coração estremeceu de amor por aquele homem.

Ele beijou-me profundamente, com a língua a afforar a minha ao mesmo ritmo que o seu corpo tomava o meu, conduzindo-me a mais uma libertação. Debatemo-nos sem fôlego. Viemo-nos juntos outra vez e outra vez e outra vez, e, de certa forma, cada vez que ele voltava a entrar em mim era melhor do que a anterior, até o meu corpo se equilibrar à beira de um abismo, tão contraído que a minha respiração rompia em pequenos arquejos contra os seus lábios.

— Ah, sabes tão bem — disse ele, com a respiração tão acelerada como a minha. — Nunca me vou faltar de ti. A forma como me abraças. A sensação da tua pele contra a minha. A forma como os teus olhos escurecem. Sim, exatamente. Assim.

Enfiou a mão entre os nossos corpos e deu-me exatamente aquilo de que eu precisava, lançando-me na apoteose com o impulso seguinte.

Desfiz-me, desmontei-me e refiz-me no mesmo fôlego, com o seu nome nos lábios e as suas costas sob os dedos. O êxtase era incompreensível, insondável, indescritível, e tudo o que eu podia fazer era cavalgar as ondas enquanto as suas ancas balançavam loucamente, perseguindo a sua própria libertação, ao mesmo tempo que eu encontrava a minha.

Ele estremeceu por cima de mim e veio-se com um grito, sustendo o peso antes mesmo

de ter a oportunidade de me esmagar quando terminou. Ficámos a olhar-nos, sem conseguir recuperar o fôlego. Ambos observávamos o outro como se tivéssemos a chave do universo.

Lentamente, regresssei ao meu corpo e deixei os tornozelos deslizarem das suas costas.

— As vezes que eu conseguir aguentar — disse ele, com a boca curvada no sorriso mais bonito que eu já vira. — Foi o que disseste, não foi?

Acenei com a cabeça.

— Só temos esta noite. — A sobrancelha dele franziu-se, e eu sabia o que ele estava a dizer.

Aquilo não mudava as coisas. O nosso *timing* continuava a não ser o certo. Ele iria voltar para a unidade no dia seguinte, e eu regressaria a Washington de avião.

— Então é melhor aproveitarmos. — Passei os meus dedos pela sua face.

E assim fizemos.

Não obstante, chorei quando embarquei no meu voo, no dia seguinte.

CAPÍTULO DEZANOVE

IZZY

Kandabar, Afeganistão

Agosto de 2021

Num segundo eu estava a discutir com o Nate, e, no outro, ele atirava-me para o chão, cobrindo-me com o seu corpo enquanto o vidro estilhaçava. O coração martelou-me na garganta, e o meu corpo inteiro bloqueou.

O som de outra explosão misturou-se com os gritos das raparigas e dos respetivos pais.

— Foguetes! — gritou um dos operadores atrás de nós, mas não consegui ver qual era.

— Foda-se — praguejou o Nate. Então os seus braços envolveram-me, e eu estava contra o seu peito no instante em que ele se erguia e movia a uma velocidade que parecia sobre-humana, levando-me rapidamente para trás de uma parede próxima. Quando os meus pés tocaram o solo, agachámo-nos, e ele aninhou-me debaixo do braço. Depois, fez sinal à equipa de xadrez, dizendo-lhes algo numa língua que eu não falava.

Todos correram na nossa direção quando se ouviu outra explosão e um bando de soldados afegãos passou a correr. Mais três explosões soaram numa sucessão rápida.

O medo sabia a metal na minha boca. Nunca me perdoaria se permitisse que estas raparigas morressem — se, ao ir ali, custasse a vida ao Nate.

— Eu sei. Lá fora, vocês são alvos fáceis — disse o Nate, e reparei no botão que ele tinha na mão. Estava a usar o rádio. — Vão. Tragam as armas de volta convosco.

A explosão seguinte fez a parede tremer, e o Nate segurou-me com mais força.

— Não podemos fazer nada — explicou, apesar de eu não ter perguntado. — Os foguetes provavelmente estão a ser disparados a quilómetros de distância. Tudo o que podemos fazer é esperar.

Acenei com a cabeça, tentando forçar um sorriso tranquilizador para a rapariga que se encontrava mais perto de mim — Kaameh. Reconhecia-a das horas que passara a tratar dos seus documentos. A mãe dela protegeu-a o melhor que pôde.

As outras eram resguardadas pelos pais e, num dos casos, por um soldado afegão.

O som dos rotores era cada vez mais fraco através da janela estilhaçada. Os helicópteros estavam a partir.

Sobressaltei-me quando se ouviu outra série de explosões, e o Nate nem sequer vacilou ao examinar tudo à nossa volta. Sempre fora vigilante, no passado, quando estávamos juntos, sempre a ver, sempre a observar toda a gente, e agora eu percebia porquê. As reações com que me preocupara durante todos aqueles anos eram as que o mantinham vivo, ali.

Passou-se um minuto, e depois outro, sem se escutarem explosões.

— Acho que acabou — disse o sargento Gray do outro lado da sala de espera, com as costas contra a parede oposta.

— Concordo — disse outro.

— Os helicópteros foram-se embora. Não sobrou nada com que tivessem de se preocupar — acrescentou outra pessoa.

A mão do Nate acariciou-me a face, ao mesmo tempo que inclinava o meu queixo para cima.

— Estás ferida?

Fiz que não com a cabeça, sem conseguir que a língua funcionasse.

Ele afastou-se e observou-me com atenção enquanto os outros operadores se aproximavam, verificando o estado da equipa de xadrez e dos pais.

— Estão todos bem.

Comecei a abanar a cabeça e não consegui parar.

— Está tudo bem, Izzy. — Puxou-me contra si. — É só o choque e a adrenalina. Vai passar. Respira fundo.

Forcei o ar a passar pelos pulmões, uma respiração de cada vez, até que o meu coração galopante abrandou para um passo rápido, depois para um trote e, finalmente, para um ritmo regular.

— Já está — disse ele suavemente, passando a mão pelas minhas costas. — Gray, faz-me um relatório da situação.

O Gray virou costas.

— Se pudesses ter um superpoder no mundo, qual seria? — perguntou ele.

Pestanejei.

— Vá lá, Iz. Entra na brincadeira.

— Correr muito depressa para nunca mais ter de voltar a andar de avião — consegui dizer. Levantando a cabeça, olhei para o Nate. Além da preocupação no seu olhar quando se cruzou com o meu, parecia completamente despreocupado. — Sempre pensei que permaneceria calma e controlada se acontecesse algo semelhante — sussurrei. — Mas fiquei paralisada.

— Estás a dizer-me que a Isabeau Astor pode ser humana? Que não é perfeita? — Esboçou um sorriso, e a covinha apareceu, deixando-me de novo sem palavras.

— Tu conheces todos os meus defeitos.

— Incluindo o teu terrível gosto no que diz respeito a homens — provocou ele.

Escarneci.

— E cá está ela. — Passou o polegar pela minha face e levantou-se, ajudando-me a pôr-me de pé. Reparou em todos os que faziam o mesmo à nossa volta. — Detesto dizer-vos isto, mas vai ser uma noite longa.

— Porque os helicópteros foram-se embora. — Acenei com a cabeça. — Estamos aqui presos.

— Presos e cercados — disse ele. — Mas não te preocupes, a nossa boleia voltará armada

até aos dentes. Até lá, vamos certificar-nos de que estamos seguros aqui. — Um canto da sua boca levantou-se. — E, entretanto, a regra dos trinta centímetros continua a aplicar-se.

Revirei os olhos e recompus-me. Quanto ao Nate, parou completamente com as brincadeiras quando fomos cumprimentar as pessoas por quem nos esforçáramos durante meses para tirar dali.

*

Mais tarde, nessa noite, sentámo-nos à volta de uma das metades da sala VIP que havíamos ocupado no segundo andar para permitir aos operadores obterem um ponto de vista mais elevado. Todos faziam turnos, alguns patrulhavam, outros estavam sentados, outros ainda dormiam.

Todos menos o Nate, que se manteve ao meu lado, só quebrando a regra dos trinta centímetros quando lhe disse que não ia, de todo, passar-me o papel higiénico. Pelo menos deixou-me tirar o capacete quando se certificaram de que o recinto do aeroporto estava livre. O combate propriamente dito travava-se a quilómetros de distância.

A escuridão instalou-se por todo o aeroporto, e as luzes da sala de espera estavam fracas quando a maior parte do esquadrão finalmente se acomodou para comer. Ao que parecia, viajavam com a sua própria comida, que tinham dividido com as famílias, agora maioritariamente a dormir divididas em filas, estendidas nas cadeiras como se estivessem numa escala demorada.

— Não foi isso que aconteceu — disse o sargento Rose, apontando o dedo ao Gray, enquanto os outros se riam.

O Nate abanou a cabeça, mas um sorriso curvou-lhe a boca ao mesmo tempo que os amigos contavam histórias. Pelo menos, presumi que eram amigos dele. Dava para perceber que era próximo de alguns, embora não tivessem nomes nas fardas. Ver o Nate sorrir, mesmo que brevemente, era inebriante. Dei comigo a observá-lo para ver se o fazia de novo.

— O que foi? — perguntou ele, apanhando-me em flagrante.

— Estava só a pensar que há algum tempo que não te via sorrir com vontade. E, vê tu bem, estamos num aeroporto.

— Malditos aeroportos. — A covinha dele voltou a aparecer. — Devias comer — disse, entregando-me um pacote aberto e aquecido de qualquer coisa. — É esparguete, e, acredita em mim, é a melhor escolha. — Deu uma olhadela ao relógio. — Suponho que os medicamentos estejam a perder o efeito, por isso vais ficar com fome em qualquer momento.

Os meus lábios entreabriram-se quando peguei no pacote.

— Lembras-te disso...

Ele aquiesceu com a cabeça.

— Ora bem, já que estamos aqui sozinhos — disse o Gray, recostando-se na cadeira à nossa frente. A unidade de rádio estava ao seu lado, o que fazia dele o tipo das comunicações. — Fale-nos aqui do sargento Green, pode ser?

Todos os outros operadores, até o tipo que estava sentado à janela, se viraram para olhar para mim.

— Não. — O Nate abanou a cabeça enquanto eu engolia a primeira garfada.

Não era nada *gourmet*, mas permitia que o meu estômago parasse de roncar.

— Vá lá — resmungou o Gray. — É mais do que óbvio que ela te conhece. — Sorriu para mim e levantou as sobrancelhas. — Conhece, não conhece? Aposto que sabe montes de histórias que ele não nos conta.

Dobrei as pernas por baixo de mim para me sentar à chinês no banco largo e olhei de relance para o Nate.

— Só porque vocês são um bando de narcisistas que estão sempre a falar de vocês próprios — disse ele, olhando para o Gray.

— Ao contrário de ti, que não dizes absolutamente *nada* — contrapôs o Black. Pelo menos eu pensava que o tipo louro era o Black. Tinha quase a certeza de que o tipo com a barba escura no canto era o Lilac, ou um nome qualquer ridículo do género.

— Tem de nos contar alguma coisa. — O Gray inclinou-se para a frente, juntando as mãos. — Por favor. Não voltaremos a ter esta oportunidade.

Engoli mais umas garfadas e olhei para o Nate.

Olhámo-nos por um segundo, e ele revirou os olhos.

— Está bem. Mas só... — Suspirou. — Confo em ti, vê lá o que fazes.

Acenei com a cabeça, compreendendo o que ele estava a sugerir. Se não partilhava os pormenores da sua vida pessoal, havia uma razão para isso. Ele mal partilhara esses pormenores comigo.

— O que é que vocês querem saber?

O Gray fez uma aclamação e sentou-se no chão como se fosse a hora da história.

— Há quanto tempo conhece aqui o rapaz?

— Há quase dez anos. — Suficientemente inócuo.

— Ele nasceu de um ovo? Chegou numa nave espacial? — perguntou o Lilac. — Cresceu como o George, o rei da selva?

— Não — ri-me. — Cresceu numa quinta. — *A quinta*. Olhei para o Nate, imaginando se o pai dele ainda lá moraria ou se ele a teria vendido como ameaçara.

Fitámo-nos, e a expressão dele suavizou-se.

— Uma quinta? — Os olhos do Gray arregalaram-se. — A sério? — perguntou ao Nate.

— A sério — disse o Nate, e acenou com a cabeça, desviando o olhar com um ligeiro sorriso. Eu engoli mais uma garfada.

— O que tem mais para nos contar, menina Astor? — perguntou o Black, esfregando as mãos.

— Gosta de gelado com sabor a bolachas com recheio. — Sorri.

— Traidora — acusou-me o Nate, com os olhos a acenderem-se.

Por um segundo, esqueci-me de que nos encontrávamos no Afeganistão. Não, estávamos numa rua da ilha Tybee, a rir e a namoriscar atrás de cones de gelado. Quase sentia o sabor

de noz-peçã. Acontecera há uma vida inteira e no dia anterior, tudo de uma assentada.

Era isso que o Nate era para mim. Longínquo como há uma vida inteira e próximo como o dia anterior, a trinta centímetros de distância.

— Isto é tão bom. — O Gray alternou um olhar de relance entre nós os dois. — Ele já foi casado?

Quase me engasguei com o esparguete, mas obriguei-o a descer pela garganta. Será que o Nate tinha encontrado alguém e casado com essa mulher nos quase três anos que se tinham passado desde Nova Iorque? Se tivesse, eles saberiam de certeza, já que faziam parte do seu presente. Porque me cortaria aquele pensamento como uma faca? Eu usara o anel do Jeremy até à noite anterior. Não estava em posição de julgar.

Contudo, aparentemente, encontrava-me na posição perfeita para ter ciúmes de uma mulher que nunca tinha conhecido e que nunca iria conhecer. Ela teria o coração dele, o riso dele, o sorriso dele, os braços dele à sua volta à noite, o corpo dele, os filhos dele...

E eu odiava-a.

— Então isso é um não? — perguntou o Gray.

Mas ele não mudara o contacto de emergência.

— Só uma vez — respondi, ignorando a forma como o Nate me olhava.

— A sério? — As sobrancelhas do Lilac ergueram-se.

— A sério. — Sorri. — Pelo menos foi o que ele disse às enfermeiras para não ser expulso da sala de espera quando eu estava na cirurgia.

O Nate bufou.

— Nunca irás esquecer essa.

O Gray riu-se.

— Isto é espetacular. Muito bem, e qual é a história das chapas de identificação enroladas em fita-cola com que ele anda?

Franzi as sobrancelhas e olhei para o Nate.

Ele ficou rígido.

— Sinceramente, não sei — respondi, dando o meu melhor para disfarçar a reação que ele estava a ter à pergunta. — Mas posso dizer que sei porque é que ele tem esta cicatriz. — A mão dele estava quente quando lhe peguei, virando-a para o Gray para que ele pudesse ver a cicatriz nas costas.

— Diga-me que foi uma coisa perfeitamente estúpida — pediu o Brown. — Tem de nos dizer alguma coisa.

Eu sorri.

— Coral, nas Fiji. O meu colar caiu, e ele nadou para o apanhar, cortando a mão. — O meu toque demorou-se antes de lhe largar a mão, e os nossos olhos encontraram-se.

— Devia ser um colar e peras — disse o Gray. — O coral corta como uma faca.

— Era, sim — disse eu sem desviar o olhar do Nate, lembrando-me da maneira como ele fizera amor comigo quando voltáramos do mergulho, naquela tarde. O meu corpo aqueceu com a memória, e, pela forma como os olhos dele escureceram, perguntei-me se ele também

estaria a reviver aquelas horas. — Continua a ser uma das minhas joias preferidas, tendo em conta que ma deste duas vezes, primeiro pelo meu aniversário e depois quando o encontraste.

— Sempre te ficou bem — disse ele baixinho. — Demorei horas a escolher o colar certo.

O bloco de gelo que eu mantivera à volta do coração quando se tratava do Nate não se limitou a descongelar, derreteu-se por completo. O que quer que nos tivesse unido em primeiro lugar ainda estava ali, tão tangível como sempre. Tínhamo-lo enterrado, ignorado, queimado até ao fim, mas nunca o conseguíramos cortar. Pelo menos, da minha parte.

Estaria sempre presente.

O rádio fez um barulho, e a atenção do Gray desviou-se quando levantou o auscultador, respondendo ao que parecia ser uma chamada.

— Tem alguma história embaraçosa para nos contar? Algo que possamos usar contra ele? — perguntou o Rose. Pelo menos eu pensava que era o Rose. Também podia ser o Lilac.

O Nate ergueu uma única sobrancelha.

Abanei a cabeça.

— Não. — Desviando o olhar do Nate, sorri para o Rose. — Lamento desiludir-vos.

— Green — chamou o Gray, pegando no auscultador.

O Nate levantou-se e atravessou o corredor, quebrando a regra dos trinta centímetros.

— Ele tem medo de alguma coisa? — perguntou o Gray, deslizando para o lugar do Nate. — De aranhas? Morcegos? Pepinos?

Ri-me da questão do pepino e abanei a cabeça quando o Nate pegou no auscultador. Eu sabia exatamente do que o Nate tinha medo, mas não era um segredo que pudesse revelar. E, pelo que eu tinha visto, ele não estava nem perto de se parecer com o pai.

— Daqui Navarre — disse ele tão baixinho que mal escutei a par das sugestões ridículas que me estavam a fazer. Gatos. Abraços. Cobras. Ele não tinha medo de nada disso, por isso não respondi.

— Navarre? — sussurrei, vendo os ombros do Nate endireitarem-se enquanto acenava com a cabeça para o que quer que estivesse a ser dito, mas a sua resposta perdeu-se no zumbido das vozes à minha volta.

— É o nome de código dele — respondeu o Gray em voz baixa. — A cor é para que não saibam quem somos. Os nomes de código são para sabermos quem está do outro lado, numa chamada.

Navarre. A gravidade deslocou-se sob os meus pés.

O amante de Isabeau, condenado por uma maldição a só a ver ao amanhecer e ao anoitecer. Fadado a amá-la sem nunca a poder tocar. A nunca a abraçar. A nunca ter uma vida a sério com ela.

— Sente-se bem? — perguntou o Gray. Eu acenei com a cabeça.

Parece que o Nate também não tinha conseguido cortar a ligação entre nós.

CAPÍTULO VINTE

NATHANIEL

Tacoma, Washington

Junho de 2017

— Sei que não estás a tentar dissuadir-me de ir três horas antes do meu voo — resmunguei do banco do passageiro da carrinha do Torres enquanto acelerávamos em direção ao aeroporto.

Acelerávamos porque ele convencera-me a fazer um último exercício antes de partir.

— Claro que não. — Ele lançou-me um olhar antes de passar por um SUV e atravessar três faixas de trânsito. — Vi quanto pagaste por aqueles bilhetes. — As suas sobrancelhas escuras franziram-se.

— Vá, diz lá o *mas*, porque eu sei que o tens debaixo da língua. — Mudei de posição quando ele entrou na rampa de saída. Começava a desejar estar eu próprio ao volante e pagar para estacionar a carrinha no aeroporto.

— Tens noção da sorte que é ambos termos passado na seleção? — Travou a fundo no semáforo.

O facto de ter passado na avaliação psicológica fora um milagre, mas tornara-me muito bom a dar as respostas que eles queriam ouvir.

— Eu sei. — Tínhamos ficado nove semanas na Carolina do Norte a fazer provas de Avaliação e Seleção para as Forças Especiais, e tanto eu como o Torres fôramos aprovados, juntamente com o Rowell e outro tipo da nossa unidade, o Pierson, o que fazia sentido, uma vez que tínhamos passado os últimos dezoito meses a treinar durante e fora do destacamento.

Havia sido um inferno, mas valera a pena.

O Pierson estava entusiasmado por ter conseguido, mas eu sabia que era apenas um trampolim para o Torres e o Rowell... e para mim. Aquele pensamento antigo que eu tivera no avião com a Izzy, de que seria fixe entrar para as Forças Especiais, era agora um sonho bem real e concreto. Eu era muito bom no que fazia, e tinha de o reconhecer: queria ser o melhor.

— E tu vais para as Fiji, sabendo que só temos duas semanas para nos prepararmos para a mudança permanente de posto para Fort Bragg. — O semáforo mudou, e ele virou em direção ao aeroporto.

— Há anos que ando a falar desta viagem com a Izzy — disse eu, reconhecendo como aquilo soava defensivo. — E não é como se as férias fossem longas. Volto a tempo de partir para Bragg. — Não a via desde o funeral da minha mãe, havia seis meses, e os termos em que nos tínhamos despedido não haviam sido propriamente claros. Passámos aquela noite juntos, sem nunca falar da minha mãe, ou da nossa falta de futuro, ou de qualquer coisa que

importasse fora daquele quarto. Deixei-a a dormir e saciada, com os lençóis emaranhados nas suas pernas longas e bonitas, optando por deixá-la dormir em vez de a acordar para o que seria uma despedida estranha.

Essa noite ganhava vida nos meus sonhos.

A mãe dela a dizer que ela andava atrás de um soldado... Isso ganhava vida nos meus pesadelos. Saber que a Izzy estava fora do meu alcance e ouvi-lo diretamente da mãe eram duas coisas diferentes.

— É bom que voltes. Dissemos que íamos fazer isto juntos. — O Torres olhou para mim de lado.

— Sim, sim. — Abanei a cabeça. Ele era o meu melhor amigo, e não havia mais ninguém com quem eu quisesse passar por aquilo, mas o Torres andava um pouco intenso ultimamente. Ou talvez fosse eu que estava apenas concentrado em chegar junto da Izzy. — Eu sei. Passar pelo Curso de Qualificação, e depois: Força Delta.

— Vai ser espetacular. — Ele sorriu. — O meu velho vai-se passar por eu estar a seguir o exemplo dele.

Não pude evitar sorrir ao ver como estava feliz.

— A tua não namorada sabe? — perguntou ele quando parámos em frente ao local das partidas.

O meu estômago afundou-se quando saí do táxi, fechando a porta da frente, apenas para abrir a de trás para tirar as malas.

— Já lhe contaste, certo? — O olhar no rosto dele era, em partes iguais, de julgamento e preocupação. — Porque, pelo que sei da Izzy, ela vai querer ter um caminho por que seguir, tendo em conta que acabou de se formar em Direito.

— Vou contar. — Peguei na mochila e pousei a mala no passeio.

— Onde é que ela pensa que estiveste nos últimos meses?

Um esgar atravessou-me o rosto.

— Não expliquei propriamente.

— Mas disseste-lhe que tinhas voltado.

— Enviei-lhe um *e-mail* há duas semanas para me certificar de que a viagem continuava de pé. — Tudo o que eu tinha para lhe dizer devia ser dito pessoalmente, o que ainda não fora possível.

— Vais mesmo entrar no avião, esperar que ela apareça no aeroporto de Los Angeles e depois rezar para que não tenha arranjado um namorado que possa de facto ter estado por perto nos últimos seis meses?

— Basicamente. — Ela tinha dito que vinha, mas o *e-mail* fora curto, o que eu já esperava, tendo em conta que era a época dos exames finais. Não significava que não sentisse um nó no estômago por ela poder ter mudado de ideias. Ambos tínhamos comprado bilhetes em janeiro, e eu pagara a estada, mas o custo financeiro não seria nada comparado com o choque de saber que tinha estragado toda a nossa relação porque não fora capaz de me conter, seis meses antes.

— Pois é. — Ele baixou os olhos de sol e olhou por cima da armação. — Essa coisa de vivermos em parte incerta está a dar cabo de ti.

— Eu sei. — Suspirei. — Mas, enquanto não acontecer, não vou estragar a única coisa boa que tenho na vida.

— Não te esqueças de que passaste na seleção para as Forças Especiais. É uma coisa muito fixe que tens a teu favor. — Ele sorriu-me de volta.

— É verdade. Somos uns durões. Obrigado pela boleia. — Puxei o boné dos Saint Louis Blues sobre os olhos e fechei a porta.

Cinco horas mais tarde, esperei na porta de embarque de Los Angeles pelo voo 4482 para Nandi, batendo o pé com mais do que um pouco de energia nervosa à medida que os minutos iam passando. Verifiquei novamente o cartão de embarque e certifiquei-me de que estava na porta certa. Estava.

A Izzy não tinha aparecido.

Peguei no telemóvel e pensei em ligar, mas saber que ela não vinha naquele instante ou dali a quinze minutos não ia mudar nada. Pelo menos foi essa a mentira que disse a mim próprio. O medo transformou-me o sangue em gelo.

Os nossos *e-mails* tinham sido cada vez mais breves ao longo dos últimos meses.

As nossas chamadas telefónicas entre missões e a seleção, inexistentes.

Ela tinha todo o direito de mudar de ideias, de namorar, de se apaixonar por outra pessoa. Deus sabia que, se ela fosse minha, realmente, mesmo *minha*, eu nunca me sentiria confortável com o facto de ela ir uma semana para as Fiji com outro homem.

Os minutos passavam, e o assistente de terra pediu às pessoas que me rodeavam, com as suas roupas de férias, uma cornucópia de camisas floridas e calções de sarja, que se preparassem para embarcar.

Chamaram os passageiros para o pré-embarque, e eu pus-me de pé, colocando a mochila ao ombro enquanto observava todos os que me rodeavam, à procura de um vislumbre de cabelo loiro e de uns olhos castanhos cintilantes.

Depois, o assistente chamou o nosso grupo para embarcar.

Que grande merda. Aquilo estava mesmo a acontecer.

Mas ainda havia tempo, e a Izzy não era o tipo de mulher que deixasse alguém à espera. Ela teria telefonado. Teria escrito. Ou mandado um pombo-correio para me dizer que estava zangada ou que não vinha.

Pus-me na fila, fiz a leitura do bilhete à entrada da porta de embarque e depois percorri a manga, com o coração a bater a cada passo. Quando encontrei o meu lugar, e o dela vazio, ao lado, o bater do meu coração transformou-se num rugido monótono nos meus ouvidos.

Sentei-me no lugar junto à janela, porque ela nunca se sentira confortável ali depois do acidente, e depois fiz a única coisa que podia fazer: esperei. Correndo a cortina da janela, olhei para o asfalto e tentei encontrar algo que merecesse a minha atenção. Não obtendo resultados, peguei no meu exemplar de *Catch-22* e num marcador.

Deveria sair? Ir sozinho? Voar diretamente para DC e implorar-lhe que falasse comigo?

O perfume *Chanel* envolveu-me como uma amante, e sorri.

— Foi por pouco — disse ela, e a minha cabeça virou-se na sua direção. Haviám sido as primeiras palavras que lhe dissera num avião consideravelmente mais pequeno do que aquele. Os olhos da Izzy estavam um pouco vermelhos e inchados, como se tivesse estado a chorar mas houvesse parado horas antes, e o seu sorriso era brilhante quando se deixou cair no seu lugar. — O meu voo atrasou-se ao sair de DC.

— Olá, Izzy. — O meu olhar devorou-a, observando as mechas de cabelo que caíam do carrapito que trazia, madeixas de um louro-mel a caírem-lhe no rosto e a curva dos seus lábios macios. Precisava de me inclinar sobre a pequena barreira entre os nossos lugares e de a beijar. Tivera mais saudades dela do que me apercebera.

— Olá, Nate — disse ela suavemente, examinando as minhas feições como se estivesse à procura de novas cicatrizes, de novos ferimentos para catalogar. Não havia nenhuma que conseguisse divisar.

— Estiveste a chorar. — O meu estômago apertou-se. Ela acenou com a cabeça. — Queres falar sobre isso? — Bastava dizer-me quem tinha de matar, e fá-lo-ia.

— Acabei com uma pessoa de quem gostava. — Encolheu os ombros. — Esta viagem não teria sido justa para ele. Não me arrependo. Foi a escolha certa. — Apertou o cinto de segurança e deu-me a mão, entrelaçando os nossos dedos.

Era difícil respirar sob o peso da culpa de saber que eu era a razão pela qual ela estava a sofrer, mas o simples toque da sua mão na minha fez-me sentir em casa.

— Izzy — sussurrei, incapaz de transmitir os meus sentimentos por palavras à medida que a dor se instalava no meu peito. Não havia nada que eu não fizesse para a proteger do sofrimento, mesmo que isso significasse eu não ser a sua escolha. — Não precisavas de o fazer. E não tens de vir comigo. Podes sair deste avião, não guardarei ressentimentos.

— Mas eu tinha de acabar com ele. — Suspirou, reclinando-se para trás e virando-se de modo que a face ficou encostada ao assento enquanto olhava para mim. — Porque não importava o quanto gostasse dele. Preferia passar uma semana contigo a uma vida inteira com ele. Não era justo para nenhum de nós, percebes?

Pensei nas relações que terminara porque sabia que ia ver a Izzy em breve ou por perceber que nada se comparava ao que sentia com ela.

— Sim, percebo. — A dor no meu peito expandiu-se, e peguei na mão dela, deixando-lhe um beijo na pele macia do dorso. Iria compensá-la. Tinha de o fazer.

*

A água lambia-nos os pés vinte e quatro horas depois, enquanto caminhávamos pela praia deserta. Tínhamos apanhado um avião, e outro ainda, e depois adormecido lado a lado, quando chegámos ao nosso *bungalow* sobre a água que me custara mais do que eu queria sequer pensar.

Dormi a minha primeira noite inteira no que me pareceram anos, e acordar ao lado dela,

observando a subida e descida rítmica do seu peito, foi o mais próximo que alguma vez esteve do céu.

Ou talvez fosse naquele outro instante, ao vê-la sorrir para a água, o sol a beijar-lhe os ombros nus no vestido de verão.

— Então, em que estás a pensar para o ano? — perguntou ela.

— Ainda não estamos aqui há um dia e já perguntas pelo ano que vem? — respondi, e enfiei a mão no bolso, remexendo na caixinha que tinha trazido. — Ainda estou a pensar em alugar um daqueles *WaveRunners* ou em fazer uma caminhada mais tarde.

Ela ajeitou o cabelo atrás da orelha e sorriu para mim.

— Assim fico com algo por que ansiar. Quero dizer, demorámos dois anos só para chegar aqui, por isso quem sabe quanto tempo iremos levar até conseguirmos fazer outra viagem.

— Bem visto. — Olhei em redor para a beleza da ilha, a vegetação luxuriante, a areia clara e as águas cristalinas que nenhuma fotografia conseguiria captar. — Ainda estou surpreendido por termos conseguido vir.

— Eu também. — Ela observou o meu tronco, com o seu olhar a incendiar-se de uma forma que me fez desejar termos ficado no *bungalow*. Não que eu estivesse a fazer suposições. Manteria as mãos nos bolsos de bom grado se isso significasse que teria uma semana com ela. Franziu o sobrolho e pôs-se à minha frente, detendo-me de forma abrupta. — O que é isso? — Passou a ponta do dedo por uma cicatriz pouco visível na orla da minha tatuagem.

Claro que tinha reparado. A Izzy não deixava escapar nada. Quer decidisse ou não perguntar, abordar temas que eu não queria discutir, procurar respostas, ela reparava.

— Não há motivo para preocupações — assegurei-lhe.

Fuzilou-me com uma sobrelanceada arqueada.

— Foi um fragmento de estilhaço. — Encolhi os ombros. — Logo que voltei de casa da minha mãe... — Engoli em seco, e o olhar dela precipitou-se para o meu. — Não foi nada de especial. Quatro pontos e antibiótico.

Os lábios dela franziram-se, e mudou a forma como me apertava o braço para poder passar o polegar sobre ele.

— Sinto que tens mais coisas destas de cada vez que te vejo.

— Então é porque tenho.

— E não te importas com isso? — A mão dela desceu, e o seu rosto toldou-se.

— É o meu trabalho. — E, se aquilo que eu fazia por lá permitia que as coisas fossem um pouco mais seguras para ela dormir à noite, então valia a pena.

Ela desviou o olhar, e o meu estômago revolveu-se.

— Mas quantos anos tens de servir para que o exército te pague a faculdade?

— Oh, já estou longe disso. — Arrependi-me daquelas palavras mal me saíram da boca. — Por falar em faculdade... — Tirei a caixinha do bolso. — Não sei se já te dei os parabéns por te teres licenciado em Direito.

Os olhos dela arregalaram-se quando lhe estendi a caixa de veludo.

— Nate...

— Pega-lhe. Não te vai morder, Iz. — Sorri.
— Não faças isto. — Ela olhou-me fixamente, depois olhou para a caixa.
— Isto o quê? Comprar-te presentes? — Abanei a caixinha mesmo à frente do seu nariz empinado. — Que mais hei de fazer com o subsídio de risco absurdo que ando a juntar?
— Vá, mostra lá essa covinha, como se isso me fosse distrair — disse ela, e apareceram-lhe duas pequenas rugas na testa.
— A minha covinha distrai-te? — Raios, tinha de a usar mais vezes a meu favor, o que exigiria conseguir vê-la mais vezes.
— Não mudes de assunto. O que é isso? — perguntou a Izzy, apontando para a caixa.
— Podias abri-la e descobrir. — Eu não conseguia parar de sorrir.
— Nate. — Ela respirou fundo. — É só porque é uma caixinha. Um caixa de *veludo* muito pequena, e nós dois nunca definimos o que quer que seja, e tudo bem para mim, mas realmente preciso de estar preparada se essa caixa for *a* caixa, e normalmente apenas me riria disso, mas estamos nas Fiji, na praia e...

Desatei a rir.

— Relaxa, Izzy. Não é um anel. Não te faria isso.
— Ah, ótimo. — Os ombros dela descontraíram. — Espera. — Levantou a cabeça para olhar para mim. — O que queres dizer com fazer-me isso?

Inclinei a cabeça para o lado e tentei suavizar o meu sorriso.

— Tens sempre tanta dificuldade em aceitar um presente? Quero dizer, a última coisa que faria era pôr-te um anel à frente e pedir-te que desistisses de tudo aquilo por que trabalhaste sem nos dar uma oportunidade de construir algo primeiro. Não seria justo para ti. — E, fosse como fosse, não tinha a certeza de que ela aceitaria. Provavelmente nunca o confessaria, mas ansiava pela aprovação dos pais a um nível que eu não tinha a certeza se ela alcançava, e eu estava longe de ser o marido ideal para a filha deles. Sem fundo fiduciário. Sem ligações políticas.

— Ah. — Aquele *ah* soou completamente diferente do primeiro, mas não conseguia decidir se era no bom ou no mau sentido.

— Presente, Izzy. Presente. — Abanei a caixa.

— Obrigada. — Arrancou-me a caixa da mão, e eu memorizei o momento. A excitação nos seus olhos, a mordidela suave dos dentes no lábio inferior, a forma como balançava ligeiramente sobre as plantas dos pés descalços.

Sentimentos que não conseguia compreender explodiram no meu peito. Como é que eu precisava tanto daquela mulher e a via tão pouco? Como é que ela podia significar tudo e, no entanto, existir num mundo completamente diferente daquele em que eu vivia?

Ela abriu a caixa e ofegou, com o seu olhar assombrado a precipitar-se para o meu.

— Nate, não devias ter feito isto.

E lá estava eu a sorrir de novo. Nunca sorria tanto como quando estava com a Izzy.

— Devia, sim. Estou incrivelmente orgulhoso de ti.

— Devem ter-te custado uma fortuna. — Olhou para os brincos de diamantes que eu

— tinha encomendado na loja das caixas azuis. — Podes segurar nisto? — Devolveu-me a caixa.

Acenei com a cabeça e peguei na caixa enquanto ela trocava os brincos que trazia pelos que se encontravam na caixa.

— Acho que os posso guardar comigo — disse-lhe, e voltei a guardar a caixa no bolso.

— Como me ficam? — Virou a cabeça, deixando que o sol fizesse as pedras cintilar.

— Não são tão bonitos como tu, mas servem. — Peguei no telemóvel e liguei a aplicação da câmara, passando para o modo de *selfie* para que ela pudesse ver como estava linda.

— Tira uma fotografia comigo. — Puxou-me pelo braço, e eu avancei para junto dela, tirando uma data de *selfies* rápidas e beijando-lhe a bochecha na última. — São maravilhosos. Obrigada.

— Não tens de quê. — Dei-lhe um beijo na testa e deixei-a ir. Se ela tinha acabado de terminar uma relação, a última coisa que desejava ou de que precisava era de mim a apalpá-la.

— Pensei em Palau. — Virou-se, recuando para me encarar, com um sorriso mais brilhante que o sol.

— Palau? — Raios, ela era linda.

— Para o ano.

— Combinado. — Engoli a pressão crescente que sentia na garganta. — E talvez Peru, no ano seguinte. Podíamos ir a Machu Picchu. — Se conseguisse uma licença. Se não partíssemos em missão. Se não estívéssemos a caminho da avaliação para a Força Delta.

— Parece divertido. — Estendeu a mão, e peguei nela. — Mas vou ter de pedir uma licença. Ir em outubro dar-me-ia mais de um ano na minha nova firma, imaginando que passo no exame da Ordem. Vou fazer a prova em breve. Custa a acreditar que finalmente acabei o curso.

— Portaste-te muito bem.

Caminhámos em silêncio durante alguns momentos.

— Tenho algumas entrevistas marcadas em firmas excelentes. Pelo menos as que se dignam aceitar-me antes de passar no exame da Ordem.

— Fala-me delas. — Podia ouvi-la falar para sempre.

— Uma é em Boston, e há outra em Nova Iorque de que gosto, e outra ainda de que gosto muito, muito mesmo. — Olhou para mim sob as pestanas, e as suas bochechas coraram. — Duas em Seattle e uma em Tacoma. Todas têm reciprocidade, portanto, desde que passe no exame da Ordem em Washington, correrá tudo bem.

Pestanejei, fazendo uma pausa, e depois virei-me para ela.

— Tacoma e Seattle.

Ela acenou com a cabeça, sustendo a respiração enquanto procurava nos meus olhos uma resposta que eu não tinha para lhe dar.

— Estava a pensar, o que é sempre perigoso, mas não consigo evitar, e foi por isso que acabei com o Luke...

Luke. Não o conhecia e já o detestava.

— Não só por causa desta viagem, mas porque andamos à volta um do outro há anos, Nate. *Anos.* E continuamos a dizer que não é a altura certa e que devemos a nós próprios uma oportunidade real e não a porcaria de uma tragédia à distância, certo? — Avançou na minha direção, agarrando-me pelos bíceps. — Tenho percebido que não importa com quem saio. Todos eles são meros substitutos, porque estou à tua espera. À *nossa* espera.

— Izzy. — Pus-lhe o rosto entre as mãos, assimilando cada palavra e rejeitando-as ao mesmo tempo.

— Já estou licenciada, Nate. Posso ir para qualquer lado. Fazer qualquer coisa. Tu podias largar tudo, se quisesse. — Apertou-me a mão com mais força, e a intensidade nos seus olhos, no seu tom, fez o meu coração cingir-se. — Podíamos ficar juntos. Não nos limitarmos a enviar *e-mails* e cartas e livros sublinhados, mas estarmos realmente juntos. Podíamos acordar ao lado um do outro, se quiséssemos, ou apenas namorar. Posso mudar-me para Tacoma, se quiseres...

— Eu não vou estar em Tacoma — disse baixinho.

— O quê? — A sobancelha dela franziu-se.

— Não posso largar tudo, e não vou ficar em Tacoma. — Deslizei o meu polegar pela saliência da sua maçã do rosto, saboreando a suavidade da sua pele. — Estarei em Fort Bragg.

— Fort Bragg?

— Na Carolina do Norte. — Acenei lentamente com a cabeça, como se isso pudesse suavizar o golpe. — Não te disse onde estive nos últimos meses. Por que motivo os meus *e-mails* não eram tão frequentes.

— Calculei que estivesse em missão. — disse ela, recuando.

— Não. Estive numa seleção. Numas... — Como raio descrever aquilo? — ...provas de seleção para as Forças Especiais.

— Foste com o Torres — disse ela. — Foi o que ele sempre quis fazer, certo?

— Certo. — Sempre soube que ela lia as minhas cartas, mas, que diabo, parece que também prestava atenção. — Fomos quatro. O Rowell, que é o meu outro melhor amigo...

— O Justin e o Julian. Lembro-me disso.

— O Pierson também. Fomos todos aceites.

— Claro que foram. — Forçou um sorriso, mas este não chegou aos seus olhos enquanto ela se afastava, para longe do meu alcance. — Não estás a largar tudo. Estás a envolver-te mais.

Acenei novamente com a cabeça, como se fosse de plástico.

— Sim. Será cerca de um ano de treino, e depois... — As palavras não saíam. — E depois veremos para onde vou.

— Depois veremos. — Puxou o cabelo atrás das orelhas, e a brisa do oceano soltou de novo algumas mechas.

— Duvido muito que haja o tipo de escritório de advogados de que andas à procura em

Fayetteville. — Enfie as mãos nos bolsos. — Deves andar a fazer entrevistas nas firmas mais finas, certo? As que pagam bem, as que têm arranha-céus, as que contam com muita influência.

— Sim. Ando a ver as firmas com mais impacto, os sítios onde posso fazer a maior diferença, mas... Não tenho de o fazer. — Recuou mais um passo e depois outro, até as ondas lhe molharem os pés.

— Sim, tens. Nunca serei o tipo que te impedirá de progredir, Izzy. Nunca serei o idiota que exige que desistas de tudo em troca do que ele deseja. — Mantive os pés bem assentes na areia e não lhe toquei. — Seria tão fácil dizer-te que sim, que te mudasses para Fayetteville e te metesses num escritório de lá durante um ano. E depois seria fácil dizer-te para fazeres as malas e voltares a mudar-te comigo para onde me mandassem a seguir. É fácil estar contigo, é fácil permitir que o que existe entre nós... — Olhei para a areia.

— Porque é que eu tenho sempre palavras a mais e tu nunca tens as suficientes?

Um sorriso triste surgiu na minha boca enquanto eu erguia lentamente os olhos para encontrar os dela.

— Porque nos equilibramos um ao outro. E isso significa que não vou ver essa luz nos teus olhos transformar-se em ressentimento quando perceberes que sou a razão pela qual não consegues tudo aquilo por que trabalhaste. Não serei capaz de viver comigo mesmo se estiver sempre a atrasar-te.

— Então é só isto que temos? — Estendeu os braços. — Momentos que precisamos de criar, sem nunca podermos partilhar as nossas vidas?

— O céu está limpo. A água é cristalina. E tu és a mulher mais bonita que eu já vi, Isabeau. Se isto é tudo o que temos, então é muito bom.

Ela soltou um suspiro trémulo.

— Eu sei que te disse que preferia passar uma semana contigo a uma eternidade com ele. — Sustive a respiração. — Mas não vou ficar à espera para sempre, Nate. Vai chegar um momento em que ou arriscamos ou libertamos o outro.

— Eu sei. — Esse conhecimento assombrava-me mais do que os pesadelos.

— Porque não é como se tu e eu pudéssemos ser apenas amigos.

— Eu sei.

— Talvez tu consigas — disse ela, dando pontapés na água que lhe chegava aos tornozelos. — Mas eu não. Não agora que sei o que é ter-te. Nunca serei capaz de olhar para ti e não te desejar.

Mesmo a pequena distância entre nós estava a dar cabo de mim.

— Passa-se o mesmo comigo.

Os ombros dela afundaram-se, e ela atirou a cabeça para trás, olhando para o céu.

— Porque é que o nosso *timing* é sempre uma treta?

— Porque nada que valha a pena ter é fácil.

— Promete-me só... que vais pensar nisso enquanto aqui estivermos, está bem? — disse ela, e olhou para mim. — Pensa como seria se nos tornássemos mais do que uma

possibilidade.

— Sim. Posso fazê-lo. — Pensei nisso mais do que ela poderia imaginar e cheguei sempre à mesma conclusão, mas era impossível recusar o seu pedido.

O seu sorriso de resposta valeu a pena.

— Temos esta semana para nós. Por isso, anda cá e beija-me dentro de água como tenho sonhado, Nathaniel Phelan.

Não precisava de mo dizer duas vezes.

CAPÍTULO VINTE E UM

IZZY

Kandabar, Afeganistão

Agosto de 2021

Mexi-me durante o sono, deitando-me de costas. A almofada por baixo da cabeça estava quente, mas o tecido da fronha arranhava-me a base do pescoço. No entanto, aquele cheiro — de metal e hortelã misturados com algo mais quente — fez-me suspirar de reconhecimento.

A minha mente identificou o sonho — como acontecia sempre —, mas agarrei-me a ele, querendo adormecer mais profundamente para não o perder.

Dedos acariciaram-me suavemente a face, e inclinei-me na direção desse afago.

— Acorda, Isabeau. — A sua voz envolveu-me como veludo, como todas as manhãs nas Fiji, quando me despertava com as suas mãos e a boca, excitando-me o corpo ao ponto da febre antes de deslizar para dentro de mim e de nos trazer a ambos para o nosso lugar.

— Não quero — murmurei. Acordar significaria que ele partiria, que teria de enfrentar mais um dia a perguntar-me onde ele estaria.

— Tens de o fazer — disse ele baixinho. — Está quase na hora de ir embora.

— Estás sempre a ir embora. — Inclinei a cabeça mais confortavelmente e deixei que a respiração se aprofundasse de novo, voltando a adormecer. — Já pensaste em ficar?

— Demasiadas vezes para as conseguir contar. — Os dedos passaram pelo meu cabelo. — Mas não podemos ficar aqui. Temos de ir.

Eu não queria sonhar com aquilo. Queria voltar para o meu apartamento em Nova Iorque. Queria abrir a porta e encontrá-lo lá. Queria voltar atrás em tudo o que tinha dito e fazer tudo diferente.

— Izzy. — A voz dele ainda era suave, mas mais insistente.

Forcei os olhos a abrirem-se e fui recompensada com a visão dele a olhar para mim. Meu Deus, não havia nada melhor do que acordar com aqueles olhos, aquela boca, mesmo que estivesse imobilizada numa linha firme.

— Nem todos preferimos o nascer do sol, Nathaniel.

Um canto da sua boca ergueu-se num sorriso, e o meu coração disparou, fazendo-me acordar completamente. Queria beijar aquela boca, perder-me nele, sentir aquele doce esquecimento que só o Nate me oferecia.

— Podes não gostar do nascer do sol, mas duvido de que queiras passar mais uma noite no chão do aeroporto se perdermos a extração.

Pestanejei, e tudo me voltou à memória.

Estávamos em Kandahar, e aquele tecido áspero era o material das calças de camuflagem do Nate. Ou eu tinha adormecido com a cabeça no colo dele ou ele levava-me para ali, onde se sentara contra a parede. Cada batimento do meu coração implorava para continuar ali, aproveitar cada instante em que ele me olhava sem a apatia fria e indiferente que me demonstrara na última semana. Sem a armadura da minha própria raiva, não podia culpá-lo por me manter à distância. Não era da natureza do Nate deixar qualquer um entrar, e, na pior das alturas, eu dececionara-o, quando ele mais precisara de mim. Ambos tivemos a nossa quota-parte de responsabilidade pelo sucedido em Nova Iorque.

— Sabes que este é o período de tempo mais longo que passámos juntos?

As sobrancelhas dele franziram-se.

— Quase. Nas Fiji foram nove dias com os voos. Só estamos no oitavo.

— Gostei mais das Fiji. Não havia ninguém a disparar contra nós.

— É o que acontece quando nos arrastamos para uma zona de guerra, Iz. As pessoas dispararam contra nós. — Estendeu a mão, e peguei nela, sentando-me contra os protestos dos meus músculos doridos.

— Dormiste alguma coisa? — perguntei, esfregando a parte de trás do pescoço e rodando os ombros.

— O suficiente. — Ele levantou-se, estendendo os braços, fazendo ondular a orla da tatuagem. — Os helicópteros estão no ar. Temos cerca de quarenta e cinco minutos antes de chegarem. Vamos tirar-vos daqui.

Dispensou a regra dos trinta centímetros enquanto ambos usávamos a casa de banho e depois manteve-me por perto enquanto eu conversava com a equipa de xadrez e respetivos pais, que já tinham sido informados da nossa partida.

Oxalá corresse melhor do que a chegada, no dia anterior.

A cada segundo que passava, o ar enchia-se de ansiedade e o medo descia-me pela coluna, mas forcei um sorriso para as raparigas. As seis eram exatamente como me lembrava das nossas breves sessões por Skype, curiosas e divertidas. Também falavam um inglês impecável, o que me fez desejar ter escolhido outra língua que não o francês no liceu, para poder retribuir a gentileza.

— Os vistos estão todos neste envelope — disse à treinadora Niaz, entregando-lhe um grande envelope fechado ao mesmo tempo que todos reuniam as suas coisas. — Não queria correr o risco de os perder.

— Obrigada. Vou distribuí-los pelas famílias, para o caso de sermos separados — disse a mulher mais baixa, ajeitando a mala ao ombro e sorrindo para mim com uns olhos castanhos e lacrimejantes que se enrugavam nos cantos. — Nunca vos poderei agradecer o suficiente. Lamento ter vindo de tão longe, mas...

— Não tem de explicar nada — disse eu, com a garganta a ameaçar fechar-se quando a emoção subiu, rápida e avassaladora. Nunca fizera parte de algo tão importante como aquilo, nunca fizera nada nos meus vinte e oito anos que se pudesse classificar como... significativo. — Estou apenas grata por me encontrar na posição de poder ajudar — consegui dizer,

apertando-lhe as mãos.

O Gray aproximou-se e inclinou-se para o ombro do Nate.

— Estão a cinco minutos de distância.

O Nate olhou-me de relance, e acenei com a cabeça.

— Está na hora — disse o Nate, a sua voz enchendo a sala de espera. — Trinta centímetros — lembrou-me, enquanto os outros operadores se encarregavam das unidades familiares que lhes tinham sido atribuídas, deixando um do lado de fora a vigiar a porta.

Entregou-me o capacete à prova de balas e coloquei-o sobre os fios soltos do meu carrapito desfeito pelo sono, fazendo depois o mesmo com o colete tático. Pelo menos deixara-me dormir sem ele.

Passámos por uma pilha de embalagens de ração militar quando saímos do quarto, dirigimo-nos para o corredor e descemos a escada.

— Vais deixar isso aí?

Ele acenou com a cabeça, com a expressão mais do que alerta enquanto examinava a área em volta.

— Eles não têm comida suficiente. Estão praticamente isolados.

— E vamos simplesmente deixá-los para trás? — Olhei para ele, mas o Nate estava em modo de trabalho. Não havia tempo para festinhas no rosto ou sorrisos. Aquela era a versão do Nate que eu não via nos Estados Unidos.

— Nem toda a gente quer ser salva, Izzy. — Agarrou na espingarda quando começámos a percorrer o terminal.

— Esta é a nossa casa — disse o soldado afegão à minha direita. — Defendê-la-emos até à morte.

Eu não sabia o que dizer, por isso limitei-me a acenar com a cabeça, agarrando a mala com mais força à medida que nos aproximávamos da saída. Passámos a área onde nos tínhamos abrigado ontem. As janelas que tinham explodido já haviam sido entaipadas.

— Tenta respirar — disse o Nate enquanto nos dirigíamos para a porta, que estava guardada pelo Black e por mais dois soldados afegãos.

— E se eles começarem outra vez a disparar foguetes contra nós?... — falei baixo, bem consciente da presença das raparigas atrás de nós, a avançarem nos grupos que lhes tinham sido atribuídos para os respetivos helicópteros.

— Eles trouxeram *Apaches* — lembrou-me o Nate. — Se começarem a disparar foguetes, irão revelar a sua posição, sendo depois recompensados com dez vezes mais carga. — O maxilar dele contraiu-se quando chegámos à porta e parámos.

— Certo, porque a guerra é absolutamente lógica. — O pânico fez-me martelar o coração.

Tudo bem, não fora feita para aquilo. Podia admiti-lo para mim mesma.

— Não te afastes de mim — ordenou o Nate, suavemente. — Eu ponho-te no helicóptero.

Não duvidava disso. Também sabia a sorte que tivéramos no dia anterior por termos

conseguindo entrar antes de as explosões terem começado.

— Se tiveres de escolher entre mim e uma das raparigas...

O Nate virou-se para mim, pegou-me no queixo entre o polegar e o indicador e inclinou o meu rosto para o dele.

— Não sou esse tipo. — Disse-o tão baixinho que mal o ouvi, e sabia que a família atrás de nós também não conseguiria escutá-lo.

— Que tipo?

— Trinta segundos — disse o Gray da ponta do nosso grupo.

— O tipo que faz a coisa honrada — disse o Nate, com os olhos à procura dos meus. — Pelo menos quando se trata de ti.

— És, sim — contestei.

Ele abanou a cabeça.

— Há uma diferença entre mim e ti, Iz. Sempre houve. Para onde irias se soubesses que o mundo tinha vinte e quatro horas antes de acontecer uma catástrofe?

Pestanejei. Era a pergunta mais estranha que alguma vez me havia feito como forma de distração.

— A Serena provavelmente estaria a fazer uma reportagem, e os meus pais não são propriamente do tipo consolador, por isso acho que iria para onde pudesse fazer o bem.

Um sorriso irónico contorceu-lhe os lábios. O seu olhar desceu até à minha boca, soltando-me o queixo.

— É verdade. Essa é a diferença entre nós.

Não tive tempo para perguntar o que ele queria dizer. O som de rotores encheu o ar, e espreeitei através do vidro para ver quatro helicópteros pousarem na pista e mais dois a voar.

— Vamos! — disse o Nate por cima do ombro, e as portas abriram-se. Fomos conduzidos por outro operador e pelos soldados afegãos.

O meu coração acelerou enquanto nos dirigíamos rapidamente para o acesso por onde tínhamos entrado no dia anterior. Agora parecia diferente. Mais comprido. Os arcos sob os quais passáramos afiguravam-se de alguma forma menos bonitos e mais... expostos. Ou talvez fosse simplesmente o modo como eu olhava para eles que mudara.

Quando chegámos ao ar livre da pista, o meu coração ameaçou saltar para fora do corpo. Passámos por uma cratera no betão que decididamente não estivera lá no dia anterior, e o meu sangue precipitou-se, martelando-me nos ouvidos. O Nate conduziu-me pelo alcatrão fresco, ainda não aquecido pelo sol àquela hora, até ao helicóptero mais afastado.

O artilheiro da porta acenou para que entrássemos, e o Nate quase me pegou ao colo para me depositar no *Black Hawk*, forçando-me a passar primeiro. Não perdi tempo a discutir. Procurei o meu lugar habitual e afastei-me do caminho dele.

Mas ele não me seguiu.

A minha cabeça dirigiu-se para a porta. O Nate esperava na pista, olhando para trás, em direção ao terminal. Sustive a respiração. Se as últimas vinte e quatro horas me tinham ensinado alguma coisa, era que os segundos contavam.

E o meu coração sentiu cada um deles enquanto ele estava ali fora, completamente exposto.

O Lilac apareceu, escoltado por dois soldados afegãos, um dos quais trazia a Kaameh ao colo. Posou-a junto à porta e deixou-a ir, e depois o resto da família entrou no helicóptero. Ocuparam os lugares mesmo à minha frente, com o peito a arfar e os olhos arregalados. Inclinei-me para a frente e instalei a Kaameh no lugar à janela, onde o Nate normalmente se sentava, apertando-lhe o cinto, enquanto a mãe e o pai faziam malabarismos com o irmãozinho para que cada um conseguisse prender o seu.

O Nate e o Lilac entraram e, mal a coxa do Nate tocou a minha, respirei fundo, e outra vez, e mais uma, até as inspirações serem demasiado rápidas. Ele estava bem. Nós estávamos bem.

O helicóptero descolou, e o chão afastou-se.

O Nate aproximou o braço do meu colo e pegou-me na mão, entrelaçando os dedos nos dele e apertando-a com força enquanto voávamos para longe de Kandahar. A minha respiração ficava mais regular a cada quilómetro percorrido. Sabia que aquele momento não iria durar, que ele não me iria agarrar para sempre, e não o fez.

A mão dele soltou-se, e não pude deixar de lamentar imediatamente a perda.

Mas ele não sabia que a minha mão esquerda estava nua por um motivo.

E eu ainda não decidira se lhe ia contar, ainda não percebera se ele iria querer saber.

Quando aterrámos, as raparigas abraçaram-me e foram imediatamente colocadas em SUV com as famílias para se dirigirem para o aeroporto. Foi curto. Anticlimático. Perfeito.

— Olha bem para ti, a fazeres a diferença — disse o Nate enquanto me levava para o nosso próprio SUV.

— É uma sensação boa — admiti, deslizando para dentro do carro. — É provavelmente a melhor coisa que irei fazer. — Se aquele tivesse sido o ponto alto de todo o tempo passado em Washington, teria valido a pena.

O Nate fechou a porta do meu lado e entrou para o banco da frente. Sorri durante todo o caminho até à embaixada.

Mas parei quando entrámos no átrio caótico e vi, por entre a multidão ansiosa, que a sala de conferências de vidro que tínhamos ocupado estava vazia.

— Tens de ir à procura do Parvalhão para lhe dizeres que estás bem? — perguntou o Nate, com a sua voz a arrastar-se enquanto seguia a minha linha de visão.

O superior dele avançou, com a boca numa linha firme.

— Bom trabalho a tirar a equipa de lá.

— Onde está a *minha* equipa? — perguntei, um pouco assustada.

— O Departamento de Estado ordenou uma evacuação parcial da embaixada. — O major olhou para o Nate e depois para mim. — Lamento informá-la, mas os outros elementos da sua equipa partiram há algumas horas com o candidato ao Congresso... Aquele que não estava previsto estar por cá. O Covington.

Vacilei, e o Nate apoiou-me colocando-me uma mão na região inferior das costas.

— Mas partiram *como?* — disse o Nate, praticamente rosnando.

— Os senadores cancelaram a viagem e entraram no avião — explicou o major, com a voz a suavizar-se ao estudar o meu rosto. — Talvez queira ligar ao seu chefe.

Tinham-me deixado para trás.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

IZZY

Fiji

Junho de 2017

Não havia nada tão bonito como ver o reflexo da lua a ondular na água do deque do nosso *bungalow* sobre o mar. Olhei para trás, através das portas abertas, e observei a extensão das costas nuas do Nate enquanto dormia no que se transformara o seu lado da cama nos últimos cinco dias em que ali estivéramos. A orla superior do lençol pousava-lhe na parte de baixo das costas, mesmo por cima da curva deliciosa do traseiro, e a luz fraca da mesa de cabeceira refletia cada linha de músculo, agora adormecidos.

Pronto, talvez houvesse uma coisa neste mundo mais bela do que a Lua.

A brisa agitava a seda da minha camisa de noite de alças, que me chegava às coxas, e desviei o olhar do Nate para fitar de novo a água. Estávamos a meio da noite, com o deque protegido de olhares curiosos — se é que havia alguém acordado nos *bungalows* mais próximos —, mas embora o Nate não tivesse qualquer problema em andar por ali maravilhosa e sedutoramente nu, eu não me sentia tão confiante.

Além disso, não conseguia dormir. Ele deixara-me o corpo num estado de exaustão eufórica, mas a minha mente continuara a rodopiar muito depois de os olhos dele se terem fechado.

Só nos restavam dois dias.

Dois dias, e depois voltaríamos para os Estados Unidos. De volta à realidade. A uma vida em que nunca sabíamos em que pé estávamos um com o outro ou quando nos veríamos novamente. A uma vida em que eu afastava todos os homens que se aproximavam demasiado pelo simples facto de não serem o Nate.

Quando rompera com o Luke, não chorara de desgosto. Chorara porque tinha passado meses com ele e só conseguira alcançar um *gosto*, um gosto que estava vergonhosamente disposta a deitar fora.

Amor? Essa palavra pertencia a um homem na minha vida, e eu não o podia ter. De todo.

Estava irremediavelmente, inexoravelmente apaixonada pelo Nathaniel, e pelo Nathaniel apenas.

E ele não me deixava entrar. Manteve-me eternamente na sua órbita, autorizada a vislumbrar os danos que sabia esconderem-se sob a sua superfície, mas obrigada a observar de longe, impotente, enquanto ele colecionava cicatrizes.

Talvez fosse por ele me ter salvado, tantos anos antes. Talvez fosse a facilidade que eu parecia sentir apenas junto dele, o poder ser eu própria, apenas eu, e isso era mais do que

suficiente. Talvez tenha sido a forma como ele olhou para mim no funeral da mãe, como se eu fosse o único barco num oceano a tentar afogá-lo. Ou talvez o facto de ele apagar todos os meus pensamentos lógicos com um simples toque.

O que quer que houvesse nele que prendia o meu coração só existia com o Nate.

E só tínhamos mais dois dias.

Como é que eu iria conseguir dormir uma hora sequer?

Envolvi o corpo com os braços e olhei para a Lua como se ela me pudesse dar as respostas de que eu precisava. Teria de me mudar para a Carolina do Norte? Desistir do tipo de trabalho que queria fazer para estar com ele nos poucos dias do ano em que se encontrava em casa, quando claramente não era o que ele desejava?

Um ruído fez-me voltar para a cama.

O corpo do Nate estremeceu.

Avancei na direção dele, caminhando sem fazer barulho para não o acordar, observando-o para ver se algo se passava. Depois de cerca de um minuto, sentei-me cuidadosamente no meu lado da cama e, de seguida, puxei as pernas para cima devagar para não abanar demasiado a cama.

Ele agitou-se de novo, soltando um grito que me assustou. Estava a ter um pesadelo.

— Nate... — inclinei-me para ele, tocando-lhe gentilmente no ombro. — Nate, acorda...

Ele moveu-se tão subitamente que o meu coração parou.

As minhas costas colidiram com o colchão no segundo em que o Nate apareceu, por cima de mim. Tinha os olhos muito abertos e intensos, e o seu antebraço... estava pressionado na minha clavícula enquanto a outra mão procurava alguma coisa na cama.

— Nate! — gritei, enquanto o meu estômago se agitava na garganta.

O horror estampou-se no seu rosto, e ele deu um salto para trás, aliviando o peso em menos de um segundo e debatendo-se para alcançar a beira da cama.

— Oh, merda. — O rosto dele ficou sem pinga de sangue. — Izzy. Meu Deus. *Izzy*.

Encostei-me à cabeceira, com a mente a tentar perceber o que acabara de se passar.

— Lamento imenso. — Levantou a mão como se fosse tocar-me, mas voltou a pousá-la. — Magoei-te?

— Não. — O olhar de espanto no rosto dele partiu-me o coração. — Estou bem — jurei.

Ele deixou cair a cabeça nas mãos.

— Lamento imenso.

— Estou bem, Nate. Assustada, mas bem.

O meu coração acelerou, mas não foi nada comparado com a forma como o peito se apertou com a tristeza na sua voz.

— Nate, olha para mim.

Ele levantou a cabeça lentamente, os olhos a erguerem-se para encontrar os meus.

— Não me magoaste. — Abanei a cabeça, com a lógica a cercear o choque. — Estavas a ter um pesadelo, e eu assustei-te. Não te devia ter tocado. Conheço o suficiente sobre PSPT para saber disso, mas... esqueci-me. Eu é que peço desculpa.

— Nem te passe pela cabeça pedires-me desculpa *a mim*. — Encostou os joelhos ao peito. Aproximei-me mais, mas parei a meio da cama, dando-lhe espaço.

— Não me sufocaste. Não me obstruíste as vias respiratórias. Não me atiraste ao chão.

Não. Me. Magoaste.

Deslizou para fora da cama e vestiu uns calções de banho secos.

— E não vou fazê-lo.

— O que é que isso quer dizer? — perguntei, sobressaltando-me quando ele atravessou as portas e saiu para o deque. — Nate!

— Dorme, Izzy. — Virou-se para mim, mas continuou a recuar. — Não fazes ideia de como lamento.

— Acho que faço — comecei, mas o Nate virou-se e mergulhou do deque para a água, lá em baixo. Eu corri para a balaustrada, mas nem o luar revelava onde ele tinha emergido. — Nate! — sussurrei o mais alto que consegui, tentando não acordar ninguém à nossa volta.

Mas ele não apareceu.

Esperei no deque durante vinte minutos.

Depois esperei na cama por mais quinze. Ou talvez vinte. E fechei os olhos por um segundo apenas.

*

Acordei lentamente e espreguicei os braços acima da cabeça, baixando depois as mãos para percorrer o corpo do Nate.

Mas ele não estava lá.

Os meus olhos abriram-se e sentei-me, olhando para o lado vazio da cama.

— Estou aqui — disse o Nate, à minha esquerda.

Olhei nessa direção e deparei com o Nate sentado no sofá de canto, já vestido para o dia. As sombras pairavam sob os seus olhos.

— Ficaste acordado a noite toda? — Deslizei para fora da cama e sentei-me na outra extremidade do sofá.

— Não consegui dormir depois de ter... — A sua voz arrastou-se e ele desviou o olhar do meu, inclinando-se depois sobre a mesinha de apoio e entregando-me uma folha de papel. — Enfim. Fiz uma lista. Incluí todos os sítios de que falámos nos últimos dias.

Peguei na lista e li-a.

— Palau no próximo ano, Peru no ano seguinte, depois Bornéu, as ilhas Canárias e as Maldivas.

— Esqueci-me de alguma coisa? — perguntou, inclinando-se para a frente e apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Seychelles — disse eu.

— Exato. — Deu-me uma caneta. — Escreve.

Olhei de relance dele para a caneta, depois peguei nela devagar e escrevi *Seychelles* no

espaço em branco, ao fundo, fazendo um pouco de força a mais, o que levou a caneta a atravessar o papel. — Bolas.

— Já reservei os voos para o próximo ano. Querias Palau, certo? — perguntou ele, pousando o telemóvel na mesa.

O meu coração disparou. O que raio devia eu fazer com aquilo?

— A sério?

Ele acenou com a cabeça.

— Marquei para outubro do próximo ano, mas podemos mudar as datas, dependendo da firma que escolheres ou de eu não estar... por perto.

Por outras palavras, estar em missão.

Coloquei o papel e a caneta ao lado do telemóvel e sentei-me, dobrando as pernas debaixo de mim. Os olhos do Nate aqueceram quando olhou para o meu corpo, e eu fiz os possíveis para ignorar a reverberação de desejo que aquele olhar provocou.

— Compraste os bilhetes a partir de onde? De que cidades?

Ele respirou fundo.

— Comprei os meus da Carolina do Norte e os teus de Nova Iorque.

Os meus lábios abriram-se.

— Mandeí uma mensagem à Serena, uma vez que a diferença horária jogava a nosso favor, e ela disse que é lá que se encontra a firma que queres. Aquela de que tens andado a falar no último ano.

Ele não queria que eu ponderasse sequer mudar-me para a Carolina do Norte para estar com ele. Queria manter-nos assim, como a aventura anual que me consumia a vida, e o coração.

— Isto é por causa da noite passada?

— Só queria ter a certeza de que seguíamos o plano até ao fim. — Balbuciou. — Passámos anos a falar disto, e foram precisos... anos. Agora sabemos que nos iremos ver.

— Mesmo que seja só por uma semana?

— Uma semana é melhor do que nada — disse ele.

— E durante quanto tempo deverá o nada ser o nosso ponto de partida? — levantei-me, precisando de um pouco de distância dele. — Durante quanto tempo devemos tentar resgatar um fim de semana aqui, uma semana ali?

— O tempo que for preciso. — Ele observava-me enquanto eu caminhava, o corpo calmo e imóvel, mas os seus olhos avaliavam cada movimento que eu fazia.

— Isso não é resposta!

— É a única que tenho. — Calmo. Como. O. Raio.

Quanto tempo planearia ele ficar no exército? Não veria o que isso estava a fazer? Eu via. Era claro como água.

— Vamos falar sequer da noite passada?

— Não vale a pena falar de um pesadelo — disse ele, seguindo os meus movimentos com os olhos. — Eu tenho-os. Provavelmente também os tens.

— Sim, bem, e também ando no psicólogo. — Sentei-me na beira da cama. — Por favor, diz-me que estás a ser acompanhado. — Levantei a mão. — E, antes que perguntes, não, não me magoaste. Não estou zangada por causa da noite passada. Sei que cortarias a mão antes de a levatares contra mim.

O seu maxilar cerrou-se, e ele desviou o olhar, concentrando-se na paisagem do lado de fora das portas abertas.

— Passei na avaliação psicológica para a seleção, por isso, aparentemente, estou bem. Não posso controlar os meus sonhos, Izzy. E, no segundo em que for falar com um psiquiatra qualquer sobre pesadelos, bem posso esquecer a minha aprovação no Curso Q para as Forças Especiais. Eles expulsam-me.

— Do que estavas à procura ontem à noite? — perguntei. — Quando me tinhas debaixo de ti, a tua mão estava à procura de alguma coisa.

Ele soltou um suspiro lento e passou as mãos pelo cabelo curto.

— Normalmente guardo uma arma debaixo da almofada quando estou em missão, e estava a sonhar... — Abanou a cabeça. — Não tem importância. E, sinceramente, coisas como o que aconteceu ontem à noite só reforçam os motivos pelos quais tu e eu funcionamos desta maneira.

— Mas não funcionamos! — Saí da cama, incapaz de ficar quieta. Sentia-me como se fosse abandonar a minha pele, como se o meu corpo não conseguisse aguentar as emoções intensas que me atravessavam. — Não teremos um relacionamento a sério se continuarmos assim, Nate.

— Eu nunca disse que tínhamos. — Ele ficou de pé, mas não se aproximou de mim, apenas ficou a ver-me andar de um lado para o outro no quarto. — Concordámos em não estragar esta oportunidade, lembras-te? Concordámos...

— Muita coisa muda em três anos — contrapus. — Tenho estado à espera durante todo este tempo, Nate. Três anos, sempre a comparar contigo todos os homens com quem namorei. Sempre a pensar onde estás, como estás. A pensar se alguma vez me deixarás entrar na tua vida, contar-me o que te acontece quando partes em missão.

— Não queiras saber nada disso. — Enfiou as mãos nos bolsos, o retrato da calma e da concentração.

— Mas quero, sim! Como poderei conhecer-te se não me deixas?

— Tu conheces-me melhor do que ninguém...

— Não, conheço o que me deixas ver melhor do que ninguém. — Rodei sobre os calcanhares no chão de madeira, de costas para a porta, encarando-o.

— O que queres que te diga, Iz? — Ele inclinou a cabeça para o lado, e a máscara que eu via de vez em quando, a que ele tinha usado no funeral da mãe, apareceu. — Quem eu sou lá não é quem sou quando estou contigo. Não quero mesmo que conheças aquele tipo.

— O que é que isso quer dizer? — Detestei o facto de ele parecer tão tranquilo, como se não estivesse a lutar contra a distância permanente entre nós, o instante eternamente reagendado em que poderíamos ter uma relação a sério. — Significa que eu... — Suspirei.

— Sei compartimentar as coisas de forma eficaz. Aprendi a separar as merdas que acontecem no Afeganistão da minha vida nos Estados Unidos. É um daqueles recursos de que falaste há anos, lembrás-te?

Lembrava-me, sim.

— E se eu quisesse conhecer todos esses teus lados?

— Não queres. — Ele abanou a cabeça com certeza.

— Quero — contrariei.

— Não. Não queres. O facto de eu conseguir manter esta merda debaixo de uma tampa não é para te deixar de fora, Iz, é para te proteger. Não devias ter de lidar com... tudo isto.

— Por não confiares em mim para te apoiar? — Dei dois passos para perto dele. — Eu estive no funeral da tua mãe. Apareci quando precisaste de mim.

— Apareceste, e sei que nunca te agradeci o suficiente por isso...

— Não tens de me agradecer, Nate. Eu quero estar presente! Meu Deus, não percebes? Não percebes que não posso ficar longe se souber que estás a sofrer?

— E foi *exatamente* por isso que não te contei. — A voz dele elevou-se. — Não gostarias de saber as coisas que fiz, as coisas que vou fazer. Nunca mais olharias para mim da mesma maneira. Achas que apanhar um susto por causa de um pesadelo é mau? Não é. Para não falar de que não podes saber mais nada, agora que vou para as Forças Especiais. É quase tudo confidencial. Izzy, és a única coisa boa e imaculada na minha vida. És a única paz que conheço. Porque te arrastaria para uma tempestade de merda se não fosse preciso?

— Então nunca saberei o que estás a passar? Como te ajudar? — O meu peito fechou-se ao mesmo tempo que os meus punhos.

— Porque haverias de querer fazê-lo?

— Porque estou apaixonada por ti! — gritei, e depois arquejei, tapando a boca com as duas mãos. Merda, aquilo *não* devia ter saído.

Os olhos dele brilharam.

— Isabeau, não...

As minhas faces ardiavam de calor enquanto recuava para fora do *bungalow*, em direção ao deque. Se eu mergulhasse dali naquele instante e comesse a nadar, poderia chegar à próxima ilha à tarde. Poderia evitar o resto daquela conversa.

— Não me podes amar — disse ele, abanando a cabeça enquanto me seguia até à saída. A expressão no seu rosto era de pura devastação.

— E tu não me podes dizer como me devo sentir! — Quando as minhas costas bateram no corrimão, não havia mais para onde ir. — Não podemos ignorar que eu disse isto?

— Não. — Ele avançou, só parando depois de me encurralar, com uma mão a agarrar o corrimão de cada lado.

— Porque não? Estás a pedir-me para ignorar tudo o que acontece quando não estamos juntos. Estás a pedir-me que sobreviva com o que te dignas a contar-me através de cartas e *e-mails*. — Levantei o queixo e tentei olhá-lo de frente, mas a preocupação, a apreensão nos seus olhos, anulou a minha raiva.

— Porque tudo o que acontece quando não estamos juntos é treta — disse ele. — Isto é real. — Pegou na minha mão e colocou-a no seu peito. — Esta é a realidade pela qual vivo.

O seu coração batia irregularmente sob os meus dedos.

— E, mesmo assim, não me deixas amar-te.

Ele abanou a cabeça.

— Não podes, Iz. Simplesmente não podes. Não sou suficientemente bom para ti, ainda não. Vê o que aconteceu ontem à noite. — Engoliu em seco com força. — Ouve, não estou apenas assustado, estou aterrorizado com a hipótese de estragar a única oportunidade que temos. Queres que seja sincero? É assim que me sinto. Não posso perder-te. — Os olhos dele procuraram os meus, e senti um aperto no peito que tentei ignorar, sabendo que, se o explorasse com demasiada atenção, descobriria uma fissura no meu coração.

— Mas então também não me terás realmente — sussurrei. Foi então que compreendi. Ele escolhera o seu caminho e não me deixaria segui-lo. Estaria sempre em guerra, de uma forma ou de outra, e o meu destino, se o escolhesse, seria vê-lo transformar-se lentamente do rapaz que conhecera naquele avião, seis anos antes, no que anos e anos de combate fariam dele.

A fenda no meu coração expandiu-se com um choque doloroso.

— Aproveitarei aquilo que me permitires aproveitar. — Segurou o meu rosto entre as suas mãos e olhou para a minha alma. — E teremos tudo o que pudermos dar um ao outro. — Baixando lentamente a cabeça, encostou-a à minha.

— Só te posso dar o que tenho, Izzy. Sei que não é suficiente, mas é tudo o que tenho.

Os lábios dele afluíram os meus, e derreti-me.

Estava bem arranjada. Bastava aquilo — um toque da sua boca —, e eu era dele. Porque, por mais errado que fosse, amava-o tanto que estava disposta a aceitar o que fosse possível receber quando se tratava do Nate.

Então, aceitei tudo o que ele me ofereceu nos dois dias que se seguiram e depois fui para casa, em Washington, fiz as malas para aceitar o trabalho que me fora oferecido em Nova Iorque e contei os dias até o poder ver de novo, em Palau.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

NATHANIEL

Cabul, Afeganistão

Agosto de 2021

Sendo curto e grosso, o país estava a cair aos bocados.

E a Isabeau recusava-se a partir.

Estava prestes a perder essa hipótese.

Tínhamos voltado a Cabul havia vinte e quatro horas, e a embaixada desabara no que só poderia ser chamado caos. Por cada pessoa dentro dos seus muros, em busca de abrigo ou de uma forma de sair do país, havia dez fora dos portões a exigir a entrada. Nem queria imaginar como seria na embaixada temporária que estava a ser montada no aeroporto.

Estávamos no centro de uma montanha de barris de pólvora, a ver a chama tremeluzente do rastilho aceso correr na nossa direção. A destruição era iminente. Tratava-se apenas de uma questão de saber quando ocorreria.

— Herat — disse o Webb, apontando para a imagem de vigilância da província caída, projetada na parede da sala de conferências que tínhamos ocupado na cave da embaixada. Todos nós, exceto uma pessoa, estávamos reunidos para o *briefing* do meio-dia. O Graham encontrava-se com a Izzy, seguindo uma ordem minha. O Webb clicou e apareceu a imagem seguinte, mostrando a mesma cena, numa província diferente. — Lashkar Gah, o que, como sabem, significa que toda a província de Helmand se encontra agora nas mãos dos talibãs.

O meu maxilar cerrou-se.

O ambiente já tenso em volta da mesa de conferências adensou-se um pouco, mas ninguém disse uma palavra. Todos tínhamos passado tempo suficiente no país para saber que as estimativas iniciais sobre o período que o governo permaneceria no controlo eram demasiado generosas, mas ver tudo desmoronar-se diante dos nossos olhos estava para lá de quaisquer palavras.

— Acrescenta Kandahar à lista — disse ele, clicando novamente. Mais do mesmo inundou o ecrã. Duas das três maiores cidades do Afeganistão estavam agora nas mãos dos talibãs.

Os tipos das operações especiais no aeroporto...

— Unidade 03? — perguntou o Parker, expressando exatamente os meus pensamentos enquanto se inclinava para a frente no seu lugar, diante de mim. O estremecimento do bigode preto era o único sinal da sua agitação.

— Por enquanto, temos o aeroporto em segurança — respondeu o Webb. — Mas as coisas não estão a correr bem. Eles estão isolados, e o espaço aéreo é a única possibilidade de

evacuação. Têm pouca comida e munições.

— Então, basicamente, estão lixados — disse o Black. — Estão lixados.

— As Forças Especiais afegãs encontram-se a trabalhar numa solução — respondeu o Webb. — Se as nossas ordens mudarem, aviso-te.

O que significava que não nos iam deixar fazer nada. Contraí o maxilar. Estavam encurralados, cercados e a morrer de fome.

— Continuando... — disse o Webb, clicando na imagem seguinte, que mostrava quantas províncias haviam caído. Nesse momento, peguei em todos os sentimentos que tinha sobre a situação de Kandahar e enfiei-os onde deveriam estar: fora da minha cabeça. Todas as províncias que os talibãs tinham reconquistado estavam destacadas a vermelho, e havia vermelho por todo o lado.

— Há muito vermelho entre nós e uma certa fotojornalista — murmurou o Torres atrás de mim.

Como se eu precisasse de ser lembrado.

— Desde ontem à noite, três mil das nossas tropas estão a caminho, e todos os civis, aliados afegãos e diplomatas têm instruções para sair. — Olhou-me de relance, e eu acenei com a cabeça, percebendo o que ele queria dizer. — As nossas informações indicam que mais mil soldados da Octogésima Segunda Divisão Aerotransportada serão autorizados a avançar ainda hoje. Manter o aeroporto seguro é o principal objetivo.

A imagem seguinte apareceu, mostrando a multidão crescente no exterior do aeroporto.

Sim, aquele rastilho vinha sem dúvida na nossa direção.

— Nos últimos dois dias, saíram quarenta e seis voos, e, como podem ver, a procura é consideravelmente maior do que a oferta — continuou Webb.

— Porra, parece Saigão — murmurou o Elston, esfregando a mão na barba.

Peguei na minha garrafa de água e bebi, recusando-me a deixar que o nó de ansiedade na garganta aumentasse ainda mais. A Izzy tinha de sair. Quando ela estivesse num avião, poderia concentrar-me no que tinha de ser feito.

— E, por último, mas não menos importante. — O Webb clicou na imagem seguinte, uma fotografia de Cabul captada por um *drone*, mostrando as estradas congestionadas que conduziām à cidade e assinalando os postos de controlo já capturados pelos talibãs na orla exterior da pequena província. — O inimigo está a aproximar-se. Penso que é seguro dizer que o presidente Ghani já não controla nada.

Estávamos prestes a ser colocados na mesma situação que Kandahar. As cadeiras rangiam enquanto os corpos mudavam de posição à minha volta.

— E Mazar-i-Sharif? — perguntei.

— Está a aguentar-se — respondeu o Webb. — Mas não sabemos ao certo por quanto tempo.

Parecia ser o estado geral por ali.

— Agora que a maior parte das equipas do Congresso foram retiradas, a nossa missão vai mudar — disse o Webb enquanto distribuía ordens. A unidade dividira-se em esquadrões de

quatro, o que não era novidade para nós, alguns designados para indivíduos de elevado valor para evacuação, outros para tarefas diversas.

O *briefing* terminou, e todos se levantaram.

— Green — disse o Webb enquanto eu empurrava a cadeira, e acenei com a cabeça, ficando para trás enquanto os outros saíam da sala. A porta fechou-se antes de ele voltar a falar. — Relativamente à menina Astor...

— Vou metê-la no primeiro avião.

— A senadora Lauren recebeu um pedido dela para ficar e assessorar o embaixador. — Ergueu uma sobrancelha.

— Vou matá-la. — Esfreguei a cana do nariz.

— A senadora Lauren considerou o pedido... nobre... e acedeu, desde que consigamos retirar a menina Astor em segurança na altura certa, e acho que ambos concordamos que essa altura está a aproximar-se muito rapidamente. Ah, e pediu que arranjassemos um fotógrafo para tirar algumas fotografias da assistente a trabalhar com toda a diligência, já que não aproveitámos a oportunidade óbvia que nos foi apresentada com a equipa de xadrez das raparigas.

— Pois. — O raio dos políticos mais as suas relações-públicas.

Fechou o portátil, e a projeção transformou-se num ecrã azul.

— Há alguma coisa que eu deva saber sobre o motivo pelo qual a sua protegida pediu para ficar num país que está obviamente a desintegrar-se?

— A irmã dela é fotojornalista e encontra-se em missão em Mazar-i-Sharif. — Cofei a barba que crescera durante aqueles quatro dias. — A menina Astor está relutante em partir enquanto a irmã, também Astor, não o tiver feito, e a teimosia parece ser um traço genético na família. O visto do intérprete da Serena ainda não foi aprovado...

— Hum... — Os olhos dele estreitaram-se ligeiramente, o que eu sabia por experiência própria que significava que estava a assimilar a informação e a calcular em que medida isso afetaria a missão. — Não estou com disposição para lidar com um senador irritado ou dar aos talibãs uma nova fonte de material para o YouTube.

— Eu também não. — Isso não ia acontecer no caso dela.

Ele acenou com a cabeça.

— Mantém a equipa habitual contigo. Seria bom retirar as duas irmãs, especialmente devido ao seu perfil destacado, mas a nossa prioridade é a mais nova.

— Entendido. — O meu peito apertou-se. Preocupava-me com a Serena e não queria deixá-la para trás, mas não sacrificaria a Izzy por ela. O problema era a Izzy não concordar.

Deixei o Webb para trás e saí, encontrando o Torres encostado à parede do lado de fora da porta, à minha espera.

— Como estás? — perguntou ele, acompanhando-me ao longo do corredor pouco iluminado.

— Bem. Não dá para perceber?

— Já vi controladores de tráfego aéreo com menos ansiedade, mas pronto... — Encolheu

os ombros.

— Estou bem — resmunguei, subindo as escadas para o átrio apinhado de gente e continuando até à *suite* da Izzy. A sala de conferências dela fora ocupada por funcionários da embaixada, todos a dar o seu melhor para processar o maior número de entrevistas possível de modo a concluir os vistos.

O Graham estava de guarda à porta dela, e as suas sobrancelhas escuras ergueram-se quando me viu caminhar na sua direção.

— Talvez queiras confirmar com o Webb, mas acho que recibes o dobro do pagamento por perigo iminente se entras aqui — disse o Graham, olhando de lado para a porta da Izzy.

— E eu estou a dizer-lhe que procure de novo! — gritou ela, com a voz a ouvir-se através da porta.

— Vês? Tenho quase a certeza de que ela está a disparar balas reais.

— Ela não me assusta — menti, com o canto da boca a erguer-se. — Traz os outros cá para cima. Ainda temos a Astor ao nosso cuidado — ordenei.

— É para já. — E foi-se embora.

Respirei fundo e entrei na *suite*. A Izzy arrastara o telefone fixo para junto do sofá, tendo os ficheiros espalhados na mesa à sua frente.

— E estou a dizer-te que o formulário foi entregue, por isso, procura de novo — disse a Izzy, sem sequer se dar ao trabalho de olhar para mim. — Taj. T-A-J Barech. Ele submeteu o pedido em abril.

O intérprete da Serena.

Sentei-me no parapeito da janela, à esquerda da Izzy, onde a podia ver a ela e a quem entrasse pela porta.

— Sim, sei que têm dezoito mil candidatos na fila de espera. — A Izzy segurava o auscultador com a mão ainda sem anéis, com os nós dos dedos esbranquiçados de tensão, e puxou o cabelo, arrastando-o sobre um ombro para o afastar do caminho.

Aquela pequena faixa de pele no pescoço que ela acabara de revelar atraíu a minha atenção por instantes.

Ela adorava que eu lhe beijasse o pescoço.

Que raio teria acontecido entre ela e o Parvalhão para ele ter fugido sem a noiva? Ou será que o termo já não se lhes aplicava? Tinha prometido a mim mesmo que não perguntaria, que não me iria intrometer em merdas que não me diziam respeito, mas estava a falar da Izzy.

— Eu percebo — continuou ela, tamborilando os dedos da mão direita na beira do sofá. — Mas, por mais difícil que seja para ti processar isto o mais depressa possível, posso prometer-te que é infinitamente mais difícil ser intérprete, ter trabalhado publicamente com as forças americanas e estar no Afeganistão neste momento, a rezar para que o nosso visto seja processado a tempo de ser retirado.

Raios, ela era linda quando estava zangada. Só fiquei contente por a raiva não ser dirigida

contra a minha pessoa. Ainda.

— Não, não vou relaxar e não estou a ligar do meu escritório confortável em DC. Estou na embaixada, em Cabul. — Afastou o auscultador do ouvido e fechou os olhos, inspirando profundamente.

— Queres que eu trate do assunto? — ofereci-me. — Nesta sala, sou eu o assassino treinado, lembras-te? Não que não estejas a fazer um trabalho admirável a ridicularizar o Departamento de Estado.

Ela olhou-me de relance e voltou a encostar o telefone à orelha.

— Oh, encontrou-o. Excelente. Pode dizer-me qual é o problema? Porque tenho aqui o dossiê dele, completo. — Os olhos dela arregalaram-se. — Não tem o quê? — Ela folheou o dossiê que se encontrava em cima da mesa. — O registo do serviço militar dele está aqui. Doze anos a traduzir para várias unidades... — Os ombros da Izzy descaíram.

Afastei-me do parapeito da janela e pus-me ao lado dela, lendo o ficheiro por cima do seu ombro.

— A carta de recomendação dele. — Suspirou, procurando novamente entre os papéis. — Também não está aqui. Será que é assim tão difícil conseguir uma coisa dessas?

O meu estômago revolveu-se. Bastante difícil.

— Vais querer pôr essa chamada em alta-voz — disse eu suavemente.

— Lá porque acha que pode...

— Precisas de um general ou de um oficial de bandeira — respondi. — Conheces algum?

A boca dela fechou-se, e ela carregou no botão do altifalante, pousando o auscultador.

— ...e enquanto não tivermos essa carta, o processo está parado, menina Astor. — O tom superior do homem irritou-me. — E temos milhares à frente dele com a papelada em ordem. Mesmo que conseguisse submeter a carta de recomendação, colocá-lo no topo da lista seria injusto, e dada a escassez de marcações para entrevistas...

— Posso tratar do raio da entrevista — interrompeu a Izzy, com a cor a subir-lhe às faces.

— Se eu conseguir entregar-lhe a carta de recomendação nas próximas horas, pode tratar do processo dele ou não? — perguntei.

— Desculpe, mas com quem estou a falar? — perguntou o homem.

— Sargento Green, primeira classe — respondi. — Estou no Comando Conjunto de Operações Especiais. — O olhar da Izzy saltou para o meu. — Se tivesse a carta, poderia processar o ficheiro em vinte e quatro horas? — perguntei, cruzando os braços sobre o peito.

— Desculpe, mas está a sugerir que consegue fazer chegar uma carta aqui, em vinte e quatro horas? — A voz mergulhou no sarcasmo. — Porque neste momento estamos um pouco sobrecarregados, e não tenho tempo para manter um dossiê em suspenso à espera de que apareça uma carta por artes mágicas.

Consultei o relógio e fiz os cálculos da diferença horária.

— Duas horas. Pode processar o ficheiro para o estatuto de entrevista ou não?

— Se chegar. — Se o revirar de olhos fosse verbal, teria sido o caso. — Vou anotar no dossiê que a vai enviar. Em que unidade disse que estava?

— Trigésimo Terceiro Grupo de Logística de Bragg.
A Izzy ficou de boca aberta.
— Logística, hem? — O som do teclado do computador ouviu-se através do altifalante.
— Sim, sei que sabe quem somos. Somos sempre nós que fazemos as coisas.
— Certo. E de quem espero que esta carta venha?
— De alguém muito acima do seu salário — respondi. — Tens o *e-mail* dele? —
perguntei à Izzy. — Ela acenou com a cabeça. — Ótimo, então estamos conversados. —
Carreguei no botão e terminei a chamada.
— O que vais fazer? — perguntou a Izzy enquanto eu fechava o dossiê do Barech e
pegava nele.
— Vou resolver o único problema que consigo resolver. — Levei o ficheiro até à porta e
abri-a, encontrando o Graham, o Parker e o Elston já à espera. — Faz isto chegar ao Apex —
disse ao Elston, referindo-se ao nome de código do Webb enquanto entregava o ficheiro ao
ruivo — e diz-lhe que precisamos de que ele acorde o general para escrever uma carta de
recomendação.
— Assim farei — disse, pegando no ficheiro e desaparecendo no corredor.
— Sargento Black. — Olhei para o nosso assistente médico. — Preciso da situação de
todos os postos de controlo entre o ponto em que nos encontramos e Mazar-i-Sharif, e quais
deles vão deixar passar uma fotojornalista americana sem precisarem de ser... convencidos.
— É para já. — Ele acenou com a cabeça uma vez e partiu na mesma direção que o
Elston tinha tomado.
— Sargento Gray, preciso de alguém que consiga pôr um telemóvel fiável nas mãos da
Serena Astor. — Valia a pena tentar.
— É para já. — Afastou-se e foi na direção oposta, deixando o corredor vazio, apesar do
caos instalado por baixo de nós.
Senti-me plenamente consciente quando entrei no quarto da Izzy e fechei a porta.
— O que é que se passou? — perguntou a Izzy, alisando as pregas da blusa. Era verde-
esmeralda e fazia sobressair o tom profundo dos seus olhos, mas guardei essa observação para
mim.
— Nestes últimos cinco minutos? — Estávamos no nono dia. Era oficialmente o maior
número de dias consecutivos que estivéramos juntos. — Nada.
— E isso é preocupante para ti. — Ela foi descalça até à cozinha e tirou duas garrafas de
água do frigorífico, lançando-me uma. Apanhei-a. Tinha de admitir que adorava que ela
pensasse sempre em mim, mesmo quando estava zangada comigo. — Sei-o porque tens esse
olhar franzido, aqui. — Tocou no ponto entre as sobrancelhas. — É o sinal que te denuncia.
— Eu não tenho um sinal que me denuncie. Arrancaram-mo há anos. — Desenrosquei a
tampa e bebi um gole para não ver a garganta dela. Havia algo no seu pescoço que me
deixava quase selvagem.
— Hum... — Ela pousou a garrafa em cima da bancada. — Bem, acho que te conheço
melhor do que *elas*. O que é que se passa agora? Tipo, além do óbvio.

— Referes-te ao facto de pareceres ter escolhido Cabul como local de residência durante um golpe de Estado militar?... — Pousei a garrafa e dirigi-me para o centro da *suite* para não fazer algo estúpido, como pegar nela, sentá-la na bancada e beijá-la até ela se lembrar de que outrora me amara.

— Sim. Além disso. — Ela apoiou o traseiro no braço do sofá.

— Tenho um pressentimento. — Encolhi os ombros.

— Oh, passámos à discussão de sentimentos, foi? Vê bem como amadurecemos. — Um sorriso surgiu nos lábios dela.

O comentário, embora claramente provocador, atingiu-me na muche.

— Se bem me lembro, na última vez que nos encontrámos, fui completamente aberto em relação aos meus sentimentos.

— E, se bem me lembro, foste tu que me pediste para ignorar a nossa história para podermos desempenhar a nossa função aqui. — Ela alongou as pernas e cruzou os tornozelos.

— Sim, bom, isso está a tornar-se mais difícil a cada hora que passa — admiti, recusando-me a olhar para a forma como as calças lhe abraçavam as ancas, as coxas. — Estamos na calma antes da tempestade — disse-lhe enquanto atravessava a sala para olhar pelas janelas, para o pátio lá em baixo. Não havia nada de pacífico ou artístico ali, nesse momento. Fora transformado num curral, mais uma sala de espera, com uma fila sinuosa de pessoas desesperadas.

Virei-me para ela, preparando-me para a guerra que se aproximava.

— Este sítio está prestes a explodir, Iz. Não podes ficar.

— Não te estou a ver ir embora — disse ela descontraidamente por cima do ombro.

— Não somos iguais.

— Estou bem ciente disso. — Ela desviou o olhar.

— A senadora deu-te autorização para ficar, desde que consigamos garantir a tua segurança e retirar-te. — Mudei de posição, colocando-me na sua linha de visão. O olhar que ela me lançou fez-me desejar ter o colete balístico vestido. — Iz, estamos desconfortavelmente perto de ultrapassar esse limite. Vi os mapas. Amanhã, Cabul vai ser o único ponto de saída deste país.

Ela respirou fundo e endireitou os ombros.

— Então é bom já estarmos aqui, certo? Não me vou embora sem a minha irmã.

O meu maxilar contraiu-se.

— Estou a fazer os possíveis para tirar a Serena daqui, mas as minhas ordens destinam-se a ti. E, quando chegar a altura, vou enfiar-te num avião, quer estejas ou não pronta para partir.

— O que vais fazer, Nate? — Ela levantou-se, cruzando os braços. — Atirar-me por cima do ombro e arrastar-me aos pontapés e aos gritos?

Avancei, ocupando o espaço dela, até ficarmos frente a frente e ela ser obrigada a inclinar-se para trás para continuar a olhar para mim.

— Se for preciso, sim. Não fazes ideia do que farei para te manter em segurança.

— Porque eu sou a tua missão. — A afirmação era uma acusação.

— Porque é simplesmente o que tenho feito desde que te conheci, Isabeau. — As minhas mãos contorceram-se de desejo de lhe tocar, de a puxar contra mim e de lhe implorar que se fosse embora.

— Ela é tudo o que eu tenho, Nate. — Manteve-se firme enquanto o ar entre nós se adensava, como acontecia sempre. — Eu sou um troféu para os meus pais e uma memória para ti, e... — Esfregou o dedo nu da mão esquerda. — A Serena foi a única pessoa neste mundo que me apoiou incondicionalmente, a única pessoa que nunca me abandonou, e raio se me partam se a vou deixar morrer. Se eu me for embora, não haverá mais ninguém aqui a preocupar-se com ela. Ambos sabemos o que lhe vai acontecer.

— Preferes morrer com ela? Porque é uma possibilidade muito real. Há mais de quatrocentos quilómetros de território hostil para ela atravessar, isso se aceder partir. Todos os recursos aéreos que temos estão comprometidos. Não posso simplesmente chamar-lhe um *Uber* e mandar buscá-la, e não podemos esperar. Não podes esperar.

O lábio inferior dela tremeu, e murmurei uma maldição.

— Mereço um dia — disse ela finalmente.

— Um dia? — repeti.

— Por todos os anos que passei à tua espera, o mínimo que me podes dar é um maldito dia para conseguir que ela parta. Vinte e quatro horas. — Endireitei-me e recuei um passo como se ela me tivesse dado uma bofetada. — Desculpa. — Os seus olhos arregalaram-se, e ela cobriu a boca com a mão. — Nate, lamento imenso. Não estive bem agora.

— E se ela não estiver aqui dentro de vinte e quatro horas concordas em deixar de ser enervante e discutir comigo sobre ires-te embora daqui?

— A tua equipa vai partir comigo? — Os olhos dela mudaram para uma expressão de súplica tão familiar que tive um *déjà-vu*.

— Sabes que não posso.

E lá estava ele. O olhar que acabava sempre por colar no rosto dela. Desilusão e mágoa.

— Tu vais ficar enquanto este lugar implode.

— Cuidado, Iz. Dizes isso como se te importasses com o que me acontece. — Afastei-me um pouco dela, de modo a deixar algum espaço entre nós.

Ela seguiu-me.

— *Sempre* me importei com o que te acontecia!

Exceto quando não se importava.

— É algo que vais ter de ultrapassar. — Forcei um encolher de ombros. — Se eu não estivesse aqui, estaria no Iraque ou em dez outros lugares de cuja existência nunca saberias. Ouvi o que a Serena disse, que foste trabalhar para a Lauren porque ela estava a fazer pressão para pôr fim à guerra. — O meu coração inchou e desfez-se ao mesmo tempo. — E não sou arrogante ao ponto de pensar que isso tem alguma coisa que ver comigo, mas, no caso de ter, no caso de estares a viver a tua vida na perseguição desse objetivo, então, Izzy, tens de parar. Nem mesmo tu és suficientemente poderosa para acabar com todas as guerras. Haverá

sempre necessidade de tipos como eu para fazer as coisas que te permitem dormir descansada à noite.

Mesmo que ela estivesse a dormir ao lado de um homem que não merecia um único dos seus fios de cabelo.

— Tu mereces uma vida. — Ajeitou as madeixas atrás das orelhas e olhou para mim como se os últimos três anos não tivessem acontecido. Como se ainda estivéssemos a lutar por fins de semana e por todas as oportunidades de nos vermos, negando estar numa relação quando ambos sabíamos que estávamos.

— Eu tenho uma vida. — Da qual ela não queria fazer parte.

— Uma vida a sério, Nate. — Ela avançou, levantando a mão e pousando-a levemente sobre o meu coração. — Um lar. Um futuro com... — Mordeu o lábio inferior e depois suspirou. — Com a pessoa que escolheres...

Os muros das minhas defesas desabaram, e a dor inundou-as, afogando as minhas promessas de manter a distância e a boca fechada quando se tratava da vida amorosa da Izzy.

— E é isso que tens com o Covington? Um futuro? Um lar? Porque não estou a ver o fascínio.

E lá se foi o profissionalismo.

— O fascínio? — Ela afastou a mão. — Ele estava *presente*.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

IZZY

Nova Iorque

Outubro de 2018

A única coisa que ninguém se deu ao trabalho de me dizer sobre Nova Iorque foi que nunca seria capaz de pagar nada maior do que uma caixa de sapatos em Manhattan com o salário de sócia. Ou talvez todos presumissem que eu viveria permanentemente às custas da minha mãe e do meu pai.

Em Brooklyn, no entanto, consegui arranjar um pequeno T1 com os meus próprios meios. Era um segundo andar em Dumbo, com um quarto de vestir, inclusivamente, e a melhor parte era o cheiro de liberdade. Liberdade das expectativas dos meus pais e da sua constante insistência no sentido de eu usar o meu diploma de Direito para fazer os possíveis de modo a promover os seus negócios.

— Até consigo ver o rio se estiver sentada no sofá! — disse a Serena do seu precário lugar no braço do sofá. Estava ali há uma hora e já andava a trepar pelas paredes. A minha irmã nunca fora boa a ficar quieta.

— Se fosse a ti, teria cuidado. Não é a peça de mobiliário mais resistente. — Atirei o casaco para cima de uma cadeira da mesa de jantar e continuei a arrumar a encomenda de produtos alimentares que acabara de ser entregue.

— Estás a dizer que o montaste com uma faca de manteiga? — perguntou ela, saltando para o chão de madeira.

— Dificilmente. — Um canto da minha boca levantou-se. — O Nate montou-o quando veio visitar-me há cerca de... — Fiz as contas mentalmente. — Oito meses.

— E não confias nas capacidades de construção dele? — Enfiou-se entre mim e a bancada oposta na cozinha em forma de «U» e pegou na bebida vegetal, colocando-a de seguida no frigorífico.

— Confio. Mas também sei como aquela coisa era quando saiu da caixa. — Pus-me em bicos de pés descalços e coloquei os produtos embalados na prateleira mais alta.

— Oito meses parece-me muito tempo — disse a Serena, encostando-se à bancada. — Viste-o desde então?

— Não. — O meu peito fechou-se como um torno. — Ele tem estado mais tempo fora do que no país, a julgar pelas suas mensagens e cartas. — Guardei as frutas e os legumes. — Se ele não está em algum treino ou formação, está... — Encolhi os ombros, porque, sinceramente, não fazia a menor ideia.

— Isso é normal nas Forças Especiais ou no que quer que ele ande por lá a fazer?

— Como hei de saber? — Entreguei-lhe uma caixa de café. — A verdade é que mal tinha ouvido falar dele nos últimos sete meses, e o que ouvira fora vago e breve.

Ela inclinou-se para o lado e guardou o café sem se afastar da bancada.

— Mas já tiveste notícias dele, certo?

— Sim. — Arrumei o resto da encomenda e encostei-me ao balcão. — Quero dizer, não no último mês, mas ele disse-me que ia estar ocupado. — Havia uma espécie de teste que ele estava a fazer, mas não tinha entrado em pormenores, o que significava que não deveria mencioná-lo.

— Ocupado? — A Serena arqueou uma sobrancelha enquanto o *Tybee*, o meu gatinho de seis meses, saltou para a bancada.

— Não devias estar aqui em cima, pois não? — perguntei-lhe, coçando-o por baixo do queixo antes de o voltar a pôr no chão. Não que ele me estivesse a ouvir. O *Tybee* tinha-me ensinado que os gatos faziam o que lhes apetecia, quando lhes apetecia. Invejava a atitude deles de não se importarem com nada. Encolhi os ombros. — Ele mandou uma mensagem e disse que não poderia falar este mês, mas que se encontraria comigo em O'Hare.

A Serena pestanejou.

— Então vais voar para Palau amanhã e esperar que ele vá ter contigo em O'Hare?

— Da última vez correu bem. — Voltei a encolher os ombros. Não era como se precisasse de me preocupar. O Nate era uma das únicas pessoas na minha vida que faziam sempre o que diziam que iriam fazer. — Com o Nate, não ter notícias é bom sinal. Se alguma coisa tivesse corrido mal, ele ter-me-ia dito. Planeámos as nossas viagens para os próximos quatro anos quando ele aqui esteve, no Dia dos Namorados. Não podíamos comprar os bilhetes ou reservar a maior parte dos *resorts*, por isso o Nate contratou um agente de viagens e gastou mais dinheiro do que eu gostaria de imaginar para fazer os preparativos quando as datas estivessem disponíveis. — Fora muito, muito romântico, e mesmo assim ele dissera-me que ainda estava a pensar se poderia ser essa a nossa maneira de vivermos nos próximos quatro anos. Chegou ao ponto de me dizer que nem as esposas estavam a ter muito tempo de contacto direto. Bem, eu nem sequer era namorada dele. — Partindo do princípio de que não será preciso mudar a data por causa das missões, o que ele disse que sem dúvida aconteceria. Vou ter de cruzar os dedos e rezar para conseguir ter algum tempo livre quando ele estiver de licença.

Os olhos dela semicerraram-se.

— E não te incomoda não saberes onde ele está metade do tempo ou o que está a fazer?

— Claro que incomoda. — Levantei os ombros e deixei-os cair. — Mas não tenho propriamente o direito de saber.

— E se alguma coisa... — Ela debateu-se com as palavras. — Lhe acontecer?

— Então, com sorte, alguém, provavelmente um dos amigos, dir-me-á.

A cabeça dela inclinou-se para o lado enquanto me observava.

— Ele podia ter uma família inteira, com mulher e filhos, na Carolina do Norte, e tu não saberias. — Apontou o dedo na minha direção. — E não te atrevas a encolher-me os ombros

outra vez.

Mantive-me imóvel.

— Não tem. Posso não saber para onde foi enviado, mas é sempre sincero comigo quando anda a sair com alguém, tal como eu sou com ele.

— E há quanto tempo não saís com alguém?

— Há dois meses. — O Hugh fora um grande erro, uma tentativa de preencher o vazio, uma tentativa de ver se conseguiria viver sem o Nate. Afastei-me da bancada e caminhei para fora da cozinha, rumo à sala de jantar, que estava ligada à sala de estar. — E eu a pensar que ias tirar esta semana de férias... Já chega de me interrogares como se eu fosse a tua última reportagem.

— Não chega, não! — Saltou do balcão e seguiu-me até ao quarto. — Só me preocupas contigo.

Já éramos duas, mas não lho podia dizer. Entrei no quarto de vestir e despi o que restava do fato, optando por umas calças de pijama com fita de puxar na cintura e por uma camisola com capuz que o Nate me dera no Natal com um logótipo que representava a sua unidade.

— A propósito, obrigada por tirares a semana para tomares conta do *Tybee*.

— Não há problema. Não tinha nada melhor para fazer.

Saí e encontrei-a deitada na minha cama, a olhar para o teto.

— Não precisas de ser condescendente comigo. Sei o quanto andas a trabalhar no jornal novo.

— Ao que parece, não o suficiente. — Suspirou.

Deitei-me ao lado dela.

— Desembucha.

— Não consegui a história que queria. Vão enviar um fotojornalista mais experiente. — A voz dela elevou-se numa imitação do patrão. — Mas não te preocupes, posso continuar a cobrir o Capitólio até chegar a minha hora.

— Lamento. — Fixei os olhos nas pás da ventoinha de teto por cima de nós para que ela não detetasse a mentira nos meus olhos. Aquele país tinha o homem que eu amava nas suas mãos, e eu não ansiava propriamente que se apoderasse também da minha irmã. — Sei o quanto querias ir.

— Só quero cobrir uma história que faça a diferença. — Entrelaçou os dedos sobre a caixa torácica.

— O Afeganistão não é o único sítio onde se pode fazer isso — disse eu baixinho. — Tenho a certeza de que muitas coisas importantes acontecem no Capitólio. É a sede do nosso governo. — Foi tudo o que me lembrei de dizer, e sabia que estava muito aquém do que ela precisava.

— Ficarias espantada com a quantidade de coisas que *não se passam* lá. — Virou a cabeça para mim. — O projeto da senadora Lauren falhou novamente. Nem sequer foi aprovado.

O meu sobrolho franziu-se.

— Relembra-me qual é esse.

— O que está a tentar definir uma data para a retirada do Afeganistão.

— Oh... — Levantei a mão para cobrir o coração, como se pudesse de alguma forma aliviar a dor. — É uma pena.

— Por falar em pena... — Virou-se para mim, apoiando a cabeça na mão. — Como é que a mãe e o pai estão a lidar com a tua escolha de direito empresarial?

— Ui! — Revirei os olhos. — Passo pelo menos metade do dia a tratar dos contratos para as organizações sem fins lucrativos...

— Que as empresas mais ricas de Nova Iorque têm para efeitos fiscais? — Ela riu-se e depois apertou os lábios entre os dentes quando viu o meu olhar. — Está bem, está bem.

— É só por uns anos. O tempo suficiente para pagar a Faculdade de Direito à mãe e ao pai.

— Porque te sentes culpada por teres crescido com privilégios? — Ela olhou para mim com uma sobrancelha levantada.

— Porque não aguento as recriminações constantes por não trabalhar no melhor interesse da família — respondi com sinceridade.

— Sabes, Isa... — disse ela, fazendo uma imitação do nosso pai, e eu sorri. — Podias fazer muito bem à família se dedicasses toda a tua existência a justificar legalmente o facto de pagarmos menos impostos.

— Algo do género — ri-me. — Não aguento mais.

— Eu percebo. Mal consigo pagar aquele apartamento em Washington agora que te foste embora, mas recuso-me a pedir-lhes dinheiro. — Mexeu o dedo em direção ao meu nariz. — Podias sempre voltar para DC só por minha causa, sabes? Esquece a mãe e o pai. Há imensos empregos em firmas por lá. Não precisas de aceitar os políticos. O teu quarto está tão vazio sem ti.

Escarneci.

— Então arranja alguém com quem dividir a casa.

— Válido. — Ela passou por mim. — Alguma hipótese de a tua incapacidade de levares um relacionamento avante ter que ver com o facto de manteres aquela fotografia na tua mesa de cabeceira?

Não precisei de olhar para saber que era a fotografia do Nate a beijar-me a face nas Fiji.

— Acho que tem que ver com o facto de eu o manter sempre na mesa de cabeceira.

Trouxe o seu olhar lentamente de volta ao meu.

— Eu sei que o que vocês partilham é... indefinível, mas, Izzy, quanto tempo é que isto pode continuar assim? Tu aqui e ele... em todo o lado?

Uma pedra alojou-se na minha garganta.

— O Nate tem as suas razões. — Aquela noite em Fiji assustara-o mais a ele do que a mim, mas não o suficiente para ir consultar alguém acerca do que se passara. — E não importa que eu não concorde com elas. Ele não me deixa escolher entre a minha carreira e ele. Também não o posso obrigar a escolher entre mim e a sua. Não sei como o deixar ir, Serena.

Ela penteou-me o cabelo para trás.

— Eu sei. Só detesto ver-te a viver a tua vida como uma condutora principiante, com mudanças manuais, a avançar aos solavancos e a ir abaixo vezes sem conta.

— Eu amo-o. — Não havia outra forma de explicar as minhas ações.

— Sim. — Ela ofereceu-me um sorriso triste. — Mas será que ele sente o mesmo por ti?

Um peso instalou-se no meu estômago, imóvel e nauseante.

— Não sei. Mas estou decidida a só regressar de Palau quando tiver a resposta. Estou farta de ser a pessoa com mais a perder nesta situação.

O Nate não me iria desiludir. Sabia-o no fundo da minha alma. Eu tinha apenas de deixar claro que *estava* na altura de tomar uma decisão.

*

No dia seguinte, o meu estômago deu um nó quando o meu grupo foi chamado para embarcar em Chicago O'Hare. Teria sido assim que o Nate se sentira quando o meu voo se atrasara a caminho das Fiji?

A culpa percorreu-me o corpo quando me levantei, pondo a mala ao ombro. Devia ter arranjado tempo para lhe enviar uma mensagem durante a viagem, para lhe evitar aquele sofrimento.

Acho que agora estava a sofrer represálias.

Olhei em volta para os outros passageiros enquanto me dirigia para a fila de embarque, esperando que uma cabeça se destacasse das outras, que um par de olhos azuis cristalinos já estivesse a olhar na minha direção. Ele ainda não estava ali.

Mas estaria. O Nate nunca me desiludira na vida. Teria cancelado os planos comigo porque ia passar o fim de semana «a limpar a piscina», a sua frase favorita para me dizer pelo telefone que ia ser destacado? Claro. Sem dúvida. Mas *nunca* deixara de telefonar.

Consultei o telemóvel enquanto a fila avançava e depois abri a aplicação da companhia aérea para aceder ao meu cartão de embarque. Junto da porta, a hospedeira de terra lembrou a todos que o avião ia cheio, no momento em que fiz a leitura do bilhete e embarquei.

Abanando a cabeça pelo facto de o Nate ter exagerado com os bilhetes de primeira classe, deslizei para o meu lugar, mantendo a mala entre os pés. Tinha trazido quatro romances novos, sublinhados para ele, e não queria ter de voltar a tirar a mala para lhos entregar quando ele ali chegasse.

— Posso trazer-lhe alguma coisa antes da descolagem? — perguntou o comissário de bordo com um sorriso educado.

— Não, obrigada. Sabe se já toda a gente fez o *check-in* para a primeira classe? Não vi o meu companheiro de viagem.

— Lamento, mas não sei. — Olhou para o lugar vazio. — Não se preocupe. Ainda temos cerca de quarenta minutos antes de fecharmos as portas. Demora algum tempo sentar toda a gente num avião tão grande.

— Obrigada. — Recostei-me enquanto ele avançava para os lugares seguintes, e flagelei-me pelo que obviamente fizera o Nate passar na nossa viagem para as Fiji. Tirei o telemóvel da mala e escrevi uma mensagem.

IZZY: O lugar ao meu lado parece terrivelmente vazio.

Carreguei em enviar e fiquei a olhar para o ecrã à procura dos três pontos que me indicariam que ele estava a responder, mas não apareceu nenhum. Depois de abrir a aplicação da companhia aérea, procurei o voo em que a documentação dizia que ele vinha.

Aterrara havia cinco minutos.

Isso explicava tudo. Provavelmente, não retirara o telemóvel do modo de voo enquanto se precipitava de uma porta de embarque no lado oposto do aeroporto. Era bom que viesse a correr. O meu coração saltou, a pulsação acelerou com a ideia de o ver dentro de apenas alguns minutos.

Mas esses minutos passaram a correr.

O assistente de bordo olhou-me com simpatia quando me perguntou se podia ajudar a arrumar a minha bagagem de mão para a descolagem.

Apertei o cinto de segurança e, sem vergonha, inclinei-me para o corredor, olhando por cima das divisórias do assento para ver a porta por onde tinha entrado. O meu estômago afundou-se quando o assistente se dirigiu para a porta, e quase me atrapalhei com o telemóvel, marcando o número do Nate.

Este nem chegou a tocar, reencaminhando-me logo para as mensagens de voz, o que significava que estava desligado. «Nate, acho que estão a fechar as portas, e estou muito preocupada. Parece que o teu voo se atrasou, e nem sei se consigo sair agora, por isso acho que te apanho na próxima escala no Havai. Mal posso esperar para te ver.» E desliguei.

Ele perdeu o voo.

Também perdeu o seguinte.

*

Com os olhos toldados, dei entrada no *resort* no dia seguinte.

— Isabeau Astor, mas pode estar em nome de...

— Está aqui — respondeu o rececionista com um sorriso que eu estava demasiado exausta para retribuir com todo o coração. — Vamos acompanhá-la ao seu *bungalow*.

— Pode dizer-me se o Nathaniel Phelan já deu entrada?

— É a primeira a chegar, minha senhora.

Acenei com a cabeça em sinal de agradecimento e segui o paquete, em passo robótico e com o coração mais pesado a cada hora que passava.

— Faça favor. — O paquete abriu o *bungalow* e colocou a minha mala lá dentro. — Posso ajudá-la em mais alguma coisa?

Não, a não ser que ele me dissesse onde raio estava o Nate.

— Não, obrigada. — Dei-lhe uma gorjeta e depois fiquei sozinha com o *jet lag* e o meu coração preocupado. Sentei-me na cama *king size*, aquela em que o Nate deveria estar comigo, e peguei no telemóvel, amaldiçoando-me por não ter contratado o serviço internacional por querer ficar completamente sozinha com ele.

Mas tinha *wi-fi*. Consultei o *e-mail*, depois as minhas contas nas redes sociais, mas não havia nada do Nate.

Depois consultei as dele. A última publicação fora feita cinco semanas antes, quando ele, o Torres e o Rowell foram pescar. Os nomes próprios dos dois começavam por J, mas não me lembrava qual era o Justin e qual era o Julian, já que o Nate se referia a eles principalmente pelo apelido. Eu não chegara a conhecer o homem de olhos castanhos alegres, nem o loiro alto e sorridente, e as suas páginas eram privadas, tal como as do Nate. Ambos tinham entrado nas Forças Especiais com o Nate, mas o quarto amigo que ele mencionara nunca mais aparecera. O Nate tinha-me ligado no regresso daquela viagem de pesca e depois voltara a desaparecer.

Olhei em volta para o sumptuoso *bungalow*. Mesmo deixando os meus sentimentos fora da equação, aquele lugar devia ter-lhe custado uma fortuna. Era impossível que não viesse. O Nate aparecera sempre para mim. Sempre.

Mas a dúvida instalou-se. Não nos tínhamos falado com tanta frequência nos últimos oito meses. Eu andava consumida com as horas que um sócio novo se via obrigado a investir, e ele andava a fazer o que quer que fosse que fazia.

Deitada na cama, lutei contra a exaustão a cada pestanejar, com medo de perder o momento em que ele entrasse pela porta e me beijasse.

Quando abri os olhos, já era dia, mas o sol brilhava de uma direção diferente.

Levantei-me da cama de forma atabalhoada, com o corpo rígido por ter dormido com as roupas durante aquilo que obviamente foram cerca de onze horas.

— Nate? — gritei, procurando primeiro na casa de banho.

Se ele tivesse entrado e me tivesse encontrado a dormir, não me teria acordado. Era assim, irritantemente altruísta.

A casa de banho estava vazia, por isso destranquei a porta de vidro deslizante e saí para o deque...

— Nate? — A minha voz foi engolida pelo som do vento e das ondas.

Espera. A porta estava trancada. Ele não a tinha destrancado. O medo percorreu-me a coluna como gelo, e voltei para o quarto, tirando o telefone da mesa de cabeceira e ligando para a receção.

— Olá, podem dizer-me se o Nathaniel Phelan deu entrada? — perguntei.

— Um momento. — Ouvi o som de chaves a tilintar. — Não, desculpe, minha senhora.

O meu estômago afundou-se.

— Obrigada — sussurrei e voltei a pôr o auscultador no descanso. O Nate não estava ali.

Abri o telemóvel e enviei as indicações necessárias para aceitar as taxas do serviço

interacional, mas a única mensagem era da Serena, a desejar-me boa viagem.

Era... impossível. Acedi ao contacto do Nate, liguei, e o telemóvel tocou duas vezes. Ontem — ou teria sido no dia antes desse? — eu tinha a certeza de que isso significava que estava desligado, mas e se ele me reencaminhasse para o correio de voz?

— Daqui fala o Nate. Deixe uma mensagem. — Muito direto e sem rodeios, exatamente como ele.

— Não sei o que fazer — disse eu depois do sinal. — Estou aqui, mas tu não estás. Não mandaste mensagem nem telefonaste, e estou a começar a passar-me, pensando que talvez tenha acontecido alguma coisa, porque sei que não me deixarias assim. Só... — Engoli o nó na garganta. — Liga-me, Nate. Mesmo que tenha acontecido alguma coisa, por favor, diz-me que estás bem.

Terminei a chamada.

Jantei sozinha naquela noite, na esperança de que ele tivesse ficado retido e chegasse a qualquer momento.

Na manhã seguinte, sentei-me no terraço aquecido pelo sol, com os pés a balançar da borda, agarrando o telemóvel como se fosse uma tábua de salvação.

A dor preenchia o espaço entre os batimentos cardíacos. Eu conhecia essa sensação. Tinha-me consumido sempre que procurara os meus pais nas bancadas durante as competições de natação, para encontrar apenas lugares vazios. Tinha-me dilacerado quando o Jeremy escolhera ir à caça de uma mulher em Yale em vez de se mudar para Georgetown comigo, depois de eu ter mudado *tudo* na minha vida por ele. Tinha-me corrido nas veias como gelo, entorpecendo-me quando a minha mãe e o meu pai preferiram continuar a viajar em vez de voltar para casa depois do acidente de avião. Já estivera naquela posição demasiadas vezes para as conseguir contar — deixada à espera de alguém que amava, apenas para perceber que nunca fora a sua prioridade.

Lutei contra aquilo, com o meu peito dolorido a prometer à minha mente cínica que o Nate não faria uma coisa dessas, mas, à medida que as horas passavam, a verdade impunha-se.

Ele não viria.

Com grande sacrifício, liguei à Serena.

— O que estás a fazer a ligar-me nas tuas férias amorosas? — perguntou ela. — *Tybee*, diz olá, já agora.

— Ele não está cá. — A minha voz soou tão baixa como eu me sentia.

— O Nate?

— Ele não está cá — repeti, obrigando-me a dizer as palavras. — Alguém apareceu por aí? Alguém... fardado? — A minha língua tropeçou nas palavras. Era a única explicação que me ocorria.

— Não, Izzy. Não estive cá ninguém — disse ela, com a voz a suavizar-se. — Estás bem?

— Não. — Os olhos lacrimejaram, e o nariz ardeu-me ao pestanejar, contendo a torrente de lágrimas. — Talvez ele tenha sido destacado. Mas ele sempre me avisou em código, numa

mensagem ou chamada. E não conheço nenhum dos amigos dele. Não me lembro de uma única pessoa a quem possa ligar e perguntar. — Sabia tão pouco sobre a vida real dele que era embaraçoso. A Serena tinha razão. Ele podia ter uma família inteira da qual eu nada sabia. Mantivera-me à margem da sua vida, nunca me deixando entrar.

Mas ninguém pestanejara quando eu me apresentara ao seu lado, no funeral.

Uma nova namorada, talvez? Uma nova... esposa?

— Oh, querida. Sinto muito.

— O que é que devo fazer? Se ficar, pareço uma tola, e ir-me embora significa... — Não consegui dizê-lo em voz alta.

— Volta para casa ou fica e aproveita o sol, se conseguires. — Tão sensato. Tão típico da Serena.

— Não quero estar aqui sem ele.

— Então tens aí a tua resposta.

Comecei a chorar e não parei. Deixei o pessoal do *resort* preocupado quando fiz o *check-out* e depois assustei os assistentes de bordo quando as lágrimas continuaram a cair durante os voos que alterei. As lágrimas correram e correram e correram enquanto eu atravessava fusos horários, meridianos e o que pareciam ser anos. As pessoas olhavam e ofereciam lenços de papel, o que só me fazia chorar mais.

Quando entrei no meu apartamento, os meus olhos estavam quase fechados de tão inchados, quentes e ásperos. E, quando vi a Serena, as lágrimas recomeçaram. Era como se tivesse uma fonte inesgotável de lágrimas.

Ela abraçou-me com força e embalou-me como se fôssemos de novo crianças.

— Está tudo bem — sussurrou ela enquanto eu chorava no seu ombro.

— Tenho de o deixar ir, não é? — As palavras foram balbuciadas e entrecortadas. — Não importa se ele o fez inadvertidamente ou de propósito... Não posso continuar a viver assim, Serena. Tenho de o deixar ir.

— Lamento imenso. — Os braços dela apertaram-se à volta do meu corpo.

Eu e o Nate esperáramos tanto tempo pela nossa oportunidade que a perdêramos.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

IZZY

Cabul, Afeganistão

Agosto de 2021

Como é que ele se atrevia?

Não compreendia o *fascínio* de casar com alguém que estivesse, pelo menos, presente?

— E *presente* tornou-se a base para os teus padrões? — A perplexidade no rosto do Nate era quase risível.

— Deves estar a gozar comigo! — Ainda bem que não tinha nada nas mãos, senão poderia ter-lho atirado à cara. — E quem achas que estabeleceu essa base? — Inclinei a cabeça para o lado. — Se achas que o meu padrão de comparência é baixo, basta veres-te ao espelho para perceberes porquê. De toda a gente na minha vida, *tu* eras a única pessoa em quem eu confiava para aparecer quando fosse preciso, e *desapareceste*.

Ele levantou as mãos e afastou-se lentamente.

— Acho que me devia ir embora antes de começarmos com merdas que não temos nada que desenterrar.

Aquele talento extraordinário que ele tinha para compartimentar, para se manter calmo e frio quando eu estava pronta para me atirar para o chão, era a única coisa que eu simultaneamente invejava e detestava no Nate.

— «Desenterrar»? — Abanei a cabeça. — É difícil desenterrar algo que nunca chegou a ser enterrado. — Emoções com as quais eu não conseguia lidar brotaram com a força de um maremoto, devorando cada fragmento de autocontrolo a que eu me agarrava numa vaga de amor e mágoa e tudo o que fora deixado a morrer entre nós. — E tu perdeste o direito a saberes o que quer que seja sobre a minha vida amorosa há *anos*.

— Achas que eu não sei isso? — Ele afastou-se de mim e dirigiu-se para a garrafa de água que tinha deixado na bancada e depois bebeu-a até ao fim como se fosse vodca. Esmagou-a no punho antes de se virar para mim, com a sua habitual compostura a perder-se. — Achas que não deu cabo de mim não perguntar quem consideravas digno de casar contigo quando vi aquele cachucho na tua mão?

— Bem, isso já não importa, pois não? — Levantei a minha mão esquerda, revelando o meu estado óbvio de nudez. — Ele já não é meu noivo. Estás feliz?

— A pergunta mais correta é se estás feliz. — Ele nem sequer ficou surpreendido com o facto de o anel ter desaparecido. Claro que teria reparado em dada altura. O Nate reparava em *tudo*. Mas não perguntara porquê. Porque não queria saber? Ou porque achava que não tinha o direito de saber?

Abri a boca e fechei-a de novo.

— É complicado.

— Queres desenvolver? — Ele encostou-se na extremidade da bancada, ocupando mais espaço do que deveria. Tudo no Nate ainda me parecia maior do que a vida, e, embora eu achasse que já me habituara a vê-lo na versão de farda de combate descaracterizada, na verdade não tinha.

Ele era inconvenientemente espantoso e irritante ao mesmo tempo.

— Nem por isso. — Deixei cair a mão.

— OK. — Ele olhou para mim daquele seu modo calmo e paciente, o que só fez aumentar a minha ira.

— Deixa de fazer isso.

— Deixo de fazer o quê? — perguntou ele, coçando a barba. — Fazer tudo o que posso para te manter viva? Puxar os cordelinhos para conseguir que os documentos do intérprete da tua irmã sejam tratados? Colocar o meu corpo entre ti e o que quer que esteja a tentar matar-te neste momento? Ou queres que deixe de pôr as tuas necessidades acima do senso comum? Vais ter de ser mais específica.

— Isso... — gaguejei, apontando para a cara dele. — Deixa de olhar para mim assim.

— Sou capaz de muitas coisas, mas, infelizmente para a minha sanidade mental, parece que sou incapaz de não olhar para ti. — Encolheu os ombros. — O facto de queres ou não dizer-me porque já não te vais casar com o Parvalhão não tem nada que ver com a minha incapacidade de te ignorar.

— Ele traiu-me, está bem? — *Raios. Não* devia ter revelado aquilo. O corpo do Nate ficou tenso, mas ele não falou. — Ouviste? — Abanei a cabeça e tentei controlar-me. Eu devia estar a dar uma ajuda com os dossiês que se encontravam na mesinha de apoio, não a desperdiçar tempo precioso a discutir com o Nate.

— Oh, eu ouvi. — A voz do Nate baixou. — Estou só a tentar fazer processar essa informação.

— O que há para processar? — Puxei o cabelo para trás das orelhas. Prendê-lo teria sido uma opção muito mais sensata naquele dia. — Ele achava que era perfeitamente aceitável ter uma relação aberta. Eu não era suficiente para ele.

— Então é um idiota de merda. — Disse-o com tal convicção que quase acreditei nele.

O meu coração vacilou.

— Não digas essas coisas. Tu não sabes... — O calor subiu-me ao rosto.

— Eu sei. — A forma como o seu olhar aqueceu fez-me sustar a respiração. — E, se não foste suficiente para ele, então ele vai passar a vida completa e absolutamente infeliz, porque não há ninguém neste mundo que esteja à tua altura. Se ele te traiu, então o meu palpite é que não foi por não seres suficiente, foi por ele não o ser.

Levei uma mão à barriga, que estava agitada. Porque nunca me sentira assim com o Jeremy? Porque é que todo o meu desejo, a minha ânsia insaciável, estava reservado para o Nate? Não que o sexo com o Jeremy não tivesse sido bom. Fora. Mas ele não fazia o resto do

o mundo desaparecer com um simples toque ou marcava a minha alma com um beijo.

Só me sentia assim com o Nate. Não fora sempre esse o problema?

Um riso irracional brotou nos meus lábios.

— E, no entanto, ele era exatamente o meu tipo, não era?

— Não estou a perceber.

— Indisponível em todos os aspetos importantes. — Encolhi os ombros, passando o polegar sobre o anelar nu e deleitando-me com a leveza. — Só me dei conta do peso daquele anel detestável quando o devolvi. O quanto tudo nele me pesava.

Ele respirou fundo e levantou-se da bancada, passando por mim em direção à porta.

— Devíamos voltar ao trabalho.

— Sabes que não foi a infidelidade que me fez acabar com ele. — O Nate parou abruptamente. — Quero dizer, se vamos pôr tudo a limpo, então vamos deitar tudo cá para fora — disse para as costas dele.

— Não queres fazer isso comigo.

— Quero.

Lentamente, virou-se para mim, e a minha pulsação disparou. Não era o sargento Green que me olhava. Não, a guerra que se travava naqueles olhos pertencia ao meu Nate. O Nate que fora meu em Georgetown, em Illinois, em Tybee.

— Não foi a infidelidade — repeti, com a voz a suavizar-se. — Percebi tudo seis semanas antes de ocupar o lugar do Newcastle e não fiz nada. Sorri para as câmaras nos comícios da campanha dele e expulsei-o da minha cama, mas não acabei com ele. Pergunta-me porque é que acabei com ele, Nate. — Ele abanou a cabeça. — Pergunta-me.

— Porquê? — A palavra saiu estrangulada.

— Porque eu não o amava como sei que sou capaz de amar. — Engoli enquanto o meu coração me retumbava nos ouvidos. — Soube-o no momento em que te voltei a encontrar.

O maxilar dele contraiu-se, e os ombros ergueram-se enquanto ele se esforçava por manter a calma, mas não recuei. O Nate nunca me magoaria, e nós tínhamos adiado aquilo por nove dias.

— Di-lo. — Aproximei-me dele, e ele recuou, mantendo a distância entre nós enquanto entrava na cozinha. — O que quer que estejas a pensar, diz. — Não me exigira ele o mesmo naquela primeira noite, na embaixada?

— Se sabias que não o amavas o suficiente, então porque disseste que sim? — O tom dele subiu, à beira de um grito, à medida que o seu lendário autocontrolo finalmente se desvanecia. — Sabes que mais? Não. Esquece a minha pergunta. Não quero saber porquê. Deus! — Bateu com as mãos na bancada e baixou a cabeça. — Três malditos anos, e estamos de volta ao mesmo ponto.

— Eu *nunca* saí desse ponto! — O meu peito apertou-se como um torno enquanto batia com a palma no coração. — Estou presa, Nate. Tenho eternamente vinte e cinco anos, estou paralisada no espaço, no tempo, parada naquela porta, à espera de que voltes.

— Isso é mentira, e ambos o sabemos. — Levantou a cabeça, e a dor que vi gravada em

cada linha do seu rosto de alguma forma juntou-se à agonia que eu sentia. — Nunca quiseste que fôssemos uma realidade. Nem por isso. Pelo menos quando foi preciso. Podias ter sido tu a defender a nossa oportunidade nas Fiji, mas, quando eu puxei o gatilho, não o fizeste. Foda-se. Deseja. Me. — A mágoa escorria de cada palavra.

— Não foi isso que aconteceu em Nova Iorque. Como podes dizer isso? — A minha boca ficou aberta, em choque.

— Como *posso* dizer isso? — Com uma mão, tirou a faca da bainha que trazia na coxa e puxou o fio por baixo da *T-shirt* com a outra, revelando as chapas de identificação coladas. Olhou para baixo, fazendo um corte limpo na fita, e depois embainhou a faca antes de retirar algo de baixo do adesivo. — É assim que o posso dizer. — Ouviu-se um som metálico quando depositou algo em cima da bancada, entre nós.

Enfiou a ponta da chapa metálica por baixo da *T-shirt* e retirou a mão da bancada.

Revelando um anel de diamante.

O anel de diamante.

Oh, meu Deus. Eu não conseguia respirar. Não havia ar suficiente no mundo para me encher os pulmões, para oxigenar o sangue que o meu coração se recusava a bombear.

— Fui eu quem te trouxe comigo durante todos os meus malditos dias.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

NATHANIEL

Nova Iorque

Outubro de 2018

Eu mal sentia a chuva ao caminhar pela calçada do bairro de Brooklyn conhecido como Dumbo, levando dentro do punho cerrado a caixa mais importante que alguma vez carregara.

Ou talvez essa fosse a que eu transportara mais cedo, nessa manhã.

Fora nessa manhã? Os dias tinham-me parecido indistintos. Era de noite, e conduziria toda a tarde, por isso tinha quase a certeza de que era o mesmo dia.

Deslizei por entre a multidão, os passos acelerados como os de um nova-iorquino, a passar despercebido como fora treinado para fazer durante o último ano. Por fim, encontrei o edifício certo, abri a porta quando um dos residentes estava a sair e entrei, evitando a campainha.

Só Deus sabia se ela me deixaria entrar.

Subi as escadas, com os dedos a contrair-se em torno da caixa. Não importava o que eu fizesse, não conseguia obrigar a mente a parar de dar voltas, a parar de repetir o modo como as coisas deveriam ter corrido, a parar de prever todas as formas como os próximos minutos poderiam correr.

Ela saberia o que fazer. Era a única pessoa no mundo que me amava incondicionalmente, a única pessoa com quem eu podia contar desde que a minha mãe morrera. Ela saberia o caminho que deveríamos escolher.

2214. O apartamento dela.

Toquei à campainha e recuei de um salto. Como não atendeu logo, comecei a andar de um lado para o outro. Se parasse de me mexer, não sabia se seria capaz de recomeçar.

A gravidade desaparecera. Nada me mantinha os pés ancorados. A minha realidade eram todas as possibilidades e nenhuma ao mesmo tempo, e o caminho que eu tomasse dependia apenas do que ela dissesse, do que ela decidisse.

O som de um ferrolho a deslizar fez-me parar em frente à sua porta.

A porta abriu-se, revelando um homem mais velho, com cabelo grisalho e um fato de três peças que parecia ter custado mais do que um ano de renda. O seu olhar crítico percorreu-me uma vez, e o seu tom escuro intensificou-se depois do reconhecimento. Os olhos da Izzy. Eu vira as fotografias no apartamento dela.

Era o pai.

— Em que posso ajudá-lo?

— Procuro a...
— Sei bem quem procura. Estou a perguntar o que posso fazer por si — ironizou ele. — Porque não vai ver a Isa. Ela manteve este... — gesticulou na minha direção — acordo que vocês têm por demasiados anos, e, sim, antes que pergunte, sim, reconheço-o. Tem ideia do mal que lhe faz?

A minha mão agarrou a caixa com mais força. Não podia perder a calma com o pai da Izzy. Tinha de me aguentar, mesmo quando parecia que o mundo estava a girar por baixo de mim a um ritmo que eu não conseguia acompanhar.

— Vai custar milhares de dólares pôr fim ao contrato de arrendamento que ela aqui tem e levá-la para onde a família precisa dela. — Consegui olhar-me de cima a baixo, apesar de eu ser uns bons centímetros mais alto. — A família que ela finalmente procura não o pode incluir.

— Pai? — A voz da Izzy, vinda do interior do apartamento, cerceou qualquer resposta que eu pudesse ter dado. — Quem é?

— Eu trato disto, Isa. Nada que mereça a tua preocupação. — Ele disse tudo aquilo ao olhar para mim, palavra por palavra. — Sabe que não merece, certo? — disse mais baixo. — Não fez mais do que desperdiçar o tempo dela.

— Pai, com quem estás... — As palavras interromperam-se quando a Izzy apareceu ao lado do pai, vestida com umas calças de pijama aos quadrados e uma camisola com capuz enorme, olhando para mim como se eu fosse a pior escória da Terra. Os seus lindos olhos estavam tão inchados que já nem se qualificavam como tal, e a culpa apoderou-se do meu coração. Suspeitei que fosse eu o motivo do seu choro.

— Volta para dentro, Isa.

— Dá-nos cinco minutos — respondeu ela, olhando para o pai.

A sua expressão suavizou-se ligeiramente.

— Cinco minutos. Mas não te esqueças do nosso acordo. — Lançou-me um olhar fulminante e desapareceu no apartamento, deixando a Izzy à porta.

— É bom saber que estás viv... — O resto da palavra pareceu morrer-lhe na língua enquanto me olhava, saindo para o patamar e fechando a porta atrás de si. — Nate? — Disse o meu nome como se não tivesse a certeza de ser realmente eu, o que fazia sentido, visto que eu também já não tinha a certeza.

Devolvi-lhe o olhar com uns olhos vazios, que devoravam a sua visão. Ela era o sentido de tudo aquilo. O sol que me aqueceria ou me incineraria.

Ela era tudo. Sempre fora.

Tentava traduzir os meus pensamentos em palavras coerentes.

— Tinha tudo planeado na minha cabeça — disse eu. — Conduzir durante seis horas dá-nos tempo para treinar o que vamos dizer, sabias?

— Conduziste durante seis horas? — As sobrancelhas dela franziram-se.

— Que mais podia eu fazer? — Raios, não conseguia manter a ordem nos pensamentos.

— Mas agora estou aqui, e o teu pai diz que te vais embora, e tu olhas para mim como se eu

fosse a última pessoa que quisesse ver...

— Abandonaste-me! — gritou ela, com a mágoa a irradiar no seu tom de voz. — Não, pior do que isso: nem te deste ao trabalho de aparecer! Passei dois dias em Palau até perceber que não ias aparecer. Porque é que me fizeste aquilo? Eras a única pessoa que nunca... — Respirou fundo. — Que raio te aconteceu? Eu liguei. Mandeí mensagens. Eu...

— É isso que te estou a tentar explicar. — As minhas palavras começavam a falhar. O que eu tinha para lhe contar era muito maior do que umas férias perdidas, e, se não usasse as palavras certas, as palavras perfeitas, então tudo teria sido em vão.

— Está bem, então fala. — Um arrepio percorreu-lhe a pele, e ela envolveu os braços à volta da cintura.

— Eu... Não consigo pensar como deve ser, e reconhecer isso, ver-me assim, provavelmente faria que me mandassem embora antes mesmo de começar, o que é irónico, porque sou sempre o mais sensato do grupo. Foi por isso que não me surpreendeu o facto de o Pierson ter desistido na segunda semana. As suas capacidades de orientação terrestre são excelentes, mas, quando o grupo começou a questioná-lo sobre as suas escolhas, ficou indeciso e depois foi-se embora.

— Nate, não percebo o que estás a dizer. — Ela abanou a cabeça.

Uma gargalhada histérica passou-me pelos lábios.

— Claro que não, porque não estou a fazer sentido nenhum. Mas já não sei qual é o limite, pelo menos hoje. Será que posso não estar bem quando acabei de enterrar o Julian, hoje? Ou terei de me aguentar e de fingir que a mãe dele não estava a chorar no banco à minha frente?

— Oh, meu Deus, Nate. — O seu rosto ensombreceu, e ela estendeu os braços na minha direção, mas eu recuei um passo.

— Não faças isso. Se me tocares, sei que não me vou conseguir aguentar, e, como podes ver, já estou bem perto disso. — Esfreguei a minha mão vazia na cara molhada pela chuva, limpando a água. — E a pior parte é que nunca pensei nele como Julian, sabes? Claro que era esse o nome dele, mas nunca lhe chamámos isso. Só que a mãe dele não parava de o dizer, não parava de chorar, e agora é só isso que ouço na minha cabeça.

— O que é que aconteceu? — perguntou ela, em voz baixa. — Foi por isso que não apareceste? Porque o Julian morreu?

— A viagem. Pois. — Acenei com a cabeça, tentando concentrar os pensamentos. Precisava de escolher um caminho. Precisava de que *ela* escolhesse o nosso caminho. Assim que voltasse a ter os pés debaixo de mim, seria capaz de avançar.

Nunca me sentira tão desmotivado na vida.

— A viagem — disse ela outra vez, lentamente, e apercebi-me de que me desviara para os meus próprios pensamentos.

— Eu devia lá ter estado. — Acenei com a cabeça como se estivesse a responder a uma das perguntas da entrevista, como se o interrogatório nunca tivesse parado. — As datas eram tão perfeitas que era como se o destino as tivesse definido. Como se devesse ser assim.

— Como?

— Quando todos passássemos na seleção, eu teria aqueles dez dias para estar contigo, para perceber o que querias, antes de avançar para o teste operacional.

— Não sei o que isso significa.

— Claro que não sabes. Não tens de saber. Raios, fiz um ótimo trabalho em manter a boca fechada, não foi? A deixar-te fora disto tudo. — Esfreguei a testa com a parte de trás do punho cerrado, fechei os olhos e respirei fundo, afastando todo o ruído, tudo o que acontecera nesse dia, e concentrei-me na mulher que estava à minha frente.

— Tendo em conta que não sei o que *isso* significa, estás a ir muito bem. Mas estou a ficar preocupada. — A inquietude desenhoulhe duas rugas entre as sobrancelhas. Havia tanta raiva nos olhos dela, tanta mágoa, mas também havia amor, certo? Eu não tinha destruído tudo o que ela sentia por mim, pois não?

— Não podíamos comunicar — disse eu, agarrando-me à minha concentração com punhos mentais. — Foi por isso que não te pude ligar. Os pais do Julian estavam de férias, e não conseguiram encontrá-los para os avisar, e como eles tinham os nossos telemóveis, guardaram-nos para que ninguém falasse antes de eles serem informados pelos canais oficiais. — A caixinha azul que tinha na mão amachucou-se, as bordas cederam, e afrouxei a compressão. — No início, não acreditei neles, no pessoal do quadro, quero dizer. Pensei que fazia tudo parte da entrevista final, para ver como lidaria com aquele tipo de notícia. Quero dizer, eu tinha acabado de o ver, e ele tinha sido... ele. Mas depois passaram-se uns dias e não nos libertaram, nem mesmo os que tinham sido eliminados. E foi então que percebi que a culpa era toda minha.

— Nate — sussurrou ela, olhando por cima do ombro para a porta fechada. — Porque é que não vamos a algum lado?

Porque ela não me queria lá dentro com o seu pai.

— Não posso. Tenho de deitar isto cá para fora agora. Há pessoas à minha espera, e tenho de saber o que pretendes, para saber o que escolher, Izzy. — Tudo fazia sentido na minha cabeça, pelo menos essa parte, mas estava a sair tão confuso.

A caixa. Certo. A caixa fazia a pergunta por mim.

Abri a mão direita, tirei a tampa da caixa com o polegar e virei-a na direção dela.

— Oh, meu Deus. — A sua mão levantou-se para tapar a boca.

— Sei que provavelmente não é aquilo de que estavas à espera. Escolhi-o há cerca de um ano e depois reconsiderarei-o umas catorze vezes. Tu vens de uma família com dinheiro, e sei que provavelmente gostarias de algo maior...

— Nate, isso é o que eu penso que é? — Os olhos dela saltaram do anel para a minha cara.

— É um anel de noivado.

A boca dela abriu-se, fechou-se, e depois ripostou:

— Não podes estar mesmo a pedir-me em casamento agora.

— Estou. — Acenei com a cabeça, com o estômago a dar uma série de nós que fizeram a

minha cabeça rodopiar.

— Não. Não estás. — Ela abanou a cabeça. — Sei que não estás, porque me prometeste que nunca me farias isto, que nunca *me porias um anel à frente e pedirias que desistisse de tudo aquilo por que trabalhei sem nos dares uma oportunidade de construir algo primeiro*. Não foram essas as tuas palavras naquela praia?

— Não percebes? É a única maneira de ficarmos juntos. Lutei contra isso durante muitos anos, pensando que esta vida não seria justa para ti, que merecias muito melhor, e ainda mereces, mas eu amo-te, Isabeau. Só te amei a ti. E só te amarei *a ti*, para sempre. E devia ter feito isto dentro de água ou talvez até no avião, uma espécie de círculo de regresso ao modo como nos conhecemos, sabes?

— Eu sei — sussurrou ela, com a mão a pousar na parte de cima do peito enquanto olhava para mim, com surpresa. Pelo menos, pensei que era surpresa. Podia ser terror ou mesmo medo.

— Mas depois o Julian... morreu, e percebi que podia perfeitamente ter sido eu. *Devia* ter sido eu. E percebi que tinha perdido demasiado tempo a proteger-te quando devia ter-te dado uma opção, e lamento imenso.

— Nate, acho que não estás a pensar com clareza. Queres mesmo que nos casemos quando nunca vi sequer onde vives? Nunca passámos mais de uma semana juntos de cada vez...

— Nove dias — corrigi.

— Nem sequer sei onde estás durante metade do tempo ou para que estás a ser *selecionado*. Ouve bem o que estás a dizer.

— Exatamente. — Merda, eu estava a fazer aquilo mal. — Mas tu amas-me, e eu só preciso de que escolhas, Iz. Farei o que quiseres. Deixo-te entrar completamente na minha vida. Digo-te o que for possível e voltamos juntos para a Carolina do Norte. Ou saio, se for isso que desejas.

— O quê? — As sobrancelhas dela arquearam-se. — Tu não queres sair. Nunca quiseste.

— Mas quereria, se isso significasse ficar contigo. Entrei, Iz. Consegui. E sei que não sabes o que isso significa, mas basta dizeres uma palavra e venho-me embora. Vamo-nos embora. Diz-me o que queres que faça, e faço-o — implorei. A escolha era dela. Eu era dela.

— Não podes pedir-me para fazer uma escolha dessas por ti, Nate. — Ela abanou a cabeça. — Não é justo. E o pior é que me excluístes durante tanto tempo que nem sequer sei o suficiente para te ajudar a fazer esse tipo de escolha.

A porta abriu-se.

— Isa...

A Izzy levou a mão atrás e fechou a porta, na cara do pai.

O pai dela. Pestanejei enquanto as peças se encaixavam.

— Ele disse que estás a desrespeitar o contrato de arrendamento. Que vais mudar de casa?...

— Sim. — disse ela com uma guerra a travar-se nos seus olhos. — Não. Não sei... Não

sei. Não quero, mas conseguiria finalmente fazê-los felizes, e acho que eles fizeram um exame de consciência e... mudaram. Quero dizer, vieram realmente quando precisei deles.

— Não faças isso. Não desistas do que desejas só porque eles finalmente decidiram aparecer para te apoiar.

As sobrancelhas dela ergueram-se.

— Não é isso que *tu* estás a fazer?

— Não. Estou a perguntar se queres que *eu* desista de tudo por *ti*. — Será que ela não conseguia perceber?

A sua boca abriu-se e fechou-se.

O medo percorreu-me a coluna. De todos os resultados que tinha imaginado — eu a mudar-me para Nova Iorque, ela a mudar-se para a Carolina do Norte, nós juntos, em *qualquer lugar* —, nunca tinha considerado o facto de ela não me querer. Toda a cena parecia errada.

— É porque estou a fazer isto mal, não é? — Ajoelhei-me e levantei a caixa. — Casa comigo, Isabeau Astor. — Nós devíamos ficar juntos. Era apenas uma questão de oportunidade. Fora essa a base sobre a qual eu construía a minha vida desde Tybee.

— Nate... — sussurrou ela, olhando para mim enquanto mil emoções lhe percorriam o rosto.

— Por favor — disse eu baixinho. — Por favor, escolhe-me a mim, Izzy. Escolhe-nos a nós. Escolhe-nos em vez de qualquer vida que os teus pais queiram que tenhas. Escolhe-nos, apesar do facto de eu estar a pedir quando ainda não tivemos tempo para construir uma vida. Escolhe dar-nos esse tempo. Escolhe o nosso futuro. Farei o que quiseres. Mas casa comigo. — Todos os músculos do meu corpo se contraíram, à espera da resposta dela.

Os seus ombros descaíram e levaram consigo a minha esperança.

— Não posso, Nate. Não assim.

O meu peito apertou-se, como se estivesse a tentar conter a carnificina que decorria no meu coração no instante em que este se despedaçava, atrás das costelas.

— Estás a dizer que não — suspirei, pronunciando cada palavra apenas para as deixar claras, e levantei-me lentamente.

— Estou a dizer que isto não está certo. — Abanou a cabeça.

Mas ela era a única coisa certa em toda a minha vida.

Fechei a caixa e enfei-a no bolso da frente do casaco, enquanto a minha mente se debatia em busca de um propósito, de uma direção. Exército, sim, exército, não. Delta, sim, Delta, não. Nada disso importava sem a Izzy, e ela não me estava a escolher. Ela não me queria.

Não fez mais do que desperdiçar o tempo dela. O seu pai tinha razão.

Eu era bom para férias e fins de semana, mas não o suficiente para casar.

— Lamento ter desperdiçado o teu tempo — disse eu, olhando uma última vez para os seus olhos castanhos profundos. Olhos que eu tinha feito chorar demasiadas vezes. Eu desperdiçara anos da vida dela.

Estava na altura de parar.

— Não desperdiçaste... — tentou ela, mas eu já começara a andar, com a lógica a concentrar-me a cada passo, agora que sabia o rumo que a minha vida ia tomar. — Nate! — chamou ela.

Eu tinha de sair dali antes de desabar.

Abri a porta da frente e saí para a chuva. Eu ia ficar bem. Tinha voltado a entrar num avião horas depois de o anterior se ter despenhado, e aquilo não seria diferente. O que é que a Izzy tinha dito sobre consultar um psicólogo? Havia-lhe dado recursos para lidar com a situação. Eu tinha uma carreira pela qual a maioria das pessoas seria capaz de matar. Estava entre os melhores dos melhores. Era esse o recurso de que precisava.

Ou talvez não fosse.

Misturando-me na multidão, desci o quarteirão até ao local onde, sabe-se lá como, tinha conseguido encontrar um lugar de estacionamento.

Abri a porta e deslizei para trás do volante, ligando depois o motor.

— Raios! — gritei para ninguém e para toda a gente. — O que é que farias? — perguntei ao Torres. — Se fosses eu, o que farias? — Fechei os olhos, desejando poder afastar o mundo enquanto esperava que ele respondesse.

— Parece que não correu como desejavas — disse ele do lugar do passageiro, abrindo um olho como se tivesse estado a dormir a sesta enquanto eu revelava o que me ia no coração. — O que é que estou a dizer? Claro que não, senão não voltavas tão depressa.

— O que farias? — repeti.

— Não precisas de perguntar. Já sabes a resposta.

— E, no entanto, estou aqui, a perguntar.

— Precisas de que o diga? Muito bem, serei eu a dizê-lo. Do nosso curso, apenas oito foram seleccionados. — Claro que ele usaria a lógica. Era o seu ponto forte.

— Eu sei.

— Podemos desistir e ser como a maioria da turma ou podemos voltar para Fort Bragg e fazer parte dos oito. Para mim, a segunda opção parece-me muito melhor do que a primeira.

Ele tinha razão. Normalmente, tinha.

— Bragg será, então. — Girei o botão ao lado do volante, e os limpa-para-brisas varreram a chuva e o que restava da minha indecisão.

Pus o motor da carrinha em andamento e juntei-me ao trânsito.

CAPÍTULO VINTE E SETE

NATHANIEL

Cabul, Afeganistão

Agosto de 2021

— Nate... — sussurrou a Izzy, olhando para o anel que eu carregara comigo durante quase três anos.

— Tu não me quiseste. Não me amavas realmente. Talvez amasses a ideia que fazias de mim, mas não quem eu realmente sou. — Era a mais pura das verdades, que eu dissera a mim mesmo sempre que punha o fio ao pescoço ou o prendia na bota em missões que não exigissem higienização. Dizia-a para me lembrar do motivo pelo qual era bom ter dado a minha vida para servir o meu país, pelo qual era necessário não aparecer à porta da Izzy entre missões e implorar-lhe que reconsiderasse.

Implorar-lhe que voltasse a amar-me.

— Isso não é verdade. — Ela desviou o olhar atónito do anel e levantou-o para que se cruzasse com o meu.

— Tu disseste que não. — Tinha tanta prática a dizer aquela frase que já não me dilacerava. Em vez disso, as palavras eram mais como um pedaço de lixa sobre uma ferida em carne viva que se recusava a sarar.

— Eu não disse que não! — Ela agarrou-me, e eu desviei-me dela. Se me tocasse, estava tudo perdido. Eu estava no limite do meu autocontrolo, dividido entre fazer o que fosse preciso para a afastar e puxá-la para perto de mim. Ela já não estava noiva do Parvalhão. Não era dele. Mas continuava a ter-lhe dito o sim que eu nunca chegara a receber.

— Tu disseste *não posso* — lembrei-lhe. — E posso não ser licenciado em Direito em Georgetown, mas tenho quase a certeza de que *não posso* e *não* são sinónimos.

— Mas não significam a mesma coisa!

— Vamos mesmo discutir semântica? — Dirigi-me à janela e voltei a observar o pátio. Incrivelmente, parecia que estavam ali ainda mais pessoas agora.

— Por causa disto? Nem pensar — retorquiu ela.

Virei-me para a encarar.

— OK, mesmo que queiras debater o significado de «não posso», ainda nos resta o facto de eu te ter dito que eras a única mulher que amei ou amaria, de te ter perdido em casamento, e depois quais foram as tuas outras frases? — Olhando para o teto, recitei-as todas de cor. — *Isto não está certo*. Essa doe, mas não esqueçamos a minha favorita: *Não podes estar mesmo a pedir-me em casamento*.

A boca dela fechou-se abruptamente.

— Sim, lembro-me de cada uma das tuas palavras quando me disseste, com toda a clareza, que eu não era o que querias. Que eu não era a tua escolha. — Sentimentos feios e torturantes açoitavam-me, exigindo que os deixasse sair da caixa onde os tinha guardado durante três anos. — Foi por ter feito tudo mal? O que é que o Covington fez bem? Fez algum grande anúncio público? Levou-te a algum restaurante fino onde as pessoas famosas puderam assistir ou usou algum ecrã gigante para transmitir a todo o mundo o pedido de noivado?

— Não, Nate. — Ela abanou a cabeça e olhou para mim como se tivesse *qualquer* direito de agir como a parte lesada.

— Foi por o anel ser maior? — Estudei cada variação do seu rosto, em busca de uma mentira. — Por causa da conta bancária? Ou teria a família mais conhecimentos? Foi o facto de os teus pais o aprovarem? Ou de ele ter um jato de família para te vir salvar?

— Como pudeste pensar isso sequer? — As faces dela voltaram a corar, deixando-lhe os lóbulos das orelhas vermelhos. — Conheces-me melhor do que isso!

— *Pensei* que te conhecia melhor do que isso — admiti. — Mas depois estou numa pista de alcatrão, a dizer que a minha missão é manter-te viva, e tu andas com uma aliança que podia sinalizar um avião a trinta e dois mil pés, a fazer um trabalho que juraste que nunca farias. — Como era possível que se tivessem passado apenas nove dias desde esse momento? — E eu podia ter vivido com isso, se ele fosse um tipo decente, mas era o Parvalhão!

— Oh. Meu. Deus. Podes calar-te por meio segundo? — A voz dela subiu de tom.

— Claro. Até porque o que quer que tenhas para me dizer não pode ser pior do que o que já disseste.

Os olhos dela estreitaram-se num olhar fixo.

— Eu nunca disse que não.

— E lá vamos nós outra vez. — Cruzei os braços sobre o peito.

— E certamente nunca disse que não te amava. — Ela avançou lentamente. — Sei-o, porque nunca te menti. Nem uma única vez. Podes dizer o mesmo com sinceridade? Estremeci.

— Já te disse o que posso fazer.

— Nas nossas vidas, passámos o quê? Vinte dias juntos? — Ela engoliu em seco.

— Vinte e sete, na verdade, e, se me começares a dizer que propor casamento passado esse tempo foi apenas excessivo, então lembrar-te-ei que foram sete anos a conhecer-te e quatro anos a amar-te.

Os lábios dela separaram-se.

— Não era isso que eu ia dizer. Tínhamos passado menos de vinte dias juntos, e eu estava tão apaixonada por ti que não conseguia imaginar como seria a minha vida sem ti.

— Amavas-me mas recusaste-me? — Olhei para ela e esperei ouvir a desculpa que tivesse arranjado.

— Dizer-te que não podia aceitar a tua proposta não teve nada que ver com não te amar, Nate. Isso nunca foi problema. Pelo menos para mim. — O sobrolho dela franziu-se.

— Foi por te ter deixado sozinha em Palau? Por não te ter deixado aproximar de mim quando pediste, nas Fiji?... — O meu peito contraiu-se. Por que raio estava eu a pedir-lhe respostas agora? Porque haveria de ter aberto a caixa etiquetada *Isabeau Astor* no meu coração?

— Não, não teve nada que ver com isso. — Ela deu um único passo. — Se eu queria que me deixasses aproximar de ti? Claro que sim. Foi tudo o que sempre quis, mas não...

— Queres aproximar-te? Muito bem. Matei um dos meus melhores amigos, Izzy. Que tal esta para te deixar aproximares-te? — interrompi, erguendo as mãos.

Os lábios dela entreabriram-se, e ela parou de súbito.

— Aposto que agora estás arrependida por teres querido aproximar-te, não é? — Os meus braços caíram junto aos flancos.

— Não percebo — disse ela, com a confusão a enrugar-lhe a testa. — Estás a falar do Ju?...

— Sim! — interrompi. — A culpa de ele estar morto é minha. Ele afastou-me do caminho quando uma cascavel atacou, depois de ambos termos terminado a nossa caminhada de sessenta e cinco quilómetros durante a seleção, e ela mordeu-o a ele. — Era a primeira vez que eu dizia aquilo em voz alta.

Ela pestanejou.

— Nate, a culpa não é tua.

— A sério? Bem, quando lhe disse que tínhamos de contar a alguém, ele recusou e disse que não tinha vindo até ali para ser admitido na ala médica antes da entrevista, que era a parte final da seleção. Passar pelos primeiros testes — disse eu, colocando as mãos em cima da cabeça e fechando os olhos — foi a coisa mais difícil que alguma vez fiz. A coisa mais difícil que qualquer um de nós fez. — Foram precisas duas inspirações profundas para estabilizar antes de ser capaz de continuar. — Então, disse-lhe que não havia problema, que não diria nada, desde que ele concordasse em procurar ajuda logo que a entrevista terminasse. E ele *sorriu* para mim, certo de que ambos iríamos conseguir. Deixei-o ir para a entrevista com uma mordidela de cobra venenosa e, quando chegou a minha vez de ser entrevistado, quando me disseram que um dos meus melhores amigos tinha acabado de morrer devido a um choque anafilático na sala ao lado, alinhei, pensando que fazia parte da merda do interrogatório. Que eles queriam um soldado calmo, frio e controlado na unidade, e foi isso que lhes dei. Pensei que ambos nos iríamos rir depois, mas ele estava mesmo morto. — Pronto. Estava dito.

Alguém bateu à porta.

— Meu Deus. Nate, tu não o mataste. — A tristeza preencheu-lhe os olhos, mas eu não merecia um pinga da sua comiseração.

— Sim, matei-o. Se eu tivesse dito alguma coisa, se tivesse pedido ajuda mais cedo, ele estaria vivo. Em vez disso, eu estou na unidade, e ele está debaixo de terra. Que tal isto para te deixar aproximares-te de mim, Izzy?

Ouviu-se bater de novo.

— Era por isso que estavas tão perturbado. Não foi só o facto de ele ter morrido. — Ela veio na minha direção, com o rosto a franzir-se de uma forma que me deu vontade de apagar todas as palavras e abraçá-la. — Eu sabia que se passava alguma coisa contigo. Estava tão preocupada que fiquei ali durante meia hora, encharcada.

— Estavas lá dentro quando te pedi em casamento.

— Eu fui atrás de ti!

— Tu... o quê? — Os fios do meu cérebro devem ter-se cruzado, porque parecia que estava em curto-circuito.

As pancadas na porta transformaram-se numa batida forte.

— Detesto interromper-vos, mas preciso de falar convosco *imediatamente* — gritou o Graham do outro lado da porta.

— Eu fui atrás de ti — repetiu ela num sussurro, com o desespero a toldar-lhe a voz enquanto me agarrava pela farda.

— Entra — consegui gritar.

A porta abriu-se, e o Graham entrou, de cara fechada.

— O que é que se passa? — O meu estômago contraiu-se, preparando-se para más notícias.

— Lamento informar-vos, mas Mazar-i-Sharif está a cair.

CAPÍTULO VINTE E OITO

IZZY

Nova Iorque

Outubro 2018

— Tu o quê? — gritou a Serena, enrolando a toalha com força à volta do corpo e olhando para mim como se eu tivesse perdido o juízo.

Na minha histeria, quase a arrancara do duche, ignorando a mãe e o pai, que estavam na sala de estar à espera de respostas que eu não tinha.

— Ouviste-me perfeitamente!

— E deixaste-o ir embora? — Os olhos da Serena arregalaram-se.

— Não era como se o pudesse impedir! — Deus, ele estava tão... perdido. O meu coração dilacerava-me, exigindo que o perseguisse e lhe desse tudo aquilo de que ele precisasse. — O que deveria eu fazer? Prendê-lo?

— Estava a pensar que ias dizer que sim, visto que estás obviamente infeliz sem ele e que afinal o Nate tinha uma boa razão para não ter aparecido nas férias.

— Dizer que sim? Aquele não era *ele*. O Nate não estava mesmo a pedir-me em casamento, Serena! Ele estava a reagir depois do trauma de ter enterrado o Julian hoje.

— Espera. Ele enterrou o amigo *hoje*? Não mencionaste esse aspeto. — A sobrançelha dela franziu-se. — Qual deles é o Julian?

Veio-me à memória o tipo alto e louro, sorridente.

— Acho que o apelido dele era Rowell. Era um dos tipos com quem o Nate foi para as Forças Especiais. Um dos seus melhores amigos. — Esfreguei as mãos na cara. — Ele ficou tão magoado. Eu *magoei*-o. Mas como é que podia aceitar a proposta dele quando o Nate não estava claramente a pensar como deve ser? Eu tentei apontar as fissuras na argumentação dele para que visse que estava a agir de forma irracional. O Nate que conheço nunca me teria pedido em casamento daquela maneira, e, quando o referi... — A minha garganta começou a fechar-se, pensando na cara dele. — Ele precisa de uma boa noite de sono ou de ajuda, não de um noivado.

Se ele me tivesse pedido, realmente pedido em casamento, eu ter-me-ia lançado nos seus braços e nunca mais o largaria.

— E achas que ele vai daqui a correr para o sofá de um psiquiatra? — Ela agarrou-me nos ombros. — Ama-lo?

— Mais do que a própria vida. — Independentemente do que eu fizesse, não conseguia desligar a emoção.

— Então vai à procura dele e trá-lo para cá para que possa ter a ajuda de que precisa. Vai,

Lizzy.

Acenei com a cabeça e fui, precipitando-me de chinelos em direção à entrada, atravessando a sala de estar.

— Não debes ir a correr atrás daquele homem! — gritou a mãe.

— Não debes estar a agir como se soubesses alguma coisa sobre ele! — respondi.

Eles iam ficar zangados. Oh, enfim. A vida não valia a pena sem o Nate, e, se eles não conseguiam aceitar isso, então nunca me tinham amado realmente.

Não me incomodei em fechar a porta quando saí disparada do apartamento e desci os degraus do meu prédio.

— Nate! — gritei, enquanto abria a pesada porta de vidro e corria para o passeio.

Havia dezenas de pessoas ali fora. Nenhuma delas era o Nate.

Enfiei a mão no bolso central da camisola com capuz e peguei no telemóvel, seleccionando o número do Nate na página de contactos.

— Atende, atende, atende — disse, enquanto o telemóvel tocava.

Ele enviou-me para as mensagens de voz. Ou então o telemóvel estava desligado. Mas apostava na primeira hipótese.

Subi a escada até à entrada do meu prédio para ter uma visão melhor e procurei nas ruas enquanto tentava novamente ligar-lhe. Não atendeu.

O meu peito ficou amachucado como uma bola de papel descartada. Tinha-o mandado embora quando ele precisara de que o aproximasse de mim. Tinha-lhe falhado no primeiro teste a sério.

A Serena juntou-se a mim, segurando um guarda-chuva sobre a minha cabeça, e ficámos ali durante meia hora, a olhar para todas as pessoas que passavam, com o meu coração a recusar-se a aceitar o que a mente já sabia.

Ele fora-se embora.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

IZZY

Cabul, Afeganistão

Agosto de 2021

Sentei-me no sofá, a ver a cobertura jornalística de Mazar-i-Sharif numa língua que não conseguia entender, enquanto a equipa do Nate se afadigava à nossa volta.

— Tens fome, Izzy? — perguntou o sargento Rose. Tinham deixado de me chamar «menina Astor» havia mais de uma hora.

Abanei a cabeça sem desviar o olhar da televisão. A Serena estava ali, algures.

— Estes já estão todos processados e têm de voltar ao notário — disse o Nate ao sargento Black, entregando-lhe uma pilha de ficheiros que tinha consultado pessoalmente na última hora.

— Nem faço ideia do que eles estão a dizer — sussurrei, segurando uma almofada contra o meu peito.

— Ah... — O sargento Rose inclinou-se. — Estão a falar em dari. Sou melhor em pastó.

— Olhou por cima do ombro. — Green!

— O Nate fala pastó — sussurrei, estremecendo quando percebi que não tinha usado o nome *Green*.

— Sim, e dari e farsi e francês e qualquer outra coisa em que esteja a trabalhar. O tipo não sossega. — Olhou-me de relance. — E não te preocupes. Todos sabemos o seu verdadeiro nome.

O Nate sentou-se à minha esquerda, e eu mantive a rigidez para não me encostar a ele. Não tínhamos chegado propriamente a uma conclusão enquanto discutíramos. Tínhamos apenas... parado.

— O que é que eles estão a dizer? — perguntei.

— Os talibãs tomaram o controlo da cidade menos de uma hora depois de terem rompido as linhas da frente nos limites da cidade — explicou o Nate. — Quando isso aconteceu, as forças governamentais e as milícias fugiram sem dar luta.

O sargento Rose praguejou.

— O que deixa apenas Cabul e Jalalabad sob controlo do governo afegão. — O Nate olhou na minha direção. — Não devias estar a ver isto.

— Porque não? A Serena está a viver a situação. Ela disse-me uma vez que ignorar uma situação não a torna melhor para as pessoas que a vivem. — Apertei a almofada com mais força. — Ela está a vivê-la.

A porta abriu-se, e o sargento Black voltou a entrar, dirigindo-se para a zona de refeições,

onde o sargento Gray estava a fazer o que quer que o tipo das comunicações fazia.

— Falhei — sussurrei.

O sargento Rose olhou por cima da minha cabeça, para o Nate, depois levantou-se e juntou-se aos outros.

— Não falhaste — garantiu-me o Nate. — A Serena fez a sua escolha. Todos nós podemos fazer as nossas próprias escolhas. Conseguieste retirar aquela equipa de raparigas.

Escarneci.

— *Tu* retiraste a equipa. Eu tratei da papelada. — A derrota instalou-se em mim como uma âncora. — Tudo o que fiz desde que cheguei foi não conseguir convencer a Serena a ir-se embora e desperdiçar o tempo da tua equipa quando és claramente necessário noutros lados. — Também perdera um noivo, mas estava a inscrever esse aspeto na coluna das vantagens. Nem sequer me importava com o facto de ter de explicar o caso aos meus pais. Havia uma razão pela qual não falava com eles há semanas.

— O Newcastle também teria estado em Kandahar — disse o Nate. — Também teria perdido o voo de regresso do Covington. Eu continuaria a estar nesta sala. — Um sorriso curvou a sua boca perfeita. — Só não o teria deixado dormir com a cabeça no meu colo. Há limites, como deves imaginar.

— Apenas não comigo?

— Contigo, nunca — disse ele baixinho. — Sei que não serve de muito agora, mas desculpa ter perdido a calma há pouco.

Olhei-o de esguelha.

— Não perdeste.

— Perdi, sim. Só que tu não percebeste.

— Green — chamou o sargento Gray. — Tenho algo.

O Nate levantou-se, e eu voltei a olhar para a televisão.

— Izzy — disse o Nate um minuto depois.

Olhei por cima do ombro e vi-o segurar um telemóvel de aspeto desengonçado.

— É a Serena.

Saí atabalhoadamente do sofá e quase tropecei na mesinha de apoio para lá chegar.

— Serena? — disse eu para o telemóvel depois de o arrancar ao Nate.

— Vou a caminho, Izzy — informou ela. — Não sei quais são os conhecimentos do teu homem, mas eu e o Taj vamos num carro com este telemóvel todo janota.

— Estás bem? — perguntei, tapando a cara e baixando a cabeça enquanto os meus olhos lacrimejavam.

— Estou bem. Mas são quatrocentos quilómetros e muitos pontos de controlo até Cabul. As minhas credenciais devem levar-nos até lá, mas não podes esperar por mim.

O meu estômago revirou-se.

— Não posso partir sem ti.

— Podes e vais partir. Estarei no primeiro avião que conseguir apanhar, mas tens de sair daqui. Promete-me.

— Nem sei se consigo sair antes de chegares, portanto, é bem possível que esse seja um argumento discutível — tentei dizer, levantando os olhos para ver o Nate a abanar a cabeça.

— Quero poupar a bateria desta coisa, por isso tenho de ir. Mas, Iz, promete-me que vais.

— Prometo — sussurrei. — Adoro-te.

— Eu também te adoro.

Devolvi o telemóvel ao Nate, que o levou ao ouvido.

— Arranjei um voo para ela amanhã à noite. — Fixou os olhos em mim. — Vou pessoalmente transportá-la por cima do ombro até lá e prendê-la no assento.

Os meus olhos estreitaram-se para ele. Lá estava a covinha.

Uh...

— Serena, não morras. A Izzy nunca recuperaria da culpa de não te teres enfiado no helicóptero quando tiveste oportunidade. — Terminou a chamada e devolveu o auscultador ao Gray.

— Obrigada — disse eu ao Nate —, pelo que quer que tenhas feito. Obrigada. — Não estava nem perto do que ele merecia ouvir, mas foi tudo o que consegui dizer.

Ele acenou com a cabeça uma vez.

— Estava a falar sério. Vou mesmo meter-te no avião amanhã à noite.

O que significava que só me restavam vinte e quatro horas com ele.

*

Virei-me e olhei para o relógio, tal como tinha feito todas as horas desde que me deitara, um pouco depois da meia-noite. Como o Departamento de Estado dera por terminado o dia de trabalho, não fazia sentido continuar a ligar e a acompanhar os vistos, mas em algumas horas eu poderia ajudar com as entrevistas até o Nate decidir que estava na altura de ir para o aeroporto.

Quatro da manhã significava que ele provavelmente estaria a acordar.

Deitei-me de costas e olhei para o teto, deixando os meus pensamentos à solta.

O Nate achava que eu tinha recusado o pedido de casamento porque não o amava, e então colara o meu anel de noivado numa chapinha de identificação e andara com ele para todo o lado. O que deveria eu fazer com essa informação?

Ficar ali, a desperdiçar as únicas horas que poderia ter com ele, não me iria levar — nem a nós — a lado nenhum.

O meu coração batia com força quando desci da cama e entrei na sala de estar da minha *suite*, acendendo o interruptor do candeeiro enquanto o luar entrava pelas janelas.

Virei-me para a cozinha e cruzei os braços sobre o meu *top* de alças enquanto olhava para o anel. Era perfeito. Simples. Exatamente o que eu teria escolhido se tivesse estado na joalheria com ele. E ele comprara-o depois das Fiji. Depois de eu me ter resignado a viver os momentos que tinha consigo. Ele divisara um futuro para nós.

Só consegui pegar no anel à terceira tentativa. Estava ligeiramente aderente devido aos

resíduos de fita-cola e ainda mais perfeito por isso. O meu coração *sofria* perante a vida que representava, a vida que poderíamos ter tido.

Peguei na chave e saí do quarto antes de pensar duas vezes e parar.

O sargento Rose piscou-me os olhos de onde estava, junto à porta do Nate.

— Está tudo bem, menina Astor?

Bem. Que merda. Não era como se eu agora pudesse atravessar o corredor e bater à porta do Nate.

— Estás a fazer de ama-seca. — Cruzei os braços sobre o peito, mais do que um pouco consciente de que não dormia propriamente de sutiã.

— Estou de guarda, sim. — Ele abafou um sorriso por trás da barba.

— Certo. Então, vou só... — *Voltar para o meu quarto e fingir que isto nunca aconteceu.*

— Sabes que mais? — disse ele, tirando uma chave do quarto do bolso da frente. — Apetece-me agitar um pouco as coisas hoje. Porque não? — Encolheu os ombros e encostou a chave na fechadura do Nate.

A luz por cima da maçaneta ficou verde, e eu não hesitei.

— Obrigada. — Com um sorriso, agarrei na maçaneta da porta, rodando-a rapidamente para que não se voltasse a fechar.

— Só não digas que fui eu.

Acenei com a cabeça e abri a porta do quarto do Nate, entrando e fechando-a atrás de mim antes de perder a coragem. A luz saía da casa de banho, e ouvi o chuveiro a correr, mas o resto do quarto estava escuro.

— Nate? — chamei baixinho, não querendo assustá-lo, ao lembrar-me de quão mal corraa a última vez que eu cometera esse erro, mas ele obviamente não me conseguia ouvir por causa do som da água a correr.

Os meus lábios abriram-se. Ele estava lá dentro. Nu. O calor apoderou-se de mim, e usei o meu cartão de acesso para me abanar antes de o pousar em cima da cómoda dele quando o duche finalmente parou. Mas agarrei-me ao anel como se fosse a chave para o encontrar.

Eu ainda estava completamente apaixonada por ele, por isso valia a pena lutar.

— Nate? — disse delicadamente, de pé entre a cama dele e a secretária.

— Izzy? — Ouvi o som de tecido, e ele saiu da casa de banho de toalha.

Uma *toalha*.

Apenas e só uma toalha, enrolada à volta da sua cintura magra. Nem sequer se tinha secado. Não, ainda havia gotas de água a deslizar pelas mesmas linhas do seu corpo que eu traçara com a língua. Como aquela, ali mesmo... aquela que lhe escorreu pelo peito, juntando-se a outras gotas, e que depois foi caindo nos desfiladeiros dos seus abdominais antes de encontrar o seu caminho para as linhas diabólicas que esculpiam o profundo V...

— Izzy.

O meu olhar ergueu-se para o rosto do Nate, e raios me partam se o meu corpo todo não ficou corado.

— Olá.

As sobrancelhas dele ergueram-se.

— Olá? — Ele olhou para o relógio. — São quatro da manhã, e tu apareces para dizeres-me o quê? A rapariga que dorme até às dez, se puder?

— Estás de toalha. — Foi mesmo o melhor que consegui arranjar.

— Estava no duche. É uma progressão natural dos acontecimentos. Duche. Toalha. Roupa. E como raio entraste... — Suspirou. — Deixa lá, já sei quem te deixou entrar.

— Não te zangues. — O anel picou-me a palma da mão, mas mantive o punho fechado.

— Não estou zangado. Confuso, mas não zangado.

— Não conseguia dormir. Não quando sei que só me restam algumas horas contigo. —

O último pedaço da frase saiu atabalhoadamente.

A sua expressão ficou vazia. Ele estava a recuar para trás daquelas muralhas de um quilómetro de altura, onde eu não seria capaz de o alcançar, e não podia deixar que isso acontecesse. Pelo menos nessa noite.

— Pensei que estavas a pedir-me em casamento por estares em choque — disse com a mesma delicadeza que usara no dia em que nos conhecêramos. *É bom ver que estamos a evoluir.*

— Não precisamos de fazer isto.

— Precisamos, sim. — Reduzi a distância entre nós, mas não lhe toquei. — Eu ainda estava a recuperar da tua ausência em Palau, e os meus pais estavam lá, todos... paternos, pela primeira vez na vida, e depois tu apareceste, claramente perturbado por teres perdido o teu amigo, a pedir-me para decidir se havias de ficar no exército ou não, e tu não eras... tu.

As tuas palavras eram confusas, os teus olhos, selvagens, e continuavas a dizer-me que precisavas de que eu escolhesse o que devias fazer, apesar de todos os argumentos que te apresentei para mostrar que não estavas a agir da forma habitual. E, olhando para trás, eu também não tinha a cabeça bem assente, mas, Nate, não achei que fosse a sério.

— Pus-me de joelhos — sussurrou ele.

— Eu lembro-me, acredita. — Dei o último passo e pus a mão livre no seu rosto barbudo. — Só conseguia pensar que era tudo o que eu sempre desejara, e, no entanto, se tivesse dito que sim, estaria a aproveitar-me de ti no teu pior momento. Terias acordado e ter-te-ias arrependido de mo teres perguntado.

— Escolheste os teus pais.

— Não escolhi. — Abanei a cabeça. — Claro, usei os contactos do pai para entrar no gabinete da Lauren, mas foi só para ajudar com a tal lei, que nem chegou a ser aprovada. A Serena disse-te a verdade. Não fui para Washington por causa dos meus pais. Fui por ti.

As sobrancelhas dele franziram-se ligeiramente, apenas o suficiente para me dizer que eu estava a ter alguns resultados.

Engoli o medo e segui em frente.

— Perguntaste-me porque é que eu disse sim ao Jeremy.

Ele fechou os olhos.

— Não consigo, Izzy. Estás tão perto de me quebrar que mal consigo ver-me ao espelho, por isso, se vais enumerar os meus defeitos...

— Disse-lhe que sim porque ele era familiar, e confortável, e eu já tinha cometido o maior erro da minha vida ao dizer não ao homem certo. — Os olhos dele abriram-se. — Tenho vivido todos os dias com esse arrependimento. — Abri a outra palma da mão, revelando o anel. — Podes ter carregado isto contigo, mas trouxe-te aqui. — Pousei a mão no coração. — Devia ter aceitado e depois agarrar-me a ti com unhas e dentes, que se lixem as consequências, e, se soubesse que ias desaparecer minutos depois, tê-lo-ia feito. Devia ter dito que sim. Nunca deixei de te amar, Nate. Nem por um instante.

Os seus olhos brilharam durante um segundo antes de ele me agarrar a nuca e puxar a minha boca para a sua.

Finalmente.

O beijo foi como voltar para casa.

A língua dele passou pelos meus lábios, e eu derreti-me contra ele enquanto o desejo ganhava vida, espalhando-se pelas minhas veias numa vaga de fogo, despertando todos os arrepios de ânsia que haviam ficado adormecidos desde a última vez que ele me tocara. Como pudera eu viver durante quase quatro anos sem o seu beijo? Os seus braços?

Ele sabia ao mesmo, a hortelã e a Nate, e eu não me conseguia aproximar o suficiente. Quando recuou, segui-o, passando a língua pela crista sensível por trás dos seus dentes e deliciando-me com a sua respiração ofegante, com a forma como o seu abraço se cingia ao deslocar-nos para o lado.

Deixei cair o anel na mesinha de cabeceira quando ele se sentou na beira da cama, puxando-me entre as coxas, e depois beijei-o como se fosse a última vez que sentiria a sua boca na minha. Se era apenas o que tinha, mais um momento inestimável em que ele era meu para beijar, para tocar, então queria tudo.

A sua mão deslizou até ao meu traseiro, e ele agarrou-me, puxando-me com força contra si. A água encharcou o tecido fino do meu *top* de alças enquanto as nossas bocas se moviam a um ritmo que eu já esquecera. Era fome e desejo e, ainda assim, dolorosamente doce.

— Diz outra vez — exigiu ele contra a minha boca, com as mãos a deslizarem sob o tecido das minhas calças de pijama para me acariciarem o traseiro nu.

— Que parte? — provoqueei, mordiscando-lhe o lábio inferior. Meu Deus, tinha perdido aquilo. Tinha perdido tudo o que devia sentir nos braços dele.

— Tu sabes qual. — Recuou para me olhar nos olhos, e o meu coração acelerou.

— Sempre te amei. Estou apaixonada por ti, Nathaniel Phelan. — Levantei as mãos, passando-as pelo seu cabelo molhado. — E tu também me amas.

— Ah, sim? — O canto da boca dele ergueu-se.

— Sim. — Os meus dedos percorreram-lhe o pescoço e os ombros. — O teu nome de código não seria Navarre se não me amasses.

Ele prendeu-me a boca de novo, com o beijo a avançar descontroladamente com os primeiros movimentos da língua. Era o que eu desejava, do que precisava, e não apenas nos poucos minutos que tínhamos, mas para o resto da vida. Nunca mais queria passar um dia sem estar nos seus braços.

— Preciso de ti. — Nunca pronunciara uma frase com tantos significados, e todos eles eram verdadeiros. Eu precisava dele de todas as formas possíveis.

— Eu sei. Meu Deus, bem sei. — A sua mão deslocou-se entre nós, os dedos a dançarem tentadoramente na minha pele abaixo da cintura. — Sinto o mesmo. — Beijou-me o queixo, o maxilar e o ponto logo abaixo da orelha antes de deslizar os lábios pelo meu pescoço, enviando-me um estremecimento de puro desejo pela coluna abaixo e aumentando a necessidade que se acumulava entre as minhas coxas.

A minha cabeça tombou para trás enquanto a sua boca descia pelo meu peito, cobrindo depois o mamilo através do tecido e testando-o suavemente com os dentes.

— Queria tocar-te desde o segundo em que saíste do avião — disse ele, puxando-me o *top* para baixo até me deixar os seios à mostra e sugando cada ponta.

Eu gemia, com os dedos a cravarem-se nos seus ombros nus, o corpo a inclinar-se para o dele.

— Foi preciso toda a minha contenção para não te agarrar e beijar até que tirasses o anel do dedo e te lembrasses de como nos sentíamos juntos. — Aflorou-me com os dentes e desceu os dedos pela superfície do meu estômago — Não houve um dia em que não pensasse em ti, não sentisse a tua falta, não te desejasse, não te amasse. — Os meus joelhos fraquejaram. — Por favor, diz-me que te posso ter. — As pontas dos seus dedos roçaram a parte de cima da minha tanga.

— Sou tua.

Ele levantou a cabeça e beijou-me com toda a intensidade no instante em que os seus dedos me encontraram, e eu gemi contra a sua boca. Envolvendo-me a parte de trás das coxas com o braço, manteve-me ereta enquanto inseria dois dedos dentro de mim ao ritmo dos movimentos da língua.

Oh, *Deus*. O desejo e a luxúria agitavam-se dentro de mim, dominando cada pensamento que não fosse *mais perto, mais e agora*. O Nate sempre soubera brincar com o meu corpo, passava horas a estimular-me orgasmos, a construí-los até eu não aguentar mais, mas eu não ia conseguir esperar. Não desta vez.

Enfie os polegares no elástico das calças do pijama e das cuecas e fi-las deslizar pelas pernas abaixo, libertando-as com movimentos dos pés.

— Izzy — gemeu ele contra a minha boca, e depois desfez o beijo para me puxar o *top* com a mão livre. — Sabes tão bem.

— Não pares — implorei, enquanto ele acrescentava o polegar, trabalhando-me exatamente como eu gostava, como ele sabia que eu precisava. Toquei-lhe em todos os sítios que podia alcançar, passando as mãos pelos seus braços, pelo seu peito, até à irresistível extensão das costas.

— Nem penses.

Anos de desejo reprimido acumulavam-se e enroscavam-se, contraindo-me o corpo. Cada beijo levava-me mais alto, cada mergulho dos seus dedos levava o prazer ao ponto da dor.

Mas eu não queria alcançar o clímax assim, não depois de tanto tempo.

Puxei-lhe a toalha das ancas e envolvi-o com a mão. Ele sibilou enquanto eu lhe acariciava o pênis duro, passando o polegar sobre a ponta suave.

— Quero-te dentro de mim.

— Ótimo, porque é exatamente aí que quero estar. — Os seus olhos fixaram-se nos meus enquanto me sentava no seu colo, erguendo-me sobre os joelhos para que ele se encaixasse perfeitamente na minha abertura. — Amo-te, Isabelle Astor.

As palavras encheram-me o peito, e beijei-o enquanto me baixava centímetro após centímetro glorioso, os meus músculos a agarrarem-se com força enquanto ele investia para cima e me possuía até ao fundo.

Ambos gememos.

Era daquilo que eu sentira falta. Não apenas do seu corpo, mas dele. Da forma como olhava para mim, me tocava, me fazia sentir que não havia nada neste mundo que importasse mais do que o encaixe dos nossos corpos, o ritmo combinado dos nossos corações.

— Fogo, Izzy. — Ele agarrou nas minhas ancas e levantou-me, com os bíceps a flexionarem-se, antes de voltar a entrar em mim. — Sabes melhor do que todos os sonhos que já tive. Cada memória. Todas as fantasias. Tão quente.

— Outra vez — exigi, colocando braços à volta do seu pescoço e balançando-me nas suas ancas quando ele me dava o que eu pedia. Cada golpe seu irradiava através do meu corpo, e os dedos das mãos e dos pés vibravam com o mais doce zunido de puro e genuíno prazer.

Então ele deteve-se, quase paralisando debaixo de mim.

— Nate? — perguntei, afastando-me apenas o suficiente para ver seu rosto na luz fraca.

— Não podemos. — Ele ergueu-me os quadris de novo, agonizantemente lento, e a tensão da ação revelava-se em cada linha do seu rosto, como se ele estivesse a lutar contra os próprios instintos.

Peguei no seu rosto com as mãos.

— Podemos, sim. — Balançando as ancas, levei-o até ao fim e mordi o lábio inferior ao senti-lo maravilhosamente dentro do meu corpo.

— Não tenho preservativos — disse ele, contendo cada palavra. — Não estava propriamente a planear isto.

— Oh... — As minhas ancas rodaram por vontade própria, como se o meu corpo estivesse mais do que disposto a aceitar o que eu tentava reter. — Não faz mal.

As sobrancelhas dele ergueram-se, e os seus dedos beliscaram-me as ancas.

— Estou a tomar a pílula. — Aflorei-lhe os lábios num beijo. — E nunca fiz sexo sem proteção, por isso não há problema. — Para não falar da bateria de testes que fiz depois de ter descoberto as atividades extracurriculares do Jeremy.

— Eu também não — confessou ele, com as coxas a retesarem-se debaixo de mim. — Tens a certeza?

— Não sei se conseguiria parar mesmo que quisesse, e não quero. — Levantei-me sobre os joelhos e deslizei novamente para baixo, mordendo um gemido.

— Não admira que saibas ainda melhor do que me lembro, e acredita que tenho uma

excelente memória de como as coisas eram perfeitas entre nós. — A sua mão deslocou-se para o meu traseiro, e ele beijou-me profundamente enquanto me penetrava, definindo um ritmo que acompanhei com igual fervor.

A tensão dentro de mim crescia, imparável, e eu sabia que em breve se desfaria, por isso empurrei-o para trás.

Aquilo tinha de durar. De durar.

Os nossos corpos moviam-se em uníssonos, parceiros numa dança há demasiado tempo negada mas nunca esquecida. Ele beijava-me como se eu fosse o fôlego de que tanto precisava para sobreviver e tomava-me como se cada investida o deixasse com mais fome para a próxima.

— Não há nada igual em todo o mundo — disse ele entre beijos. — Nada se compara ao calor, ao encaixe, ao teu toque, Izzy. — Envolvendo-me as costas com um braço, rodou-me o corpo, deixando-me deitada de costas na cama, e depois penetrou-me, intensa e profundamente. — Quero-te de todas as formas possíveis.

Gemi de frustração quando ele saiu, mas o calor enrubesceu cada centímetro da minha pele quando ele me virou de barriga para baixo e me puxou os quadris para que eu ficasse de joelhos. Sim, sim!

— Agora.

Cada segundo que eu tinha que esperar era uma tortura.

Ele encaixou-se entre as minhas coxas e investiu, possuindo-me tão profundamente que vi luzes brilhar atrás das pálpebras.

— Nate!

— Agarra-te à cabeceira da cama. — A respiração dele era tão agitada quanto a minha, as mãos, tão vorazes quanto a necessidade que eu sentia enquanto ele acariciava cada centímetro da minha pele.

Agarrei a estrutura de madeira e depois empurrei-me contra ele na investida que se seguiu. Era mais do que tudo o que pudesse descrever. De cada vez que ele se movia, eu ardia mais, rodopiava mais.

— Tão bom. — A sua mão percorria-me a coluna enquanto ele mantinha um ritmo que me fazia gritar. — Deus, que saudades disto. Que saudades *tuas*.

Não houve palavras, apenas choques de prazer que me levaram ao limite da razão. O meu orgasmo estava tão próximo que senti as primeiras ondas crescer dentro de mim, ameaçando explodir a qualquer momento.

— Ainda não — implorei, com os músculos a contraírem-se. — Nate, ainda não quero que acabe.

— Não vai acabar — prometeu ele, com os dedos a manipularem-me os mamilos. — Deixa-te ir. Por mim.

Desfiz-me, com a felicidade a inundar o meu corpo onda após onda. Gritei para a almofada dele, com as mãos a escorregarem da cabeceira da cama enquanto eu ficava inerte por baixo dele. O paraíso. Ele era o paraíso, e eu queria mais.

Logo que me conseguísse mexer, claro.

— Foda-se — gemeu ele, com as mãos a deslizarem para os meus quadris ao acariciar-me lentamente, alimentando aquela brasa cintilante de desejo até se transformar noutra chama, mais quente do que a última. — Não estás suficientemente perto. Nunca consigo ficar suficientemente perto.

Deslizou as mãos sobre os meus seios e ergueu-me, puxando-me contra o seu peito enquanto me possuía uma e outra e outra vez.

Voltei a tocar-lhe na nuca e virei a cabeça para o seu beijo. Era um beijo de boca aberta, desesperado e sem ordem, enquanto os nossos corpos escorregadios de suor se encontravam uma e outra vez.

— Sabes tão bem dentro de mim. — As minhas unhas arranharam-lhe a nuca. — Meu Deus, amo-te. — Ele empurrou mais fundo, e eu gemi. — Quero ver-te.

Ele saiu de dentro de mim por alguns segundos apenas antes de eu dar comigo deitada de costas, com o Nate pairando sobre mim como o deus de todas as fantasias que eu já tivera. Apoiando o seu peso num cotovelo, investiu de novo para dentro, e eu arfei com aquele encaixe, levantando os joelhos num ângulo ainda melhor.

— Estás aqui. — Segurou o meu rosto, olhando-me nos olhos enquanto acelerava o ritmo. — A minha Isabeau.

Acenei com a cabeça, com as palavras a escapar-me enquanto me arqueava para ele, a tensão a crescer dentro de mim novamente a cada compressão e arrastar dos seus quadris.

Ele era tudo o que eu sempre quisera.

— Amo-te — sussurrei, envolvendo-o com os meus braços.

As palavras pareceram quebrar qualquer controlo da parte dele, porque os seus olhos escureceram e os estalidos provocados pelas suas ancas tornaram-se mais rápidos, com o ritmo a entrar num frenesim. Os seus músculos retesaram-se sob os meus dedos, e a mão desceu do meu rosto para se instalar entre nós.

Ele estava perto, as linhas duras do seu rosto eram tão belas que eu não conseguia desviar o olhar enquanto ele lutava contra o clímax.

— É a tua vez de te deixares ir — disse-lhe eu.

— Tu primeiro. — Os seus dedos acariciaram-me o clitóris, e o meu corpo explodiu, com o segundo orgasmo a percorrer-me sem pré-aviso, fazendo-me arquear e contorcer enquanto ele encontrava a sua própria libertação, estremecendo por cima de mim ao investir mais três vezes, os olhos a arregalarem-se da última.

Caiu sobre mim, rebolando imediatamente para o lado e puxando-me consigo, segurando-me perto e olhando para mim com o que parecia ser uma mistura de admiração e... determinação.

— Estás bem? — perguntei, passando a mão pelo seu rosto enquanto a minha respiração abrandava.

— Devia ser eu a perguntar isso. — Sorriu.

Não era um esgar. Não era um trejeito. Era um *sorriso* verdadeiro, de cortar o coração.

— Não podia estar melhor. — Inclinando-me, beijei-o suavemente, com lágrimas nos olhos. Dali a poucas horas, estaria num avião de volta aos Estados Unidos. — Não sei como viver sem ti, Nate. E sei que não é isso que queres ouvir neste momento. Eu tentei. A sério que tentei. Mas existir não é o mesmo que viver.

— Eu sei. — Ele deteve as minhas palavras com a boca. — Raios, como sei.

Engoli o nó que tinha na garganta.

— O que é que vamos fazer?

Ele passou a mão pelo meu cabelo.

— Vamos entrar no duche, depois vou fazer-te vir mais algumas vezes, e, por fim, vamos enfrentar este dia.

Sem promessas. Nada de juras doces. Nada de planos além do pôr do sol. Dez anos depois, voltámos a entrar em território familiar.

O Nate fez exatamente o que tinha planeado, fazendo-me vir contra a sua boca no duche e depois novamente, com as minhas costas a deslizar sobre o azulejo escorregadio de água enquanto ele se enterrava dentro de mim, possuindo-me como se pudesse prender-nos naquele momento se se esforçasse o suficiente.

Mas mal tínhamos enrolado as toalhas em volta do corpo quando alguém bateu três vezes na porta.

— Fica aqui — disse o Nate, beijando-me rapidamente os lábios inchados antes de sair da casa de banho e fechar a porta atrás de si.

Limpei o vapor do espelho e olhei para a mulher que encontrei no reflexo.

Tinha as bochechas coradas, os olhos brilhantes e o pescoço ligeiramente vermelho por causa da fricção da barba. Parecia a versão de mim de que eu mais gostava, aquela que só existia quando estava com ele.

A porta da casa de banho abriu-se, e fiquei tensa ao ver a boca séria do Nate.

— O que foi? — Virei-me para ele, temendo o pior. — É a Serena?

Ele abanou a cabeça.

— Veste-te. Eles estão às portas da cidade. — Os meus lábios separaram-se.

— Em Jalalabad?

O seu maxilar cerrou-se.

— Não. Jalalabad foi tomada ontem à noite, enquanto estávamos a dormir. Estão aqui, em Cabul.

Oh, *merda*.

CAPÍTULO TRINTA

NATHANIEL

Cabul, Afeganistão

Agosto de 2021

— E com estes são trezentos — disse o Elston, fechando a porta de acesso ao telhado atrás de nós enquanto o *Chinook* descolava com mais cinquenta retirados da embaixada.

A cidade estava um caos para lá das defesas da Zona Verde, e nós também não nos estávamos a sair muito melhor ali dentro. Pessoas em pânico são pessoas perigosas, e, apesar de a evacuação estar a decorrer de forma bastante estável, quem saberia como reagiria quem se encontrava lá dentro ao ver uma daquelas carrinhas com bandeiras brancas.

— Faltam apenas mais uns milhares — disse eu enquanto descíamos as escadas com o equipamento de combate completo. — Quanto tempo achas que temos?

— Antes de o presidente negociar uma rendição, de os talibãs decidirem ir para a Zona Verde ou de convenceres a menina Astor a pirar-se daqui para fora? — perguntou ele, sendo as nossas botas o único outro som a ouvir-se na escadaria.

— Aposto que chegam à Zona Verde antes do jantar — disse o Torres, alcançando-nos.

— Já há algumas horas que estão em negociações, por isso tenho a certeza de que essa parte irá acontecer rapidamente. Temos sorte pelo facto de as forças deles ainda estarem fora da cidade. Quanto à menina Astor... — Suspirei quando passámos o terceiro andar e nos dirigimos para o segundo. — Já lhe disse que saímos daqui às cinco, quer ela esteja ou não disposta a ir.

Ela estivera a manhã inteira fechada com o pessoal da embaixada, a tratar dos vistos de última hora e a reunir passaportes em branco para queimar. O Graham tinha ordens estritas para não sair de junto da Izzy, mas, se abusasse da regra dos trinta centímetros, eu dava cabo dele.

O barulho aumentava à medida que descíamos dentro da embaixada, e não tinha dúvidas de que o caos reinava no átrio. Aquele momento chegara mais depressa do que qualquer serviço de informações imaginara, embora a sua inevitabilidade tivesse sido um osso duro de roer.

— Tens a certeza de que não a queres mais cedo no helicóptero? — perguntou o Elston quando entrámos no segundo andar. A porta da Izzy estava escancarada, com o Parker de guarda e uma fila de civis a formar-se do outro lado do corredor.

— É uma boa pergunta — acrescentou o Torres.

— Já viste o engarrafamento nas ruas? — perguntei.

— De certeza que se consegue ver o engarrafamento a partir da Estação Espacial

Internacional — respondeu ele, com o olhar a varrer o corredor.

— Todas as pessoas que fugiram dos carros estão a dirigir-se para o aeroporto. A Apex já tem duas equipas lá e disse que é um pesadelo do caracas. O local é caos puro. O voo dela é às dez, e não a quero naquele circo mais tempo do que o necessário. Pelo menos aqui estamos num ambiente controlado.

— Por enquanto — disse o Elston enquanto entrávamos na *suite* da Izzy, passando pelo Parker, que se encontrava à porta.

— Por enquanto — reconheci. No segundo em que isso mudasse, ela partiria no helicóptero seguinte, e estava-me nas tintas para quem tivesse de arrancar lá de dentro para lhe dar lugar.

A parte de mim que nunca quisera que a Izzy testemunhasse estava em plena manifestação, e ela podia não gostar dos meus métodos, mas manter-se-ia viva, e isso bastava-me.

Encontrei-a imediatamente, sentada num dos lados da sua pequena mesa de jantar, a acenar com a cabeça para o que quer que o civil à sua frente estivesse a dizer. Era de esperar que se tivesse decretado a si própria funcionária do consulado para poder ajudar a processar o maior número possível de entrevistas.

— Ela tem estado a entrevistar pessoas sem parar nas últimas duas horas — disse o Graham calmamente, vindo juntar-se a nós.

— E almoçou? — perguntei, sem tirar os olhos dela. O tom vermelho que a minha barba deixara na pele do seu pescoço desvanecera-se num rosa claro nas horas que tinham passado desde que me despedira dela. Embora estivesse com um ar muito profissional, numa blusa creme e numas calças escuras, o cabelo enrolado num eficiente carrapito baixo, não conseguia deixar de a ver debaixo de mim, o cabelo a cair em volta do corpo nu enquanto me dizia que me amava.

A. Izzy. Amava-me.

— Sim.

Acenei com a cabeça. Ótimo. Não sabíamos como estariam de alimentos no aeroporto.

— Ela vai viajar como militar ou civil? — perguntou o Graham, com a testa a franzir-se de preocupação.

— Civil. — O meu maxilar contraiu-se. — Até há poucas horas, eram eles que descolavam com mais frequência.

— Hum... — O Graham observou a mulher em frente da Izzy, que se levantou e lhe apertou a mão.

— Está a afeiçoar-se à menina Astor, sargento Gray? — perguntou o Elston, com a barba a estremecer enquanto sorria.

— Estou mais afeiçoado aqui ao Green, que está a controlar a cena toda. — Inclinou a cabeça para o lado quando a mulher passou, com o seu dossiê. — Mas gosto dela. É simpática.

Avancei quando a Izzy se pôs de pé, rodando os ombros.

— Estás bem? — perguntei, obrigando-me a manter as mãos junto ao corpo. Não a podia beijar. Não ali. A menos que estivéssemos sozinhos.

— Estou só a tentar passar o maior número possível de pessoas — disse ela, sorrindo-me suavemente.

Meu Deus, que saudades tivera daquele sorriso em particular. Era aquele que ela me exibia quando não estava apenas feliz ou a rir, mas contente.

— Estás muito calma para alguém que se encontra no epicentro de uma zona de guerra.

— O sargento Gray contactou a Serena por mim. — Sorriu. — Ela vem a meio do caminho.

— Pontos de controlo? — perguntei.

— Passaram por todos até agora, e eu talvez tenha... — Ela franziu o nariz.

— Talvez tenhas o quê? — O meu estômago contraiu-se.

— Talvez tenha convencido o embaixador a aceitar a entrevista do Taj pelo telefone em troca dos meus serviços. — Encolheu-se. — Quero dizer, os meus serviços de entrevistadora, não... outros serviços.

— Espero que não. — O canto da minha boca inclinou-se para cima. — Então o visto do Taj está pronto?

Ela deu meia-volta e inclinou-se sobre a mesa. Não olhei para o seu traseiro.

Mas, se tivesse olhado, não fazia mal, porque ela amava-me, certo?

— Está aqui. — Acenou com a documentação. — Tenho de o pôr na minha mala.

Tirei-lho e guardei-o num dos meus bolsos.

— Eu levo-o. Se der para o torto, não se sabe se levarás a tua mala, mas a mim levas de certeza.

O olhar dela desceu para os meus lábios.

— Gosto da ideia de vires comigo.

O meu estômago revirou-se.

— Só até ao aeroporto. — Tinha de ser dito. Teria novas ordens assim que a deixasse em segurança.

— Eu sei. — O sorriso dela tornou-se triste, e pensei em dar-me um pontapé por ter de o dizer. Ela adiantou-se. — Já aí tenho a próxima pessoa.

— Vou deixar-te com ela. — A minha mão fechou-se, mas não a levantei para lhe afloar a face como queria. — Não te afastes do sargento Gray. Tenho de levar o próximo grupo para o telhado. — Ela acenou com a cabeça, e afastei-me. — Não a percas de vista — ordenei ao Graham.

— Ela só vai sair daqui quando chegar a altura de ir para o avião — assegurou.

Ao entrar no corredor, encontrei o Torres a acenar com a cabeça em direção ao meu quarto.

Olhei de relance para o Elston.

— Cinco minutos.

Ele anuiu, e eu entrei no meu quarto, com o Torres atrás de mim, antes de fechar a porta.

— A cidade está a ir pelos ares — disse-lhe eu, enfiando o resto das minhas coisas na mochila de modo a estar pronto para partir.

— Parece que sim. — Fez uma careta, sentando-se na ponta da pequena secretária.

— O que se passa? — Ajustei o fio à volta do pescoço para ficar mais confortável sob o colete à prova de balas.

— Estou apenas a ver como estás.

Os meus olhos estreitaram-se na sua direção quando o leve cheiro a fumo me chegou ao nariz. Tinham começado a queimar documentos comprometedores.

— Ei. — Pôs as mãos no ar como se estivesse a ser detido. — Se a tua atenção não está só na Izzy mas *completamente* na Izzy, então não estás a fazer bem a ninguém.

— Não estou distraído, se é isso que estás a insinuar. — Fui à casa de banho e aliviei-me logo que pude.

— Acho que é uma suposição segura — disse ele por cima do som da descarga do autoclismo.

Lavei as mãos e abanei a cabeça.

— Estou bem.

— Vais deixá-la daqui a umas horas e, falando por experiência própria, ficas sempre um pouco lixado depois de te despedires dela.

Abri a porta e olhei para o meu melhor amigo.

— Eu não fico sempre...

Ele arqueou uma sobrancelha escura.

Cedi.

— Está bem. É... — Procurei a palavra certa, a que não me atirasse para um psiquiatra e obrigasse a sair da missão. — É *desconcertante* encontrar a Izzy de novo, estar a centímetros dela a ter na minha vida e depois mandá-la de volta, não só para os Estados Unidos, mas para o mesmo ciclo em que estivemos presos durante dez anos.

— Pois é. — Ele acenou com a cabeça, e eu comecei a andar.

— Quero dizer, será que isto é mesmo o melhor que podemos fazer? — Deixei a frustração sair da caixa onde a tinha enfiado, e ela consumiu-me. — Dez anos, e faço o quê? Digo que foi fantástico voltar a vê-la e que vou ver se tenho um fim de semana livre daqui a seis meses?

— Sempre funcionou para vocês.

— Nunca funcionou para nós. É esse o maldito problema. Ela quer mais, e eu não posso dar-lho. Ela quer a vida, a casa, o sonho.

— E tu também. — Encolheu os ombros.

Detive-me.

— Não tenho tempo para isto.

— Oh, vai-te lixar. Essas são as mesmas coisas que sempre quiseste. O exército era apenas aquilo que te levava lá, lembras-te? Porque eu lembro-me. Tiraste a licenciatura em Inglês especificamente para poderes ir ensinar quando estivesse despachado do exército. — Cruzou

os braços sobre o peito. — Alguma vez te ocorreu que és infeliz porque estás a viver uma vida que nunca quiseste?

— Não. — Abanei a cabeça e olhei para o relógio. O helicóptero voltaria dentro de vinte minutos, e tínhamos de levar o próximo grupo de evacuados para o telhado.

— Tens andado a mentir a ti próprio há tanto tempo que isso se tornou a verdade. — O Torres suspirou e esfregou as mãos na cara. — Andas com esse anel por aí porque te dá esperança de um dia o pões no dedo dela. Um dia, vais fartar-te desta vida. Vives para o dia em que terás a tua oportunidade.

— Talvez não haja oportunidade. — Mantive a voz o mais calma possível, embora o peito ameaçasse enterrar o coração. — Se calhar ela merece melhor.

— Está bem. Mostra-me um homem neste planeta que a possa amar mais do que tu, e teremos essa conversa. — Os ombros dele abateram-se. — Está na altura de lhe fazeres a promessa.

— Que promessa? — Cofiei a barba. Mais uns dias e a fase da comichão passava.

— A promessa de que desta vez vais sair. — Disse-o como se fosse assim tão simples.

— Achas que devo deixar a unidade. — Pensar nisso era... Merda, nem sequer conseguia analisar os meus sentimentos ali, pois poderia não gostar do que viesse a encontrar.

— Acho que fazer isto — gesticulou em volta — nunca foi o teu sonho. Foi sempre o meu, e não nego que me ajudaste a chegar a este ponto, mas, mano, vais perder essa mulher de uma vez por todas se não te libertares dele.

E a conversa estava concluída. Virei-me e transpus a porta em direção ao corredor, com o Torres a seguir-me em passo mais ligeiro.

As sobranceiras do Elston ergueram-se.

— Está tudo bem?

— Não — murmurou o Torres.

— Claro que sim. Vamos buscar o próximo grupo.

Três horas depois, a atmosfera tinha mais do que mudado; adensara-se com o cheiro de pânico e o som de tiros. A notícia de que o governo afegão entregara a cidade aos talibãs espalhou-se pela embaixada como um incêndio.

Literalmente.

Os caixotes do lixo tinham sido enchidos e incendiados, lançando baforadas de fumo negro para o ar, e o helicóptero ia chegar a qualquer momento.

Estava na altura de partir.

— Ainda consigo fazer algumas entrevistas — argumentou a Izzy na sua *suite* enquanto lhe punha o colete balístico e fechava os lados. A *suite* estava vazia.

— Não podes. Todos os que podiam transformar essas entrevistas em vistos foram-se embora. — Tinham chegado helicópteros e mais helicópteros, evacuando o pessoal essencial, e nós partiríamos no próximo. Estava-me nas tintas para quem ficava para trás no voo seguinte, desde que não fosse ela.

— Ainda estão milhares de pessoas aqui!

— E há todas as hipóteses de morrerem aqui. Tu não vais ser uma delas. — Peguei-lhe no rosto e beijei-a intensa e rapidamente, colocando-lhe depois o capacete na cabeça.

— Consigo fazer isso sozinha.

— Mas talvez eu goste de o fazer. — Passei as costas dos dedos pela sua face. — Pega na tua mochila.

— Na tua mochila — murmurou ela, colocando a mochila aos ombros.

— Dei-ta há demasiado tempo para voltar a ser minha. Tens o passaporte? — Eu precisava dela naquele avião e fora dali.

Ela lançou-me um olhar.

— Já viajei *sem* ti, Nate.

— Bem visto. — Levei-a até à porta, consciente da algazarra que vinha do corredor. — Trinta centímetros, Izzy.

— Eu sei. — A respiração dela acelerou, e o medo dilatou-lhe as pupilas.

— Vamos embora daqui. — Estendi a mão esquerda, e ela pegou nela, entrelaçando os nossos dedos. Não havia qualquer hipótese de me afastar dela no meio do caos para lá daquelas portas. Abri-as, encontrando a maior parte da minha equipa à espera, a bloquear a porta da Izzy.

O Elston já estava no telhado, a apoiar a equipa de atiradores.

— Vamos — disse eu.

Eles cercaram-nos, e nós avançámos, cortando caminho por entre a multidão que passava de forma intermitente.

— Estamos a deixar tanta gente para trás — disse a Izzy, virando a cabeça para ver um homem correr na direção oposta.

— Este não é o último helicóptero — disse-lhe eu.

— Está cheio — disse o Graham por cima do ombro, enquanto abria a porta para as escadas.

— Eles apertam-se — respondi, sem permitir lugar a interpretações no meu tom. Mantive a mão dominante na espingarda que trazia pendurada no ombro. Não havia necessidade de assustar as pessoas, a menos que a situação o justificasse.

Ele acenou com a cabeça, e avançámos.

O Graham abriu caminho por entre a multidão enquanto subíamos os degraus, com o cheiro de fumo a intensificar-se à medida que avançávamos. Havia queimadas a decorrer em quase todos os edifícios do complexo da embaixada. Um passaporte em branco nas mãos erradas poderia levar um inimigo para solo americano, o que constituía um risco inaceitável.

Puxei a Izzy para perto de mim, com o coração a bater de uma forma inédita, ao mesmo tempo que estudava a multidão em volta, à procura de alguém que não pertencesse ao grupo, apesar de saber perfeitamente que todos os presentes tinham sido autorizados a entrar na embaixada em algum momento. Os guardas ainda estavam lá fora.

Subimos de andar em andar até nos acercarmos do acesso ao telhado, contornando todas as pessoas que aguardavam pelo *Chinook* que estava a chegar. Talvez isso fizesse de mim um

idiota insensível, mas eu tinha exatamente uma prioridade, e as centenas de pessoas que estavam à espera nas escadas não eram essa prioridade.

Não agora.

A Izzy assustou-se com o som de tiros quando estávamos junto à porta.

— Provavelmente é só uma comemoração — disse-lhe.

— Pois, é por isso que tens a mão na espingarda — murmurou ela, olhando para a equipa à nossa volta. — Que *todos* têm as armas na mão.

— Bem, isso é só para o caso de *não* ser uma comemoração — disse o Torres, aproximando-se da retaguarda ao lado do Parker.

— É só uma precaução — disse o Parker. — Nada de preocupante.

— Certo. É só uma extração normal. — A Izzy apertou-me a mão, e eu pousei o polegar sobre o batimento acelerado no pulso dela. O som dos rotores encheu o ar quando o *Chinook* se aproximou.

— Parece ser a nossa boleia — disse-lhe eu.

O helicóptero pousou no telhado, com o vento a fustigar-nos enquanto a porta traseira baixava.

— Acho que gostei mais quando descolámos do campo de futebol — disse a Izzy.

— Eu também. — Apertei-lhe a mão uma vez e deixei-a ir. — Fica atrás de mim. Trinta centímetros.

Ela assentiu, e eu levantei a espingarda com as duas mãos.

Caminhámos para o telhado exposto, e varri os edifícios em volta com o olhar. Chegar ao helicóptero significava aproximar-me da beira do edifício, e eu sabia que, se conseguia ver o desfile de veículos talibãs com as suas bandeiras brancas e as metralhadoras montadas nas caixas das carrinhas, isso significava que a Izzy também conseguia.

A Zona Verde fora violada, e eles dirigiam-se para o Arg, o palácio presidencial. A embaixada podia ser propriedade dos Estados Unidos, mas agora estávamos claramente em território inimigo.

Coloquei o meu corpo entre o dela e a berma e mantive a espingarda apontada para o chão, procurando ameaças legítimas. O Elston juntou-se a nós quando embarcámos, subindo para a porta e entrando no *Chinook*.

Mantendo-nos perto da saída enquanto os outros carregavam o helicóptero, senti-nos logo que atingimos a capacidade máxima, puxando a Izzy para perto do metal duro da aeronave enquanto a porta traseira subia. Já tinha estado em muitos helicópteros com muitas balas a voar em volta, mas nunca experimentara o tipo de ansiedade que me subiu à garganta naquele momento.

Quando arrancámos, o Torres olhou-me com um ar cúmplice sob a luz fraca, e eu abstei-me de lhe mostrar o dedo.

Ambos sabíamos exatamente qual era o meu problema.

Tinha de me preocupar com a Izzy.

O aeroporto estava um verdadeiro inferno. Crianças a chorar, homens atordoados e mulheres preocupadas enchiam o terminal, e estes eram os sortudos.

Os que estavam do lado de fora da vedação, a gritar para que os deixassem entrar? Não tiveram tanta sorte.

Quando chegámos à porta de embarque da Izzy, fiquei com o estômago às voltas.

O voo fora cancelado.

Não havia palavras suficientes no mundo para narrar os meus pensamentos, mas a Izzy limitou-se a respirar fundo e a levantar o queixo.

— Sendo assim, acho que devíamos ir à procura da embaixada temporária.

— Bom plano — concordou o Elston.

Acenei com a cabeça e partimos no meio do pânico crescente de uma multidão policiada por soldados dos Estados Unidos e da OTAN. Porta após porta, a informação era a mesma, com muito pouca gente a conseguir embarcar nos seus voos.

— Oh, meu Deus — disse a Izzy, parando no meio da passagem rolante e virando-se para a televisão.

O palácio presidencial já não estava nas mãos do governo afegão.

— A coisa está a deteriorar-se rapidamente — disse o Graham.

— Que se lixe a deterioração, a coisa *foi-se* — corrigiu o Parker. — De acordo com aquele canal de notícias, o aeroporto e a embaixada são os únicos locais que ainda controlamos.

E quem sabia durante quanto tempo controlaríamos qualquer um deles.

— Vamos lá. — Peguei na mão da Izzy, sem me preocupar minimamente se alguém via, e conduzi-nos através do aeroporto, usando as indicações do Webb para chegar ao local da embaixada temporária.

Passámos de uma multidão que roçava a histeria para um inferno administrativo. Abrindo caminho por entre as filas de civis desesperados, transpusemos a pequena barricada e fomos recebidos pelo pessoal da embaixada que já tinha sido evacuado.

— Acho que vou ver quem posso ajudar — disse a Izzy, lançando-me um sorriso incerto e acariciando a palma da minha mão com o polegar antes de me deixar ir.

— Não saias desta zona — disse-lhe eu. — Vou ver o que consigo descobrir sobre os voos.

Ela acenou com a cabeça, certificando-se de que tinha a identificação visível, antes de se dirigir ao primeiro funcionário.

— Vê se descobres o que se passa com a irmã dela — ordenei ao Graham.

Ele assentiu, e eu comecei a trabalhar para arranjar um avião para a Izzy sair dali.

Normalmente, eu adorava o nascer do sol e as possibilidades que ele trazia, mas aquele

parecia apenas uma variante nova da iluminação no mesmo maldito dia.

Estávamos ali havia trinta e seis horas, enquanto, à nossa volta, a cidade se precipitava no caos. Os relatórios que nos chegavam eram angustiantes. Havia mais de cem mil pessoas a precisarem de ser retiradas, e nem um único avião as conseguia tirar de lá. Embora alguns voos tivessem conseguido partir na noite em que chegáramos ao aeroporto, todos tinham sido cancelados de véspera.

A Izzy trabalhara no duro e estava deitada no chão, usando a mochila como almofada, naquilo que eu considerava ser o canto mais seguro da embaixada temporária.

— Arranjaste um voo para a nossa menina? — perguntou o Graham à minha direita, falando em voz baixa enquanto eu a observava a dormir a alguns metros de distância.

— Mais ou menos. — Queria substituir a mochila pelo meu peito, para a abraçar durante os últimos minutos que me restavam. A nossa reunião com o Webb, uma hora antes, correria exatamente como eu previra... e receara.

— Isso é uma resposta da treta — respondeu o Graham, com o sobrolho franzido.

— É uma situação da treta. — E aquilo era dizer pouco. — Eles esperam obter autorização hoje, mas, enquanto não abrirem as pistas e as libertarem de pessoas, não há quase hipótese de alguém sair.

— Quase? — Ele olhou-me de lado.

— Não somos propriamente a única *companhia* americana aqui. — Cruzei os braços sobre o peito e memorizei o rosto dela de novo, reparando nas sombras roxas por baixo dos olhos.

— Ah... — O Graham acenou com a cabeça, percebendo o que eu queria dizer. — Já entendi. Ela sabe da irmã?

Abanei a cabeça, com o estômago a afundar-se.

— Não. E não vai saber.

— Não lhe vais contar sobre os postos de controlo? Sobre os repórteres alvejados? — O Graham ergueu as sobrancelhas, com os olhos escuros arregalados.

— Não. — Engoli o nó na garganta que parecia ter-se instalado ali desde que a Izzy chegara ao país. — Ela nunca entrará no avião se souber que há uma grande probabilidade de a Serena não o fazer.

Uma hora antes, eu nem sequer conseguia prender a Izzy no seu lugar. Agora só tinha de rezar e confiar que ela entraria no avião.

Tínhamos uma nova missão.

A Izzy mexeu-se, os seus olhos abriram-se e encontraram os meus em segundos. Ela sempre tivera uma estranha noção de onde eu estava. Sentia as costelas tão apertadas que quase esperei que elas se partissem, tal era a dor no meu peito.

Ela sentou-se lentamente, com a trança solta a deslizar sobre o ombro, mas não sorriu. O que quer que houvesse no meu rosto denunciara-me, e ela sabia que algo se passava.

Como é que eu iria fazer aquilo?

— Cinco minutos? — perguntou o Graham.

— Dez — disse o Torres atrás de nós.

— Dez — concordei. Dez nunca seriam suficientes, mas era tudo o que tínhamos.

O Graham deu-me uma palmada nas costas e afastou-se, dirigindo-se para o ponto de encontro.

Eu fiquei ali, com os olhos fixos nos dela, a debater-me para encontrar as palavras certas.

Errado. Abandoná-la parecia errado, em todas as células do meu corpo, e, no entanto, não havia nada que pudesse fazer. Ordens eram ordens.

Estava a ficar farto de ser colocado numa posição em que ela nunca poderia ser minha, quando já o era em todos os aspetos que importavam.

Dirigi-me à Izzy, que estava de pé, com um ar solene:

— O que se passa? — perguntou ela.

Colocando a mão na parte inferior das suas costas, guiei-a para o canto, onde podia tapar o seu corpo da vista dos funcionários da embaixada, na esperança de ter apenas alguns minutos de privacidade.

— Tenho de ir. — Cada palavra rasgou parte da minha alma. Os seus lábios entreabriram-se.

— Está bem. Quando voltas?

— Não volto.

Os seus olhos castanho-escuros arregalaram-se.

— Temos outra missão. Há... — Engoli em seco. — Há sítios onde temos de estar e coisas que temos de fazer. — Mesmo que pudesse contar-lhe onde nos iríamos meter, não o faria. A preocupação matá-la-ia.

Tudo nas próximas horas poderia alterar o resto da vida da Izzy.

— Ah. — Os ombros dela afundaram-se. — É compreensível. Estou tão segura quanto é possível estar, e as tuas capacidades estão a ser desperdiçadas no aeroporto. — Olhou para mim, forçando um sorriso que eu já vira demasiadas vezes na última década. Oferecera-me de cada uma das vezes que eu tivera de partir.

— Ouve-me com atenção. — Agarrei-a pelos ombros com as mãos. — Às três horas, virão buscar-te. É um homem de estatura média, com barba grisalha, e irá saber como nos conhecemos. Não terá o meu encanto estrondoso, mas vai pôr-te num avião daqui para fora.

Ela franziu o sobrolho.

— Nate, não irá haver aviões a saírem daqui para fora.

— Mesmo que isso seja verdade, este vai. Os aviões da companhia tendem a ir para onde querem, quando querem. Este irá levar-te de volta aos Estados Unidos. — A minha mão deslizou para o lado do pescoço dela. A pele era tão macia.

Ela pestanejou.

— E têm espaço para mim?

— És uma assistente do Congresso. Confiar em mim. Têm interesse em que chegues a casa o mais discretamente possível. — A Izzy era um pesadelo de relações-públicas iminente.

— E a Serena? — A esperança nos olhos dela dilacerou-me.

— Ele tem um lugar para a Serena. Para o Taj também. — Fora preciso reclamar todos os

favores que alguma vez ganhei, mas a segurança dela era o mais importante. — Se a tua irmã não estiver de volta às três horas, tens de apanhar o avião na mesma. — Olhei profundamente para os seus olhos, desejando que ela concordasse, que fosse flexível por uma vez na sua maldita vida.

O queixo dela recuou quando abriu a boca, e eu percorri-o com a mão, passando o polegar pelos seus lábios macios.

— Por favor, Izzy. Tens de ir. Vai ser a coisa mais difícil que alguma vez farás. Mas tens de entrar no avião. — Inclinei-me de modo que os nossos rostos estivessem apenas a centímetros um do outro e pus-lhe a mão na nuca. — O aeroporto vai acabar por se render aos talibãs, e eu não estarei aqui para te ajudar. Tens de sair daqui para fora. *Preciso* de que vás.

— Não a posso deixar — sussurrou ela, com a voz embargada.

— Podes, sim. Vais deixar. É o que ela quereria. — Se ainda estivesse viva para querer.

— Não posso deixar-te. — Abanou a cabeça.

— Não estás a fazê-lo. Sou eu quem está sempre a ir-se embora.

— Posso esperar mais um dia — protestou ela, com as mãos a agarrar-me os braços.

— Não podes. — Encostei a minha testa à dela e respirei profundamente. — Lembras-te de quando te perguntei para onde irias se soubesses que o mundo tinha vinte e quatro horas antes de acontecer uma catástrofe? E tu disseste que irias para onde pudesses ser mais útil?

— Não é a altura para esses jogos, Nate. — Ela puxou-me para mais perto, com as lágrimas a encherem-lhe os olhos.

— Lembras-te?

— Sim. — Ela acenou com a cabeça. — Foi quando estávamos a sair de Kandahar.

— Pergunta-me.

O lábio inferior dela tremeu.

— Para onde irias se soubesses que o mundo tinha vinte e quatro horas antes de acontecer uma catástrofe?

— Iria para onde estivesses. Sabia-o naquela noite em Tybee. Provavelmente, soube-o no momento em que me pegaste na mão, naquele avião. Não há força na Terra que me afaste de ti. — Beijei-a suavemente. — É por isso que tens de entrar no avião, Izzy. Não serei capaz de pensar, de me concentrar, de me afastar de ti nem que seja por trinta centímetros, se não souber que vais para um lugar seguro.

— Somos ímanes, certo? — disse ela, pondo os braços à volta do meu pescoço. — Encontramo-nos sempre.

— E voltaremos a encontrar-nos, prometo. — Uma das minhas mãos desceu até ao ângulo suave da sua cintura enquanto me debatia com as emoções que ameaçavam arrastar-me. — Ainda não tivemos a nossa oportunidade.

Erguendo-se na ponta dos pés, ela beijou-me.

Encostei a minha boca à dela e aceitei o beijo como se pudesse ser a última vez, deixando-nos ambos a respirar com dificuldade quando finalmente arranjei forças para levantar a

cabeça.

— Amo-te, Isabeau Astor. Promete-me que vais apanhar o avião. Sei que queres ficar pela Serena, mas preciso que partas por mim.

— Promete-me que vais voltar para casa.

— Prometo que vou voltar para casa. Vou encontrar-te. Teremos a nossa oportunidade.

— O meu peito ardia de tanto a amar, do difícil que era afastar-me dela em qualquer situação, quanto mais naquele lugar.

— Amo-te — disse ela, abraçando-me com mais força ainda, e eu deixei-lhe um beijo intenso na testa, esforçando-me ao máximo para respirar fundo de modo a reduzir o ardor que sentia nos olhos.

— Amo-te — sussurrei.

Então larguei-a, e os seus braços caíram enquanto eu me afastava, lançando-lhe um último olhar antes de me virar e de obrigar os pés a moverem-se, as pernas a levarem-me para longe dela.

— Lamento — disse o Torres, desencostando-se da parede enquanto eu passava por ele.

— Sei o que ela é para ti.

Tudo. Ela era tudo.

— Se te pedisse para ires com ela, irias?

— Se pudesse, sabes que sim. — Lançou-me um olhar tão cheio de remorso que tive de desviar o meu. — Mas não posso, Nate, e tu sabes porquê.

— Sim. — Peguei na mochila que tinha deixado junto à entrada da embaixada temporária e pu-la às costas, encaixotando todas as emoções possíveis. Não era o momento de perder a cabeça por causa da Izzy. Era o momento de agir *pela* Izzy. — Infelizmente, sei.

CAPÍTULO TRINTA E UM

IZZY

Cabul, Afeganistão

Agosto de 2021

Vi o relógio contar os minutos após a partida do Nate, depois as horas, recompondo-me para conseguir ajudar sempre que possível.

Havia demasiadas pessoas, mas não havia funcionários que chegassem.

O pânico era palpável, e, quando os voos começaram a descolar novamente, essa energia transformou-se em puro desespero. Desespero para encontrar familiares desaparecidos. Desespero para obter um visto há muito submetido. Desespero para conseguir um lugar em qualquer avião que fosse para qualquer lugar que não aquele.

Olhei para cima a cada minuto possível, procurando a minha irmã num mar de rostos, mas sem nunca a encontrar. O Nate tinha ido embora. A Serena estava sabe Deus onde, e não havia nada que eu pudesse fazer para ajudar nenhum deles.

Depois de dizer ao décimo segundo — ou talvez mais, perdi-lhes a conta — intérprete militar que não podia fazer nada para lhe acelerar a documentação, senti-me derrotada em todos os sentidos.

As três horas chegaram antes de eu estar pronta. E, antes de conseguir passar à pessoa seguinte na fila, apareceu um homem à minha esquerda.

Um homem com uma barba grisalha, envergando umas calças estilo tropa, com uma arma no coldre, uma camisa preta e um colete à prova de balas.

— Isabeau Astor? — perguntou ele.

— Foi o sargento Green quem o enviou — adivinhei, com uma fissura a abrir-se no coração.

— Ambos sabemos que o nome dele não é sargento Green, mas pronto. — Ele anuiu, esboçando um sorriso tenso. — Disse que a conheceu durante um acidente de avião.

Acenei com a cabeça.

— Temos de ir, não é?

— Sim. — Havia uma dose saudável de compaixão nos seus olhos. — Suponho que a sua irmã não apareceu? — Olhei para a multidão de pessoas à espera e abanei a cabeça. — Lamento, mas não podemos esperar.

— Eu percebo. — Estava-me na ponta da língua recusar, para ficar e fazer o que pudesse enquanto pudesse, mas o olhar no rosto do Nate passou-me pela mente.

Não serei capaz de pensar, de me concentrar, de me afastar de ti nem que seja por trinta centímetros, se não souber que vais para um lugar seguro.

Ele passara os últimos onze dias a arriscar a vida para me proteger.

Talvez eu tivesse falhado na minha tentativa de trazer a Serena para casa, de ajudar o seu intérprete, de ajudar... qualquer uma daquelas pessoas. Mas podia permitir que o Nate não falhasse.

— OK. — Assenti, pegando no visto do Taj e entregando-o ao funcionário da embaixada que se encontrava no posto ao meu lado. Pondo a mochila ao ombro, olhei para o homem que o Nate mandara ir buscar-me. O homem a quem ele me confiara. — Estou pronta.

Não estava, mas iria. Fá-lo-ia pelo Nate.

Porque ele me amava. Porque ele andara com o meu anel durante três anos. Porque me tirara daquele avião. Porque eu não o agarrara quando devia tê-lo feito, arrependendo-me dessa escolha desde então.

Segui o homem sem nome pelo aeroporto e não desviei o olhar do sofrimento, do medo gravado em cada rosto. Fui testemunha, deixando que a expressão de cada pessoa me tocasse, me marcasse, porque a Serena não estava ali para o fazer.

— Suponho que, se eu quisesse dar o meu lugar a outra pessoa, não me deixaria fazê-lo, certo? — perguntei enquanto ele me conduzia até à pista.

— Prometi ao seu homem que a amarrava no seu lugar se fosse preciso para que partisse neste avião. — Um canto da sua boca levantou-se. — E vai ver que não sou tão bonzinho como ele. Faço-o mesmo.

Atravessámos o cimento a escaldar, e eu olhei através das ondas de calor cintilantes, para as montanhas que achara tão bonitas quando tínhamos aterrado ali, onze dias antes.

Onze dias haviam sido suficientes para que o meu mundo fosse sacudido como um globo de neve. Agora, restava-me recostar-me e ver onde os flocos caíam, esperando reconhecer a paisagem.

Caminhámos silenciosamente em direção a uma vedação alta de metal coberta com uma proteção contra o vento, e desejei muito ter desenvolvido a incrível capacidade de compartimentação do Nate. Em vez disso, experimentava uma sensação aguda de perda a cada passo que dava para longe da minha irmã, do Nate. Como podia abandonar as duas pessoas que mais amava no mundo?

O homem acenou a um guarda, que abriu o lado esquerdo de um portão enorme para nos deixar passar.

Um avião prateado sem qualquer identificação esperava do outro lado da cerca.

— É um *Hércules* adaptado — explicou-me o homem, embora eu não tivesse perguntado.

— É lindo — respondi, sem saber o que dizer.

Ele riu-se.

— Vê-se mesmo que está na política.

— Nem por isso. — Mesmo quando estivera, fizera-o pelas razões erradas.

Levou-me a subir a escada e a entrar no avião, que fora equipado não só com ar condicionado, mas também com uma série de bancos, três de cada lado, que se estendiam por uma dezena de filas. Quase todos os lugares já estavam cheios.

— É ali. — Apontou para a primeira fila do lado direito do avião, onde ainda havia dois lugares vagos.

— Obrigada.

— De nada. — As sobranceiras dele ergueram-se. — E estou a falar a sério. De nada.

Acenei com a cabeça. Não era ingénua ao ponto de não perceber o uso repetido da palavra *companhia* quando o Nate me falara do voo.

O lugar à janela estava vago, por isso ocupei-o, só para provar a mim própria que era capaz. Já tinha voado por todo o país a espreitar pela janela de um helicóptero *Black Hawk*. De certeza que conseguiria sair dali sentada à janela.

Coloquei o cinto de segurança sobre as ancas e tentei não pensar no facto de o Nate e a Serena ainda estarem lá fora. Mas havia um lugar vazio...

O meu coração gritava de saudade. Já tinha entrado em muitos aviões com um lugar vazio nos últimos quatro anos, sempre à espera de que o Nate aparecesse.

Dessa vez sabia que não havia qualquer hipótese de isso acontecer, o que me dilacerava.

Abrindo o fecho da mochila para tirar os auriculares, pisquei os olhos para o livro que estava enfiado lá dentro. Era o exemplar do Nate de *A Cor Púrpura*, que ele estava a ler quando eu chegara. Apertei o livro contra o peito e fiz os possíveis para abafar um soluço quando alguém fechou a porta à direita.

Um minuto ou dois depois, o avião começou a avançar lentamente, e a minha garganta fechou-se de tal forma que era difícil respirar.

— Perdoa-me — sussurrei, sem contudo saber a quem estava a implorar. Ao Nate? À Serena? A todas as pessoas que eu deixara para trás e que não tinham lugar num avião secreto?

Então o movimento parou, e olhei pela janela, mas não havia fila para a descolagem nem nada. Alguém saiu do *cockpit* levando a mão à porta, abrindo-a com uma eficiência rápida e descendo de seguida os degraus.

— Vamos! — gritou o piloto, inclinando-se para fora da porta.

Recuou um momento depois, quando duas figuras irromperam pela porta e entraram no avião.

O Taj e a Serena.

Obrigada, meu Deus.

Ela tinha um olho negro, e a manga da camisa azul estava ensanguentada, mas estava ali, a avançar na minha direção com um sorriso cheio de lágrimas. O Taj encontrava-se em muito pior estado enquanto caminhava pelo corredor central até ao lugar desocupado, algumas filas atrás.

Ela abateu-se no assento vazio ao meu lado, deixando cair a mala entre os joelhos antes de se virar para mim e me puxar para perto.

— Conseguiste — sussurrei, soltando o livro no colo e abraçando-a com força enquanto o piloto fechava a porta.

— Graças ao Nate e à sua equipa — respondeu ela, afastando-se o tempo suficiente para

me olhar de cima a baixo, como se fosse eu quem tivesse sido claramente sovada.

— O quê?

— A equipa do Nate foi ao posto de controlo onde nos tinham retido — explicou ela. — São a única razão de estarmos aqui. — Afagou-me o cabelo para trás. — Bem, o Nate e tu, que conseguiste tratar do visto do Taj.

O avião recomeçou a deslocar-se, e a Serena inclinou-se para a frente, abrindo a mala e tirando qualquer coisa do interior. Colocou-a na palma da minha mão aberta e olhou-me nos olhos.

— Ele pediu-me para te dizer que te ama e que entrará em contacto contigo quando chegar a vossa oportunidade.

O meu coração disparou e olhei para a minha mão.

Era o fio enrolado em fita-cola.

Recostei-me no assento e deixei as lágrimas caírem enquanto o avião percorria a pista, com a Serena a segurar a minha outra mão no momento em que nos lançávamos nos ares, deixando o Nate para trás.

— Ele vai ficar bem — prometeu a Serena.

— Eu amo-o.

— Qualquer pessoa que esteja convosco sabe disso — comentou ela. — Afinal, qual é a história desse fio? — perguntou, inclinando-se para tirar a máquina da mala. Ela tinha sorte em ter conseguido escapar, e com o equipamento fotográfico.

Fui retirando as camadas de fita-cola até o meu anel aparecer.

— É a nossa oportunidade.

— É lindo. — Ela pestanejou, depois fitou-me abertamente através do olho que não estava inchado.

— Sim, é mesmo.

O sobrolho dela franziu-se.

— Isso é uma chapa de identificação?

— Não tenho a certeza — disse eu, retirando a fita do resto do metal. — O Nate disse-me que só levava o anel em missões que não exigiam higienização, mas... — Pus o anel de noivado na mão direita para o manter seguro e depois limpei o nome do resíduo pegajoso. — Não é dele.

— Não é? — Ela olhou-me de relance, passando as fotografias no ecrã da máquina.

— Não.

Eu não era a única pessoa que o Nate trazia consigo. A etiqueta dizia TORRES, JULIAN.

— Estava enganada — sussurrei. Sempre presumira que o Julian era o Rowell, o que mostrava quão pouco sabia do tempo que eu e o Nate permanecíamos separados, durante todos esses anos.

— Olha o que eu consegui há cerca de uma hora. — Inclinou o ecrã da câmara na minha direção.

Era uma fotografia de perfil do Nate. O meu coração apertou-se ao ver o seu maxilar

determinado, a escultura perfeita dos seus lábios.

— Sabes — disse a Serena calmamente —, eu podia publicar isto, e ele teria de sair da unidade.

O meu olhar saltou para o dela. Uma simples ação mudaria... tudo. Teríamos uma hipótese de ficar juntos. Mas a que custo?

— Ele provavelmente ficaria zangado...

— Não. — Abanei a cabeça, com os dedos a enrolarem-se sobre a chapa de identificação.

— Se o Nate sair, tem de ser por decisão própria. — Eu não tomara essa decisão por ele em Nova Iorque e não a tomaria agora. Aceitá-lo-ia exatamente como ele escolhesse vir ter comigo.

— E até esse dia mágico? — perguntou a Serena.

— Espero.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

NATHANIEL

Fort Bragg, Carolina do Norte

Setembro de 2021

Respirei fundo no corredor vazio, diante da porta que há duas semanas ficara agendado eu transpor. Ingenuamente, pensara que fazer a chamada inicial seria o mais difícil, mas não fora. Estar aqui, a olhar para os letreiros médicos ao lado da porta, a decidir se devia ou não rodar a maçaneta, era infinitamente mais difícil.

A clínica não tinha o cheiro de desinfecção que era habitual nos hospitais, mas também nunca tínhamos sido observados por médicos normais.

— Tu consegues — disse o Torres do meu lado esquerdo.

— Se o fizer, acabou-se — respondi, falando em voz baixa. — Sabes bem que me irão expulsar da unidade.

— Sim. E talvez então comeces a viver para ti. E arranja também ajuda para esses pesadelos, para não teres receio de dormir ao lado da tua miúda. Não és o teu pai. Nunca serás o teu pai. Mas, ainda assim... precisas de ajuda. Provavelmente devias pensar no que fazer à quinta.

Olhei de relance para ele, com a mão a alcançar a maçaneta da porta.

— Tens de te desapegar, Nate — disse ele, oferecendo-me um sorriso. — Carregaste merdas que não são tuas durante demasiado tempo. Essa culpa? Não é tua. A carreira de que não gostas assim tanto? Não é tua. Mas a Izzy? Ela é tua. Por isso, se não entrares por aquela porta por ti, pensa que o estarás a fazer por ela.

Izzy.

Tinham-se passado seis semanas desde que a deixara no aeroporto de Cabul para lhe poder dar a única coisa que sabia ser-lhe necessária — a Serena. Sentia a falta dela a cada respiração, mas sabia que ainda não estava na altura.

Se tínhamos uma única oportunidade, não podia desperdiçá-la.

Olhei uma última vez para o Torres, abri a porta e entrei.

O Dr. Williamson levantou-se da secretária com um sorriso profissional e fez sinal para as cadeiras que se encontravam diante da sua secretária.

— Como vai isso, Phelan?

Normalmente, ter-lhe-ia dito que estava bem. Que andava a dormir, a comer e a relaxar como se pretendia.

Mas mentir não me levava a lado nenhum, por isso talvez fosse o momento de dizer a verdade.

Afundi-me na cadeira e fitei o médico nos olhos.

— Tenho falado com o meu melhor amigo como recurso para lidar com o stresse, as missões, enfim... tudo.

Ele acenou com a cabeça, recostando-se na cadeira.

— Parece-me bastante normal.

— Sim, só que ele está morto há quatro anos. Acha que me pode ajudar? — Apertei os joelhos e esperei pela resposta.

— Sim — disse ele. — Acho que o posso ajudar.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

IZZY

Washington, DC

Outubro de 2021

Instalei-me no meu lugar e guardei a mala, apertando de seguida o cinto de segurança enquanto os meus companheiros de viagem embarcavam, à minha volta.

Pela primeira vez desde Palau, fizera uma mala completa. Fatos de banho, túnicas, vestidos de verão, tudo. Não tinha notícias do Nate desde que saíra de Cabul, e, claro, o meu coração disparara ao pensar na possibilidade ínfima de ele acabar mesmo por ir ter comigo ao ponto de escala. Contudo, mesmo que isso não acontecesse — o que era mais do que provável —, eu faria o *check-in* no nosso *bungalow* nas Maldivas, dormiria até ao meio-dia, apanharia banhos de sol e sonharia com ele.

Porque era isso que ele queria que eu fizesse.

Tinha quase a certeza de que ele ainda estava em missão, tendo em conta o estado do mundo. Como me explicara, haveria sempre um sítio onde a presença deles seria necessária.

Algures nas últimas seis semanas, entre olhar para o telemóvel à espera de uma chamada que não vinha e fixar a porta de casa quando os pensamentos mais sombrios levavam a melhor, cheguei a uma conclusão. Se eu quisesse ficar com o Nate, ficar *realmente* com ele, precisava de duas coisas: força e paciência.

Força para saber que ele me amava e que viria ter comigo quando pudesse, e paciência para esperar por esses dias.

Ah, e um pouco mais de liberdade do trabalho que eu, na verdade, detestava, quando fosse preciso.

Peguei no romance que tinha comprado na livraria do aeroporto e tirei a tampa de um marcador novo enquanto o casal do outro lado do corredor se sentava. Quando o Nate voltasse, eu teria uma biblioteca cheia de livros sublinhados para ele devorar.

Quando o Nate voltasse.

O sol brilhou por entre as nuvens durante um momento, entrando pela janela ao meu lado e fazendo o diamante da minha mão cintilar. Um anel como aquele não fora feito para estar tapado com fita-adesiva e escondido. Fora feito para brilhar, o que aconteceria na minha mão esquerda, até o Nate o retirar e substituir pela aliança.

Cruzei as pernas e recostei-me, lendo a primeira página.

— Com licença, posso passar? — A voz profunda deslizou sobre mim como a mais macia das sedas, e o meu coração sobressaltou-se no instante em que baixei lentamente o livro e olhei para cima.

Não era ele. Não podia ser ele. Mas era.

— Tenho o lugar à janela. — Ele sorriu, mostrando a covinha, e abriu a boca de espanto quando passou por mim para se enterrar no assento à minha direita.

— Tu... — A minha respiração tornou-se irregular quando fitei os meus olhos azuis preferidos. — Só devias ir ter comigo a Boston.

— Mudei de voo. — Encolheu os ombros. — Achei que, já que íamos passar uma semana nas Maldivas, devíamos viajar o máximo de tempo juntos.

Assenti, porque fazia todo o sentido... num mundo em que o Nate não estivesse constantemente em missão. Num mundo em que ele realmente aparecesse nos voos que marcava.

— Tenho algumas coisas para te dizer. — O sorriso desapareceu-lhe do rosto.

— Bem, parece que temos tempo. — Fechei o livro e virei-me para ele. — Também tenho algumas coisas para te dizer.

— Ah, sim? — Ele aproximou-se e pegou na minha mão. Esse contacto simples foi o paraíso absoluto.

— Detesto mesmo estar na política. — Torci o nariz.

— Isso não é novidade. — O polegar dele moveu-se em círculos pequenos e tranquilizadores na minha pele.

— Talvez tenha pedido a demissão. — Saiu-me num sussurro apressado.

Ele sorriu.

— Engraçado mencionares esse assunto. É bem possível que eu tenha feito o mesmo. — Os meus lábios entreabriram-se enquanto eu procurava as palavras a dizer. Quaisquer palavras. — Estava na altura. — Ele ergueu a mão para o meu rosto e pô-la na minha face. — Estou loucamente apaixonado por ti, e já não quero ser a tua possibilidade. Não nos vou deixar entregues ao destino.

Encostei-me à palma da mão dele e olhei-o fixamente, aterrorizada por fechar os olhos, com medo de que tudo aquilo fosse um sonho e eu acordasse sozinha na cama, agarrada a um cenário que fosse fruto da minha imaginação.

— Acho que estás na altura da nossa oportunidade. O que dizes? — O olhar dele desceu para a minha boca. — Quero dizer, talvez devas saber que estou a ter acompanhamento psicológico, e poderás não querer estar presente quando...

— Sim. — Acenei com a cabeça, com o coração a bater tão descontroladamente que quase esperei que me saltasse do peito. — A minha resposta é sim. Vamos tentar. Avançaremos devagar ou depressa. Faremos tudo aquilo de que falámos e teremos sonhos novos. Não me interessa onde viveremos ou o que faremos, desde que o possa fazer contigo. Amo-te.

— Izzy? — Ele inclinou-se sobre o braço da cadeira enquanto o avião recuava, abandonando a porta de embarque.

— Nate? — Aproximei-me mais dele.

— Vou beijar-te.

Sorri quando a sua boca se uniu à minha e depois suspirei quando ele aprofundou o beijo e continuou durante toda a descolagem. No momento em que levantámos a cabeça, estávamos bem acima das nuvens.

Eu não sabia como seria este novo futuro, mas sabia que era nosso.

E isso era tudo.

EPILOGO

NATHANIEL

Maine

Cinco anos depois

O sol de setembro manchava os pinheiros que balançavam por cima de nós, restolhando suavemente na brisa, no momento em que nos sentámos debaixo deles, sobre uma manta espessa.

As minhas pernas estavam alongadas diante de mim, a cabeça da Izzy no meu colo.

Era a minha forma preferida de pôr o trabalho em dia.

O outono no Maine era a minha altura preferida do ano. Fora o sítio perfeito para começarmos a nossa vida para sempre. Pinheiros, espaço suficiente para as nossas famílias respirarem e nós os dois. Eu sabia que a Izzy tinha saudades da Serena, mas ela passava a maior parte do tempo em reportagem, e ambas arranjavam sempre tempo para se verem quando ela voltava aos Estados Unidos.

Classifiquei o trabalho de uma aluna, comentando uma observação excecional que ela fizera na sua análise de *Macbeth*, enquanto a Izzy lia o que parecia ser um relatório redigido em nome de uma organização local sem fins lucrativos.

Paz. O sentimento que me percorria era exatamente o que eu procurara a vida inteira, e existia onde quer que a Izzy estivesse.

Quando terminei aquele trabalho, reservei um instante para lhe pentear o cabelo para trás. Não importava quantos dias passara com ela. Parecia sempre mais bonita de cada vez que a via.

Ela pousou o caderno, o sol a incidir na pulseira de diamantes e ouro da mão esquerda, e sorriu para mim.

— Falta muito?

— Mais três. Tu?

Ela virou o documento, olhando para a sua extensão.

— Talvez dez minutos.

— Tens planos para a tarde? — Fiz deslizar os dedos pelo seu braço nu. Tocar-lhe também nunca era de mais. Era o que eu mais gostava de fazer. Bem, exceto falar consigo. Ou beijá-la. Basicamente, eu alinhava em tudo o que envolvesse a Izzy.

— Não me vem nada à cabeça. — Enfiou uma mão por baixo da minha *T-shirt*, e o meu estômago contraiu-se. — Porquê? Apetece-te fazer alguma coisa?

— Estava a pensar em levar-te de volta para a cama e passar o resto do dia a adorar o teu corpo.

Os seus lábios entreabriram-se e ela pôs-se de pé.

— Sim. Parece-me um bom plano.

— Não podes esperar mais dez minutos? — disse eu, rindo, já a pegar na minha pilha de ensaios e no cobertor onde estávamos sentados.

— Não. — Ela afastou-se com um sorriso irresistível, dirigindo-se para a porta das traseiras de nossa casa. — O trabalho pode esperar.

— Não podia concordar mais. — Persegui-a até casa e, mal a alcancei, peguei-a ao colo, enroscando-a no cobertor.

Os trabalhos caíram no chão com o relatório no momento em que entrámos.

Depois, as minhas mãos ocuparam-se da Izzy.

Ela tinha razão.

O trabalho podia esperar.

Finalmente, tínhamos a eternidade.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar e acima de tudo, obrigada ao meu Pai Celestial por me ter abençoado para lá dos meus mais loucos devaneios.

Obrigada ao meu marido, Jason, por tratar da nossa vida quando eu desapareço na caverna da escrita. Escrever este livro devolveu-me às sensações experimentadas nos longos anos que passaste no Afeganistão e no Iraque. Estou imensamente grata por cada um dos vinte e dois anos que passaste fardado, mas ainda mais pelos dias que temos juntos, agora que te retiraste do ativo. Obrigada aos meus filhos, que não pestanejam quando estou a cumprir prazos e me inspiram sempre. Obrigada à minha irmã, Kate — crescer como filha de militar é muito mais fácil com uma amiga como tu. Obrigada à maravilhosa Emily Byer, por estar sempre a ligar.

Obrigada à Lauren Plude, à Lindsey Faber e à equipa da Montlake, por terem feito tudo isto acontecer. É um sonho trabalhar convosco! À minha fenomenal agente, Louise Fury, que torna a minha vida mais fácil simplesmente por estar ao meu lado.

Obrigado às esposas, a trindade profana, Gina L. Maxwell e Cindi Madsen, que atendem sempre que ligo. Obrigado à Shelby e à Cassie, por aturarem o meu cérebro de unicórnio e por serem as melhores amigas que poderia desejar. Obrigada a K. P. Simmon, por estar presente não só pelos negócios mas também pela amizade. A todos os *bloggers* e leitores que apostaram em mim ao longo dos anos — vocês fazem desta indústria aquilo que ela é. Ao meu grupo de leitoras, as Flygirls, por me oferecerem um espaço seguro no Faroeste da Internet.

Por último, porque és o meu princípio e o meu fim, mais uma vez obrigada a ti, Jason. Nada disto seria possível sem o teu amor e apoio. Sei que os pilotos de helicóptero não têm voz nesta história, mas há um pouco de ti em cada herói que crio.